

# TRAJETÓRIA DE ELIS REGINA NA MÚSICA BRASILEIRA

## ELIS REGINA'S TRAJECTORY IN BRAZILIAN MUSIC

Marcia Vorpapel Serschon

Michel Alves da Cruz

### Resumo

Elis Regina teve uma carreira muito curta e muito produtiva, sendo considerada até hoje, mais de 35 anos após sua morte, uma das maiores cantoras brasileiras. Viveu em uma época conturbada para os artistas, de ditadura militar, na qual era muito difícil se posicionar e conseguir a continuidade de seu trabalho, de forma isenta. Dona de uma personalidade forte, foi marcante como defensora da classe artística e dos direitos das mulheres. A sua trajetória na música brasileira é o objeto deste artigo que aborda tanto o seu desenvolvimento técnico e cênico quanto seu amadurecimento do ponto de vista de comportamento e relacionamento com a mídia e com a política.

**Palavras-chave:** Elis Regina. Música. Trajetória.

### Abstract

Elis Regina had a very short and very productive career, being considered today, more than 35 years after her death, one of the greatest Brazilian singers. He lived in a troubled time for artists, of military dictatorship, in which it was very difficult to position himself and to continue his work, in an impartial way. Owner of a strong personality, she was remarkable as a defender of the artistic class and women's rights. His trajectory in Brazilian music is the object of this article that addresses both his technical and scenic development and his maturity from the point of view of behavior and relationship with the media and politics.

**Keywords:** Elis Regina. Music. Trajectory.

### Resumen

Elis Regina tuvo una carrera muy corta y muy productiva, siendo considerada hoy, más de 35 años después de su muerte, una de las mejores cantantes brasileñas. Vivió una época difícil para los artistas, de la dictadura militar, en la que era muy difícil posicionarse y continuar su trabajo, de manera imparcial. Dueña de una personalidad fuerte, fue notable como defensora de la clase artística y los derechos de las mujeres. Su trayectoria en la música brasileña es el objeto de este artículo que aborda tanto su desarrollo técnico y escénico como su madurez desde el punto de vista del comportamiento y la relación con los medios y la política.

**Palabras clave:** Elis Regina. Música. Trayectoria.

## 1 Introdução

Elis Regina nos deixou em 1982 aos 36 anos de idade, muito jovem e com um legado impressionante, além de três filhos também muito talentosos. Uma carreira muito curta mas muito produtiva, o trabalho de Elis Regina é bem conhecido no mundo todo e é um cartão de visitas da música brasileira. Tendo vivido em um período bastante conturbado da organização

política brasileira, o da ditadura militar, sempre esteve às voltas com temas como censura, suspeitas por parte dos órgãos policiais e até acusações de associação de sua imagem às práticas de propaganda do governo militar.

Foram tempos difíceis, o que não prejudicou e talvez até tenha funcionado como motivador para a produtividade e a qualidade dos trabalhos produzidos pela artista nesse período. O tema/objeto deste artigo é a trajetória de Elis Regina na música brasileira, com o objetivo de endereçar a seguinte pergunta: até que ponto o cenário político e social da época interferiu na trajetória de Elis Regina?

Para tal, o método de abordagem é a análise da trajetória com base nos materiais disponíveis, abrangendo livros, artigos e discografia e espera-se como resultado a obtenção de uma visão, considerando o contexto histórico, da influência exercida e sofrida por Elis Regina.

## **2 Fundamentação teórica**

### **2.1 Elis Regina em números**

Entre os anos de 1961 e 1980 Elis Regina gravou 18 álbuns em estúdio, em alguns casos mais de um disco por ano, o que por si só já é uma produção impressionante. Foram mais seis discos gravados em shows ao vivo. No mesmo período, a cantora também gravou 23 compactos, mais 10 álbuns duplos, além de 9 outros lançamentos. Postumamente, foram lançados mais 6 álbuns até 2012. Um número que mostra a grande popularidade de Elis Regina é a quantidade de canções e telenovelas em minisséries: são impressionantes 54 ocorrências (até 2017). Tudo isso produzido em menos de 20 anos de carreira.

### **2.2 Trajetória**

O tema da análise da trajetória de um indivíduo considera fatores que extrapolam a sua biografia, uma vez que se preocupa em situar o agente no cenário da sociedade da época, em seu grupo, nos diferentes campos sociais.

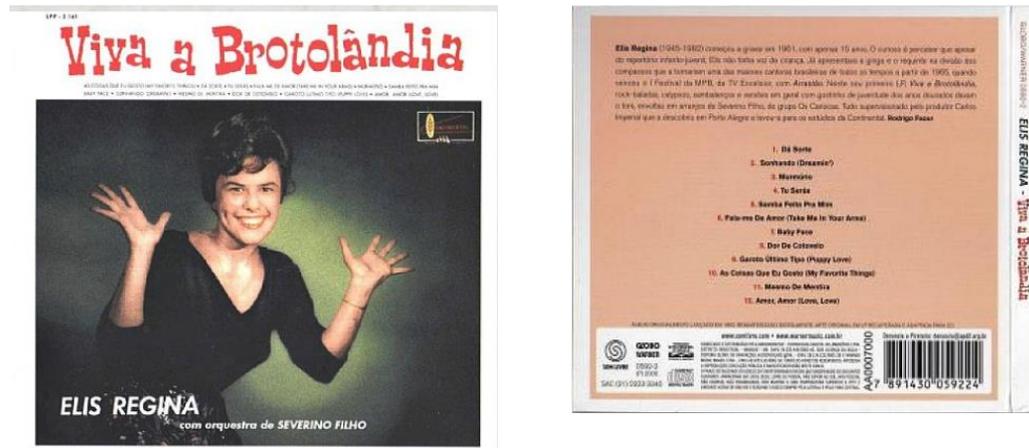
Bourdieu (1988) sugere que sejam traçadas as relações de “influência e de subordinação” inseridas em uma estrutura de poder, demarcando autonomias intelectuais relativas. Adicionalmente, quando se analisa as relações sociais nas quais se inserem os diferentes sujeitos, pode-se identificar a necessidade de ressaltar os jogos de conflito pelo

poder, dentre os agentes envolvidos. Portanto, de acordo com Bourdieu, o conceito de “trajetória” denotaria a objetivação das relações entre os agentes, considerando também suas forças em campo e buscando a descrição das posições ocupadas de maneira simultânea nesses campos de atuação, representando a trajetória, dessa forma, a atuação e a relevância no espaço social.

Elis Regina é considerada por muitos a maior cantora brasileira de todos os tempos (ECHEVERRIA, 1985, p.267). Isso se deve à conjugação de alguns fatores como a integração magistral de técnica e expressão vocal, com o controle cênico corporal e uma performance completa de palco (ACCIOLI, 1995, p.150). Existem inúmeros testemunhos sobre as qualidades técnico-musicais da cantora. Segundo Rangel (1995, p.133-134): “O diferente na interpretação de Elis é que, mesmo quando cantava velhos clássicos, renovava sempre graças à permanente inquietude de sua inteligência, não apenas recursos técnicos, como sua insuperável divisão rítmica”. Porém, a maturidade de Elis Regina na música está fundamentalmente associada à sua corporalidade, e é resultado de uma trajetória artística longa que demonstra sua evolução como artista completa do palco. Ainda que tenha iniciado sua carreira no rádio, toda a sua trajetória se baseou na forma como a imagem visual de seu produto artístico chegaria até seu público.

A trajetória da cantora começa aos 11 anos de idade, quando cantou no Clube do Guri da Rádio Farroupilha, onde recebia cachês ainda pequenos e permaneceu até os 13 anos de idade, quando assinou contrato com Rádio Gaúcha a partir dos 14 anos. Aos 16 anos chegou a São Paulo para gravar seu primeiro compacto, que continha as músicas “Dá sorte” e “Sonhando” (ARASHIRO, 1995, p.41-42). Logo depois, sua gravadora lança “Viva a Brotolândia” (1961), que traz uma mudança na voz de Elis Regina, passando do vozeirão romântico comum na década anterior para uma voz mais jovial marcante na década de 1960. Na capa desse disco já está presente o movimento das mãos e o sorriso característico (KUKOJ, 2008, p.9).

Figura 1 – Capa e contracapa do disco “Viva a Brotolândia” de 1961



Fonte: Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB)<sup>1</sup>

Elis Regina desenvolveu uma corporalidade muito intensa no palco. O gestual, considerado exagerado no início, foi marcante quando venceu o 1º Festival Nacional da Música Popular Brasileira com Arrastão de Edu Lobo e Vinícius de Moraes (Folhetim, 1995, p.92). Levou algum tempo para que ela conseguisse equilibrar tanta energia e encontrar o ponto ideal.

Ao analisar o amadurecimento da sua atuação no palco, com a integração de corporalidade à sua técnica e expressão vocais, combinando planejamento e intuição, Elis relatou a Silvio Lancellotti em 1972:

De fato, eu quero aprender algumas coisas. Expressão corporal, por exemplo. Quando comecei a carreira, você se lembra, mexia tanto os braços que logo ganhei o apelido de 'Eliscóptero'. Depois, passei a receber tantas críticas pelo meu, digamos, exagero de movimentação, que praticamente amarrei as mãos na cintura. Cantava tão dura, tão rígida, que um show era uma verdadeira angústia. Ficava com dores terríveis nos músculos dos braços e das costas. Hoje em dia já estou me portando mais ponderadamente. Mas acho muito importante aprender a me postar de modo realmente estético. Em todo caso, acredito muito no meu instinto. E não quero inibi-lo. Não há dúvidas de que aperfeiçoei minha técnica vocal, de que desenvolvi minha dicção. Ao mesmo tempo, porém, não desejo cercear o que tenho de natural exatamente o que fez de mim uma cantora" (LANCELLOTTI, 1995, p.79-80).

Elis Regina continuou a seguir sua intuição e determinação, aproveitando todas as possibilidades para investir no aperfeiçoamento da sua arte, recebendo grande influência do bailarino norte-americano Lennie Dale, de quem se tornou grande amiga (MARIANO, 2009). A sua postura crítica com relação à massificação proporcionada pela televisão criou uma relação ambígua da artista com essa mídia, já que gerou momentos considerados muito marcantes e uma posição antagonica ao entender que a TV reduzia o artista a um "arremedo"

1 O Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB), fundado em 2006, é uma organização sem fins lucrativos sediada em Niterói – RJ que é voltada para a pesquisa, preservação e promoção da Música Popular Brasileira.

ou "rascunho", conforme registrado em entrevista concedida na RBS (Rede Brasil Sul de Comunicação) em 18 de setembro de 1981, sobre as limitações expressivas dos artistas na TV:

Acho que precisa [estar na TV]... mas te pergunto, honestamente, você acha que o grande público conhece a Fernanda Montenegro?... vê a imagem, mas continua não conhecendo... é muito aquém... ela não tem a menor possibilidade de colocar para fora toda a carga de dramaticidade dela, toda a densidade de atriz... a partir do momento em que você... entra pra essa coisa, essa maquininha de fazer doido, você deixa de ser pessoa e passa a ser impulso... são traços, são figuras que se movimentam... um arremedo...um rascunho do que você é como pessoa [...]  
(REGINA, BUENO, URBIM; SALDANHA, 2011).

O conflito entre não gostar da televisão e, ao mesmo tempo, necessitar dela como veículo de comunicação, causou muitos problemas profissionais a Elis que chegou a ter algumas fases de afastamento e aproximação com essa mídia.

Extrapolando as fronteiras do Brasil, na década de 1970, Elis já era bem conhecida na Europa (McGOWAN; PESSANHA, 1991, p.85). Pouco tempo após o lançamento de seu LP “Ela”, em 1971, ela recebe em 1972 um especial de 50 minutos da TV alemã Südwestfunks em parceria com a TV Globo, programa filmado em estúdio e em cores, apresentando vários clips musicais (com arranjos de Herman Shoonderwalt) alinhavados com textos encenados (REGINA, LEGRAND, BLANCO, HOOR; BERGHOFF, 1972).

Nesse programa pode-se observar uma grande ênfase no aspecto cênico, com cenários e figurinos muito elaborados, que acompanham a temática da música e contam com efeitos especiais, como superposições de imagens em movimento e imagens paradas, tomadas aéreas com grua, inserção de trechos das letras em colagens e letreiros em movimento, e outros recursos gráficos de vanguarda na época. Elis canta em português, inglês, francês e alemão. Com relação ao envolvimento com a política, Elis Regina foi associada aos dois polos existentes na época. Uma das perguntas que se coloca sobre a sua trajetória é até que ponto o cenário político e social da época interferiu na trajetória de Elis Regina? Ela nem sempre esteve envolvida com o engajamento político de esquerda na sua trajetória musical, o que ocorreu mais tarde, em sua maturidade. Porém, também foi acusada de direitista pelos cantores das canções de protesto, principalmente pelo fato de “cantar o Hino Nacional nas Olimpíadas do Exército em 1972 e, como maestrina, reger um monte de cantores, de fraque de maestro, em uma propaganda do Exército Brasileiro na TV” (HENFIL, citado por ECHEVERRIA, 1985, p.191). No mesmo ano, devido a esse episódio, a popularidade de Elis começou a cair, foi rechaçada pelo jornal O Pasquim e passou a ser vaiada nos shows. Em

1973, num festival em que o público a recebeu com muita frieza e descaso, Caetano Veloso gritou uma frase que ficaria para a história: “Respeitem a maior cantora desta terra”.

Alguns meses depois desse episódio, Elis decidiu passar uma temporada em Los Angeles e lá gravou o antológico álbum *Elis e Tom*, ao lado de Tom Jobim. Até hoje, esse é considerado um dos melhores discos da música brasileira.

Sua popularidade voltou a crescer e ela decidiu lançar um grande espetáculo – que misturava música, teatro e circo – intitulado “Falso Brillhante”. A ideia era contar sua própria história de vida no palco. O sucesso foi absoluto e, em 1976, ela lançou um álbum de mesmo nome, época em que rompeu com a indústria fonográfica porque queria ter mais liberdade criativa e queria apostar em compositores desconhecidos, o que de fato fez. O sucesso das músicas *Como Nossos Pais* (faixa de *Falso Brillhante*) e *Romaria* (do álbum *Elis*, de 1977) alavancaram a carreira de Belchior e Renato Teixeira respectivamente. Outro nome que conseguiu exposição e reconhecimento graças a Elis foi Milton Nascimento.

Essa foi uma característica muito marcante na trajetória da cantora: ter a mesma naturalidade ao transitar entre a nata da música e os artistas pouco conhecidos – dando visibilidade e prestígio a esse segundo grupo.

Como resultado, Elis Regina sofreu com os efeitos de uma patrulha ideológica sobre a sua imagem na mídia, que causaram transformações visíveis na direção a um engajamento crescente na escolha de repertório, na construção das personagens, na postura de palco, nas declarações públicas (HENFIL, 1995, p.132).

Em 1979, a cantora definitivamente fez as pazes com a esquerda. Em 1972, o cartunista Henfil havia sido o responsável pela duríssima crítica endereçada a ela no *Pasquim*, mas Elis resolveu surpreendê-lo positivamente sete anos mais tarde. Através da canção *O Bêbado e a Equilibrista*, a cantora prestou uma homenagem a diversos exilados políticos, incluindo o sociólogo Betinho, que era irmão de Henfil. *O Bêbado e a Equilibrista*, composta por João Bosco e Aldir Blanc, tornou-se hino da anistia naquele momento. Posteriormente, Elis também ganhou destaque na defesa dos direitos da mulher. No vídeo de sua última apresentação na TV, em 31 de dezembro de 1981 além de confirmar seu perfeito equilíbrio entre técnica vocal e performance cênica, ela manifesta sua posição em relação à autonomia de utilização do corpo feminino. Ao interpretar a canção “*Me deixas louca*” de Armando Manzanero, pode ser vista como porta-voz da liberação sexual da mulher, ilustrando cenicamente a canção toda como se essa fosse um ato sexual, com efeitos vocais sensuais (ARASHIRO, 1995, p.58). No início dos anos 1980, Elis passou a exagerar no álcool e também a consumir cocaína. Essa fase conturbada fez com que seu segundo casamento

também chegasse ao fim. Em janeiro de 1982, ácida e contestadora como sempre, ela deu sua última entrevista. Foi no programa Jogo da Verdade, da TV Cultura. Mauricio Kubrusly foi um dos jornalistas a entrevistá-la na ocasião. Faleceu em 19 de janeiro de 1982, por conta de uma overdose, aos 36 anos.

### **Considerações finais**

Os maiores obstáculos enfrentados por Elis Regina ao longo de sua carreira para construir sua identidade cênico-musical frente ao seu público se originaram quando sua gravadora, no início da sua carreira, impôs a ela um estereótipo da Jovem Guarda e das patrulhas ideológicas que a associaram ao regime militar.

Porém, esses obstáculos acabaram por motivá-la a amadurecer e redirecionar suas preferências na escolha de repertório e do engajamento nas causas sociais, defendendo os menos favorecidos, os trabalhadores, os oprimidos políticos, a liberdade de expressão e os direitos da mulher.

Sofreu importantes influências, como do norte-americano Lennie Dale, artista da Broadway, que foi sua principal influência na construção disciplinada de gestuais planejados e integrados (música-texto-expressão corporal). No auge da carreira, buscou profissionais do teatro e da dança para dirigir seus espetáculos, que se tornaram referência no país não apenas pelo senso estético, mas pela coesão e vigor com que comunicavam as ideias da artista.

Além do desenvolvimento de suas qualidades técnicas como cantora, Elis Regina desenvolveu a habilidade de ocupação do espaço cênico como performer e de utilização de todos os recursos do palco a favor de sua interpretação musical. Sua carreira se desenvolveu na mesma época do desenvolvimento da televisão, fato que acabou causando diversos conflitos entre a necessidade profissional de veicular sua imagem na TV e o exercício da crítica às facetas do consumismo e alienação geralmente associados a esse meio de comunicação.

A artista soube equilibrar, de forma impressionante, técnica vocal apurada e emoção, e soube lidar com o fato de ser a artista mais bem paga da TV e ao mesmo tempo defender a classe artística. Foi um “genuíno brilhante”, artista completa dos palcos, unanimidade, entre o público, colegas e produtores da música brasileira.

### **Referências**

ACCIOLI, C. Dez anos sem a Pimentinha. In: **Elis por ela mesma**. Coleção o autor por ele mesmo. Org. Osny Arashiro. São Paulo: Martins Claret, 1995. p.150-155.

ARASHIRO, O. **Elis por ela mesma**. Coleção o autor por ele mesmo. (Org). Osny Arashiro. São Paulo: Martins Claret, 1995.

BOURDIEU, P. **A ilusão biográfica**: usos e abusos da história social. 1988.

ECHEVERRIA, R. Furacão Elis. **Cronologia e discografia de Maria Luiza Kfour**. Apresentação de Hamilton Almeida Filho. 7. ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1985.

FOLHETIM. Elis, a equilibrista. *In: Elis por ela mesma*. Coleção o autor por ele mesmo. (Org). Osny Arashiro. São Paulo: Martins Claret, 1995. p.83-100.

HENFIL. Elis, Henfil e o Hino Nacional. *In: Elis por ela mesma*. Coleção o autor por ele mesmo. (Org). Osny Arashiro. São Paulo: Martins Claret, 1995. p.127-133 (Publicado anteriormente em Furacão Elis, de Regina Echeverria. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1985).

KUKOJ, A. M. **Rupturas no contexto da MPB**: uma análise historiográfica da carreira de Elis Regina. Curitiba: UFPR, 2008 (Monografia de Bacharelado).

LANCELLOTTI, S. Quero apenas cantar. *In: Elis por ela mesma*. Coleção o autor por ele mesmo. Osny Arashiro (Org.). São Paulo: Martins Claret, 1995. p.71-80 (Publicado anteriormente na revista Veja, 1 mai. 1974).

McGOWAN, C.; PESSANHA, R. **The Billboard book of Brazilian music**: samba, Bossa Nova and the popular sounds of Brazil. New York: Billboard Books, 1991.

RANGEL, F. Estrela luminosa. *In: Elis por ela mesma*. Coleção o autor por ele mesmo. Org. Osny Arashiro. São Paulo: Martins Claret, 1995. p.133-135. (Publicado anteriormente na Folha de São Paulo em 20 de janeiro de 1982).

REGINA, E.; BUENO, M. do C.; URBIM, C.; SALDANHA, S. **Elis Regina**: entrevista RBS 1981. 2011. Postado no Youtube por "jordaoqualquer" em 28 dez., 2011. Vídeo de 25 minutos e 18 segundos da RBS (Acesso em 08 jan. 2013).

REGINA, E.; LEGRAND, M.; BLANCO, R.; HOOR, W.; BERGHOFF, D. **Elis Regina na Televisão alemã anos 70**. 1972. Postado no Youtube por "Paulo Gonçalo" em 25 de abril, 2012. Vídeo de 47 minutos e 57 segundos (Acesso em 08 jan. 2013).

# ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PACIENTE SUBMETIDO AO TRATAMENTO COM RADIOTERAPIA

## NURSING ASSISTANCE TO PATIENTS SUBMITTED TO RADIOTHERAPY TREATMENT

Andrea da Silva Reis Tavares  
Michel Alves da Cruz

### Resumo

O câncer de tireoide é a neoplasia mais comum dos tumores de cabeça e pescoço no mundo, e afeta três vezes mais as mulheres do que os homens, sendo o quinto tumor mais frequente em mulheres nas regiões Sudeste e Nordeste do Brasil. A iodoterapia tem sido utilizado a mais de 50 anos com sucesso, e possui indicação de caráter complementar a outros tratamentos, no geral aparece associada com o tratamento cirúrgico ou no tratamento de metástases do carcinoma diferenciado de tireoide. **Objetivo:** Identificar na literatura científica os principais cuidados de enfermagem ao paciente submetido ao tratamento com radioiodoterapia. **Material e método:** Estudo descritivo, exploratório, os dados foram colhidos através de levantamento bibliográfico na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) com os seguintes critérios de seleção: artigos publicados no idioma português (Brasil), no período de janeiro/2000 a dezembro/2019. **Resultados e discussões:** A busca permitiu a captura de 10 artigos que compuseram a amostra deste estudo. Dente os principais cuidados prestados pela equipe de enfermagem destaca-se educação em saúde; comunicação terapêutica e suporte psicoemocional; procedimentos técnicos e cuidados com quarto terapêutico. **Conclusões:** A enfermagem encontra-se presente, desenvolvendo importante papel na terapêutica dos pacientes submetidos a radioiodoterapia e deve sempre gerenciar e dispensar cuidados com embasamento técnico científico, contribuindo para o êxito do tratamento. **Palavras-chave:** Enfermagem Oncológica. Medicina Nuclear. Neoplasias da glândula tireoide. Radioisótopos de iodo.

### Abstract

Thyroid cancer is the most common neoplasm of head and neck tumors in the world, and affects three times more women than men, being the fifth most common tumor in women in the Southeast and Northeast regions of Brazil. Iodotherapy has been used for more than 50 years successfully, and has an indication of a complementary character to other treatments, in general it appears associated with surgical treatment or in the treatment of metastases of differentiated thyroid carcinoma. **Objective:** To identify in the scientific literature the main nursing care for patients undergoing treatment with radioiodine therapy. **Material and method:** A descriptive, exploratory study, data were collected through a bibliographic survey at the Virtual Health Library (VHL) with the following selection criteria: articles published in the Portuguese language (Brazil), from January / 2000 to December / 2019. **Results and discussions:** The search allowed the capture of 10 articles that comprised the sample of this study. Among the main care provided by the nursing team, health education stands out; therapeutic communication and psycho-emotional support; technical procedures and care with a therapeutic room. **Conclusions:** Nursing is present, playing an important role in the therapy of patients undergoing radioiodine therapy and should always manage and provide care based on scientific technical support, contributing to the success of the treatment. **Keywords:** Oncological Nursing. Nuclear Medicine. Neoplasms of the thyroid gland. Iodine radioisotopes.

## 1 Introdução

O câncer de tireóide é a neoplasia mais comum dos tumores de cabeça e pescoço no mundo e afeta três vezes mais as mulheres do que os homens, sendo o quinto tumor mais frequente em mulheres nas regiões Sudeste e Nordeste do Brasil, com uma somativa de 13.780 novos casos por ano, sendo destes 11.950 em mulheres e 1.830 em homens (INCA, 2020).

Segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA, 2020) os tumores de tireoide podem ser classificados quanto ao tipo de tecido histológico, sendo os carcinomas diferenciados, os de maior incidência no Brasil, dentre eles estão o carcinoma diferenciado papilífero, que representa entre 50% e 80% dos casos; o folicular, entre 15% a 20% dos casos; e os de células de Hurthie. Existem ainda os carcinomas poucos diferenciados e indiferenciados, que representam juntos, cerca de 20% dos casos de tumores, referente ao sitio de tireoide.

No que tange ao tratamento, o câncer tireoide requer uma abordagem terapêutica completa, como “padrão ouro”, a cirurgia é o primeiro tratamento de escolha, conhecida como tireoidectomia (retirada da tireoide) parcial ou total. Alguns tipos histológicos específicos de tumor têm a indicação da tireoidectomia total associada ao esvaziamento dos linfonodos vizinhos à glândula, e a complementação terapêutica com iodo radioativo (INCA, 2020; CORDEIRO, 2013).

A iodoterapia tem sido utilizada há mais de 50 anos com sucesso, no tratamento de alguns tumores malignos de tireoide. A aplicação desta terapia leva em consideração o quadro clínico do individuo, exames laboratoriais, o estudo anatomopatológico do tumor, dentre outros fatores intrínsecos a doença. Possui indicação de caráter complementar a outros tratamentos, no geral aparece associada com o tratamento cirúrgico ou no tratamento de metástases do carcinoma diferenciado de tireoide (SAPIENZA, 2009).

O emprego da radioiodoterapia, quando bem indicada e pautada nas diretrizes internacionais de tratamento, acarreta em altas taxas de remissão e aumento de expectativa de vida para os pacientes. Visando a obtenção de um melhor prognóstico ao doente, a radioiodoterapia emerge como importante linha de tratamento complementar, e consiste na administração de um radioisótopo, com iodo-131, por via oral, que após administrado ao paciente, passam a emitir radiação no órgão alvo específico, neste caso na região da tireoide. O iodo-131 emite uma partícula beta e radiação gama, possui meia vida de oito dias, é absorvido pelo organismo humano preferencialmente pela glândula tireoide, onde se

concentra e torna-se útil na destruição das células neoplásicas residuais que ainda encontra-se no local mesmo após a cirurgia (CORDEIRO, 2013).

Sobre a atuação da enfermagem nesta área, o Conselho Federal de Enfermagem (COFEn) regulamenta através da resolução nº 211/1998 a atuação da equipe de enfermagem no âmbito da radioterapia, medicina nuclear e imagem; e dispõe que os profissionais de enfermagem devem integrar a equipe multiprofissional assegurando assistência de enfermagem aos clientes submetidos a radiação ionizante prezando o cuidado seguro, livre de danos. Ao enfermeiro cabe planejar, organizar e supervisionar as atividades de enfermagem seja no âmbito assistencial ou administrativo, direcionando a assistência de enfermagem de forma individual e dinâmica para cada paciente, levando em considerações as particularidades do tumor e de cada organismo. A equipe de enfermagem, em específico, detém um importante papel no tratamento aos pacientes submetidos ao tratamento com radioiodo e que serão internados sob isolamento radioativo, pois, tal cenário, apresenta grandes desafios quanto ao gerenciamento e dispensação de cuidado. O tempo relacionado ao cuidado direto ao paciente, também apresenta desafios, pois deve ser o mais breve possível, visto que após a administração do radiofármaco, o paciente torna-se fonte de emissão radioativa (OLIVEIRA, 2009).

O quarto utilizado para a internação eletiva do paciente que será submetido a iodoterapia, tem suas diretrizes e especificidades regidas pelo Conselho Nacional de Energia Nuclear (CNEN), instituição regulamentadora e fiscalizadora dos serviços de Medicina Nuclear no país, que pontuam a obrigatoriedade do isolamento radioativo ao paciente que recebe dosagem de iodo-131 acima de 30 mCi  $\text{Na}^{131}\text{I}$ , com potencial em emissão radioativa (OLIVEIRA, 2017).

O enfermeiro gerencia, através da sistematização da assistência de enfermagem (SAE), riscos assistências e direciona as intervenções a fim de promover adequado manejo de sintomas, complicações e eventuais reações; de orientar e direcionar o autocuidado para os pacientes, levando em consideração a característica do cuidado para esse perfil em específico de paciente, que tende a ser menos presencial e mais a distância; além de sanar dúvidas e eventuais ansios e angústias trazidas por pacientes e familiares que estão sob vigência do tratamento (OLIVEIRA, 2009). Sendo assim, este estudo destaca-se pela importância em evidenciar os conhecimentos técnicos científicos necessários para equipe de enfermagem atuar de maneira eficaz nas diversas fases da terapia com radioiodo, seja desde a admissão; com os cuidados durante o isolamento, até à alta do cliente, proporcionando uma atuação segura e o desenvolvimento de uma assistência humanizada e de qualidade, tendo em vista os

aspectos científicos, éticos e legais da profissão. Tem-se como objetivo identificar na literatura científica os principais cuidados de enfermagem ao paciente submetido ao tratamento com radioiodoterapia.

## **2 Material e método**

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, que utiliza a pesquisa bibliográfica para coleta dos dados. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir do levantamento e avaliação sistêmica de materiais e referências teóricas já publicadas, seja por meio escrito, como periódicos impressos, livros, artigos científicos, anais de congresso, ou eletrônico, através de bases de dados e de consultas a web sites. Fornece suporte a todo tipo de pesquisa, pois permitiu ao pesquisador observar todo material que já foi produzido sobre a temática abordada e desenvolver a problemática a ser estudada (GERHARDT, 2009).

Os dados foram colhidos através de levantamento bibliográfico na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) com os seguintes critérios de seleção: artigos publicados no idioma português (Brasil), no período de janeiro/2000 a dezembro/2019, com textos disponíveis na íntegra, de forma online e gratuita.

Os descritores utilizados para busca do material, segundo os descritores em saúde (DeCS), foram: “enfermagem oncológica”; “medicina nuclear”; “neoplasias da glândula tireoide”; “radioisótopos de iodo”. Após seleção dos materiais foi realizada a leitura dos resumos e os que atenderem os critérios de inclusão foram lidos na íntegra e preenchido uma ficha de coleta de dados, contendo título, autores, ano de publicação, periódico, e objetivo da pesquisa.

## **3 Resultados**

A busca permitiu a captura de um total de 41 artigos na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) que se relacionam com a temática pesquisada, após a triagem completa, a amostra final foi estruturada por 10 artigos, conforme exemplificado na tabela a seguir.

Destacamos o escasso número de artigos e/ou materiais científicos encontrados com a temática de radioiodoterapia durante a busca de material para a composição deste projeto de pesquisa, e principalmente artigos que descrevam ou direcionem os cuidados e a prática de enfermagem a pacientes em vigência de tal tratamento.

**Tabela 1** – Distribuição dos artigos capturados conforme base de dados e aplicação dos critérios de inclusão descritos. São Paulo, 2020

Base de dados	Total de artigos encontrados utilizando os critérios de exclusão	Descarte após leitura do resumo	Descarte após leitura na íntegra	Final
	Identificados na busca	Excluídos	Excluídos	Selecionados
BVS	41	26	5	10
Total	41	26	5	10

Fonte: dados da pesquisa, 2020

Dos artigos elencados que compõem a amostra desta pesquisa foi elaborado um quadro com a caracterização dos estudos quanto aos autores, ano de publicação, periódico, título e objetivos.

**Quadro 1** - Caracterização dos artigos selecionados como amostra do projeto. São Paulo, 2020

Autores	Ano de publicação	Revista	Título	Objetivos
CORDEIRO, E. A. K., <i>et. al.</i>	2013	Texto e Contexto Enfermagem	Perfil de pacientes com câncer de tireoide submetidos à radioiodoterapia	Conhecer o perfil dos pacientes submetidos à Radioiodoterapia no Serviço de Medicina Nuclear do ICSC/SES-SC, que passaram pela consulta de enfermagem, no período compreendido entre outubro de 2004 a dezembro de 2009.
FONSECA, F. L., <i>et. al.</i>	2012	Arquivo Brasileiro de Oftalmologia	Obstrução de vias lacrimais associada ao tratamento radioiodoterápico de carcinoma de tireoide	Descrever uma série de pacientes portadores de obstrução do sistema lacrimal associado à radioiodoterapia para tratamento de carcinoma de tire
MORESCO, C. H.; <i>et. al.</i>	2017	Revista UNINGÁ	Radioiodoterapia: um estudo sobre os cuidados de enfermagem na assistência ao paciente oncológico	Analisar os cuidados de enfermagem dispensados à pacientes submetidos à radioiodoterapia
OLIVIERA, A. C. F.; <i>et. al.</i>	2009	Revista de Enfermagem UERJ	A Enfermagem em Radioiodoterapia: enfoque nas necessidades de ajuda aos clientes	Descrever as necessidades de ajuda expressas por clientes submetidos à radioiodoterapia e analisar os cuidados de enfermagem requeridos para atender às necessidades identificadas
OLIVIERA, A. C. F.; <i>et. al.</i>	2015	Disponível online	Gerenciamento do Cuidado de Enfermagem na Radioiodoterapia para Câncer Diferenciado de Tireoide	Conhecer a percepção dos clientes acerca das ações desenvolvidas pela equipe de enfermagem na Radioiodoterapia

OLIVEIRA, M. M.; <i>et. al.</i>	2017	Revista Científica de Enfermagem	Contribuições para a assistência ao paciente com câncer de tireoide submetido à radioiodoterapia: revisão de literatura	Identificar e analisar a produção de conhecimentos relacionados o portador de câncer de tireoide submetido à radioiodoterapia, visando contribuir para uma assistência de enfermagem com qualidade e segurança
RISSATO, M. L.; <i>et. al.</i>	2009	Revista Instituto Adolfo Lutz	Iodoterapia: avaliação crítica de procedimentos de precaução e manuseio dos rejeitos radioativos	Investigar os procedimentos utilizados, na iodoterapia, durante o período de internação e alta hospitalar, em três hospitais, e compará-los com as exigências e recomendações vigentes
ROLIM, A. E. H.; <i>et. al.</i>	2011	Radiologia Brasileira	Repercussões da radioterapia na região orofacial e seu tratamento	Esclarecer a ação da radioterapia em lesões neoplásicas orais, suas indicações, descrever os mecanismos biológicos, os efeitos adversos, os protocolos de tratamento atuais, e promover uma melhor conduta clínica do cirurgião dentista, diante destes pacientes irradiados
ROSINI, I.; <i>et. al.</i>	2013	Revista Gaúcha de Enfermagem	Educação em saúde no serviço de radiologia: orientações para punção aspirativa de mama e tireóide	Conhecer as expectativas e dúvidas dos clientes submetidos à Punção Aspirativa por Agulha Fina de mama e tireoide
SALES, O. P.; <i>et. al.</i>	2010	O Journal of the Health Sciences Institute	Atuação de enfermeiros em um Centro de Diagnóstico por Imagem	Conhecer a atuação das enfermeiras que trabalham no Centro de Diagnóstico por Imagem

Fonte: dados da pesquisa, 2020

**Quadro 2** – Cuidados de enfermagem ao paciente submetido ao tratamento com radioiodoterapia. São Paulo, 2020

Educação em saúde: descarte de dejetos e insumos, rotina de internação hospitalar, autocuidado e medidas de radioproteção
Comunicação terapêutica e suporte psicoemocional
Procedimentos técnicos: rotinas de sinais vitais, administração de medicamentos, exame físico
Avaliação e manejo profilático e terapêutico de efeitos colaterais
Dispensação de rotina alimentar
Cuidados com quarto terapêutico

Fonte: dados da pesquisa, 2020

#### 4 Discussões

O tratamento com radioiodoterapia demonstra efetivas taxas de remissão e cura do câncer de tireoide, como evidenciado em vasta literatura e na prática clínica, e pelas

particularidades decorrentes do tratamento, é necessária internação hospitalar programada. Assim, como em todas as instâncias assistenciais, a enfermagem encontra-se presente neste cenário, no dispensar de cuidados (CORDEIRO, 2013).

O papel da equipe de enfermagem em medicina nuclear, junto com os demais membros da equipe multidisciplinar, é de extrema importância para o êxito no tratamento com radioiodoterapia, desta forma é de suma importância que a equipe de enfermagem busque especializarem-se diariamente sobre novas rotinas, tratamentos e protocolos. O enfermeiro como membro educador da equipe detém importante responsabilidade em buscar, organizar e gerenciar os aspectos de educação continuada e permanente dentro de seu local de trabalho, proporcionando e estimulando a busca pela cientificidade em sua prática e nos demais membros de sua equipe (SALES, 2010).

A consulta de enfermagem pré-internação demonstra-se como uma importante ferramenta para avaliar e orientar o paciente que será submetido ao tratamento com radioiodoterapia, neste espaço o enfermeiro pode identificar dúvidas, desejos e medos de pacientes e familiares, e desta forma intervir positivamente esclarecendo e sanando anseios através de orientações concisas e de caráter científico. Neste momento, o foco das orientações por parte do enfermeiro é para nortear o paciente quanto ao autocuidado e as medidas de radioproteção necessárias durante a internação (MORESCO, 2017).

Para tal, ainda durante a consulta, o enfermeiro pode utilizar de materiais de apoio, como folders, folhetos, e outros itens que julgar necessário, avaliando sempre a questão sócio cultural e cognitiva de paciente e familiar, a fim de disponibilizar conteúdo claro, científico e de pronta consulta posterior para o paciente em outro momento, ou até mesmo durante a internação (CORDEIRO, 2013).

Dentre as competências específicas da equipe de enfermagem dentro do cenário hospitalar, destaca-se o fato da equipe acompanhar o paciente por 24 horas em rotina hospitalar, assim, enfermeiro e auxiliares/técnicos de enfermagem prestam cuidados para todas as necessidades do paciente, seja em demanda de procedimentos técnicos, no dispensar da rotina alimentar, e em suporte psicoemocional devido o cenário de isolamento necessário (OLIVEIRA, 2015). Ainda no cenário de internação hospitalar, outra demanda inerente a equipe de enfermagem está relacionado aos cuidados com o quarto terapêutico, o papel da equipe de enfermagem tange aos cuidados da parte física do quarto e as normas de radioproteção como o encape de superfícies de constata contato, como maçanetas e mobiliário de suporte; e quanto os cuidados integrais ao paciente sob tratamento, desenvolvendo todas as

demandas técnicas e necessárias ao contato com o paciente sob isolamento (MORESCO, 2017).

A humanização do processo de assistência à saúde é um fator primordial para que paciente sinta-se melhor durante o período de internação, e pela necessidade do isolamento, há uma grande limitação quanto ao dispensar de cuidados humanizados ao paciente, desta forma, torna-se um grande desafio para todos, gerenciar e prestar cuidado humanizado e individualizado para este perfil de pacientes. O cuidado de enfermagem neste cenário transcende a barreira física, e aqui são prezadas as habilidades inerentes à comunicação e afetividade por parte da equipe para com o paciente (MORESCO, 2017).

Neste aspecto, cabe a equipe de enfermagem, que acompanha o paciente em internação, fornecer apoio emocional através da comunicação terapêutica, oferecendo aos pacientes oportunidades para exporem seus sentimentos e anseios, e explicarem de que tipo de apoio necessitam. É fundamental, neste sentido, reforçar as orientações inerentes a importância da radioproteção, da correta adesão ao tratamento e das medidas não farmacológicas para o sucesso da terapia e consequente alta hospitalar. (OLIVEIRA, 2017)

Durante a sistematização da assistência de enfermagem, cabe ao enfermeiro, contemplar em suas orientações ao paciente cuidados não farmacológicos que auxiliem no processo de tratamento e retardam os efeitos colaterais, como a importância da ingestão hídrica de três litros de água por dia para aumentar a taxa de filtração renal e acelerar o processo de eliminação do radiofármaco via renal, além de orientar o uso do suco de limão sublingual para diminuir a dose de radiação nas glândulas salivares (OLIVEIRA, 2009).

Neste contexto de atuação, podemos notar maior desafio em relação à assistência prestada por parte das equipes de saúde, sendo assim, é importante a construção de estratégias e protocolos que respaldem e regulamentem, em caráter técnico científico, as medidas de cuidado, e para o sucesso de tal cuidado, é fundamental à equipe, vasto conhecimento sobre a terapêutica, sintomas adversos e complicações, a fim de gerenciar adequadamente o processo assistencial, transmitindo ao paciente e familiar, segurança e confiança. (OLIVEIRA, 2009)

A educação em saúde é o cerne da atuação da equipe de enfermagem para o sucesso desta terapia, como relatado anteriormente, a consulta de enfermagem é um dos principais espaços para dispensação de orientações sobre a terapêutica, assim, cabe ao enfermeiro sistematizar e focar suas orientações, adequando e individualizado para cada paciente avaliado (ROSINI, 2013; OLIVEIRA, 2015).

Outro espaço para reorientação por parte da equipe de enfermagem é durante a admissão do paciente na unidade de internação, revisitando os conceitos e informações que

foram dispensadas durante a consulta, sanando eventuais dúvidas e estimulando os conceitos inerentes ao autocuidado. Durante a vigência do tratamento e na alta hospitalar, cabe também reforçar possíveis efeitos adversos, e o correto manejo e suporte clínico (ROSINI, 2013).

O descarte de insumos e dejetos radioativos decorrentes da assistência prestada ao paciente é de direta responsabilidade das equipes assistenciais no que tange ao adequado descarte, o segregamento destes resíduos deve despertar a atenção das equipes que devem conhecer os locais e suportes adequados para o descarte e armazenamentos desses rejeitos (RISSATO, 2009).

O gerenciamento desses dejetos deve atender as normas de biossegurança dentro dos serviços de saúde em âmbito nacional, a fim de garantir as normas de precaução e segurança na aplicação de procedimentos quanto ao processo de segregamento e destino dos rejeitos gerados no período da internação, assegurando também a qualidade da assistência prestada (RISSATO, 2009).

Outro aspecto de atenção de todos os membros da equipe é para quanto aos efeitos indesejáveis que o tratamento acarreta, denominados como efeitos colaterais. Os efeitos colaterais são em geral leves e concentram-se na região de cabeça de pescoço, e estão relacionados ao uso de doses cumulativas de radiofármaco (FONSECA, 2012; ROLIM, 2011). Os principais efeitos colaterais decorrentes do tratamento podem incluir dor e edema em região cervical, sialodinite, obstrução de vias lacrimais, gastrite, alteração do paladar e xerostomia; outros sintomas podem incluir: náuseas, vômitos e constipação, dor lombo-sacra e cefaleia (OLIVEIRA, 2015).

O adequado manejo dos efeitos colaterais está intimamente relacionado com a experiência do paciente no tratamento e com o sucesso de terapêutica também. Assim o mesmo deve ser orientado a comunicar o mais breve possível o surgimento de tais efeitos e sua intensidade, e descrevendo fatores de piora e outras condições associadas (ROLIM, 2011; OLIVEIRA, 2015). A equipe de enfermagem, pelo fato de acompanhar o paciente em vigência de internação hospitalar, deve atentar-se aos efeitos adversos durante o processo de avaliação física do paciente e durante as visitas ao leito, e trabalhar no aspecto de manejo profilático e terapêutico de tais efeitos, seja por vias farmacológicas ou não farmacológicas como descrito acima (CORDEIRO, 2013; MORESCO, 2017).

## Considerações finais

A radioiodoterapia emerge como importante linha de tratamento no cenário oncológico, e seu emprego visa trazer um melhor prognóstico para o câncer tireoide. Mesmo com possíveis toxicidades associadas, seu benefício no tratamento do câncer de tireoide é indiscutível e está evidenciado na boa evolução clínica dos pacientes que são submetidos à mesma, aumentando qualidade de vida e as taxas de cura da doença.

Sabe-se que o cerne de atuação da equipe de enfermagem neste contexto está pautado na questão da educação em saúde, e é de suma importância para sucesso da terapêutica, durante os espaços de orientação são dispensadas informações importantes quanto ao tratamento, sanando dúvidas e ansios, além de possibilitar ao paciente a perspectiva da importância do autocuidado para o tratamento submetido.

A enfermagem encontra-se presente, como em tantos outros cenários de assistência à saúde, desenvolvendo importante papel na terapêutica dos pacientes submetidos à radioiodoterapia e deve sempre gerenciar e dispensar cuidados com embasamento técnico científico, contribuindo para o êxito do tratamento.

Destacamos o escasso número de artigos e/ou materiais científicos encontrados com a temática durante a busca de material para a composição deste projeto de pesquisa, e principalmente artigos que descrevam ou direcionem os cuidados e a prática de enfermagem a pacientes em vigência de tal tratamento. Desta forma, ressaltamos a importância da produção e divulgação de artigos científicos sobre a temática estudada, a fim de proporcionar maiores discussões sobre a temática para o campo da enfermagem, a fim de estruturar protocolos e estratégias de cuidado por parte das equipes assistências em diferentes serviços de saúde.

Quanto às limitações deste estudo podemos observar mais uma vez o escasso número de artigos e produção científica sobre a temática, impossibilitando o aprofundamento e conhecimento das rotinas relacionadas à radioiodoterapia que são desenvolvidas em diversos serviços de atenção à saúde no Brasil e no mundo.

## Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. **Instituto Nacional do Câncer**. Tipos de Câncer – Câncer de Tireoide. Rio de Janeiro; 2020. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/tipos-de-cancer/cancer-de-tireoide>. Acesso em: 05 mar. 2020.

COFEn. Conselho Federal de Enfermagem (COFEn). **Resolução nº 211/1998**. Dispõe sobre a atuação dos profissionais de enfermagem que trabalham com radiação ionizante. Rio de Janeiro: 1998.

CORDEIRO, E. A. K.; MARTINI J. G. Perfil de pacientes com câncer de tireoide submetidos à radioiodoterapia. **Texto Contexto Enferm.** Florianópolis, v. 4, n. 22, p. 1007-14. out/dez 2013.

FONSECA, F. L.; LUNARDELLI, P.; MATAYOSHI, S. Obstrução de vias lacrimais associada ao tratamento radioiodoterápico de carcinoma de tireoide. **Arq. Bras. Oftalmol.** São Paulo, v. 75, n. 2, p. 97-100. abr 2012.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa.** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009.

MORESCO, C. H.; ASCARI, R. A. Radioiodoterapia: um estudo sobre os cuidados de enfermagem na assistência ao paciente oncológico. **Rev. UNINGÁ.** Paraná, v.31, n.1, p. 50-55. jul/set 2017.

OLIVIERA, A. C. F.; MOREIRA, M. C. A Enfermagem em Radioiodoterapia: enfoque nas necessidades de ajuda aos clientes. **Rev. Enferm.** UERJ. Rio de Janeiro, vol. 4, n 17, p. 527-32. out./dez. 2009.

OLIVIERA, A. C. F.; MOREIRA, M. C. **Gerenciamento do Cuidado de Enfermagem na Radioiodoterapia para Câncer Diferenciado de Tireoide: (re)configuração de Estratégias de Ação.** Rio de Janeiro: UFRJ/EEAN, 2015.

OLIVEIRA, M. M.; FRANÇA, R. A. P.; SILVA, E. R. Contribuições para a assistência ao paciente com câncer de tireoide submetido à radioiodoterapia: revisão de literatura. **Rev. Cient. Enferm.** São Paulo, v. 8, n. 23, p. 1-16. 2017.

RISSATO, M. L.; RIBEIRO, M. L.; CASTRO, N. R. P. S.; CASTRO, M. C. A. A.; OLIVEIRA, I. C. Iodoterapia: avaliação crítica de procedimentos de precaução e manuseio dos rejeitos radiotivos. **Rev Inst Adolfo Lutz**, n.68, v2, p. 245-53. 2009.

ROLIM, A. E. H.; COSTA, L. J.; RAMALHO, L. M. P. Repercussões da radioterapia na região orofacial e seu tratamento. **Radiol Bras.** São Paulo , v. 44, n. 6, p. 388-395. dez 2011.

ROSINI, I.; SALUM, N. C. Educação em saúde no serviço de radiologia: orientações para punção aspirativa de mama e tireóide. **Rev. Gaúcha Enferm.** Porto Alegre, v. 34, n. 3, p.79-85. Set. 2013.

SALLES, O. P.; OLIVEIRA, C. C. C.; SPIRANDELLI, M. F. A. P.; CÂNDIDO, M. T. Atuação de enfermeiros em um Centro de Diagnóstico por Imagem. **J Health Sci Inst.** São Paulo. v. 28, n.4, p. 325-8. 2010.

SAPIENZA, M. T.; WILLEGAIGNON, J.; ONO, C. R.; WATANABE, T.; GUIMARÃES, M. I. C. C.; GUTTERRES, R. F., e *et. al.* Radioiodoterapia do carcinoma diferenciado de tireoide: impacto radiológico da liberação hospitalar de pacientes com atividade entre 100 e 150 mCi de iodo-131. **Arq Bras Endocrinol Metab.** São Paulo, v. 53, n. 9, p. 318-25. dez. 2009.

# UM NOVO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO BÁSICA EM TEMPOS DE PANDEMIA: AULAS REMOTAS NO ESTADO DO PARANÁ.

## A NEW LOOK AT BASIC EDUCATION IN PANDEMIC TIMES: REMOTE CLASSES IN THE STATE OF PARANÁ.

Marcia Vorpagel Serschon

Michel Alves da Cruz

### Resumo

Um novo cenário tem se constituído neste ano de 2020 na educação a nível mundial. Sendo assim, faz-se necessário delinear esse momento histórico. Desta forma, este artigo vem ao encontro da necessidade em abordar a educação brasileira em tempos de pandemia. A pandemia do novo coronavírus, o Covid-19, fez com que a realidade das escolas de ensino regular e profissionalizante em todo o Brasil constituísse um novo formato de ensino, já que o ensino presencial teve sua interrupção. Com o objetivo de evitar a propagação do vírus em uma escala ainda maior a que o Brasil se encontrava, medidas como a suspensão das aulas presenciais foram tomadas no mês de março de 2020, buscando a redução da propagação do novo vírus. Tal medida de suspensão das aulas presenciais nas redes públicas e privadas de ensino básico no Brasil, estabeleceu um novo quadro nunca vivenciado anteriormente: fez-se necessário estabelecer um ensino remoto e assim dar sequência ao ano letivo em questão. De acordo com o relatório do Banco Mundial, mais de 1,5 bilhões de alunos ficaram sem estudos presenciais em 160 países. Com este contexto, estados e municípios tiveram que buscar saídas emergenciais para a continuidade das atividades escolares. A solução encontrada para a continuidade do ensino, foi com o auxílio de suportes remotos de ensino e a introdução de novas metodologias, apoiadas em tecnologias digitais, pois, de uma hora para outra, as aulas presenciais foram substituídas para a modalidade de ensino a distância (EAD), obrigando professores/as e alunos/as a um aprendizado rápido de novas tecnologias de comunicação e informação (TICs).

**Palavras-chave:** Pandemia. Ensino remoto. Tecnologias

### Abstract

A new scenario has emerged in this year of 2020 in education worldwide. Therefore, it is necessary to outline this historic moment. Thus, this article meets the need to address Brazilian education in times of pandemic. The pandemic of the new coronavirus, Covid-19, made the reality of regular and vocational schools across Brazil a new teaching format, since face-to-face teaching was interrupted. In order to prevent the spread of the virus on an even greater scale than Brazil was, measures such as the suspension of face-to-face classes were taken in March 2020, seeking to reduce the spread of the new virus. Such a measure of suspension of face-to-face classes in public and private basic education networks in Brazil, established a new framework never experienced before: it was necessary to establish remote education and thus continue the school year in question. According to the World Bank report, more than 1.5 billion students were left without face-to-face studies in 160 countries. With this context, states and municipalities had to seek emergency exits to continue school activities. The solution found for the continuity of teaching, was with the help of remote teaching supports and the introduction of new methodologies, supported by digital

technologies, because, from one hour to the next, the face-to-face classes were replaced for the distance learning modality (EAD), forcing teachers and students to quickly learn new communication and information technologies (ICTs).

**Keywords:** Pandemic. Remote teaching. Technology

## 1 Introdução

A pandemia do novo coronavírus, a Covid-19, constituiu um novo cenário no ensino presencial, tanto das universidades quanto da educação básica brasileira. A educação básica ou regular é constituída pelas seguintes etapas: a Educação Infantil compreende a creche e a pré-escola. Já o Ensino Fundamental I compreende do 1º ao 5º ano. O fundamental II compreende do 6º ao 9º ano, e a última etapa é constituída pelo Ensino Médio, profissionalizante e EJA. Todavia, neste artigo será abordado o ensino básico, que compreende o Ensino Fundamental I e II e o Ensino Médio, além da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no estado do Paraná. Com o objetivo de evitar a propagação do vírus em uma escala ainda maior, em meados de março de 2020, medidas como a suspensão das aulas presenciais foram necessárias para buscar a redução da propagação do novo vírus. Tal medida de interrupção das aulas presenciais nas redes públicas e privadas de ensino básico no Brasil e, em especial, neste presente trabalho, no estado do Paraná, estabeleceu um novo quadro nunca vivenciado anteriormente: fez-se necessário estabelecer um formato de ensino remoto para dar sequência ao ano letivo corrente.

De acordo com o relatório do Banco Mundial, mais de 1,5 bilhões de alunos ficaram sem estudos presenciais em 160 países. Já no Brasil, segundo dados divulgados em agosto de 2020 em pesquisa realizada pelo Instituto DataSenado, apontou que entre os quase 56 milhões de alunos matriculados na educação básica e superior no Brasil, 35% (19,5 milhões) tiveram as aulas suspensas devido à pandemia de covid-19, enquanto que 58% (32,4 milhões) passaram a ter aulas remotas. Na rede pública, 26% dos alunos que estão tendo aulas online não possuem acesso à internet. Tais dados foram apresentados pelo senador Flávio Arns (Rede-PR), vice-presidente da Comissão de Educação (CE), em uma live nas redes sociais. A apresentação contou com a participação de representantes do Ministério da Educação, do Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed), da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e dos movimentos Todos pela Educação e Campanha Nacional pelo Direito à Educação. Para Arns, “A pandemia tem mostrado a face da desigualdade no Brasil e esse dado mostra que no acesso à educação isso não tem sido diferente. Nossa responsabilidade deve ser garantir que todos tenham as mesmas

oportunidades. Só assim poderemos avançar como país”, analisa o senador. Os dados da pesquisa apontam que, na opinião de 63% dos pais de alunos que tiveram aulas remotas, a qualidade do ensino diminuiu. O levantamento mostra ainda que 75% dos pais cujos filhos tiveram aulas remotas nos últimos 30 dias preferem que as aulas voltem a ser presenciais somente quando a pandemia acabar. A pesquisa concluiu que a nova realidade é preocupante, principalmente, no que diz respeito aos quase 18 milhões de estudantes da educação básica, pois são alunos que dependem mais dos recursos de aulas presenciais.

Neste contexto, União, Estados e Municípios tiveram que buscar saídas emergenciais para a continuidade das atividades escolares. A solução encontrada para a continuidade do ensino, foi com o auxílio de suportes remotos de ensino e a introdução de novas metodologias, apoiadas em tecnologias digitais, pois, de uma hora para outra, as aulas presenciais foram substituídas para a modalidade de ensino a distância (EAD), obrigando professores/as e estudantes a um aprendizado rápido do uso de novas tecnologias da informação e comunicação ou simplesmente (TICs).

Ainda referente a pesquisa do Instituto DataSenado, revela que a diferença entre a educação na rede pública e na rede privada também se revela no acesso dos alunos à internet. Dos lares cujos estudantes estão tendo aulas remotas na rede pública, 26% não possuem internet. Já na rede privada, o percentual cai para 4%. Ainda segundo os resultados, o celular (64%) e o computador (24%) são os equipamentos mais utilizados para acessar os materiais de estudo. O levantamento também revelou que sete em cada dez pais entrevistados, cujos filhos tiveram aulas remotas nos últimos 30 dias, relataram que o filho recebeu as atividades por meio on-line e outros 20% buscaram o material na escola de ensino fundamental e médio.

O Instituto DataSenado foi criado em 2005, com a missão de acompanhar, por meio de pesquisas, enquetes e análises, a opinião pública brasileira sobre o Senado, a atuação parlamentar e temas em discussão no Congresso Nacional. Porém, como apontado pela pesquisa DataSenado e citada acima, o ensino remoto não alcança a totalidade dos estudantes, revelando a face da desigualdade social brasileira.

## **2 Fundamentação teórica**

### **2.1 Buscando caminhos: ao encontro da tecnologia digital**

Em diversos estudos sobre a realidade nacional, constata-se que um terço de nossa população vive na pobreza absoluta e com baixos níveis de escolaridade, sem acesso à

educação, ao trabalho, à renda, à moradia, ao transporte e à informação. Embora o país tenha mudado significativamente ao longo do último século, estes índices de desigualdades sociais mantiveram-se. É neste quadro que se insere a exclusão digital e presenciada expressivamente neste período de pandemia. Deste modo, a ideia de transformar a cidadania digital em política pública consolida alguns pontos: o reconhecimento de que a exclusão digital amplia a desigualdade social. Também deve-se considerar que o mercado não irá incluir na era da informação grupos sociais menos privilegiados. O mesmo se passou na alfabetização da população, ela não seria massiva se não fosse pela transformação da educação em política pública. Faz-se necessário como condição essencial a participação do Estado neste processo. Segundo Martini (2005) o que se objetiva tão somente é o uso livre da tecnologia da informação, com a ampliação da cidadania, o combate à pobreza, a garantia da privacidade e da segurança digital do cidadão, a inserção na sociedade da informação e o fortalecimento do desenvolvimento local. Os excluídos digitais estão à margem da sociedade, constituindo um fenômeno chamado por alguns teóricos de analfabetismo digital.

Face à pandemia, o Governo do Paraná implantou ensino remoto para mais de um milhão de alunos da rede pública. Por um lado, a Secretaria de Educação afirma que o programa é um sucesso por atingir 99% dos estudantes. Porém, alguns professores questionam a qualidade da aprendizagem e os números apresentados pelo governo.

A solução elencada na educação pública paranaense, desde o início de abril de 2020, é o aplicativo “Aula Paraná” e que funciona por transmissão via TV aberta, internet, aplicativo para smartphone. Já para os estudantes que não possuem nenhum tipo de acesso a internet, é ofertada a impressão de atividades que devem ser retiradas na escola pelos próprios estudantes ou responsáveis.

Segundo o Sindicato Paranaense dos Professores (APP), que representa os profissionais da educação no Paraná, tem o seguinte posicionamento: “No nosso entendimento é uma inconstitucionalidade de oferta, já que não está sendo oferecido igualmente. Há famílias com três ou quatro filhos que possuem apenas um celular e não têm computador. Em muitas cidades, o canal digital não funciona. Não basta divulgar os números de acesso se a aprendizagem não tem qualidade”, ressaltou o presidente da APP-Sindicato, Hermes Leão.

Contudo, ao analisar dados sobre a presença de estudantes nas aulas remotas, a Secretaria Estadual de Educação do Paraná afirma que, em média, 10.070 estudantes, ou seja, 1% do total, não está entregando as atividades propostas, sejam elas remotas ou

presenciais. O secretário estadual de Educação Renato Feder diz que o dado é contabilizado por um programa que analisa a entrega das lições de casa pelos alunos no Google Classroom.

Para os estudantes que não possuem acesso à internet por meio de banda larga, o Estado disponibilizou aulas por meio de vídeos e a cobertura é feita pelos canais digitais, cujo contrato com uma TV aberta gira em torno de R\$ 600 mil por mês. Além da transmissão da aula pela TV aberta, é ofertado o serviço móvel de 3G e 4G. O celular foi uma das principais soluções encontradas para o enfrentamento da pandemia. Para isso foi desenvolvido um aplicativo que funciona tanto em aparelhos Android quanto em iOS e ofertado um pacote de internet (3G e 4G) gratuito.. Em pesquisa recente realizada pelo Instituto DataFolha sobre “Educação não presencial na perspectiva dos estudantes e suas famílias”, apontou que o aplicativo Aula Paraná, sistema de aulas não presenciais do Estado, alcança 97% dos estudantes. No Brasil o índice é de apenas 79%, enquanto na região Sul, a média sobe para 93%.

Os dados apontados pela pesquisa, colocam o Paraná entre as melhores soluções de aulas durante o período de pandemia, comprovando também os dados apontados pelo Business Intelligence (BI), sistema próprio de monitoramento da plataforma, que indica uma alta participação dos estudantes, cerca de 97%, no ensino remoto implementado no estado do Paraná. Tais índices estão atrelados a grande variedade de soluções criadas pelo Governo do Paraná para o enfrentamento dos desafios da pandemia. São diversos os meios disponibilizados para que alunos possam acompanhar os conteúdos. O sistema conta com três canais digitais de TV aberta, aplicativo de celular com internet gratuita, canal Aula Paraná no Youtube, salas virtuais do Google Classroom e materiais impressos. Esse conjunto fez com que o acesso às aulas remotas seja amplo.

## **2.2 Uma direção incerta, porém, sem volta**

A pandemia trouxe à tona uma questão que há tempos encontra-se nas pautas de discussões relacionadas ao ensino a distância, a EAD e o uso de tecnologias digitais na educação. As mudanças na sociedade, as formas de ensinar também sofreram alterações nas últimas décadas, tantos os professores como os alunos percebem que muitas aulas ditas tradicionais, estão ultrapassadas. Portanto, é fundamental a pergunta, parafraseando aqui Drummond, “você marcha, José! José, para onde?” Para onde mudar? Como ensinar e aprender em uma sociedade globalizada, interconectada? Referenciada pela trama conceitual freireana que destaca a categoria ensino-aprendizagem, esta pesquisa caracteriza-se pela

observação do contexto de ensino remoto, de abordagem qualitativa, com a intenção de apreender a práxis por meio da análise de produções bibliográficas, pesquisas em sites e pesquisas divulgadas. Neste viés, Paulo Freire escreve

Ensinar um conteúdo pela apropriação ou a apreensão deste por parte dos educandos demanda a criação e o exercício de uma séria disciplina intelectual a vir sendo forjada desde a pré-escola. [...] Mas, assim como não é possível ensinar a aprender, sem ensinar um certo conteúdo através de cujo conhecimento se aprende a aprender, não se ensina igualmente a disciplina de que estou falando a não ser na e pela prática cognoscente de que os educandos vão se formando sujeitos cada vez mais críticos (FREIRE, 2006, p.82).

As mudanças são importantes e necessárias para mudar a sociedade. As tecnologias estão cada vez mais presentes no cotidiano das famílias, empresas, escolas, enfim, o espaço digital é um caminho sem volta. Portanto, é indispensável que haja investimentos, políticas públicas para que essas tecnologias sejam espaços de inclusão e não de exclusão, visando ter todas as classes sociais conectadas à internet. O ideal é que cada estudante tivesse acesso a um notebook. Porém, a pandemia desvela que ainda estamos distantes na equidade social. Faz-se necessário um investimento em educação a distância, educação contínua, cursos de curta duração. Mas, claro, só a tecnologia não basta. “Ensinar é um desafio constante” e agravado no atual cenário pandêmico.

A tecnologia apresenta-se como meio, especialmente neste momento, para colaborar no processo de mediação na aprendizagem. Ela tem sua importância como um instrumento para favorecer a aprendizagem de alguém, como uma ferramenta a mais. Não é a tecnologia que vai resolver o problema educacional do Brasil. Poderá colaborar, porém, se for usada adequadamente.

Segundo Moran (2006), Educação a distância é o processo de ensino-aprendizagem, mediado por tecnologias, onde professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente. Por conseguinte, é esta modalidade de ensino que o Estado do Paraná tem optado para garantir o ensino no período de pandemia.

### **Considerações finais**

Mesmo que existam prós e contras na aplicação da EAD, é necessário refinar estratégias e atentar para o dever de adequação por parte do sujeito/usuário/aluno como aquele que está inscrito numa formação social, e que assume uma posição-sujeito que busca uma certa autonomia. Negá-la tampouco traria benefícios na busca da solução para a presente realidade em que estamos inseridos. A internet é reconhecida como a grande revolução que

transformou a relação entre os sujeitos e a sociedade como um todo. O mundo globalizado cria condições de produção que envolve os sujeitos numa ampla rede de relações dinâmicas e de obtenção de conhecimento no universo virtual, sendo a EAD uma modalidade de ensino de significativa conexão com o sujeito de seu tempo e que vem ao encontro a suprir a falta do ensino presencial suspenso em razão do isolamento social. O conceito de ensinar está mais ligada ao professor que transmite conhecimentos e experiências ao aluno. Já o conceito de aprender está diretamente ligada ao aluno que produz reflexões e conhecimentos próprios, pesquisas, diálogos, debates, mudanças de comportamento. Numa palavra o aprendiz cresce e desenvolve-se, o professor fica como mediador entre o aluno e sua aprendizagem. O aluno assume o papel de aprendiz ativo e participante que o leva a aprender e a mudar seu comportamento. Na sala de aula, o feedback entre aluno e professor é direto e permanente, pois basta olhar ao redor para perceber se há o engajamento dos alunos, se a classe está compreendendo o que está sendo ensinado, etc. No ensino a distância, não há esse controle. Daí a necessidade de pensar em soluções e repensar as práticas.

Por isso, muito mais do que apenas como intermédio das tecnologias e da internet, o EAD também requer uma reflexão sobre metodologias, o que exige ainda mais dos professores diante do cenário de pandemia da Covid-19. Apesar dos inúmeros desafios do ensino a distância durante a pandemia da Covid-19, professores/as, alunos/as e familiares tem buscado adaptar-se à realidade, promovendo uma troca de aprendizagens satisfatória, pois o mais importante neste momento é proteger a vida de todos. Neste sentido, o Estado tem dado um certo suporte para que o ensino chegue até os estudantes, garantindo a continuidade do ano letivo de forma a contemplar o maior número de estudantes da rede pública.

## Referências

ALMEIDA, M. E. B. de. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n.2, p. 327-340, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a10v29n2.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **O que é educação a distância?** Brasília, DF: Ministério da Educação, 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/355-perguntas-frequentes-911936531/educacao-a-distancia-1651636927/12823-o-que-e-educacao-a-distancia.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

MORAN, J. M., MASETTO, M. e BEHRENS, M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 12. ed. São Paulo: Papirus, 2006.

### **Sites**

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2499-8.pdf>

<https://www.apufsc.org.br/2020/07/08/ensino-remoto-no-parana-governo-fala-em-sucesso-professores-questionam-qualidade-da-aprendizagem-dos-alunos/>

<https://ensinointerativo.com.br/desafios-da-educacao-em-tempos-de-pandemia-da-covid-19/>

# SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO INDIVIDUO COM IAM NO SERVIÇO DE EMERGÊNCIA

SYSTEMATIZATION OF NURSING ASSISTANCE TO THE INDIVIDUAL WITH IAM IN THE EMERGENCY SERVICE

Wilson da Paixão Santos

## Resumo

**Objetivos:** Elaborar uma proposta de Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) para pacientes com IAM nos serviços de emergência. **Métodos:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, que tem por finalidade reunir e sintetizar os resultados da pesquisa sobre a temática. Este método permite reunir os conhecimentos de um determinado assunto empregando vários estudos já publicados. E é necessário para processo de elaboração da revisão integrativa seis etapas. **Resultados:** Segundo as estratégias de busca, identificaram-se quinze artigos de origem Brasileira com propostas de sistematização da assistência de enfermagem para pacientes com IAM. **Conclusão:** A Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) permite mapear o processo, bem como verificar eficácia, pontos fortes e fracos, e os riscos.

**Descritores:** SAE. IAM. Paciente. Emergência. Assistência.

## Abstract

**Objectives:** To develop a proposal for the Systematization of Nursing Assistance (SAE) for patients with AMI in the emergency services. **Methods:** This is an integrative literature review, which aims to gather and synthesize the results of research on the theme. And it is necessary for the process of elaborating the integrative review six steps. **Results:** According to the search strategies, fifteen articles of Brazilian origin were identified with proposals for systematizing nursing care for patients with AMI. **Conclusion:** The Nursing Care Systematization (SAE) allows to map the process, as well as to verify effectiveness, strengths and weaknesses, and risks.

**Descriptors:** SAE. AMI. Patient. Emergency. Assistance.

## 1 Introdução

O infarto agudo do miocárdio (IAM) ocorre com a diminuição da luz do vaso e pela obstrução total de uma artéria coronariana, por um embolo desencadeado por erosão ou ruptura de uma placa de ateroma levando a isquemia do miocárdio, esta artéria tem a função de irrigar o musculo cardíaco miocárdio, levando nutrientes e oxigênio para que ele possa desempenhar suas funções fisiológicas, com a diminuição e cessamento desta oferta de fluxo sanguíneo as células cardíacas do miocárdio sofrem uma isquemia, gerando necrose do músculo cardíaco, caracterizando assim IAM, esta síndrome coronariana possui dois tipos de angina, estável e instável (MENEZES JUNIOR, *et. al*, 2011). A angina estável é decorrente de

um processo obstrutivo transitório onde o cliente sentira as manifestações da mesma após exposição a emoções e esforço físico, é uma dor que tem previsibilidade da frequência e duração, podendo ser aliviada com nitroglicerina e repouso, já a angina instável é mais preocupante por ser um processo obstrutivo coronariano grave, a dor é mais prolongada que a angina estável não é reduzida facilmente devido ao grau de comprometimento da isquemia, devido trombo cheio de plaquetas que está causando o bloqueio da luz de uma determinada artéria coronariana, provocado por uma ruptura de uma placa de ateroma, sendo as manifestações clínicas idênticas as da angina estável, o que diferencia é que ela se mantém mesmo em repouso sendo mais difícil de controlar (MENEZES JUNIOR, *et. al*, 2011).

Esta patologia promove o maior índice de óbitos no mundo segundo a organização mundial da saúde, cerca de 30% da população mundial morre por este fator, sendo a maior causa de morte no Brasil cerca de 100 mil óbitos anuais, em São Paulo a taxa de mortalidade específica por doenças do aparelho circulatório é 78,1 por 100.000 habitantes (ROSA, *et. al*, 2016; CARVALHO, *et. al*, 2016; BRASIL, 2014; BRASIL, 2011).

Os principais fatores de risco cardiovasculares desta patologia podem ser divididos em 2 tipos modificáveis e não modificáveis, os imodificáveis são: Idade, sexo, histórico familiar, etnia, diabetes, hipertensão arterial já os modificáveis são: dislipidemia, tabagismo, etilismo, estresse, sedentarismo (ROSA, *et. al*, 2016; BRASIL, 2014).

O fator não modificável tem muita relevância para que ocorra uma síndrome coronariana, mas a soma deste fator, aos modificáveis que podem ser bem controlados como alimentação, tabagismo, etilismo, sedentarismo podem diminuir as chances de ocorrência de um IAM (BRASIL, 2014).

Os sintomas clínicos clássicos sugestivos de uma síndrome coronária são: dor compressiva ou sensação de queimação retroesternal que se irradiara para o membro superior esquerdo, mandíbula e pescoço, dorso ou região epigástrica, fadiga, náuseas e vômitos, dispneia, sensação eminente de morte, ansiedade, extremidades frias, palidez cutânea, sudorese, hipotensão ou hipertensão arterial sistêmica, ruídos cardíacos abafados e pulso precordial palpável (MENEZES, *et. al*, 2011; CASCALDI, *et. al*, 2014). A identificação destes sintomas precocemente os associando ao IAM interferirá drasticamente na qualidade de vida e prognóstico deste paciente pôs infartado minimizando possíveis sequelas ou atenuando as mesmas (CASCALDI, *et. al*, 2014). Tem-se como objetivo geral elaborar uma proposta de Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) para pacientes com IAM no serviço de emergência.

## 2 Método

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, que tem por finalidade reunir e sintetizar os resultados da pesquisa sobre a temática. Este método permite reunir os conhecimentos de um determinado assunto empregando vários estudos já publicados, realizado por meio de pesquisa bibliográfica de caráter exploratório e descritivo. Para a realização da mesma, foi efetuado um levantamento de publicações científicas relacionadas com a temática da pesquisa. Os critérios de inclusão foram: estudos publicados em periódicos nacionais no idioma português, indexados no portal BVS e catálogo de revistas SciELO, com disponibilidade de texto na íntegra e publicados no como base de 22 artigos. Os descritores como indexadores da busca registrados foram SAE; IAM e assistência ao paciente com IAM.

A partir dos resultados obtidos, esperamos verificar qual os pontos a serem melhorados na atuação dos profissionais, além de levantar novos questionamentos que contribuam para futuras pesquisas. Durante a pesquisa inicial, observou-se que a mostra final poderia conter artigos de naturezas diversas, por isso, optamos pela revisão integrativa da literatura, que fornece base científica para a comparação de estudos de diversas naturezas.

Para realização do estudo foi realizada busca eletrônica nas bases de dados LILACS (Literatura Latino Americana em Ciências da Saúde, SciELO (Scientific Electronic Library Online), BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) e artigos publicados no período de 2015 a 2019, usando os descritores: classificação de risco, enfermagem, emergência. O período de coleta de dados foi de junho de 2019 à janeiro de 2020. Os critérios utilizados para o levantamento bibliográfico foram artigos completos, disponíveis nas referidas bases de dados, em português. Após a identificação dos estudos pré-selecionados e selecionados: os títulos e resumos dos artigos recuperados na busca foram lidos. Aqueles que contemplavam os critérios de inclusão foram lidos na íntegra.

Como critério de exclusão foram descartados artigos em que a temática não era pertinente aos objetivos do presente trabalho ou artigos com duplicidade de conteúdo. No desenvolvimento do trabalho, após a busca e seleção de todos os estudos, foi feita uma leitura minuciosa de todos os artigos e foi transcrito alguns na parte da discussão com finalidade de esclarecer pontos importantes do tema e outros nos resultados demonstrando os resultados de estudos mais recentes na literatura científica. Para análise e síntese dos artigos, estes foram lidos, resumidos e posteriormente os conteúdos semelhantes foram agrupados em categorias.

Na busca inicial, encontrou-se um total de publicações, onde foram excluídos por não serem dos idiomas estabelecidos. Pela leitura dos títulos e resumos, foi possível excluir



rápido e eficaz assistência de enfermagem no atendimento ao paciente com infarto agudo do miocárdio na emergência requer atenção e principalmente ter conhecimento para lidar com os diversos tipos de situações que poderá enfrentar, para que o paciente seja bem assistido e que isso contribua para sua recuperação.

A taxonomia proposta pela North American Nursing Diagnosis Association International (NANDA-I) é uma das mais utilizadas nos centros hospitalares do Brasil e sua aplicação é dividida em cinco etapas inter-relacionadas, interdependentes e recorrentes: histórico do paciente (anamnese e exame físico), diagnósticos de enfermagem, planejamento, implementação e da avaliação dos cuidados realizados (TANNURE, 2010).

A equipe de enfermagem vem adotando conhecer todas as experiências do paciente, com o objetivo de conhecê-lo num todo, para que o cuidado após o infarto seja mais específico para cada um, contribuindo bastante para a melhoria deste.

Além disso, segundo Barretta; *et. al.*, (2017), os cuidados de enfermagem realizados pelos enfermeiros não são restritos à UTI, indo desde ações de cuidados específicos do pós-operatório de cirurgia até cuidados psicossociais envolvendo o paciente e seus familiares, para adaptá-los à nova realidade e estilo de vida, como orientações sobre as novas rotinas pós-operatória, redução de ansiedade, medo e entendimento perante as limitações provenientes do procedimento.

As ações elementares e intervenções realizadas pelo Enfermeiro no atendimento ao paciente com Dor Torácica são: eletrocardiograma; monitorização cardíaca; coleta de enzimas cardíaca, instalação de oxigênio; realização do histórico breve; glicemia capilar; e punção de acesso venoso periférico de grosso calibre.

Para que os cuidados de enfermagem sejam efetivos, é necessário realizar a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) e a utilização de uma taxonomia de diagnósticos de enfermagem (DE). Santos; *et. al.*, (2016), argumenta que:

para melhorar a assistência de enfermagem, é necessário que o profissional busque formas de aprendizagem que qualifiquem sua atuação e que não se limitem apenas a orientações vindas da organização. Além disso, ele cita como fontes de conhecimentos os eventos científicos, pesquisas na literatura e cursos, pois quanto mais qualificado for o profissional de enfermagem, mais efetivo será o cuidado por ele prestado.

## **Considerações finais**

O estudo possibilitou a compreensão das ações construídas pelos enfermeiros no setor de urgência/emergência perante um usuário portador de Infarto Agudo do Miocárdio (IAM). Durante a abordagem emergencial ao usuário que apresenta os sintomas e sinais clínicos sugestivos do IAM, deve ser realizada uma história organizada e sistematizada a fim de garantir uma assistência integral e individualizado ao sujeito. Visando um atendimento eficaz

é importante que Enfermeiros e equipe médica devem estar aptos para atuar de modo eficiente frente a um caso de IAM, sabendo identificar o início e estando atendo para os sinais e sintomas típicos de uma pessoa infartada.

Deste modo, os estudos realizados conjectura para a precisão de progresso na assistência da saúde aos usuários portadores de IAM, melhor qualidade e adequação das estrutura física acolhedora deste sujeito e qualificação dos recursos humanos inseridos neste contexto, a fim de minimizar as consequências geradas pelo IAM.

## Referências

MENEZES JÚNIOR, J. E, *et. al*, Educação em saúde como estratégia para melhoria da qualidade de vida dos usuários hipertensos. **Rev rene**. 2011, v. 12(esp), p. 1045-51.

ROSA S. A, *et. al*, Paradoxo dos fatores de risco na ocorrência de parada cardiorrespiratória em pacientes com síndrome coronária aguda. **RevBras Ter Intensiva**. 2016, v. 28, n. 4, p. 405-412.

CARVALHO VCV, SILVA LCA, WERKHAUSER RP, MONTENEGRO ST, SILVA CGR,GOM AV, MORAIS CNL, MONTENEGRO SML. Avaliação do Polimorfismo -174 G/C do gene IL-6 na Síndrome Coronariana Aguda no Nordeste do Brasil. **Int J CardiovascSci**. 2016, v. 29, n. 4, p. 288-294.

BRASIL. Ministerio da Saude. Departamento de Informatica. **Datasus**. Informações de saúde [Internet]; 2014. Disponível em:<http://datasus.saude.gov.br/noticias/atualizacoes/559-infarto-agudo-do-miocardio-e-primeira-caoa-de-mortes-no-pais-revela-dados-do-datasus>. Acesso em 21 abr. 2017

BRASIL.Ministerio da Saude.Departamento de Informatica.**Datasus**. Informações de saúde [Internet];2011.Disponível em:<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?idb2012/c08.def> . Acesso em 19 abr. 2017

CASCALDI BG, LACERDA FM, RODRIGUES A, ARRUDA GV. Infarto Agudo do Miocárdio sob a Ótica da População Brasileira. **RevBrasCardiol**. 2014, n. 27, v.6, p.409-417.

Silveira DS, Jaeger CP, Hatschbach L, Manenti ERF. Validação do Escore TIMI de Risco para Infarto Agudo com Supradesnívelamento do Segmento ST. *Int J CardiovascSci*. 2016;29(3):189-197 Alves,Thiago Enggle; Silva, Maria Gracirene; Oliveira, Lucídio Clebeson; Arrais, Ana Cristina; Júnior, João Evangelista Menezes. **Atuação Do Enfermeiro No Atendimento Emergencial Aos Usuários Acometidos De Infarto Agudo Do Miocárdio**. Revista Digital Enfermagem, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistaenfermagem/article/download>>. Acesso em: 23/11/2019 às 21h.

BARUZZI, A. C. DO A.; STEFANINI, E. Infarto Agudo Do Miocárdio Com Supra De St, Trombólise Em Qualquer Local Que A Medicação Esteja Disponível. **Revista Digital Socesp**, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.29381/0103-8559/20182804409-20>. Acesso em: 27/11/2019 às 20h30.

ANTONIO, T. T. D.; ASSIS, M. R. de. Duplo-Produto E Variação Da Frequência Cardíaca Após Esforço Isocinético Em Adultos E Idosos. **Revista Digital Enfermagem**, 2017. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/rbme/v23n5/1517-8692-rbme-23-05-00394.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbme/v23n5/1517-8692-rbme-23-05-00394.pdf). Acesso em: 10 nov. 2019.

CARVALHO, D. C.; MOREIRA, M. A. D.; CUNHA, M. L. D. DA; NETO, F. DE A. C.; SOUTO, J.G.; JÚNIOR, I. J.A. M. A Importância Das Intervenções De Enfermagem. **Revista Digital Enfermagem**. Disponível em: <https://www.recien.com.br/index.php/Recien/article/view/51> Acesso em 10 nov. 2019.

CAVEIÃO, C. SANTOS, R. B. DOS; MANTEZELI, J. H.; VISENTIN, A.; BREX, C.; BERTOGLIO, V.; CAMASSETO, A. DE O. Dor Torácica: Atuação Do Enfermeiro Em Um Pronto Atendimento De Hospital Escola. **Revista Digital Enfermagem**, 2014. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermage>. Acesso em: 10 nov. 2019.

12.DBO, Guimarães; Rodrigues, TS; Oliveira, SCM *et. al.* Tempo Porta Eletrocardiograma Em Pacientes Com Dor Torácica Na Emergência. **Revista Digital Enfermagem**, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i4a231123p1027-1036-2018>. Acesso em: 10 nov. 2019.

MEDEIROS, T. L. F. DE; ANDRADE, P. C. N. S. DE; DAVIM, R. M. B.; SANTOS, N. M. G. dos. Mortalidade Por Infarto Agudo Do Miocárdio. **Revista Digital Enfermagem**, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i2a230729p565-572-2018>. Acesso em: 10 nov. 2019.

PASSINHO, R.; SIPOLATTI, W.; FIORESI, M.; CANIÇALI, C. Sinais, Sintomas E Complicações Do Infarto Agudo Do Miocárdio. **Revista Digital Enfermagem**, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i01a22664p247-264-2018>. Acesso em: 10 nov. 2019.

PERTSEW, P.; PEROZIN, M.; CHAVES, P. L. L. **Gerenciamento do Protocolo de Dor Torácica no Setor de Emergência**. Brasil, 2018, 1. ed.

RIBEIRO, K. R. A. *et. al.* **O Paciente Com Infarto Agudo Do Miocárdio**. Revista Digital Enfermagem, 2017. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/index.php/cie/article/download>. Acesso em: 10 nov. 2019.

SANTOS, B. da S. *et. al.* Infarto Agudo Do Miocárdio: Abordagem Com Enfermeiros De Uma Unintensiva Coronariana. **Revista Digital Enfermagem**, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download>. Acesso em: 10 nov. 2019.

VARGAS, R. A. DE; RIEGEL, F.; JUNIOR, N. DE O.; SIQUEIRA, D. S.; CROSSETTI, M. DA G. O. **Qualidade De Vida Em Pacientes Pós-Infarto Do Miocárdio**. Revista Digital 22.Enfermagem, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistaenfermagemarticle/download>. Acesso em: 10 nov. 2019.

# SISTEMA PRISIONAL FEMININO: A REALIDADE DA MULHER NO CÁRCERE

FEMALE PRISON SYSTEM: THE REALITY OF WOMEN IN JAIL

Roberto Ramos Garcia Batista<sup>2</sup>

**RESUMO.** O estudo analisa o Sistema Prisional Feminino e a realidade da mulher no cárcere elencando as condições que vivem as presas no Brasil. A pesquisa tem como objetivo geral apresentar as especificidades da execução da pena para a mulher; e os objetivos específicos são: exemplificar medidas de gestão prisional que assegurem os direitos das presas; elencar os direitos constitucionais das presas no Brasil e explicar sobre o dever do Estado garantir a dignidade humana da infratora. A população carcerária feminina vem crescendo nos últimos anos e o Estado não tem correspondido concretamente para melhorar as condições da estrutura prisional e assegurar o respeito às apenadas. A Lei de Execução Penal é clara e garante um tratamento específico para a apenada e é dever estatal formular políticas públicas que possibilitem transformar a vida da infratora.

**Palavras-chave:** Sistema Prisional Feminino. Gestão Prisional. Direitos Constitucionais. Dignidade Humana.

## 1 Introdução

A gestão prisional é a maneira que o Estado administra os presídios no Brasil através do planejamento, organização, direção e execução das políticas criminais e exerce um papel central no processo de recuperação das apenadas. Porém, há muitas falhas estruturais e até em relação à ressocialização das presas que dificultam a vida das encarceradas e que acabam refletindo na sociedade.

O sistema prisional feminino apresenta muitos problemas decorrentes da má administração e falta de políticas prisionais que beneficiem as presas no Brasil, sendo assim, as condições nos presídios são desfavoráveis ao processo de recuperação da apenada dificultando a execução da decisão judicial.

Há muitas normas que tipificam a gestão prisional no sistema carcerário feminino, mas nem sempre são colocadas em prática para acarretar em mudanças sociais visíveis. Quais as medidas podem ser executadas para melhorar o funcionamento do presídio feminino no Brasil? As medidas de gestão prisional são importantes providências para dirimir os problemas encontrados nos cárceres e possibilitar a reintegração da infratora ao convívio social comum. A realidade da mulher encarcerada no Brasil muitas vezes é desumana a medida que há condições insalubres e indignificantes nos presídios e as normas de execução

---

<sup>2</sup> PÓS- GRADUAÇÃO EM GESTÃO PRISIONAL

penal não são implementadas conforme tipificadas. O objetivo geral desta pesquisa é apresentar as especificidades da execução da pena para a mulher; e os objetivos específicos são: exemplificar medidas de gestão prisional que assegurem os direitos das presas; elencar os direitos constitucionais das presas no Brasil e explicar sobre o dever do Estado garantir a dignidade humana da infratora.

Este estudo é de cunho bibliográfico e é relevante para a compreensão das condições vividas pelas apenadas no sistema prisional feminino. Dessa maneira, contribui para o conhecimento da gestão prisional no Brasil e especificamente sobre as peculiaridades apresentadas no cárcere feminino. Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender o tema e pelo interesse em entender mais sobre a estada de mulheres nos presídios femininos.

## **2 Fundamentação teórica**

A gestão prisional brasileira tem suas peculiaridades no âmbito dos presídios femininos, o ordenamento jurídico brasileiro determina a obrigatoriedade de regimes diferentes para homens e mulheres na execução da pena. Assim, é relevante entender as condições que vivem as presidiárias brasileiras e estabelecer uma relação com os direitos fundamentais e com as normas de âmbito penal.

A Lei de Execução Penal é a principal norma que regula o cumprimento da pena no Brasil e apresenta particularidade em relação às presidiárias estabelecendo medidas fundamentais de reconhecimento das condições específicas da mulher. Assim,

Art.82. Os estabelecimentos penais destinam-se aos condenados , ao submetido à medida de segurança ao preso provisório e ao egresso.

Parágrafo 1º. A mulher e o maior de 70 anos separadamente serão recolhidos a estabelecimento próprio e adequado a sua condição pessoal.(BRASIL, 2019, p.209).

A Lei de Execução Penal trata sobre a distinção de estabelecimentos para homens e mulheres visando assegurar a integridade física e mental da presidiária considerando a condição de gênero um fator para diferenciar o cumprimento da pena.

Até.83. O estabelecimento penal conforme a sua natureza deverá contar com suas dependências com áreas e serviços destinados a dar assistência , educação, trabalho, recreação e prática esportiva.

Parágrafo 2º. Os estabelecimentos penais destinados a mulheres serão dotados de berçário , onde as condenadas possam cuidar de seus filhos, inclusive amamentá-los no mínimo , até 6 (seis) meses de idade.(BRASIL, 2019, p.209).

Uma peculiaridade da execução penal em presídios femininos é a possibilidade dos estabelecimentos possuírem berçários para atender o período que a presidiária está

amamentando e garantir um primeiro vínculo afetivo importante para o desenvolvimento da criança e também para a recuperação social da presa.

Desde a consolidação da instituição prisão como forma de punição das condutas criminalizadas as penas imputadas aos homens e as mulheres sempre foram distintas. A pena imposta ao homem tinha a função de despertar a necessidade do trabalho , torná-lo funcional aos meios de produção , e no que concerne as mulheres seu papel era reenquadrá-la socialmente aos paradigmas exibidos na sociedade (CURY; MENEGAZ, 2017, p.2).

As penas impostas ao homem e a mulher desde o começo são punições diferenciadas considerando a especificidade de cada gênero . Nessa perspectiva, as sanções criminais para as mulheres além das finalidades legais objetivam um parâmetro comum de comportamento vigente à cada época.

Há muitos problemas estruturais nos presídios femininos do Brasil e que trazem consequências ruins e prejudicam a ressocialização das apenadas. Um grande problema enfrentado atualmente é a superlotação dos presídios, há em alguns casos a não consideração pelos limites das celas, ambientes insalubres e sem espaços adequados para alojar muitas presas.

Dessa forma, a superlotação dos presídios perante números vultosos da população carcerária no Brasil revela ser uma problemática que independe da destinação do estabelecimento prisional e expõe a emergência do Sistema Prisional Brasileiro tanto nas penitenciárias masculinas quanto femininas.(PEREIRA, 2015, p.43).

As condições precárias dos presídios , a superlotação, a insalubridade e a falta de uma estrutura mais adequada ao cumprimento da pena dificultam o processo de ressocialização da presa e demonstram a necessidade de mudanças na realidade prisional tanto na esfera estrutural quanto em relação à ações destinadas a recuperação das apenadas.

Há problemas enormes no Sistema Prisional Feminino que proporcionam patologias graves e/ou agravam doenças ,a mulher presa muitas vezes é abandonada e marginalizada pela própria família e o processo de ressocialização não é realizado como determinado trazendo resultados negativos para a vida da presa e para a sociedade.

A saúde da mulher presa é um grande desafio para o Sistema Prisional Feminino, as presas ficam suscetíveis a muitas doenças que podem ser adquiridas na prisão ocasionadas pelo ambiente insalubre ou até por contato sexual. Dessa maneira, é preciso implementar mais políticas de saúde que efetivem os direitos da presa encarcerada e possibilite a efetivação da lei.

Ademais, as mulheres criminosas são acusadas pela sociedade duplamente transgressoras :da lei e das prescrições sociais de gênero que posicionam homens como violentos e não mulheres. Se uma mulher com filho comete um ato ilícito e é conduzida ao cárcere será muito mais julgada pela sociedade do que um homem na

mesma situação. Espera-se da mulher ainda nos tempos atuais a fragilidade do feminino, a pureza da maternidade e a submissão ao companheiro (CARVALHO; CARDOSO, 2019, p. 16).

A presa é punida duas vezes por algum delito cometido. Dessa forma, há a punição por via legal normatizada e seguindo o curso normal do processo penal e das leis penais e também uma sanção referente ao julgamento social das pessoas, a sociedade acha incomum comportamentos violentos cometidos por mulheres.

Das mulheres que decidiram partir para o crime muitas são apresentadas a criminalidade pelos seus maridos e companheiros os quais já possuem ligação com o tráfico de drogas . Na atualidade, tal modalidade delitiva após a alteração na lei de crimes hediondos é um dos maiores motivos de encarceramento feminino no Brasil. (ZANINELLI, 2015, p.62).

O tráfico de drogas é atualmente a causa principal de encarceramento no Brasil e muitas vezes a mulher comete o crime por influência do companheiro ou marido. Desse modo, o encarceramento feminino no Brasil constitui-se como medida para evitar o comércio de drogas e apresentar novas alternativas e perspectivas para as mulheres presidiárias.

Há um problema no reconhecimento de crimes de mulheres no Brasil, pois a sociedade ainda enxerga de maneira equivocada o comportamento da mulher dificultando o andamento do processo criminal e até a própria sanção e a possível recuperação social (MACHADO, 2017).

As medidas de gestão prisional são importantes para garantir o funcionamento das normas sobre os direitos e deveres da mulher presidiária possibilitando a concretização do estabelecido na lei, porém, há problemas na execução das políticas criminais que escancaram a falta de investimentos e de novas políticas que promovam a reinserção social da presa.

Dessa forma, a realidade social vivenciada pelas encarceradas, durante a quase totalidade de suas vidas, é marcada pela naturalização das desigualdades, principalmente econômicas, raciais e de gênero fazendo que elas as incorporem como intrínsecas e inalteradas, resultando, assim, em uma tomada de consciência que é atribuída por ideologias dominantes, as quais perpetuam a discriminação e subordinação de seguimentos populacionais historicamente oprimidos como é o caso dos pobres, negros e mulheres .(SILVA, 2015, p.52).

A vida das presidiárias brasileiras é caracterizada pela disparidade social e econômica, mulheres pobres e negras são mais afetadas pela privação de liberdade demonstrando o caráter discriminador do Estado . Nesse sentido, o próprio Estado não respeita as normas referentes aos direitos humanos, o que é muito prejudicial para a transformação da realidade da apenada. As presas possuem vários direitos elencados na Constituição Federal referentes à sua condição de mulher, os direitos fundamentais são normas que tratam sobre a dignidade da pessoa humana e objetivam trazer humanização ao tratamento destinados às infratoras. Assim,

XLIX-É assegurado aos presos o respeito à integridade física e moral  
 L-As presidiária serão asseguradas condições para que possam permanecer com seus filhos durante o período de amamentação;  
 LXIII- O preso será informado de seus direitos entre os quais o de permanecer calado , sendo-lhe assegurada a assistência da família e advogado ;  
 LXIV- O preso tem direito à identificação dos responsáveis por sua prisão ou por seu interrogatório policial.( BRASIL, 2016, p.16).

A norma constitucional traz uma série de direitos destinados às presas e que são explicados em outras normas de âmbito penal e processual penal que enfatizam os direitos fundamentais e ampliam um leque de garantias que acatam o princípio da dignidade humana.

Além de se mostrar em desacordo com a previsão da lei de execução penal o Sistema Prisional hoje revela sua ineficiência quanto ao cumprimento das leis, bem como o agir em desacordo com os tratados internacionais assinados. O crescimento da população prisional feminina é latente enquanto a oferta de vagas e unidades próprias não acompanharam tais índices. (KLANOVISK; BUGAI, 2019, p .88-89).

A Lei de Execução Penal não está sendo efetivada como foi tipificada , há muitas deficiências em relação à estrutura e as próprias atividades relativas às funções públicas que precisam ser melhoradas como a gestão educacional dentro dos presídios femininos.

A LEP é a principal norma que trata sobre o cumprimento da pena no Brasil, mas não está sendo cumprida efetivamente , a gestão prisional não acompanha as necessidades dos presídios femininos nem em relação às condições físicas dos presídios nem em relação às práticas assistenciais e educacionais no sistema prisional brasileiro.

Embora seja necessária elaborar políticas públicas voltadas as mulheres em situação de prisão, enfrenta-se a problemática que envolve assegurar direitos sociais e fundamentais por meio das prisões e simultaneamente deixar de efetivar esses direitos com recursos a políticas sociais. Portanto, o risco dessa lógica recai na estratégia de tornar a prisão – que é um instrumento violador dos direitos humanos , uma via de garantir direitos básicos que o Estado não o faz para além dos muros da prisão.(BRAGA; ALVES, 2017, p.310).

As políticas prisionais são relevantes para ressocializar as presas no Brasil , mas é preciso manter os direitos sociais básicos na própria prisão. Dessa forma, há a possibilidade do Estado efetivar as políticas sociais na prisão e não efetivar esses mesmos direitos fora da prisão, as contradições que envolvem o Estado são muitas e demonstram que há ainda muitas medidas para ser alcançadas. As políticas na prisão são implantadas, mas não de maneira integral e a ressocialização fica comprometida, há a necessidade da concretização de muitas medidas no âmbito educacional, assistencial e até jurídica para ampliar a possibilidade da presa visualizar novas perspectivas e conseguir resgatar sua dignidade (FRANÇA, 2014).

A presa no Brasil vive uma realidade prisional difícil com condições ruins e danosas a sua saúde, integridade física e mental e até abandonada pela família. Assim, a execução penal

fica prejudicada não sendo realizado o seu papel central que é reinserção social da presa às condições comuns.

As mulheres mesmo representando uma parcela pequena em relação à população carcerária masculina são tratadas com certa indiferença para não dizer com inferioridade uma vez que , no ambiente penitenciário elas não usufruem equitativamente do atendimento que é dispensada aos homens, que se tem é de que, no cárcere feminino, o processo de ressocialização parece ser ainda mais complexo (FRANÇA, 2014, p.219).

O sistema carcerário ainda reflete a desigualdade de gênero e as apenadas não possuem o mesmo tratamento que os homens em muitas situações e isso resulta em maiores dificuldades para a sua reinserção social.

Há muitas providências que podem ser efetivadas para melhorar o funcionamento do presídio e estão na própria lei de execução penal faltando apenas ações mais eficientes do Estado através de políticas carcerárias mais humanizadas e que visem a real recuperação social da presa através da educação.

A educação pode favorecer aos internos, principalmente as mulheres , que encaram diversos enfrentamentos na busca de sua independência. O fato é que grande parte das mulheres encarceradas não usufrui o direito à educação por falhas extensas do poder público e desinteresse do Estado em investimentos estruturais e profissionais, afirmando um intenso cenário de exclusão já praticado nos espaços de cárcere. (SOUZA, 2019, p.28).

É importante frisar que as presas brasileiras possuem muitos direitos nas normas penais, mas não se apresentam como deveriam na práxis prisional, sendo assim, é essencial que o Estado se comprometa em efetivar integralmente os direitos da presa.

A presa brasileira cumpre a sua pena no sistema prisional brasileiro sem os seus direitos básicos assegurados demonstrando o descaso do Estado em relação ao cumprimento das normas. Dessa maneira , a gestão prisional deve ser mais eficiente do ponto de vista da administração e as políticas prisionais devem ser mais bem elaboradas e implementadas nos presídios.

O Estado brasileiro tem condições de assegurar as normas referentes às prisões e execução da pena, mas há a necessidade de um maior empenho por parte dos governantes e a efetivação concreta das políticas prisionais.

A presa brasileira tem direitos e deveres garantidos no ordenamento jurídico brasileiro , porém, faltam mais investimentos para melhorar a infraestrutura dos presídios , melhores condições para os gestores e funcionários prisionais trabalharem e planejamento das políticas públicas prisionais. É indispensável garantir os direitos das apenadas no sistema prisional feminino para que existam possibilidades da mulher presa recuperar sua autoestima, transformar sua realidade e ter uma vida com dignidade.

## Considerações finais

A realidade prisional da mulher no Brasil é difícil e traz consequências danosas à vida das apenadas e conseqüentemente para a sociedade, pois o processo de ressocialização não acontece como deveria e está determinado na lei brasileira.

A gestão nas prisões femininas tem sua especificidade, pois a Lei de Execução Penal e outras leis referentes ao assunto trazem diferenciações para o cumprimento da pena de homens e mulheres. Assim, nos presídios femininos há políticas prisionais particulares para as mulheres como a possibilidade de amamentação no presídio.

As condições nos presídios femininos demonstram uma grande precariedade no sistema, há ambientes insalubres e até desproporcionais em relação ao espaço das celas exigindo medidas urgentes do Estado.

As políticas públicas prisionais não são efetivadas como foram tipificadas nas normas e dificultam a recuperação da apenada. Dessa maneira, há muitos prejuízos para a vida da presa e também prejuízos sociais que vão se acarretando e transformando a superlotação carcerária em uma prática comum.

É necessário que o Estado execute a Lei de Execução Penal de maneira correta e implemente as políticas prisionais como estão determinadas, apresentando uma gestão prisional que efetive integralmente as ações indispensáveis à recuperação da apenada.

O Sistema Prisional Brasileiro apresenta muitas falhas que podem ser diminuídas com planejamento e uma administração que implemente adequadamente medidas que assegurem o respeito à dignidade humana da presa.

A realidade das presas pode ser mudada com políticas públicas eficazes e que garantam os direitos dessas mulheres acatando a especificidade de gênero e transformando a realidade social.

## Referências

BRAGA, A. G. M.; ALVES, P. P. G. Prisão e Políticas Públicas: uma análise do encarceramento feminino no estado do Ceará. **Pensar**, Fortaleza, v.20, n.2, p.302-326, maio-agosto, 2015. Disponível em: [www.researchgate.net](http://www.researchgate.net). Acesso em: 21 jan. 2021.

BRASIL. **Coletânea Básica Penal**. 9.ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2019.

BRASIL. Constituição Federal da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

CARVALHO, M. I. C. A. de; CARDOSO, G. M. **O feminino em cárcere**: reflexões acerca do tratamento dado às mulheres pelo Sistema Prisional Brasileiro. Revista Científica Eletrônica do Curso de Direito, 15 ed., periódico semestral, 2019. Disponível em: [faef.revista.inf.br](http://faef.revista.inf.br). Acesso em: 21 jan. 2021.

CURY, Jéssica Santiago; MENEGAZ, Mariana Lima. **Mulher e o cárcere**: uma história de violência, invisibilidade e desigualdade social. Seminário Internacional fazendo gênero 11e 13 women' sworld congress( Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: [www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br). Acesso em: 21 jan. 2021.

FRANÇA, M. H. de O. **Criminalidade e prisão feminina**: uma análise da questão de gênero. Revista Ártemis, v. XVIII, n. 1, jul-dez, 2014, p. 212-227. Disponível em: [periodicos.ufpb.br](http://periodicos.ufpb.br). Acesso em: 21 jan. 2021.

KLANOVISK, L. R. F.; BUGAI, F. de A. Mulheres no cárcere: a estrutura do sistema prisional e a construção do gênero no Brasil. **História e Uberlândia**, n. 89, 80-97, jul-dez, 2019 Disponível em: [www.seer.ufu.br](http://www.seer.ufu.br). Acesso em: 21 jan. 2021.

MACHADO, Janaise Renate. **O ser mulher no sistema prisional**. 72f. Monografia. Universidade Federal de Santa Catarina , Centro de Ciências Jurídicas, 2017. Disponível em: [repositorio.ufsc.br](http://repositorio.ufsc.br). Acesso em: 21 jan. 2021.

PEREIRA , Alisson Ramos. **Sistema Penitenciário Feminino**: condições carcerárias e efetivação dos direitos fundamentais no presídio feminino de São Luís-MA. 70f. Monografia. Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências Sociais, 2015. Disponível em: [rosario.ufma.br](http://rosario.ufma.br). Acesso em: 21 jan. 2021.

SILVA, Amanda Daniele. **Mãe/mulher atrás das grades**: a realidade imposta pelo cárcere à família monoparental feminina. São Paulo: Editora UNESP, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. Disponível em: [books.scielo.org](http://books.scielo.org). Acesso em: 21 jan. 2021.

SOUZA, Livia Silva de. **Educação formal no Sistema Prisional Feminino no Estado do Rio de Janeiro**. 44f .Monografia Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Rio de Janeiro 2019. Disponível em: [www.panthon.ufrj.br](http://www.panthon.ufrj.br). Acesso em: 21 jan. 2021.

ZANINELLI, Giovana. **Mulheres encarceradas**: dignidade da pessoa humana , gênero, legislação e políticas públicas. 153f(Dissertação). Universidade Estadual do Norte do Paraná, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Jacarezinho ,2015. Disponível em: [uen.p.edu.br](http://uen.p.edu.br). Acesso em: 21 jan. 2021.

**A INTELIGÊNCIA PENITENCIÁRIA COMO INSTRUMENTO DE  
CONTROLE AO AVANÇO DAS FACÇÕES CRIMINOSAS NOS  
PRESÍDIOS DO INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL**  
PENITENTIAL INTELLIGENCE AS AN INSTRUMENT TO CONTROL THE  
ADVANCEMENT OF CRIMINAL FACTIONS IN THE INTERIOR BUILDINGS OF RIO  
GRANDE DO SUL

Roberto Ramos Garcia Batista<sup>3</sup>

**Resumo**

O presente artigo baseia-se em pesquisa bibliográfica e visa apresentar a importância da inteligência prisional como estratégia do Poder Estatal para o enfrentamento da violência e coibição do avanço das Facções Criminosas no Rio Grande do Sul. O quadro social da violência é desesperador; e dentro da Segurança Pública, o elo mais fraco é, seguramente, o Sistema Prisional pela própria atuação equivocada do Estado que mistura presos de diferentes periculosidades, primários e reincidentes, condenados e provisórios, todos num cenário de superlotação das casas prisionais. O Estado precisa agir, ser protagonista da segurança e conhecer o crime antes de ele acontecer.

**Palavras-chave:** Estratégia. Segurança Pública. Inteligência. Violência. Crime.

**1 Introdução**

O Brasil verifica um alto número de violência em seu território; as notícias atuais são preocupantes. Esse elevado número de crimes é consequência da guerra entre facções pelo domínio de territórios para venda de drogas.

O elo fraco da Segurança Pública, é, notadamente, o Sistema Prisional por uma ausência de estratégias eficientes do Estado, que mistura detentos de diferentes periculosidades, presos provisórios com condenados, e ainda presos primários e aqueles reincidentes de extenso histórico de criminalidade. Esse intercâmbio, aliados às transferências de presos pelas várias casas prisionais do Estado, favorece a captação de novos soldados do crime e a difusão da ideologia de cada organização criminosa.

O Estado precisa de instrumentos que possibilitem um adequado enfrentamento da criminalidade, alterando esse quadro caótico crescente. Notadamente observa-se que é de dentro das casas prisionais que partem as ordens para as facções e nesse ponto é crucial que os poucos presídios do Rio Grande do Sul que ainda não são dominados pelos grupos criminosos mantenham essa condição de reserva de neutralidade. Assim sendo, só conhecendo cada indivíduo é possível esse controle e o conhecimento prévio de suas ações ilícitas. Este trabalho apresenta-se como um instrumento de discussão sobre o avanço das facções

---

<sup>3</sup> Pós- graduação em inteligência policial

criminosas para o interior do Estado do Rio Grande do Sul, partindo-se do seguinte problema: como controlar o avanço das facções criminosas nos presídios do interior do Rio Grande do Sul? E, nesse ponto, surge a imperiosa necessidade de um investimento em inteligência prisional com investimento em tecnologias adequadas, treinamento humano e criação de um banco de dados capaz de mapear os perfis, hierarquias de comando no grupo e o deslocamento de criminosos com intenção de avanço e conquista de territórios das organizações criminosas dentro do território gaúcho.

O objetivo geral desta pesquisa é entender o serviço de Inteligência e a possibilidade de sua aplicação para os problemas da Segurança Pública no Rio Grande do Sul e os objetivos específicos são: compreender a fragilidade do sistema penitenciário dentro da segurança pública; elencar os aspectos que tornam o sistema penitenciário vulnerável à atuação das organizações criminosas; apresentar a aplicação das técnicas e metodologias da inteligência penitenciária e destacar as medidas práticas para o fortalecimento dessas fraquezas, por parte do Estado.

Dessa forma, este trabalho de pesquisa apresenta-se como um trabalho de grande importância para todos aqueles que buscam entender o cenário atual do sistema prisional gaúcho, as causas e consequências da manutenção do modelo implantado atualmente.

A elaboração deste trabalho aconteceu através de pesquisa bibliográfica com utilização de livros e de artigos em periódicos físicos e na rede mundial de computadores.

## **2 Fundamentação teórica**

### **2.1 O sistema prisional no Rio Grande do Sul**

O Estado do Rio Grande do Sul tem seu Sistema Prisional administrado pela Superintendência dos Serviços Penitenciários (SUSEPE), que é vinculada diretamente ao governo gaúcho através da Secretaria da Administração Penitenciária.

A SUSEPE é o órgão estadual responsável pela execução administrativa das penas privativas de liberdade e das medidas de segurança; foi criada e estruturada através da Lei nº 5.745, de 28 de dezembro de 1968, recebendo atribuições de ser responsável por planejar e executar a política prisional do Estado, substituindo os Departamentos dos Institutos Penais. As prisões gaúchas eram administradas pela Polícia Civil, anteriormente a esta lei, que desvinculou a Polícia Civil desta administração. O Sistema Prisional do Estado concebe unidades classificadas por albergues, penitenciárias, presídios, Cadeias Públicas, colônias

penais e institutos penais, Institutos penais de monitoramento eletrônico, os quais acolhem presos do regime aberto, semiaberto e fechado, totalizando, atualmente, 113 (cento e treze) estabelecimentos prisionais no Estado do Rio Grande do Sul.

A Lei de Execução Penal (LEP), de 1984, modificou o cumprimento das penas privativas de liberdade, permitindo as regressões e progressões de regimes, que devem ser cumpridos nos Estabelecimentos Prisionais apropriados e compatíveis.

## 2.2 A crise no sistema prisional do estado do rio grande do sul e as facções criminosas

Há uma grande falta de estratégia dentro do sistema penitenciário brasileiro e com o sistema prisional do Rio Grande do Sul não é diferente. O desafio para reprimir ou evitar mais crimes é uma constante para a sociedade, mas os agentes públicos penitenciários estão diretamente afetados com a crise que há nos presídios do país.

O crime organizado surge do descaso do Estado de efetivar políticas públicas eficientes, o indivíduo encontra-se sem perspectivas e desamparado visualizando os grupos criminosos como uma alternativa para ter acesso aos direitos.

As facções criminosas, fazendo valer da ausência do Estado, ao longo dos tempos atuam no sistema prisional com uma certa facilidade funcionando como verdadeiros “escritórios” do crime.

Dessa forma, enquanto a situação não for tratada de maneira séria e emergencial pelas autoridades competentes o sistema prisional estará tendo uma função adversa para qual foi criado funcionando como fomentadora da criminalidade. Além de que estão criando delinquentes mais embrutecidos que os anteriores, pois dentro do cárcere não se reintegra mais o indivíduo, tornando -se uma instituição que serve apenas de escola para a criminalidade.(ARIGONY;GRACIANO; SUPTITZ,2015, p.2).

O sistema prisional representa um campo fértil para atuação de organizações criminosas que conseguem extrair adeptos para sua causa transformando as prisões em verdadeiras fábricas de soldados do crime organizado. Nesse sentido, é interessante para os indivíduos ingressarem na organização pois terão proteção, comida, itens básicos de higiene, acesso a advogados e comunicação com familiares, o que não conseguiriam em uma jornada individual.

Há um mercado informal funcionando nos presídios e os presos participam de um “comércio paralelo” vendendo vários produtos e inclusive drogas. Dessa maneira, as facções cada vez mais estão crescendo e vão se consolidando como grandes grupos criminosos. A crise no sistema prisional do Rio Grande do Sul ocorre por muitos fatores e engloba toda a

estrutura e sistema público desde a falta de estrutura adequada aos presos, julgamentos errados até a falta de políticas de inteligência penitenciária para evitar mais crimes. Dessa maneira, é possível afirmar que há uma crise de âmbito institucional, mas também social a medida que há um conjunto de falhas que contribuem para o agravamento da situação (LACERDA, 2015).

O Sistema Prisional Brasileiro representa um grande desafio para o Estado, há vários aspectos que dificultam o trabalho dos gestores e agentes penitenciários, é necessário maiores articulações com outras instituições para que a inteligência penitenciária funcione efetivamente evitando mais crimes dentro e fora dos presídios.

### 2.3 Serviço brasileiro de inteligência pública

O serviço de inteligência pública abarca muitas instituições incumbidas de zelar pela paz social como a polícia e os órgãos vinculados ao sistema penitenciário. As instituições trabalham em conjunto visando facilitar a solução de crimes e facilitar a aplicação da lei de execução penal.

O Sistema Brasileiro de Inteligência(SISBIN) é formado por instituições incumbidas de executar serviços estratégicos para obter informações que serão utilizadas na tomada de decisão dos gestores públicos, pode-se destacar a Agência Brasileira de Inteligência. Dessa forma, há toda uma estrutura no país para agir em busca de dados que possibilitem a execução de atividades referentes ao serviço de Inteligência para essencialmente proteger o Estado brasileiro (LIMANA, 2011).

Dentre as subáreas do Serviço de Inteligência, a voltada à Segurança Pública é, certamente, uma das que detém a maior capacidade de potencializar o alcance de melhores resultados dos agentes estatais, na incansável busca pela paz social. Tanto é assim, que foi criado o Subsistema de Inteligência Pública.

O subsistema de Inteligência Pública foi criado pelo decreto 3.695 de 21 de dezembro de 2000, tendo como desígnio integrar as atividades de Segurança Pública desenvolvidas em todo o território brasileiro. Para maior lucidez é oportuna a transcrição do artigo inaugural do referido diploma legal:

Art. 1º Fica criado, no âmbito do Sistema Brasileiro de Inteligência, instituído pela lei 9883 de 7 de dezembro de 1999, o Subsistema de Inteligência de Segurança Pública, com a finalidade de coordenar e integrar as atividades de inteligência de segurança pública em todo o País, bem como suprir os governos federal e estaduais de informações que subsidiem a tomada de decisões neste campo. (BRASIL, 2020, p.12).

O decreto 3695 de 2000 defende a criação de um subsistema encarregado de organizar as ações de inteligência no Brasil tratando especificamente da aplicação prática da atividade intelectual em Segurança Pública, conforme verifica-se:

Art. 2º(...)§ 3º Cabe aos integrantes do Subsistema, no âmbito de suas competências, identificar, acompanhar e avaliar ameaças reais ou potenciais de segurança pública e produzir conhecimentos e informações que subsidiem ações para neutralizar, coibir e reprimir atos criminosos de qualquer natureza.( BRASIL,2020, p.12).

Os órgãos de Segurança Pública, atuantes em nosso país, devem agir de forma conjunta, com sentimento de auxílio, integração e de cooperação, independente do Ente Federado ao qual estejam vinculados ou subordinados. Nesse sentido, foi de grande importância a regulamentação do Subsistema de Inteligência de Segurança Pública, que ocorreu através da Secretaria Nacional de Segurança Pública, que editou a Resolução nº 01 de 15 de julho de 2009. A própria Resolução traz de forma muito didática alguns conceitos que permitem a compreensão e delimitação terminológica do assunto conforme verifica-se no seu Art. 1º:

§ 4º Para os efeitos desta Resolução deverão ser considerados os seguintes conceitos:

III - Inteligência de Segurança Pública: é a atividade permanente e sistemática via ações especializadas que visa identificar, acompanhar e avaliar ameaças reais ou potenciais sobre a segurança pública e produzir conhecimentos e informações que subsidiem planejamento e execução de políticas de Segurança Pública, bem como ações para prevenir, neutralizar e reprimir atos criminosos de qualquer natureza, de forma integrada e em subsídio à investigação e à produção de conhecimentos;

IV - Inteligência Policial: é o conjunto de ações que empregam técnicas especiais de investigação, visando a confirmar evidências, indícios e a obter conhecimentos sobre a atuação criminosa dissimulada e complexa, bem como a identificação de redes e organizações que atuem no crime, de forma a proporcionar um perfeito entendimento sobre a maneira de agir e operar, ramificações, tendências e alcance de condutas criminosas.(SECRETARIA NACIONAL DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2009, p.1).

A atividade de inteligência, relacionada aos serviços de segurança pública, é uma reunião de atos que utilizam técnicas especializadas de investigação, objetivando a confirmação de evidências, indícios e o conhecimento sobre atuações criminosas.

A atividade de inteligência atualmente é regulamentada e atuante no Brasil. Não há ato ilegal ou invasão de privacidade, na execução de atividades de monitoramento de suspeitos. Dentro do segmento voltado para a área de segurança pública, conforme proposto neste trabalho, entendemos que a atividade de inteligência é o instrumento diferencial do Estado, no enfrentamento da criminalidade, porque garante o acesso a dados e a informações que subsidiam a tomada de decisões como na elaboração de operações policiais.

## 2.4 A inteligência penitenciária como instrumento de controle ao avanço das facções criminosas nos presídios do interior do Rio Grande do Sul

No teor do presente estudo, realizou-se um esforço de aprofundamento voltado à análise do contexto prisional contemporâneo do Estado do Rio Grande do Sul. Dentro do modelo de prisão existente em nosso estado, é inegável o *estabelecimento e a manutenção de redes e relações entre os agentes internos do cárcere. Dessa forma, quando membros de facções criminosas adentram às casas prisionais, um ambiente sabidamente* desacompanhado de medidas ressocializadoras, estimula-se uma *proximidade* entre os encarcerados, de modo que estes passam a interligar suas redes externas- que não são desfeitas a partir do momento do cárcere- nesse cenário, *a captação de novos soldados para as facções criminosas é uma questão de tempo.*

É perceptível que as lideranças das facções, ainda que à grande distância, passam a organizar o comportamento dos presos, estabelecendo códigos de conduta, entendendo demandas dos internos, consolidando regras de convivência, instituindo julgamentos de transgressões (os chamados debates) e mecanismos de controle do comércio interno de drogas.

Uma vez instalada a facção num presídio, há uma facilidade de associações e de redes de contato entre os internos. Presos primários ou provisórios encontram na “cadeia” uma estrutura organizada, hierarquizada e ao voltarem à rua, já estarão em dívida com a facção.

O estado sulino possui uma fronteira com o Uruguai de 1003 quilômetros de limites secos ou divididos por rios, sendo que esta dimensão apresenta-se como um problema para o controle do território por parte de agentes do estado e ao mesmo tempo desperta o interesse de grupos relacionados a transações que se encontram a margem da lei na região. No caso das facções relacionadas ao tráfico de drogas, muito além de passar pelas linhas divisórias todo o caminho ao centro de dispersão de mercadorias é complexo e denota a necessidade de pensar a logística territorial . Logo, a fronteira apresenta-se como um ponto importante correlacionado a uma rede de municípios que são bases estratégicas e que fazem parte de uma rota arquitetada pelos grupos que transportam ilícitos .(DUARTE;PINHEIRO, 2015, p.3).

As organizações criminosas do Rio Grande do Sul possuem maior facilidade de conexão com pessoas de alguns países facilitando as relações ilícitas e dificultando o trabalho do Estado para reprimir atividades criminosas . Nesse sentido, é viável que a inteligência penitenciária esteja atenta à questão territorial e os contatos que grupos criminosos mantêm com outros criminosos fora do Brasil.

A melhor alternativa para evitar o ingresso de facções em presídios ainda não faccionados no Rio Grande do Sul (notadamente os do interior) é a implantação de serviço de inteligência policial e prisional capaz de identificar, já no prontuário do indivíduo, a qual

facção ele pertence; a partir disso, o ingresso no sistema seria nas casas em que as facções não estão instaladas. Além disso, com o grande avanço tecnológico, o Estado deveria valer-se de escutas telefônicas e ambientais, com a devida autorização judicial, para monitorar as lideranças negativas dentro das casas prisionais a fim de se antecipar aos ilícitos se serão executados.

Um importante mecanismo para auxiliar os agentes e gestores do sistema prisional no combate aos crimes inclusive cometidos na própria instituição criminal é a interoperabilidade, isto é, um sistema de comunicação com outros gestores penitenciários e responsáveis pela segurança pública de outros estados para otimizar o trabalho da inteligência penitenciária (LEITE, 2019).

O Departamento Penitenciário Nacional tem a função de apresentar políticas públicas para melhorar o sistema prisional contribuindo com a inteligência penitenciária e agindo como instituição que influencia todo esse processo.

Partindo dessa premissa, e levando em consideração o aumento da sofisticação, da organização e da ousadia das facções no planejamento e execução de ataques contra as instituições de segurança pública e da sociedade foi publicada a portaria nº 125 de 6 de maio de 2013 que instituiu a doutrina nacional de inteligência penitenciária (Dnepen) como instrumento orientador dos órgãos de inteligência prisional da União e das Unidades Federativas (ROCHA, 2020, p.80-81).

A doutrina nacional de inteligência penitenciária foi criada para auxiliar às unidades estaduais funcionando como um tipo de manual com dados e informações metodológicas sobre as formas de atuação dos gestores penitenciários que precisam ser consideradas.

A Dnepen é uma das alternativas estatais para orientar os mecanismos de inteligência penitenciária, a junção da contribuição das instituições públicas de segurança e jurisdicional podem trazer um auxílio relevante para melhorar todo o funcionamento do sistema prisional dificultando a ação do crime organizado.

Portanto, a produção de conhecimento de inteligência penitenciária é definida como uma sequência ordenada de atividades segundo o qual os dados são obtidos e conhecimentos são produzidos, filtrados, protegidos e formalizados em documentos de inteligência direcionados ao tomador de decisões. (ROCHA, 2020, p.81).

A inteligência penitenciária age a partir das políticas públicas penitenciárias formuladas para facilitar o trabalho dos gestores penitenciários, sendo assim, todo o processo de conhecimento das ações e atividades realizadas nos presídios, bem como o acesso aos dados dos presos e de toda estrutura prisional são acessíveis e devem ser explorados para auxiliar nas ações que visam o impedimento da atuação de facções nos presídios.

Há importantes medidas para dificultar a ação de grupos criminosos nos presídios do interior, a própria articulação entre as instituições de segurança e da justiça possibilita o

acesso ao conhecimento dos sujeitos que estão cumprindo pena, a possibilidade de reincidência e formação de grupos criminosos, não deixando de ser uma maneira para ter mais conhecimentos sobre a execução da pena, contribuir com a fiscalização dos presídios e conseqüentemente com a inteligência penitenciária.

### **Considerações finais**

A inteligência penitenciária é indispensável para melhorar o funcionamento dos presídios no interior do Rio Grande do Sul. Algumas estratégias devem ser implementadas para que a execução da pena aconteça adequadamente e novos crimes possam ser evitados e especialmente em relação à atuação de grupos criminosos como as facções.

O Estado possui algumas maneiras para agir em busca da paz social e a inteligência pública é um mecanismo que objetiva sistematizar informações para alcançar conhecimentos que possibilitem o impedimento de delitos, sendo assim, algumas instituições públicas trabalham com a finalidade de obter dados que possam contribuir com as articulações dos gestores penitenciários.

O crime organizado está crescendo nos presídios do estado sulino e as facções criminosas continuam agindo mesmo dentro do cárcere. Dessa maneira, os esforços do Estado não têm tido resultados satisfatórios que evitem a articulação de grupos criminosos e isso acontece por vários fatores como a falta de uma maior interoperabilidade, isto é, uma rede de comunicação eficiente entre estados para facilitar o trabalho dos gestores penitenciários.

Há algumas outras providências que podem ser realizadas para dificultar a atuação de facções nos presídios sulinos como implantar um sistema de escuta telefônica e ambiental para que o Estado obtenha informações prévias e possa reprimir os crimes.

Existem algumas leis e decretos que tratam sobre a inteligência pública no Brasil positivando a atuação do Estado para agir através de um serviço de inteligência eficaz que oriente ações para desvendar e evitar crimes. Porém, o Estado não tem apresentado bons resultados nesse sentido e as facções criminosas continuam crescendo e exercendo um poder paralelo na sociedade.

A inteligência penitenciária deve estar munida de dados e informações para exercer sua função, e para que isso seja possível é necessário utilizar os mecanismos tecnológicos que captam e sistematizam a informação, além disso, é fundamental existir uma articulação maior entre os responsáveis pela inteligência pública no Brasil, a interoperabilidade não pode ser descartada, pois facilita o processo de aquisição do conhecimento da ação de grupos

criminosos e conseqüentemente otimiza o trabalho dos agentes e gestores penitenciários diminuindo a atividade criminosa dentro e fora do presídio.

### Referências

ARIGONY, A.; GRACIANO, M.; SUPTITZ, C. E. Sistema Carcerário do Rio Grande do Sul: mola propulsora da criminalidade. *In: Anais da Semana Acadêmica Fadisma Entrementes*, 2015, Santa Maria, **Anais...**Santa Maria, 2015. Disponível em: sites.fadisma.com.br. Acesso em: 18 fev. 2021.

BRASIL. **Decreto 3695** de 21 de dezembro de 2000. Cria o subsistema de Segurança Pública no âmbito do Sistema Brasileiro de Inteligência e dá outras providências. Disponível em:www.gov.br. Acesso em: 18 fev. 2021.

DUARTE, T. S.; PINHEIRO, R. S. **Escalas territoriais e as facções no Rio Grande do Sul: a expansão do crime organizado para a fronteira do Brasil com o Uruguai**. Boletim geográfico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 34, p.78-98, jul/dez, 2019. Disponível em: wp.ufpel.edu.br. Acesso em: 18 fev. 2021.

LACERDA, D. **A crise no sistema prisional brasileiro**. 48f.(Monografia).Centro Universitário do Cerrado, Patrocínio , MG,2017. Disponível em:www.unicer p.edu.br. Acesso em: 18 fev. 2021.

LEITE, J. **Panorama do Sistema Prisional Brasileiro**. 29 f.(monografia ).Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, João Pessoa,2019. Disponível em: repositorio.ufpb.br. Acesso em: 18 fev. 2021.

LIMANA, R. A. S. Atividade de Inteligência: resgate histórico.In:LAITARTT,Geovaldri Maciel; LIMANA, R. A. S. **Sistema e política nacional de inteligência**: Palhoça, Unisulvirtual,2011, p.17-28. Disponível em: arquivo.edemocracia.camara.leg.br. Acesso em:20 fev.2021.

ROCHA, B. C. G. de. Análise de riscos e a doutrina nacional de inteligência penitenciária. **Revista brasileira de execução penal**. Brasília, v.1, n.2, p.73-100, jul/dez, 2020. Disponível em:rbepdepen.depen.gov.br. Acesso em: 18 fev. 2021.

SECRETARIA NACIONAL DE SEGURANÇA PÚBLICA . **Resolução n° 1 de 15 de julho de 2009**. Regulamenta o subsistema de inteligência pública e dá outras providências. Disponível em:www.migalhas.uol.com.br. Acesso em: 20 fev.2021.

# O SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO E A RESSOCIALIZAÇÃO DO APENADO COMO FUNÇÃO DA LEI DE EXECUÇÃO PENAL

## THE BRAZILIAN PRISON SYSTEM AND THE RESOCIALIZATION OF JAIL AS A FUNCTION OF THE CRIMINAL EXECUTION LAW

Roberto Ramos Garcia Batista<sup>4</sup>

### Resumo

O presente artigo é uma pesquisa bibliográfica sobre o Sistema Prisional Brasileiro e a ressocialização do apenado destacando a lei de execução penal como norma relevante para assegurar os direitos dos presos. O objetivo geral deste artigo é compreender a finalidade da Lei de Execução Penal em relação ao cumprimento da pena no Sistema Prisional Brasileiro e os objetivos específicos são: entender a definição de ressocialização para a lei brasileira ; destacar as principais funções do sistema prisional brasileiro e apresentar as normas brasileiras sobre os direitos humanos dos presos. A lei de execução penal é a norma que determina o cumprimento da pena do preso considerando a dignidade da pessoa humana e assegurando a efetividade da sentença criminal.

**Palavras-chave:** Sistema Prisional Brasileiro. Ressocialização. Lei de Execução Penal. Direitos Humanos.

### 1 Introdução

O Sistema Prisional Brasileiro diz respeito aos vários estabelecimentos de âmbito prisional que existem no Brasil e tem o encargo de ressocializar o indivíduo e possibilitar a reeducação para a vida social comum.

A norma penal e a norma processual penal devem ser consideradas pelos gestores prisionais, e especialmente a Lei de Execução Penal que traz orientações compulsórias sobre a concretização do cumprimento da decisão criminal.

A Lei de Execução Penal determina medidas para o apenado cumprir a pena ressaltando o respeito à dignidade humana como medida precípua para o cumprimento da sanção. Quais as funções da Lei de Execução Penal Brasileira em relação ao cumprimento da pena? A Lei de Execução Penal tem a responsabilidade de apresentar um caráter pedagógico e reintegrar o apenado à sociedade na perspectiva de assegurar condições favoráveis para evitar novos delitos.

A função da norma penal é possibilitar ao preso uma nova visão e perspectiva social, educando o indivíduo para a recuperação da sua dignidade enquanto sujeito de direitos no Brasil. O objetivo geral desta pesquisa é compreender a finalidade da Lei de Execução Penal

---

<sup>4</sup> Pós- graduação em segurança pública

em relação ao cumprimento da pena no Sistema Prisional Brasileiro e os objetivos específicos são: entender a definição de ressocialização para a lei brasileira; destacar as principais funções do sistema prisional brasileiro e apresentar as normas brasileiras sobre os direitos humanos dos presos.

Este estudo tem relevância para a comunidade acadêmica a medida que possibilita a aquisição de conhecimentos sobre o Sistema Prisional Brasileiro discorrendo sobre as principais medidas utilizadas para ressocializar os presos e justifica-se pela necessidade de entender mais sobre o assunto.

O estudo trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico, foram utilizados autores como Kallas (2019) e Vieira (2020) que auxiliaram no embasamento do texto. Assim, a fundamentação teórica foi enriquecida com fontes utilizadas a partir de textos pesquisados em materiais físicos e digitais trazendo confiabilidade à pesquisa.

## **2 Fundamentação teórica**

A Lei de Execução Penal é um dispositivo legal que estabelece o funcionamento dos órgãos de execução penal, os direitos e deveres dos condenados e traduz a maneira de execução da pena efetivando a determinação da decisão criminal. O objetivo principal da LEP é ressocializar o indivíduo a partir da concretização de políticas prisionais.

A Lei de Execução Penal regulamenta o Sistema Penitenciário do Brasil tendo como previsão legal a forma de cumprimento das penas além de dispor sobre os direitos do egresso à sociedade. O Estado é o órgão garantidor da efetivação desses direitos que ao não cumprir a sua função social conduz esses indivíduos a reincidência criminal. (SOARES, *et. al.*, 2015, p.60).

O Sistema Prisional Brasileiro é normatizado pela Lei de Execução Penal e está tipificado na norma as responsabilidades e incumbências dos órgãos de execução, bem como os direitos dos apenados relativos à educação, à recreação, desporto, trabalho e outros mais.

O Estado é a instituição responsável pela prisão do indivíduo e está incumbido de agir no Sistema Prisional garantindo a efetivação de serviços referentes à recuperação social e moral do apenado.

A Lei de execução Penal é regulada por princípios que norteiam a sua execução para que seja respeitada a garantia do condenado e o processo esteja sendo efetuado dentro da regularidade. De acordo com a doutrina há vários princípios que regem a execução penal devendo sempre estes estarem em consonância com os princípios constitucionais (MOREL, 2016, p.21).

Os princípios da Lei de Execução Penal são muitos e estão correlacionados com os princípios constitucionais. Assim, alguns princípios basilares que podem ser destacados são: o

princípio da igualdade, o princípio da legalidade, o princípio da proporcionalidade, o princípio da humanidade, o princípio da individualização da pena, e o princípio reeducativo.

O princípio da humanidade assegura a integridade física e mental do apenado a medida que a dignidade da pessoa humana deve ser respeitada e penas cruéis não são aceitas no ordenamento jurídico brasileiro.

É preciso entender e ressaltar que o infrator por qualquer que tenha sido seu crime não perde seus direitos, não perde a sua condição de humano ,portanto deve ter sua dignidade e seus direitos fundamentais preservados por mais que a sociedade não se conforme com aqueles que não respeitam as leis de convivência. (KALLAS, 2019, p.74).

Os apenados têm seus direitos assegurados especialmente a partir da Constitucional Federal e da Lei de Execução Penal . Nesse sentido, há uma série de políticas públicas para possibilitar a ressocialização do sujeito e proporcionar novas perspectivas para a sua inserção social.

O princípio da individualização da pena traz garantia a uma sanção justa possibilitando uma dosimetria adequada para cada sujeito. Nesse sentido, há uma análise do perfil do indivíduo, há uma verificação dos antecedentes e também um estudo para averiguar se existem possibilidades para cometimento de novos delitos.

O princípio reeducativo almeja a ressocialização do apenado reintegrando o sujeito para uma vida social comum, despertando uma consciência para o exercício das práticas sociais desvinculada de novos crimes. Dessa maneira, O Estado deve possibilitar condições para a recuperação do infrator , sendo assim, a lei de execução penal afirma que:

Art.10 A assistência ao preso e ao internado é dever do Estado, objetivando prevenir o crime e orientar o retorno à convivência em sociedade.

Parágrafo Único. A assistência estende-se ao egresso.

Art.11. A assistência será:

I-material ;

II-à saúde;

III- Jurídica;

IV- Educacional;

V-social ;

VI-religiosa.(BRASIL, 2019, p.199).

A Lei de Execução Penal elenca os tipos de assistência que os apenados têm direito reafirmando o seu caráter pedagógico para prevenir novos crimes. Nesse raciocínio, entende-se que há uma série de medidas executadas pelo Estado Penal para ressocializar os indivíduos, mas que na prática não se constituem em resultados satisfatórios integrais.

A Constituição Federal é a primeira norma a ser considerada para o entendimento dos direitos do apenado e também para a compreensão do papel do Estado frente aos atos criminosos .

Art.5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros à inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade nos termos seguintes:  
LXI-Ninguém será preso senão em flagrante delito ou por ordem escrita e fundamentada de autoridade judiciária competente, salvo nos casos de transgressão militar ou crime propriamente militar, definidos em lei.(BRASIL,2016, p.13-16).

A Constituição Federal traz de maneira clara a possibilidade de privação da liberdade de uma pessoa, mas considerando requisitos legais que devem ser rigorosamente observados pelo Estado para não culminar em uma injustiça contra a liberdade do cidadão.

O Sistema Prisional Brasileiro expõe muitas falhas e muitas vezes o apenado fica suscetível à violência, às condições insalubres e acaba até prejudicando consideravelmente sua saúde mental e/ou física.

Percebe-se, portanto, que o Sistema Penal Brasileiro é complexo dotado de contradições e problemas que dificilmente serão resolvidos a curto prazo ou com medidas imediatistas, todavia, novos caminhos vêm sendo propostos ao longo das últimas décadas, sobretudo no que diz respeito às penas alternativas que priorizam o próprio contato social do apenado como forma de ressocialização em detrimento da privação de sua liberdade (FONSECA; RODRIGUES, 2017, p.42).

O Sistema Prisional Brasileiro apresenta algumas deficiências estruturais e na efetivação das políticas de ressocialização como ambientes insalubres, falta de higiene, celas lotadas, inadequadas e desproporcionais. No entanto, algumas medidas estão sendo tomadas para diminuir os danos do encarceramento como a fixação de penas alternativas.

Nesse âmbito, pode-se inferir que o Sistema Prisional Brasileiro apresenta sim uma série de carências, mas que a mobilização do poder público, da sociedade e a adoção consciente das penas alternativas podem contribuir de modo considerável para diminuição dos problemas carcerários além de auxiliar na aplicação de medidas benéficas para a ressocialização daqueles que por terem se desviado da boa conduta acabaram por cometer crimes colocando em risco o bem-estar social. (SILVA, 2012, p.19).

Os problemas na esfera prisional podem ser diminuídos com ações legais que assegurem o cumprimento da lei e possibilitem melhores resultados para a vida do condenado e para a sociedade. Há algumas situações que o Estado jurisdicionado poderá optar por penas diferentes da privação de liberdade contribuindo com a diminuição de presos e garantindo melhores possibilidades para a recuperação do apenado.

O cumprimento da pena é realizado de acordo com a complexidade do crime e considerando a dosimetria da pena podendo ser em penitenciária; colônia agrícola, industrial ou similar e casas do Albergado. Há ainda casos concretos específicos de indivíduos que não possuem discernimento necessário para compreender a sua atuação em atos criminosos sendo encaminhados ao hospital de custódia e tratamento psiquiátrico.

Importa reiterar que é direito de todos os cidadãos mesmo que tenham cometido ato delituoso serem tratados com dignidade e respeito no intuito de amenizar a privação

da liberdade e garantir a reinserção ao convívio social. Para tanto se faz necessário adotar políticas que promovam a recuperação do preso tendo como ferramenta básica a Lei de Execução Penal e seus dois eixos: punir e ressocializar (MUNIZ *et. al.*, 2018, p.11).

A ressocialização é a finalidade almejada pelo Estado quando executa uma prisão, os legisladores brasileiros entendem que o período que o indivíduo está privado da liberdade é o momento para o mesmo refletir sobre a relevância do direito de ir e vir, criar uma consciência da importância de se integrar à sociedade através do estudo e trabalho.

O Estado tem o objetivo de punir e aplicar a ordem penal aplicando sanções para corrigir o comportamento do apenado, porém a reinserção do indivíduo à sociedade de forma integrada representa o seu maior desafio.

Sabe-se que apenas a privação de liberdade única e exclusivamente não favorece a ressocialização. O quadro onde se emoldura o sistema carcerário brasileiro é completamente desumano e fora dos limites aceitáveis do que se deseja. Colocar em xeque as estruturas e as explicações tidas como inabaláveis, além de propor alternativas para o enfrentamento da questão são pontos de extrema importância numa perspectiva de mudança. Faz-se necessário algo que extrapola as regras mínimas para que haja uma mudança de panorama. E a educação apresenta-se como adjuvante desse processo de transformação (VIEIRA, 2020, p.23).

A prática da privação de liberdade por si não acarreta muitos resultados satisfatórios para a vida do apenado, é indispensável a execução de políticas prisionais concretas e que alterem a realidade do preso, sobretudo investir no processo educacional nas prisões brasileiras e possibilitar oportunidades integradoras reais de inclusão à sociedade.

A finalidade da Lei de Execução Penal Brasileira é fundamentalmente executar o que foi determinado na sentença criminal a partir da ressocialização do apenado assegurando o respeito à sua dignidade humana.

O Sistema Prisional Brasileiro tem o encargo de receber o infrator e exercer na prática prisional ações assistências que garantam a sua integridade física e mental, além disso, tem a responsabilidade de apresentar atividades que ofereçam oportunidades para uma mudança efetiva na vida do preso.

Há um anseio social por justiça que exige providências estatais para compensar os danos infringidos à vítima e a ofensa moral provocada à sociedade, a prisão é também um meio do Estado responder ao desejo de justiça da sociedade, um meio de reprovar comportamentos não convencionais (KALLAS, 2019). As normas brasileiras sobre direitos humanos são dispositivos legais basilares que orientam e obrigam o Estado brasileiro a tratar o apenado com respeito e dignidade, destaca-se a própria Lei de Execução Penal, criada para executar a determinação jurisdicional. A qualidade de vida de um preso brasileiro é insatisfatória do ponto de vista humano, as condições precárias dos presídios, a superlotação

em celas e a falta de serviços que possibilitem a assistência básica do preso muitas vezes inviabilizam a recuperação do infrator prejudicando cada vez mais o sistema prisional brasileiro. (FONSECA; RODRIGUES,2017).

A ressocialização é um processo contínuo que objetiva resgatar valores da dignidade do indivíduo preso e possibilitar uma trajetória distinta na sua vida, não é uma função fácil para o Estado, mas é viável e necessária não só para melhorar a vida do apenado, mas também para transformar a realidade social.

### **Considerações finais**

A Lei de Execução Penal é a norma que tipifica a atuação do Estado em relação à execução e o cumprimento da sentença de âmbito criminal. Dessa maneira, há nesse dispositivo legal as formas de atuação dos órgãos de execução e as atribuições e limites de suas atividades.

A Lei de Execução Penal trata sobre os direitos e os deveres dos presos brasileiros considerando os princípios constitucionais e os próprios princípios elencados na lei essencialmente o princípio da dignidade da pessoa humana como fundamento basilar de toda atuação dos agentes do Sistema Prisional Brasileiro.

A finalidade da Lei de Execução Penal é trazer fundamentos para a concretização da decisão judicial e apresentar a forma que o Sistema Prisional Brasileiro deve agir no processo de recuperação do infrator.

É dever do Estado prestar assistência material, educacional, jurídica e social ao apenado, além disso, também deve cuidar da saúde física e mental do infrator, todos esses serviços devem auxiliar a viabilização da sua reinserção social.

Sabe-se que o Sistema Prisional Brasileiro é deficiente possuindo falhas em sua estrutura e na prestação dos serviços. Nesse sentido, as políticas prisionais brasileiras precisam ser implementadas de maneira efetiva possibilitando uma real recuperação do indivíduo preso e proporcionando uma transformação social.

A sociedade anseia por justiça social e almeja uma punição exemplar ao infrator para diminuir os danos ocasionados à vítima, no entanto, mais que punir a norma de execução penal objetiva ressocializar o infrator e assegurar a sua integridade física e mental possibilitando uma nova oportunidade para a sua inserção social integral.

O Estado jurisdicional é o encarregado de determinar a privação da liberdade de um indivíduo e ao mesmo tempo tem a função de apresentar medidas que assegurem a dignidade

humana e a ressocialização do infrator. Assim, é indispensável concretizar os direitos dos apenados que foram determinados na Constituição Federal e na LEP e garantir um processo de recuperação que viabilize a sua recuperação social.

## Referências

BRASIL. **Coletânea Básica de Penal**. 9. ed. Brasília: Senado Federal, coordenação de edições técnicas, 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, coordenação de edições técnicas, 2016.

FONSECA, C. E. P.; RODRIGUES, J. M. Contextos de ressocialização do privado de liberdade no atual Sistema Prisional Brasileiro. **Revista multitema**, v. 5, n. 1, 2017. Disponível em: [www.ead.unimontes.br](http://www.ead.unimontes.br). Acesso em: 13 jan. 2021.

KALLAS, M. R. A falência do Sistema Prisional Brasileiro: um olhar sobre o encarceramento feminino. **Direito em movimento**, Rio de Janeiro, v.17, n.1, p.62-89, 2019. Disponível em: [www.emerj.tjrj.jus.br](http://www.emerj.tjrj.jus.br). Acesso em: 13 jan. 2021.

MOREL, Samantha de Moraes Gonçalves. **A concretização da Lei de Execução Penal no presídio Arroio do Meio/RS**. 108 f.(monografia). Centro Universitário Univates, Lajeado, 2016. Disponível em :[www.univates.br](http://www.univates.br). Acesso em: 13 jan. 2021.

MUNIZ, K.C.C. *et. al*. Políticas públicas penitenciárias no Brasil: uma análise da política de ressocialização e da atuação do assistente social na garantia dos direitos dos apenados. *In: Anais do 16º encontro de Pesquisadores em Serviço Social, Ética, Direitos Humanos e Serviço Social*, 2018, Vitória, **Anais...Vitória**, ENPESS, 2018. Disponível em: [periodicos.ufes.br](http://periodicos.ufes.br). Acesso em: 14 jan. 2021.

SILVA, P. S. R. da. **Ressocialização do ex-detento no Brasil**. 50 f.(Especialização). AVM pós-graduação, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em:[www.avm.edu.br](http://www.avm.edu.br). Acesso em: 14 jan. 2021.

SOARES, A. M . *et. al* . Lei de Execução Penal ( LEP) em Penitenciária de Segurança Máxima para ressocialização de apenados: análise de políticas públicas. **Revista multitema**, Montes Claros, v. 5, n.1, jan/jun, 2015. Disponível em: [www.ead.unimontes.br](http://www.ead.unimontes.br). Acesso em: 13/01/2021.

VIEIRA, Y. L. D. Educação como prática de ressocialização na perspectiva dos privados de liberdade da penitenciária de segurança média Juiz Hitler Cantalice. 53 f.(monografia). Universidade Federal da Paraíba, **Centro de Educação**, João Pessoa, 2020. Disponível em: [repositorio.ufpb.br](http://repositorio.ufpb.br). Acesso em: 13 jan. 2021.

# UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA DANÇA PARA USUÁRIOS DE CADEIRA DE RODAS: UMA NOVA PERSPECTIVA DE AULA PARA O DOCENTE NA ÁREA DA DANÇA.

AN EXPERIENCE REPORT IN DANCE FOR WHEELCHAIR USERS: A NEW PERSPECTIVE OF LESSON FOR TEACHERS IN THE DANCE AREA.

Mateus Vasconcelos

## Resumo

O presente trabalho, relata as experiências obtidas a partir das observações e das práticas, desenvolvida na Cia Dançando sobre rodas, uma cia de dança específica para pessoas com deficiência usuárias de cadeira de rodas, cuja a realização aconteceu na cidade de Taubaté, São Paulo com seis bailarinas. Este relato tem como objetivo, compartilhar as experiências e metodologias criadas durante estes seis anos de estudo como coreógrafo e professor, cuja a pretensão foi realizar processos didáticos relacionados ao movimento para pessoas com deficiência, possibilitando descobrir suas potencialidades e uma movimentação mais orgânica das bailarinas. Para subsidiar a pesquisa, contou-se com a contribuição teórica de: Carvalho (2004), Nanni (2003), Arruda (1998) e Minello (2006). Para tanto, a metodologia que sustenta este relato esta pautada na observação participante e uma análise de conteúdos corporais profundas. Nos resultados alcançados percebe-se a importância do trabalho como uma forma de inclusão, e que é possível perceber uma grande quebra de paradigma que a pessoa com deficiência pode sim projetar seus movimentos da forma e tempo que for necessário, e com isso houve mais compreensão de propostas corporais, um auto estima entre elas e até mesmo uma nova perspectiva de movimentação por meio do uso da tecnologia. A dança para cadeirantes é de grande importância para a formação de outros docentes, voltada para a área da dança inclusiva, principalmente nas escolas de dança. Pode se considerar que a dança inclusiva é uma etapa essencial para quebrar paradigmas mediante a constituição da tradição da dança, contribuindo assim para a construção da identidade profissional do mesmo. As conclusões apontam para a importância o docente precisa levar em consideração que este corpo deficiente estará sempre em continuo processo de construção, ou seja, quanto mais for o número de experiência que ele propor a bailarina, tanto motora quanto afetiva, melhor será a sua chance de se desenvolver integralmente.

**Palavras-chave:** Inclusão. Dança. Metodologia.

## 1 Introdução

A Dança para usuários de cadeira de rodas tem um papel fundamental no desenvolvimento da pessoa cadeirante, pelas possibilidades de ações que envolvem a construção do pensamento, associações de ideias para produzir um movimento associado a música ou que tenha conotação afetiva-emocional ou reacional, fundamentadas para organização espaço-temporal. Além disso, é uma meio favorável para que o docente observe este ser em movimento, dançante que constrói conceitos e ideias sobre o seu próprio corpo e sua deficiência, tendo uma comunicação por meio da linguagem corporal, desenvolvendo um

olhar para o docente não só pela parte estética física, mas também para um olhar artístico deste ser em movimento, fazendo dessa observação um meio de refletir sobre a dança formando docentes conscientes e pesquisadores de movimento. Como educador e praticante da referida arte inclusiva, percebo o quanto é deficiente a arte entre rodas para a sociedade contemporânea. Partindo da necessidade de trazer uma reflexão sobre a importância do quanto pode ser rico ao docente a sua observação e criação de meios que possam criar um desenvolvimento para os usuários de cadeira de rodas, realizou-se uma breve pesquisa, buscando referenciais teóricos que expusessem o olhar sobre a reformulação do movimento para pessoas com deficiência, trazendo uma reformulação na dança para usuários de cadeira de rodas.

Valdevite (2010) relata em um dos seus textos que a dança promove melhora do equilíbrio, postura e direção, pelo fato desta ser determinada por movimentos locomotores, conscientização, alinhamento do corpo, ritmos, e direções espaciais, além de favorecer positivamente aspectos emocionais, pois mostra ao deficiente uma nova forma de comunicação.

Diante tudo isso, podemos questionar sobre o porquê de os docentes na área da dança não criarem metodologias ou estudos, já que são tão claros os benefícios e influência desta conscientização corporal, trazendo uma influência cultural da sociedade?

## **2 Metodologia**

A formatação da sistematização e observação foram realizadas na Cia Dançando sobre rodas no Município de Taubaté-SP. As duas propostas de pesquisa de trabalho corporal e coreográfico foram construídas de uma forma coletiva, e postas em prática pelo diretor e professor da cia de dança Mateus Vasconcellos.

A observação corporal e prática ocorreram com seis bailarinas usuárias de cadeira de rodas ao longo da trajetória da Cia durante seis anos, sendo reformulada no ano de 2020, trazendo o formato de aulas e pesquisas corporais online. A Cia conta com direção, bailarinas, assistente geral e voluntários rotativos para cada evento. Visto que, o tempo desta formulação e prática, como já dito, foi desenvolvido ao longo de seis anos, dando início no ano 2016 e concluindo alguns caminhos de pesquisa corporal em 2021. A rotina da Cia é dividida em dois dias de aula até março de 2020, sendo um dia de técnica corporal e técnica de manuseio a cadeira e outro artístico, proporcionando contato e improvisação e criação individual e coletiva. Após março de 2020, as aulas passaram a ser de forma remota e sendo uma vez por

semana com duração de 1h30 minutos, proporcionando mais o lado técnico para a manutenção corporal das bailarinas. Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam os fenômenos em seus cenários naturais, tentando entender os termos dos significados que as pessoas a eles conferem. Seguindo essa linha de raciocínio, Vieira e Zouain (2005) afirmam que a pesquisa qualitativa atribui importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos aos discursos e aos significados transmitidos por eles. Nesse sentido, esse tipo de pesquisa preza pela descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que os envolvem. Durante as aulas também foi utilizada a observação participante como um dos fatores mais importantes na pesquisa corporal que de acordo com Deslandes (1994),

Se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos [...] a importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real (DESLANDES, 1994, p. 60).

As formas de registro escolhidas foram a de nota de campo e a fotográfica, baseadas fundamentalmente na observação e nos movimentos de intervenções. Essas formas de registro proporcionam um mecanismo que junto docente e bailarinas puderam traçar uma metodologia, assim como as intervenções realizadas no processo de criação.

No processo também foi utilizado a vídeo gravação, pois é uma rica fonte de elementos de estudos, especialmente, em pesquisas que precisam ser analisadas não só a parte artística, mas também a parte anatômica da bailarina, afinal, como registrar tantos detalhes, tantas relações e pesquisas para depois analisar sobre o que foi desenvolvido? O corpo por si só fala, e muitas vezes, não conseguimos traduzir à primeira vista.

### **3 Resultados e discussões**

#### **Cia. Dançando sobre rodas**

##### **3.1 Observação**

Durante todo este período de observação foi notória a falta de confiança e repertório corporal, pois a movimentação delas eram “engessadas”, baseadas apenas na movimentação de braços, e simples giros na sua cadeira de rodas, estando sempre quietas ou esperando um

comando do docente. Quando se buscou fazer com que elas trabalhassem seu movimento expressivo, improvisação para se trabalhar um momento de movimentação livre, não se obtinha tanto resultado. Durante os anos de Cia, ocorreram muitas apresentações, ensaios, turnês internacionais, gravações de clipes e montagens coreográficas, por meio de ensaios e apresentações foi possível perceber a importância do docente consciente, que proporcionou técnicas e caminhos para que aquelas bailarinas usuárias de cadeira pudessem compreender seu espaço e seu lugar na dança, tendo em vista a relação das bailarinas com a sua movimentação e a maneira como elas enxergavam a dança e seu corpo. No início dos ensaios e montagens, as bailarinas mostravam-se distantes da concepção que o docente propunha, o docente não compreendia os caminhos que pudessem permear uma dança inclusiva. As bailarinas mostravam-se distante, pois não havia uma estruturação de aula que tivesse uma demanda de estímulos e movimentos extraídos da própria bailarina.

Em uma conversa com os demais docentes de escolas de dança foi constatado a falta de formação e materiais que retratem a dança inclusiva de uma forma geral, sendo também afirmado que algumas formações sobre dança inclusiva eram vagas ou sem aprofundamento de pesquisa e observação.

Em janeiro de 2021, o último mês de observação para este artigo, foi feito um teste, uma docente foi convidada para observar as bailarinas e como elas reagiam mediante as aulas online e toda sua progressão técnica e artística, nas aulas foram exploradas técnicas em que as usuárias de cadeira de rodas fossem ao chão e dançassem, até as técnicas na cadeira de rodas. A partir da observação de uma docente de fora da Cia, o docente pode perceber as necessidades na formulação da metodologia, técnica ou sistematização de uma dança mais favorável a usuárias de dança de cadeira de rodas. Neste dia de teste, foi conectado a uma plataforma digital, em que todas as bailarinas fizeram sua aula de 1h30 minutos, dividido no processo técnico estudado e parte artística, proporcionando o improviso corporal.

A reação das bailarinas foi um pouco de insegurança devido ao processo digital ser uma novidade, tinha músicas que possuíam apenas instrumentos e na improvisação uma música mais agitada que elas já conheciam. Durante o processo da aula observada pela outra docente, buscou-se aprofundar mais no processo técnico, nos mecanismos de repetição e entendimento da bailarina, isto se torna um pouco desgastante para o entendimento das mesmas por não ter um auxílio presencial. Esse movimento de não ter auxílio causou uma preocupação no docente, pois o processo técnico é um dos mais importantes para a fundamentação metodológica, e foi a partir desta necessidade que as intervenções foram pensadas. Tentou-se responder às questões: o que será necessário para as bailarinas se

apropriarem da técnica a distância? Qual recurso poderá ser utilizado a favor de desenvolver este processo técnico e artístico online?

### 3.2 Planejamento

Diante das dificuldades observadas pela docente convidada e pelo docente que aplica os processos, algumas questões foram levantadas e a principal foi pensar uma forma que elas pudessem desenvolver a proposta técnica, de forma mais fragmentada e consciente, trazendo para a realidade corporal de cada uma. Para desenvolver esse processo foi usado a gravação de áudio descritivo de cada exercício para que as bailarinas estudassem durante os dias que não tinham aula, assim elas ficavam familiarizada com a nomenclatura e exercitavam a memorização do exercício proporcionando um grande rendimento.

Diante disso, Minello (2006) diz que “o objetivo maior em ensinar dança é juntamente ir de encontro a toda e qualquer vivência corporal pela qual as pessoas com quem estivermos trabalhando, possam se apropriar e se relacionar com a dança”. (MINELLO, 2006, p. 39). Não há dúvidas que o docente deve sempre valorizar a bagagem da vivência corporal que o ser dançante traz consigo, e a partir disso, o docente deve proporcionar diferentes formas de movimentações e perspectivas corporais. Essas vivências têm um papel significativo tanto no movimento em si, como na mudança de perspectiva da bailarina, tornando-as mais confiantes, comprometidas, criativas e críticas perante a sociedade.

A dança inclusiva é fundamental para as pessoas com deficiência. Algumas pessoas com deficiência seguirão o lado artístico e profissional, outras irão praticar com o cunho mais de socialização, e o docente precisa perceber isso, pois muitas destas pessoas podem utilizar da dança como uma maneira de superar seus limites e provar que são capazes de dançar ou de executar tal movimento. Cabe ao docente fazer uma análise das aulas online e proporcionar uma maneira para que as bailarinas conheçam as técnicas de execução do movimento, além de utilizar artifícios para adotar atitudes de valorização e apreciação na construção dos movimentos por meio dos áudios.

Quando nos damos uma chance de explorar o novo, a movimentação por meio daquele artifício, que no caso é uma tela, sem compromisso a primeira instância, e depois como uma técnica fragmentada respeitando o tempo de cada bailarina, vários benefícios e movimentações são adquiridas com o tempo. Sobre isso afirma Arruda, (1988, p. 15) “a arte do movimento, além de desenvolver as formas individuais e coletivas de expressão de criatividade de espontaneidade, concentração, autodisciplina, promove uma completa

interação do indivíduo (...)”. Mediante estas constatações é preciso que o docente busque estar atento ao que está acontecendo na sociedade e estar atento ao que o corpo da bailarina deficiente diz. Perceber quais os movimentos que estão sendo realizados nos estudos online, considerar uma nova forma de criar possibilidades corporais com a tecnologia, promover outras e/ou várias interações e expressões corporais por meio da dança inclusiva, para que de fato ocorra um aprendizado mútuo, integrado e global entre docente e bailarinas que irão repercutir para outros profissionais e bailarinos com deficiência. Esse processo metodológico precisa ser observado com um aprofundamento do docente partindo de fatores primordiais sendo eles: o psicológico, que proporciona formas de expressar o sentimento, o social, que desenvolve formas individuais e coletivas de expressão, de criatividade, e o motor, que tem o objetivo de ampliar o “acervo motor” das bailarinas. Nesse sentido, Nanni (2003) afirma que “o educando é um ser dinâmico, com múltiplas habilidades físicas e intelectuais e outras, portanto, com várias indagações naturais. O movimento é de vital importância para seu desenvolvimento” (NANNI, 2003, p.7).

### 3.3 As intervenções nas aulas online

Percebemos que a dança tem uma grande contribuição no social, cultural e político, ou seja, que o docente seja capaz de criar raízes que irão perpetuar benefícios aos bailarinos, e que o mesmo possa analisar as potencialidades de desenvolvimento e aprendizagem, conhecendo as limitações e adaptando-se às diversas formas de explorar o corpo da sua bailarina. Pensando nisso, Carvalho (2004) diz que:

Uma vez valorizada a diversidade (quero e ajo para que meus alunos tenham experiências e saberes múltiplos), não se terá mais a inquietação de responder sobre se alguém aprendeu como o outro, mas de observar e acompanhar curiosamente o jeito sempre inusitado e mágico de cada um viver, de cada um vir-a-ser, no seu tempo e a seu tempo, cuidando, acolhendo, compartilhando diferentes jeitos de aprender. (CARVALHO, 2004, p. 9)

Partindo do pressuposto que a dança inclusiva deve significar a transposição de barreiras e afirmação de conquistas diante da sociedade, Garret (1993) diz que a dança é uma forma singular de ver e explorar o mundo e, pode levar as pessoas a refletirem sobre elas mesmas, sobre a cultura e sobre seu modo de viver.

Desse modo, a percepção do docente mediante as adaptações necessárias para as aulas no formato online deve tratar a concepção de sociedade, tirando a concepção do ser humano perfeccionista, de um certo modelo estético e fisiológico de dança e incluir todas as potencialidades exploradas ao longo da pesquisa. Para isso foram desenvolvidas aulas que

envolvessem uma nova perspectiva de dança como forma de compreender o processo corporal na contemporaneidade, utilizando de artifícios mecânicos e possibilitando processos coreográficos que tragam uma reflexão, entendendo que incluir de fato não tem a ver com a adaptação de tudo, somente daquilo que é necessário. As intervenções aconteceram de maneiras mensais, pois a adequação dos exercícios é de forma fragmentada para que possamos compreender todo o processo corporal e técnico.

No primeiro mês de intervenção, iniciou-se com um processo corporal utilizando objetos, o qual se pretendeu usar elementos do cotidiano e até mesmo adaptar-se ao ambiente que a bailarina estava no momento da aula online, proporcionando um estímulo para descoberta de possibilidades de movimentação corporal. A aula aconteceu em uma plataforma digital, as bailarinas estavam nas suas casas, onde cada uma pode escolher um objeto que mais favorecia sua estrutura fisiológica. No seu desenvolvimento, as bailarinas escolheram elementos como bola, foi pedido para que elas passassem o objeto por todo seu corpo, às vezes transferir o peso, tentar soltar e pegar a bola, foram estimuladas e desafiadas a perceber fotografias corporais que pudessem aproveitar em seu momento coreográfico. As bailarinas no início estavam com dificuldade de entender a proposta, porém, conforme repetia-se a explicação trazendo a pauta os objetivos, elas demonstravam mais interesse em manusear a bola ou objeto proposto. Em seguida começaram aparecer os resultados de descobertas corporais e após este processo, foi pedido que retirassem a bola para repetir o mesmo processo sem o objeto, proporcionando às bailarinas uma liberdade de conduzir sua movimentação por um repertório já conhecido. Nesse processo foi possível estimular a psicomotricidade de uma forma geral e também seu processo de percepção corporal.

No segundo mês, foi utilizado o processo de contato com o chão, pois faz-se necessário tirar a bailarina da sua zona de conforto que no caso é sua cadeira de rodas. Muitas vezes ela fica limitada àquela condição, mesmo sabendo que ela realmente pode evoluir muito mais, e o contato com o chão neste primeiro momento é importante para que ela possa sentir as partes do corpo no chão e seus possíveis movimentos. Vale ressaltar que o primeiro contato que a aluna deve ter é dela com o chão, e não dela com o professor. No seu desenvolvimento, precisou que nos primeiros dias de aula, a aluna tivesse um contato íntimo com o chão, para ela criar confiança em certos movimentos e até mesmo prepará-la para uma possível queda.

Observa-se que os exercícios aplicados no chão são variáveis, como uma forma mais artística. Mas o que precisa estar claro ao docente é que ele precisa conquistar a confiança dos alunos, trabalhar com ele no chão, apoio de corpo, e principalmente sua força muscular. As bailarinas, não tinham o domínio do contato com o chão, o que dificultava mais ainda, por ser

uma aula no formato online; o docente teve que recorrer à diversas formas de aplicar o mesmo exercício utilizando colchão, colchonetes e até o próprio chão ao longo desta pesquisa. Foram trabalhados apoios e rolamentos com as bailarinas, e isso fez com que elas sentissem o peso do corpo e que o trabalho de chão é necessário. Nesse processo, foi possível estimular o contato com o chão e principalmente prepará-las para cair no chão de uma forma que não se machucassem caso aconteça em um ensaio ou apresentação.

No terceiro mês, foi utilizado o processo de improvisação com objetivo de estimular o lado artístico, pois na Cia Dançando Sobre Rodas as aulas são divididas em dias técnicos e dias artísticos, para que a bailarina possa realmente dançar e descobrir movimentações; foram aplicados desafios, momentos e músicas que elas puderam sentir que estão no caminho certo. A aplicação deste exercício é fundamental principalmente no dia que você percebe que as bailarinas estão cansadas fisicamente, funcionando como uma válvula de escape, pois elas começam a reproduzir movimentos que viram em algum lugar ou que estavam ensaiando há muito tempo. Colocou-se uma música e o docente pediu para elas desenvolverem algumas formas geométricas, alguns níveis e transições de cadeira para o chão, chão para cadeira, momentos em que todas têm que dançar igual, outros momentos todas têm que tocar umas nas outras. Fazendo este roteiro, além de dar espaço para suas bailarinas criarem aquilo que para elas é dança, o docente está ajudando no futuro processo coreográfico. O docente acredita que este momento é o mais importante para suas bailarinas, elas, às vezes, se veem e o docente mostra para elas o poder de criar e ser quem realmente são na dança, aí o amadurecimento corporal começa a surgir e o docente a prepará-las para o palco.

Por fim, foi realizado o processo coreográfico a distância, o qual tinha por objetivo estimular a autonomia e colaborar com a absorção de todo este estudo desenvolvido ao longo destes 3 meses online e 6 anos de contextualização corporal e fundamentação técnica para usuários de cadeira de rodas. Após receberem uma roteirização descritiva e áudio descritivo de como seria a gravação, a movimentação e a forma de interpretar corporalmente, o docente deixou livre a interpretação da leitura, favorecendo entre elas diálogos e até mesmo uma nova forma de produzir arte por meio de vídeo art. O ponto negativo deste processo é que algumas bailarinas não podiam contar com ajuda de responsáveis e a gravação ficou com uma qualidade inferior das bailarinas que tiveram ajuda. Desse processo, saiu um resultado formidável, houve uma quebra de pesquisa corporal, com o uso da tecnologia e assim tendo novas perspectivas de dança e movimentação.

Diante deste processo relatado em três meses de observações e intervenções foi possível perceber uma grande quebra de paradigma que a pessoa com deficiência pode sim

projetar seus movimentos, e com isso houve mais compreensão de propostas corporais, um aumento de autoestima entre elas e até mesmo uma nova perspectiva de movimentação por meio do uso da tecnologia.

### **Considerações finais**

Ser docente observador e participativo é muito importante para compreender o que seus bailarinos/ alunos necessitam em um determinado momento, pois é necessário estudar, estar em constante evolução, já que não existem técnicas corretas e sim caminhos que podemos seguir a partir da devolutiva dos alunos. E lembre-se, dançar sobre rodas sempre será mais do que mexer os braços, usar lenços e deixar seu aluno parado na roda, enquanto, outra dança em torno dele. Dançar sobre rodas é voar mesmo sabendo que não sairá do chão, é deslizar para caminhos jamais imaginados, é girar por sonhos e esperanças de novas experimentações. Dançar sobre rodas vem do coração, vem do íntimo, não queira malabarismos ou grandes efeitos, queira arte, sensibilidade, seus alunos/bailarinos precisam disso neste momento, mostre o quanto eles são importantes nesta vida chamada dança. Não há fórmulas corretas, ou certo e o errado, há caminhos, possibilidades, descobertas, formas de pensar a dança, formas de construir pontes e metodologias.

Por meio deste processo de pesquisa é possível identificar o quanto o docente tem um papel importante como mediador da dança, sendo ele responsável por estimular os aspectos motores, intelectuais, psicológicos e sociais.

Na dança com usuários de cadeira de rodas, o docente precisa compreender que a base de uma boa pesquisa corporal é envolver diferentes contextos e finalidades corporais, abrangendo o máximo possível de percepção e consciência corporal. Contudo é preciso promover aos docentes que trabalham na área da dança o desenvolvimento das potencialidades do movimento corporal e dos principais fatores que podem ser desenvolvidos em uma pessoa usuária de cadeira de rodas, contribuindo significativamente no processo corporal e também de inclusão priorizando as características e funcionalidades de cada aluno/bailarino. Trazendo ao docente a discussão e a prática de diversas formas, pensando e fazendo com que os processos de reprodução da dança passem por um processo de redescoberta do movimento respeitando sempre as individualidades de cada corpo, de cada pessoa; que cada bailarino em movimento se expresse como pode e o docente consiga interpretar de forma pessoal cada corpo de cada indivíduo, mesmo em um processo técnico. O processo de aula para o docente precisa levar em consideração que este corpo deficiente estará

sempre em contínuo processo de construção, ou seja, quanto maior for o número de experiência que ele propuser a bailarina, tanto motora quanto afetiva, melhor será a chance do mesmo se desenvolver integralmente.

## **Referências**

ARRUDA, S. **Arte do movimento:** as descobertas de Rudolf Laban na dança e ação humana. São Paulo: PW Gráficos; Editores Associados, 1988.

BDERNABÉ, R. **Dança e deficiência:** proposta de ensino, 2001. 97 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campina, Campinas 2001.

CARVALHO, R. E. **Educação Inclusiva com os Pingos nos “IS”**, Porto Alegre: Mediação, 2004.

MARQUES, I. A. **Interações:** criança, dança e escola. São Paulo Blucher, 2012, p.35 (coleção interações)

MINELLO, D. **A dança e as práticas educativa:** uma experiência corporal reflexiva na formação de professores, 2006. 288f, Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Santa Maria, Santa Maria, 2006.

NANNI, D. **Dança:** Educação-Pré escola à Universidade. 4. ed. RJ: Sprint, 2003.

# A INFLUÊNCIA DA BIODANZA COMO FATOR DE AUTOCONHECIMENTO

THE INFLUENCE OF BIODANZA AS A FACTOR OF SELF-KNOWLEDGE

Mateus Vasconcelos<sup>5</sup>

## Resumo

O presente artigo buscar refletir a influência da biodanza como fator de socialização e autoconhecimento, mostrando no que ela proporciona por meio de sua essência. Relatando sua contextualização histórica e social que permeia o autoconhecimento por meio da Biodanza, bem como traz um sistema de integração afetiva que reestabelece a unidade perdida entre percepção, motricidade, afetividade e funções viscerais.

**Palavras-chave:** Biodanza. Autoconhecimento. Arte.

## 1 Introdução

A Biodanza foi criada a partir de uma ampla elaboração semântica, trata-se de um sistema que determinados movimentos e situações de encontro, acompanhado de música e canto, induzindo vivências capazes de modificar o organismo e a existência humana em diferentes níveis. A semântica do nome Biodanza era mais relacionado com a sabedoria do que com o conhecimento, que incluísse uma concepção sistêmica e Holística.

A sua origem dá-se por meio de fundamentos da Antropologia e Etológica com princípio biocêntrico, ou seja, a conexão imediata com as leis que conservam e permitem a evolução da vida. Trata-se de um sistema desenvolvido em 1965 pelo psicólogo chileno Rolando Toro, em que iniciou seus primeiros estudos com pacientes psiquiátricos com o objetivo da verificação de diversas técnicas de desenvolvimento que pudessem servir para a humanização da medicina.

Biodanza foi uma aproximação do conceito “dançar a vida” proposta por Roger Garaudy, resgatando a dança como movimento natural, pleno de significação e vida, sem associar ao ballet ou outra forma de dança que possua uma estruturação ou algum tipo de associação a psicoterapia. Na verdade, ela traz o sujeito a aflorar em um mundo de sensações, no compasso da música, mediado pela sua própria movimentação e pelo que o outro reage.

A Biodanza é um sistema de integração humana, de renovação orgânica, de reeducação afetiva e de aprendizagem das funções originais da vida. A sua metodologia consiste em induzir vivências integradoras por meio da música, do canto, do movimento e de situações de encontro em grupo (TORO, 2002, p.33). É um sistema de nutrição absoluta,

---

<sup>5</sup> Formado em Licenciatura em Pedagogia e Artes Visuais / UNIMES. Pós-graduado em Arte terapia/FALC. Pós-Graduando em Educação Especial e Inclusiva e Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica/FACIBA.

caracterizado com um sistema de psicoterapia social e educação e que se baseia em uma nova percepção ao ser humano. Tendo fundamentos científicos que é baseado nas ciências biológicas, na etologia, em extensos estudos antropológicos, no conhecimento fisiológico das funções de autorregulação e somente reforça estas funções facilitando seu fluir. A Biodanza, portanto, não inclui exercícios de respiração do Prana Yoga, métodos macrobióticos e outras dietas externas nem técnicas de relaxamento ocidental ou do tipo Schutz Jacobson ou Benzon.

Esta ideologia provem de processos de integração, através do grupo, em que se respeita os níveis motores e emocionais de cada aluno. Promovendo a integração do organismo, o que traduz em profunda sensação de harmonia, induzindo vivências de vitalidade, sexualidade, criatividade, afetividade e transcendência.

Biodanza não é interpretativa, nem analítica, pois ela trabalha com uma fenomenologia “AQUI-AGORA” e com situações “EM SI”, onde cada pessoa deve informar a quantidade de proximidade que é capaz de aceitar. Cada pessoa é responsável pelo seu limite de contato. Ninguém pode invadir o espaço privado do outro.

Na sessão de Biodanza, é importante tirar um tempo para dar explicações nítidas sobre os objetivos de Biodanza e a forma que serão alcançados, pois o objetivo da aula está relacionado com as linhas de vivência que deseja desenvolver. O facilitador deverá selecionar um tema coerente com a prática que vai desenvolver, criando sempre oportunidades aos alunos para que exponham seus pontos de vista e formulem perguntas, durante as sessões teóricas trabalha-se o processo de integração ao grupo.

A teoria deve ser caracterizada por ser nítida, breve, clara e profunda e deve conter respostas e inquietudes dos alunos. Na sessão de biodanza é importante lembrar que a integração grupal precisa ser variada e que os jogos não podem ser cansativos; necessitam ser alegre, descontraído, trabalhando exercícios com sequências de fluidez, dança criativa, dança da amizade. Trabalhando durante a sessão a pulsação entre exercícios individuais, em pares e em grupo.

A sessão de Biodanza baseia-se em: *feedback*, integração do grupo inicial, exercícios de ponte, vitalidade, integração individual, integração grupal, objetivo da sessão, fusão grupal, solução e fechamento. Seu ponto de partida é a vivência e não a consciência, os exercícios estão destinados a vivenciar e somente muito posteriormente conscientizar. Os exercícios estão destinados a aumentar o equilíbrio e a regulação dos organismos através da provocação de “vivências integradoras”, elas produzem bem-estar corporal, sensação de harmonia, doçura e plenitude. Há vivências que têm um efeito ativador do sistema simpático-adrenérgico, assim por exemplo, vencer um desafio, enfrentar dificuldades motoras, expressivas ou de

comunicação. Tem as vivências de abandono e êxtase por exercícios de fluidez leve e danças harmonizadoras, cerimônias de regressão e transe, possuem um forte efeito estimulador parassimpático (colinérgico). O transe reforça as funções trofotópicas de reparação orgânica. O corpo se experimenta, às vezes, como sem limites e com transpiração gelada. Já as vivências de prazer erótico, de “dar e receber continente”, e, em geral, as de caráter afetivo provocadas por exercícios de encontro e carícia, têm um poder altamente regulador da atividade simpático-parassimpática. Os exercícios de criatividade vinculam-se a transmutação de energia desordenada e em energia de regulação e diferenciação.

## **2 Fundamentação teórica**

### **2.1 Origem da Biodanza**

Em 1965, Rolando Mario Toro Arañeda iniciou seus primeiros trabalhos de dança com pacientes psiquiátricos com o objetivo de verificação de diversas técnicas de desenvolvimento que pudessem servir à humanização da medicina. Toro aprofundou-se em seus trabalhos em 1971, em Buenos Aires, formalizando melhor o modelo operatório com dois eixos: identidade transe, diferenciação e integração. Em 1976, passou a trabalhar em Belo Horizonte, Brasília e São Paulo, nesta época surgiram os primeiros conceitos da Teoria de Vivência e das protovivências. Em 1978, houve a substituição do nome psicodança por biodanza, um modelo que evoluiu progressivamente de uma visão antropocêntrica para uma visão biocêntrica.

apresentava o grave defeito de comportar uma cisão. O prefixo “psico”, de fato, deriva do grego *psyché*, que significa “alma”; logo Psicodança seria “dança da alma”. O termo continha implicitamente a cisão platônica entre corpo e alma. Era preciso restabelecer o conceito original de dança em sua mais ampla acepção: como movimento de vida, que não poderia, porém, ser associada ao balé clássico ou outra forma de dança estruturada, como também não poderia ser associada a uma forma particular de psicoterapia. (TORO, 2002, p.37).

Inspirado em experiências clínicas, Rolando Toro chamou a atenção para a utilização da música e da dança, para cada distúrbio deveria haver uma adequação dos estímulos musicais sendo eles instrumentais ou eufóricas. Esta criação do termo Biodanza veio a partir de uma ampla elaboração semântica. Trata-se de um sistema em que determinados movimentos e situações de encontro, acompanhando a música e canto, induzem vivências capazes de modificar o organismo e a existência humana em diferentes níveis: homeostase orgânica, estrutura postural, estilo de vida, processos socioculturais. É possível compreender que a proposta da Biodanza é uma evolução pelo amor, pela união e não pela guerra. Percebe-

se que o centro de todo este sistema é a criação sutis de laços, caminhos para integração e intimidade. Preparando as pessoas para exercer o amor, como se entrevê na seguinte passagem da introdução do livro de Rolando Toro.

Sentia às vezes, em meu corpo, toda a manifestação do êxtase, do erotismo, da fraternidade, da energia criadora, do ímpeto vital. Sentia a possibilidade do contato puro com a realidade viva, por meio do movimento, do gesto e da expressão dos sentimentos. A música era a linguagem universal, a única que todos nós podíamos compreender na Torre de Babel do mundo; a dança era a maneira ideal de integrar corpo e alma, e podia comunicar a todos os participantes felicidade, ternura e força. E eu quis compartilhar tudo aquilo com um grande número de pessoas (TORO, 2002, p. 9).

Biodanza é uma técnica de grupo e em certo modo de massas, não é possível fazer Biodanza individual. A Biodanza era e continua a ser um modo de convivência com a beleza. A unidade afetiva é gerada na troca de energia íntima com os outros (TORO, 2002, p.9).

## 2.2 Conceito Fundamentais

A Biodanza, baseia-se na ciência convencional, na biologia, na neurologia, na psicologia avançada, na antropologia, na sociologia, na ecologia e nas ciências políticas. Isto, faz com que analisemos sua proposta inicial, sua intenção e objetivos que norteiam. Assim, Rolando Toro (2002), esclarece-nos:

A base conceitual da Biodanza provém de uma meditação sobre a vida; do desejo de renascermos de nossos gestos despedaçados, de nossa vazia e estéril estrutura de repressão; provém, com certeza, da nostalgia do amor. (...) A Biodanza é por isso uma ampla transgressão dos valores culturais contemporâneos, das imposições de alienação da sociedade de consumo e das ideologias totalitárias. Propõe-se restaurar no ser humano o vínculo original com a espécie como totalidade biológica, e com o universo como totalidade cósmica (TORO, 2002, p.13).

Na visão do fundador da Biodanza, o corpo tomou significações simbólicas e por meio destas simbolizações tem se dissociado. Neste processo, busca-se conquistar a unidade para o indivíduo. Corpo e alma são duas dimensões de uma só realidade. A integração que se faz em Biodanza consiste em fundir corpo e alma em uma totalidade.

## 2.3 Biodanza: Uma nova perspectiva de analisar a dança

A dança no seu sentido mais original, mais profundo, é o movimento da vida. A dança não é o balé, não é um espetáculo, não se trata de fazer figurinos e um cenário. A dança é um movimento profundo que surge do mais profundo do homem, com o ritmo biológico, com o ritmo do coração e da respiração, é um movimento vinculado ao cosmo. É algo que nos

emana verdadeira e profundamente, não por meio de uma ideologia meramente conceitual, mas sim com tudo que nós somos. Rolando Toro define a dança como:

um modo de ser no mundo que representa uma via privilegiada de acesso à nossa identidade original, e, também, a expressão da unidade orgânica do homem com o universo. Esta noção da dança como “movimento integrativo” é muito antiga e revela, através da história, numerosas expressões culturais como a dança primitiva, as danças órficas, a cerimônia tântrica ou as danças giratórias do sufismo (TORO, 2002, p.13-14).

A biodanza desperta uma nova sensibilidade frente a vida. A pessoa deve chegar a “dançar sua vida”, postulando uma concepção das relações humanas e cósmicas. Ela reestabelece a vinculação original com a natureza, propondo a defesa do meio ambiente biógeno. Ela traz um sistema de mudança social, sua prioridade está em resolver os problemas de sobrevivência. Biodanza propõe introduzir esta variável, modificando os microssistemas sociais, no sentido de restabelecer o vínculo original entre movimento-alegria, movimento-amor.

Ao relacionar-se em uma dança do amor, reestabelece-se um sentimento cósmico que os integra a uma unidade maior, pois é do princípio do biocêntrico que podemos extrair a qualidade transcendente do ser humano, isto é, a denominação do princípio biocêntrico dá-se a um estilo de sentir e pensar que tomo como ponto de partida e como referência existencial a vivência e a compreensão dos seres vivos. Isto quer dizer que nossos movimentos, nossa dança, organizam-se como expressões de vida e não como meios para alcançar fins antropológicos, sociais ou político-econômico.

Não se trata de ouvir a música numa sessão de biodanza, mas de fazê-la, trata-se de mover-se dentro dela e, através do transe dançante, transformar-se na própria música. Santaella (2001) definiu muito bem esse momento:

No segundo modo de ouvir, ouvir com o corpo, entramos na dominância do universo rítmico, da percussão na música, quando o ouvir não se limita a uma escuta através do ouvido, mas amplia-se para uma escuta que reage no corpo. Na sua primeira modalidade, o efeito da música no corpo equivale àquilo que pode ser chamado de corpo tomado. O ritmo penetra no corpo, cria-se uma fusão e, de repente, o próprio corpo parece ser a fonte geradora do ritmo. (...) é algo que nasce da capacidade de entregar o corpo inteiro ao chamamento do ritmo, como se a música estivesse saindo de dentro do corpo. (SANTANELLA 2001, p.83).

A música pode influenciar a nossa identidade por situações de encontro, pois a identidade é permeável por música e pela presença do outro, portanto, a Biodanza trabalha com Gestalt música-movimento e vivência, uma vez que os elementos musicais para induzir estados emocionais, ativar processos psicossomáticos, estimulam o contato interpessoal. A Biodanza, tenderia a estimular o hemisfério direito, não-verbal, de função integradora, tátil, musical, compensando assim o enorme desequilíbrio produzido por uma cultura cognitivo

verbal, analítica e dissociativa. O processo da Biodanza faz com que os alunos transcendam os problemas do ego e aborda de imediato sua vinculação saudável consigo, proporcionando um encontro corporal progressivo de sinalização recíproca, integrando o indivíduo à sua espécie.

Precisamos compreender que numa sessão de Biodanza, os seres encontram-se com amor e reverência, projeta-o em ciclos ecológicos germinativos. Todo amor que possamos dar ainda é insuficiente para as necessidades de nossa época violenta e carente de contato. Caminhar de mãos dadas é um ato político e quem faz Biodanza possui um instrumento para alcançar a consciência comunitária, que não provém de uma ideologia, mas da vivência do *eros* diferenciado.

### **Considerações finais**

Precisamos compreender que não basta o ser humano se libertar da miséria econômica, também é necessário liberá-lo de sua miséria afetiva e sexual, de sua pobreza criativa, de sua incapacidade para desfrutar o prazer de viver e a Biodanza surge com este intuito. Ela busca uma transgressão dos valores dominantes, sempre tentando superar as formas de violência pelo reaprendizado do afeto, possibilitando que ao dançar o ser humano consiga se conectar consigo, com o próximo e com a natureza. Quando a Biodanza propõe um processo de integração e desenvolvimento de cada indivíduo, ela postula uma liberdade e um respeito por este indivíduo, como agricultor respeita a semente, propondo uma harmonia da música, uma harmonia do amor, no movimento cordial da vida. A biodanza não faz uma representação, pois em cada movimento tem um significado real e um valor aqui-agora, o movimento ocorre por motivações internas carregadas de emoções, o aluno deixa de ser paciente passivo para tomar em suas mãos o processo de evolução. Desenvolvendo a parte que permanece sã, não se analisa a miséria humana, mas sim, aumenta-se a grandeza do homem.

### **Referências**

GARAUDY, R. **Dançar a Vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

REICH, W. **A função do orgasmo** - Problemas econômico-sociais da energia biológica. São Paulo: Editora Brasiliense, 14. ed., 1988.

SANTAELLA, L. **Matrizes da Linguagem e pensamento** – sonora, visual, verbal. São Paulo: Iluminuras: 2001.

TORO, R. Psicodanza y modificaciones de la respuesta sexual. **Comunicación a las V Jornadas Latino Americanas de Sexología.** Buenos Aires, 1976.

TORO, R. Alteraciones de la Identidad durante el Trance Musical. Informe al II. **Congreso Mundial de Musicoterapia.** Buenos Aires, 1976.

TORO, R. **Biodanza.** (M. Tápia, trad.). São Paulo: Editora Olavobrás, 2002.

# A DANÇA PARA CADEIRANTES COMO MÉTODO TERAPÊUTICO

## DANCE FOR CHAIRMAN AS A THERAPEUTIC METHOD

Mateus Vasconcelos<sup>6</sup>

### Resumo

A dança vem sendo utilizada como meio terapêutico para pessoas com deficiência física desde 1940, é importante ressaltar que essa dança promove ações que envolvem a construção do movimento, gesto, por meio da expressão corporal, resgatada de memórias emotivas e da descoberta de novas possibilidades corporais na cadeira de rodas, envolvendo a reflexão e pensamento dançantes para uma dança mais inclusiva, sendo considerada um recurso artístico-terapêutico, auxiliando no bem estar físico, emocional e social das pessoas cadeirantes. Para tal, foi feito um estudo de caráter longitudinal que visou analisar a coordenação global, coordenação óculo manual, esquema corporal e estímulo das emoções nas características dos mesmos elementos amostrais ao longo de um período de tempo. O objetivo deste estudo é analisar a dança para cadeirantes como forma terapêutica, tendo foco nas pessoas que possuem paralisia cerebral, expondo os benefícios proporcionados pela dança que auxiliam nas possibilidades terapêuticas, transformando a deficiência em sua totalidade em experimentos corporais, cujo o resultado pode ser compartilhado, mostrando uma nova forma de trabalhar a dança para cadeirantes e suas novas possibilidades físicas. Como resultado deste processo, os sujeitos de pesquisa tiveram grande melhoria na psicomotricidade, possibilitando para as bailarinas cadeirantes novas descobertas corporais e uma verbalização de suas emoções, criando e recriando diferentes formas de manifestações da sua linguagem corporal, melhorando suas relações sociais, respeitando suas diferenças e entendendo seus limites e superações, valorizando suas potencialidades.

**Palavras-chave:** Arte. Inclusão. Terapia. Cadeirantes.

### 1. Introdução

A dança é uma das formas do cadeirante reconectar-se com seu universo e aceitar-se, superando seus limites e quebrando paradigmas, estimulando ações corporais bem expressivas que envolvem a construção de pensamentos, associações de ideias para produzir seu próprio movimento, tendo uma conotação afetiva, emocional, importante para o processo terapêutico e artístico. Optou-se por uma pesquisa longitudinal, por considerar que é fundamental se aprofundar em metodologias e técnicas terapêuticas por meio da dança, para que professores que possuem alunos cadeirantes possam desenvolver um processo corporal terapêutico e ao mesmo tempo técnico. Este interesse por buscar metodologias que possam agregar ao cadeirante surgiu em 2016, quando foi criada a cia de dança: Dançando sobre rodas, onde deu-se início aos estudos, metodologias, exercícios e espetáculos de dança voltados para a

---

<sup>6</sup> Formado em Licenciatura em Pedagogia e Artes Visuais / UNIMES. Pós-graduado em Arte terapia/FALC. Pós-Graduando em Educação Especial e Inclusiva e Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica/FACIBA.

inclusão de uma outra perspectiva corporal: a dança contemporânea e seu processo investigativo, por meio de movimentos terapêuticos.

Por meio dos estudos com a Cia Dançando sobre rodas, durante cinco anos, percebeu-se que a dança é uma das formas que o cadeirante pode se reconectar com seu universo e sua autoaceitação, superando seus limites e quebrando paradigmas, tendo ações corporais bem expressivas que envolvem a construção de pensamentos, associações de ideias, produzindo o seu próprio movimento, tendo uma conotação afetiva e emocional.

Segundo Barros (1991), desde 1940, a dança vem sendo utilizada também como meio terapêutico para pacientes em reabilitação. Sendo assim, e transpondo o aspecto terapêutico, a dança tem como principal função fornecer um caminho para reabilitação por um meio não-convencional, analisando acertos e erros das práticas inovadoras, escrevendo e inventando possibilidades. Talvez seja necessário aproximar conhecimentos antropológicos, culturais, artísticos e reinventar este modo de reabilitação-terapêutica, em que a valorização da criatividade transforma os caminhos da deficiência em experiências, cujos sentidos e emoções possam ser compartilhados por meio da dança. Este olhar para dança com cadeiras de rodas e a forma terapêutica consiste em proporcionar uma dimensão subjetiva na qual, mediante ao movimento corporal, o sujeito fala de si, da sua realidade social, das suas ansiedades e questionamento, procurando sempre desafiar-se e assim melhorando sua autoconfiança e progressos da saúde física e emocional, “não há pessoas deficientes, há pessoas diferentes. De educação especial é bem possível que todos precisemos” (SÉRGIO, 2001, p. 135).

Assim o objetivo deste artigo foi analisar metodologias de dança voltadas para cadeirantes como forma terapêutica, proporcionando um novo olhar, e trazendo uma sistematização de dança para cadeirantes. Uma vez que todo trabalho que tenha um processo corporal, a pessoa adquire uma dimensão terapêutica na medida em que o corpo é tomado como consciência e referência direta de nossa existência mais profunda. Para a realização da pesquisa utilizou registros fotográficos e portfólio do processo corporal e apresentações ao longo de cinco anos de estudos e da existência da Cia Dançando sobre rodas.

Nas considerações finais, apresentam-se resultados positivos durante esse processo de cinco anos de estudos, enfatiza-se uma grande melhoria na psicomotricidade, possibilitando às bailarinas cadeirantes novas descobertas corporais e uma verbalização de suas emoções, criando e recriando diferentes formas de manifestações da sua linguagem corporal, melhorando suas relações sociais, respeitando suas diferenças e entendendo seus limites e superações, valorizando suas potencialidades. Além de mostrar uma nova forma de comunicação, trazendo a autoestima, e até mesmo proporcionando as alunas viagens

internacionais, apresentações e estudos individuais, trazendo sua própria criação de processos coreográficos e sua autonomia.

## **2 Fundamentação teórica**

As pessoas com deficiência física, durante muitos anos, foram confinadas a fazer parte de uma camada excluída da sociedade. As barreiras arquitetônicas encontradas, basicamente na maioria dos lugares, e a valorização das limitações inseriram o deficiente físico na camada inativa da sociedade, o que contribuiu para o isolamento dessa população no contexto social.

Dados do Censo Demográfico 2018 divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) demonstraram que o Brasil possui 12.748.663 pessoas com algum tipo de deficiência, (6,7% do total da população). Segundo o Decreto 7.612/2011 (BRASIL, 2011), pessoas com deficiência são aquelas que têm “impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades e condições com as demais pessoas” Sendo assim, os tipos de deficiências podem ser: auditiva, física, visual, intelectual e múltipla.

Tendo por base o Manual de classificação das consequências das Doenças, da Organização Mundial de Saúde (O.M.S.), de 1976, torna-se pertinente compreender os conceitos de deficiência, incapacidade e de desvantagem (*handicap*).

De acordo com o modelo médico de doença, considera-se que esta existe sempre que ocorre algo de anormal no indivíduo, seja à nascença (congénito), seja mais tarde (adquirido), devido a uma sequência de circunstâncias causais (etiologia) que provocam alterações na estrutura ou no funcionamento do corpo (patologia).

A Paralisia Cerebral foi definida no Congresso Mundial da Paralisia Cerebral, realizado em Berlim em 1967. Segundo Bobath, a paralisia cerebral é o resultado de uma lesão ou mau desenvolvimento do cérebro, de caráter não progressivo, que existe desde a infância.

O termo Paralisia Cerebral (PC) é utilizado para referir o resultado de uma lesão cerebral que promove a dificuldade, a inabilidade ou o descontrole de certos movimentos do corpo e dos músculos, isto é, da sua ineficiência. As pessoas afetadas por Paralisia Cerebral têm uma perturbação do controle dos movimentos do corpo e das suas posturas e, como consequência de uma lesão ocorrida numa ou em mais áreas cerebrais, que controlam e coordenam o tônus muscular, os reflexos e a ação (SHERRILL, *et. al*, 1986).

## 2.1 Aspectos neurológicos

Segundo Ferreira (1998), a dança em cadeira de rodas está além de um vocabulário de passos e técnicas, existentes nas outras modalidades de dança, pois ela pressupõe uma certa especificidade na realização do movimento que deve ser observada. Uma das consequências desta especificidade é a deficiência motora que provoca movimentos corporais diferenciados.

Na dança, o objetivo das técnicas é realizar determinados movimentos, e seu propósito é adquirir habilidades como girar, equilibrar, dominar a cadeira de rodas dentre outros. Nesse sentido, temos um corpo ligado a uma informação muitas vezes vinculado à uma cadeira de rodas, então entende que alguns movimentos de dança poderão atuar de maneira diferenciada do que seria atuar em outro corpo que tem outros tipos de limitações. A “informação” dança, seja ela de que natureza for, exige diferenciados modos de organizar a compreensão do movimento.

Os movimentos de dança realizados pelas pessoas com deficiência física são baseados inicialmente nas informações contidas no seu sistema neuromotor, levando em consideração os prejuízos causados pela lesão instalada, que estão relacionados com sua localização. As consequências inclui a perda de motricidade até a perda da sensibilidade. No caso da pessoa com lesão medular, o movimento é prejudicado, tendo em vista que o *feedback* cinestésico é um aspecto relevante, pois pode não incluir informações sobre força, comprimento muscular e posições das articulações do corpo, que são importantes para a execução do movimento.

O ato motor só pode seguir o seu curso correto se existir um tal sistema de sínteses aferentes. Uma oferta constante de informações aferentes é essencial para execução correta do último componente de todo movimento voluntário: a verificação do seu curso e a correção de quaisquer erros que possam ter sido cometidos. Esta verificação do curso de uma ação e a correção de erros eventuais são feitas com o auxílio da constante comparação entre a ação como é executada e a intenção original (LURIA, 1981, p.217)

Assim, o ato motor depende das vias aferentes, como por exemplo visão, audição, cinestesia, e quando não se tem a possibilidade do movimento ativo é possível se trabalhar com o movimento passivo, isto é, com o auxílio de uma outra pessoa e permitir entradas sensoriais pelas vias remanescentes levando a percepção da experiência do movimento realizado.

## 2.2 Perspectiva de dança terapêutica

Na Psicologia e Psicoterapia, a abordagem que enfatiza a dimensão da expressividade corporal no processo terapêutico é a psicoterapia corporal, cujos principais representantes são Wilhelm Reich e Alexander Lowen. Tal enfoque parte do pressuposto que os conflitos

emocionais, não diluídos, entram-se na musculatura do corpo e formam uma espécie de nó que impedem a expressão do prazer, da alegria de viver, e quando os movimentos espontâneos do corpo são bloqueados por essas tensões, ele vai desvitalizando-se e enrijecendo, de forma a obstruir também a mente, pois há uma relação de mutualidade seminal entre corpo e mente (LOWEN, 1982). Portanto, a dança para cadeirantes como uma forma terapêutica, muitas vezes, facilita para o indivíduo encontrar suas potencialidades, seus pensamentos e emoções, tendo em vista sua estruturação e desenvolvimento da movimentação, que vai se ordenando com o tempo, espaço, consigo e com o mundo externo.

Além disso, para Bertazzo (1998), o corpo é um livro de registros, que fala, se expressa, chora, sorri e sente dor, sendo a dor um reflexo de um espasmo de defesa, um apelo de reorganização, um chamamento à consciência corporal.

A dança para cadeirantes traz o reconhecimento todo o seu potencial de movimento, aprendendo a movimentar-se a partir do interior do corpo, priorizando seu próprio ritmo, sem forçar ou provocar tensões. Pelas técnicas fisioterapêuticas e psicoterapêuticas, torna-se um recurso terapêutico auxiliar na reabilitação, por ter como objetivo melhorar as qualidades físicas (esquema corporal, equilíbrio, ritmo, coordenação motora, organização espacial e flexibilidade).

As contribuições da dança para o cadeirante passa por modos de pesquisar o processo terapêutico mediante ao movimento expressivo, diz respeito a deficientes físicos afetados pelo mundo e capazes de afetar por uma escrita que acompanha os corpos como uma dança. Reich (1995) já afirmava que o organismo vivo tem seus próprios modos de expressar o movimento, os quais muitas vezes, simplesmente não podem ser colocados em palavras. Dessa forma, a dança pode ser pensada como um potencial expansivo de manifestações das emoções e afirmações de singularidades.

Para Bruno Latour (2008), ter um corpo é ter disponibilidade de ser afetado e afetar. Os efeitos das práticas coreopolíticas da dança-pesquisa se dão em territórios provisórios que abrem fissuras as cristalizações e rigidez dos modos de viver a pesquisa. Dançar é mergulhar na infixidez dos modos de viver a pesquisa como prática experimental estética, ética e política. Ao dançar-pesquisar, os corpos adquirem distintas materialidades e consistências nas relações que estabelecem com o mundo, e por isso, não são reflexos de uma personalidade prévia. Fronteiras, lugares, datas, espaços e tempos são ressignificados nas discontinuidades dos acontecimentos, nos ritmos da criação da dança para cadeirantes e da pesquisa.

### 3 Metodologia

A metodologia fundamentou-se no esquema de Rudolf Laban (1978), na perspectiva da psicoterapia corporal, e nos estudos com as bailarinas da Cia Dançando sobre Rodas, da cidade de Taubaté-S P. A metodologia de Rudolf Laban apresenta uma prática baseada na realidade de quem dança, em que não há padronização de movimentos e o maior enfoque é no potencial de criação de indivíduos, os quais são reconhecidos como sujeitos do processo de aprendizagem na dança. Laban, com sua teoria do movimento, mostra que qualquer pessoa pode dançar e criar sua própria movimentação, mostrando a individualidade de cada bailarino, não ficando restrito apenas a uma forma técnica de dança. Já a Psicoterapia corporal utiliza o núcleo de expressão corporal como base dos processos, tendo o objetivo em comum de buscar para ser a livre expressão de afetos e sentimentos, uma via de possibilitar que a energia flua por todo corpo, reestabelecendo o fluxo e trazendo um sentimento de vivacidade, prazer, contato, autopercepção e autoregulação.

As bailarinas participaram de aulas de dança duas vezes por semana com duração de 50 minutos, na cidade de Taubaté/ SP. As aulas foram desenvolvidas da seguinte forma: Aquecimento inicial (trabalho de punhos, torção de troncos, rotação dos ombros e cabeça, trabalho de costas, utilizando a barra de balé clássico), técnicas de mobilidade (impulsionar, girar, subir, descer, empinar parcialmente), processo de estudo de movimento (utilização de chão, técnica de dança contemporânea, exploração da cadeira e suas ferramentas, processo de criação de movimentos por meio de comandos e roteiros), processo coreográfico (criação junto com o professor, criação de roteiros, técnica de contato e improvisação), relaxamento final (soltura da musculatura e alongamento) e processo criativo (o aluno trabalha sua energia corporal, seus pensamentos e emoções, tendo em vista sua estruturação corporal e trabalhando seus movimentos expressivos, respirações e percepções corporais). As músicas eram apenas instrumentais como processo terapêutico proporcionando ao aluno o momento de relaxamento e não tendo influência corporal, por meio das letras.

A carga semanal da Cia Dançando sobre rodas é de duas horas, tendo as apresentações artísticas em diversas cidades, estados e países. Como o processo de estudos é contínuo, os resultados e a avaliação do estudo é um processo, tendo avanços e explorando cada vez mais as habilidades das bailarinas, sem deixar de proporcionar uma reflexão sobre a forma de perceber a dança.

## 4 Procedimentos metodológicos

A pesquisa caracterizada como longitudinal, contou com a participação de 6 (seis) bailarinas, mulheres, com faixa etária de 13 anos a 39 anos, que atuam como bailarinas numa Cia de Dança par cadeirantes.

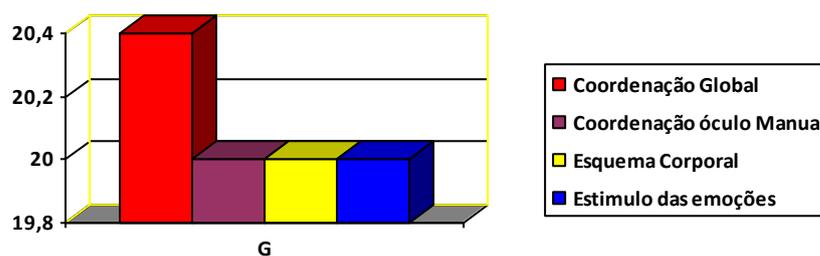
A coleta de dados foi realizada por meio de observação de aulas que duram cerca de 50 minutos, e anotações foram feitas pelo professor da parte técnica somatopsicodinâmica, além de registros fotográficos e filmagens percebendo a evolução corporal de cada bailarina. O processo em si foi desenvolvido desde 2016. Todas as informações têm direitos autorais, e autorização de todas as bailarinas e responsáveis.

## 5 Resultados e discussões

Os dados da pesquisa foram obtidos a partir dos resultados coletados por meio das observações do professor, depoimentos dos alunos e responsáveis, como forma de melhor representação foi escolhida o uso de gráficos, tabelas e quadros.

Para o cumprimento dos preceitos éticos da pesquisa as alunas serão descritas por siglas para preservação do anonimato. O primeiro ponto levantado foi observado de forma global, a coordenação global, coordenação óculo manual, esquema corporal e estímulo das emoções (quadro 1).

Quadro 1 – Processo de percepção corporal e análise do comportamento.

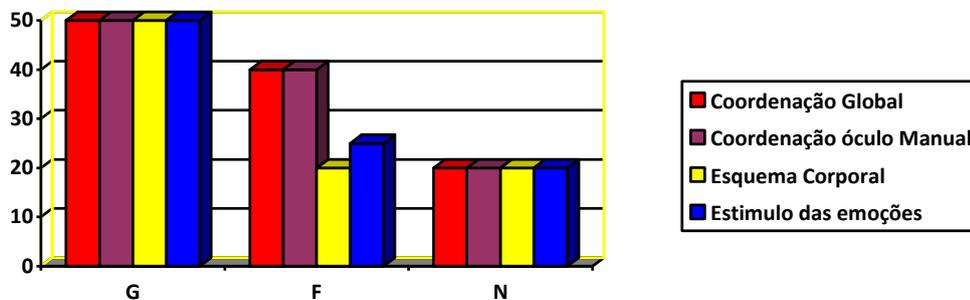


Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Neste gráfico, apresenta-se o início do processo corporal, e foi avaliado de nota de 0 à 100, sendo que as bailarinas não tinham nenhuma noção corporal, então foi feito a avaliação no primeiro dia de aula, junto com sua ficha de anamnese. No ano de 2016, foi mais trabalhado o processo psicológico de aceitação, da sua realidade social, de sua ansiedade e questionamentos. De acordo com Enoka (2000), Machado (2002), Powes (2002), o corpo

humano é composto de muitas particularidades. Ele é uma sociedade de milhões de células. Ao mesmo tempo, dizer que este corpo possui identidade própria, sendo ele produto e produtor é dizer que o corpo faz determinados movimentos e, ao mesmo tempo, resulta deles.

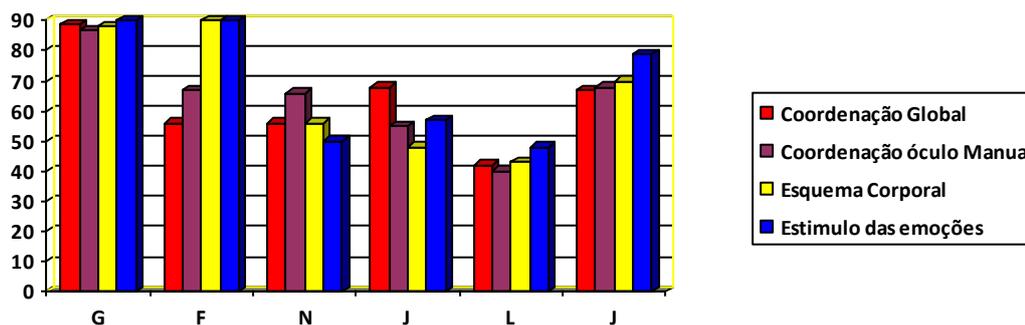
Quadro 2 – Processo de percepção corporal e análise do comportamento.



Fonte: Dados da pesquisa 2017.

Nesse gráfico, apresenta o processo evolutivo psicomotor e seu movimento expressivo, as bailarinas entraram em processos de conscientização corporal, independência para entrar na sala de ensaio, movimentações apropriadas de acordo com cada diagnóstico descoberto. No ano de 2017, as bailarinas começaram a apresentações em escolas, palco e montagem de espetáculo, aumentando sua autoestima e desafiando-as na parte psicomotora e principalmente na preparação psicológica. Neste ano entrou mais bailarinas, denominada N e F.

Quadro 3 – Processo de percepção corporal e análise do comportamento.



Fonte : Dados da pesquisa 2019.

Nesse gráfico percebe uma evolução significativa, devido ao amadurecimento corporal das bailarinas, e acima de tudo, estudos corporais em contato e improvisação, diálogo aberto referente às limitações, ao processos de criação em conjunto, e, vale ressaltar que a autoestima das bailarinas aumentou significativamente. Todo esse resultado teve êxito também com a família, pois elas participaram do processo de reconhecimento dos medos e superação dos

mesmos, uma vez que a família super protegia a bailarina. O professor foi mostrando as suas limitações, e a importância de superá-las. Este processo de amadurecimento levou 2 anos, 2018 e 2019.

## **6 Discussão**

Os estudos em dança para cadeirantes como forma terapêutica vem crescendo ao longo dos últimos cinco anos, mas ainda, fala-se pouco da questão de dança para cadeirantes e metodologias que possam ajudar os professores a trabalharem de forma terapêutica e tecnicamente consciente, que segundo Freire (2001), refere-se às novas propostas de trabalho que passaram a ser elaboradas com a finalidade de explorar e respeitar corpos diferentes no âmbito da dança.

O Censo 2010 (IBGE, 2013) apresenta que apenas 7,4% da população possui uma deficiência com faixa etária entre 0 a 14 anos. Há também há baixa incidência de pessoas com deficiência auditiva (5,1%) e intelectual (1,4%). Embora os dados apontem alta incidência para adultos com deficiência física na população brasileira, infere-se que mais estudos deveriam ser desenvolvidos envolvendo crianças e adolescentes cadeirantes.

Com relação ao aporte teórico, mesmo diante de tanta variedade, há que se destacar o estudioso Rudolf Laban, que foi considerado como base por metade das pesquisas que envolveram programas de dança. Esse fato é justificado pela maneira de esse autor referir-se à dança como um meio para educar, com base em movimentos orgânicos, sendo roteirizados, proporcionando assim, o desenvolvimento de cada um. (LABAN, 1990).

Esse resultado também está relacionado com o número de pesquisas que foram desenvolvidas em Programas de Pós-graduação em Educação, como citado anteriormente, e pelo aporte teórico com base, especialmente em Rudolf Laban, que tratava a educação por meio da dança e a psicoterapia corporal. Assim, tais estudos são importantes, pois se preocupam em achar meios para as pessoas com deficiências terem espaço, uma voz para sua dança e sua forma de se expressar, transformando isso em fazer terapêutico e ao mesmo tempo acessível. Uma forma de expor seus pensamentos e principalmente a forma como elas compreendem seu corpo e dão significado a dança.

Outros estudos também corroboram com esses dados demonstrando como a dança beneficiou o comportamento, a autoestima, a saúde mental (SANTOS; BRAGA, 2010, SILVA; CARVALHO; NETO, 2009), os aspectos motores, como equilíbrio e a organização postural, e aspectos cognitivos e iterativos (MAIA, 2012) de pessoas com deficiência.

## Considerações finais

Partindo do objeto de estudo, conta-se uma grande evolução das bailarinas até o ano presente, tiveram uma mudança corporal significativa, refletida nos estudos em sala de aula, tornando mais potentes em técnica de improvisação e chão e seguros na realização do movimento proporcionando uma autoestima maior.

Houve uma melhoria na socialização tanto em questão da sala de aula, como também perante a sociedade, proporcionando independência das bailarinas ao sair da cadeira de rodas e sentar nela, tendo um diálogo mais amplo e uma reflexão nas aulas sobre a importância da movimentação e seu desenvolvimento mental, o respeito com este ser em movimento.

A metodologia utilizada foram anotações de observações realizadas durante o ano de 2016 até o ano de 2019, pontuando a movimentação das bailarinas. Seu desenvolvimento psicológico foi significativo nesse processo de aprendizagem, percebendo sempre sua relação com sua consciência corporal, e o cuidado com o corpo da outra bailarina, proporcionando um contato e improvisação mais consciente e até mesmo o processo de criação de movimento se tornou mais reflexivo.

É notável que a dança para cadeirantes possibilite que o deficiente físico incorpore movimentos por um caminho não-convencional, realizando o rolar, o engatinhar, o ajoelhar com melhor desempenho das articulações nas atitudes de postura mais comum, ou, ainda, com maior facilidade para a passagem de um movimento para o outro. É muito importante executar e perceber esses movimentos, pois eles acontecem a todo momento de forma consciente e inconsciente. A dança permite que esses movimentos, compreendidos em aula, possam ser utilizados em outras ocasiões, principalmente nas atividades diárias.

Novas pesquisas e procedimentos de dança para cadeirantes são necessários, no intuito de esclarecer todo o processo corporal, no que se refere a dança. O estudo corporal de uma pessoa com deficiência física é infinito; quanto mais aprofundarmos nele, mais teremos campo de informações. Isto só vai acontecer quando conscientizarmos que não podemos restringir a um corpo físico, mas também a aspectos ligados a subjetividade deste corpo que fala, que tem sua identidade construída por meio de processos corporais terapêuticos.

Incluir significa transpassar as áreas da vida humana: saúde, esporte, lazer. É um movimento que se preocupa com valores inclusivos, proporcionando processos contínuos de desenvolvimento na construção deste sujeito que sente, pense e age.

## Referências

ASSOCIAÇÃO DE ARTETERAPIA DO RIO DE JANEIRO, Estudos em Arteterapia: diferentes olhares sobre a arte, **Cadernos da AARJ**, n. 1, Rio de Janeiro-RJ: Walk Ed., 2009.

BARROS, D. D, Habilitar-se reabilitar O Rei esta nu? **Portal de revistas científicas em ciencia da saude**: v. 2, n. 43, p. 100-4, jun-set 1991.

BRAGA D.M. *et. Al.* Benefícios da dança esporte para pessoas com deficiência física. **Rev. Neurociências** 2002. Disponível em [http:// www.revistaneurociencias.com.br](http://www.revistaneurociencias.com.br). Acesso em: 23 mai. 2021.

FERREIRA, E. L. Corpo movimento deficiência, as formas dos discursos da/na dança em cadeira de rodas e seus processos de significação, **CBDCCR**, 2005.

MIRANDA, R. **O movimento expressivo**.Rio de Janeiro:Funarte, 1979.

VALDEVITE; N. M., N, STIPPLET. *et. al.* *Paralisia Cerebral versus fisioterapia*. Associado a dança. Disp em [http:// www.usp.br/siicuso/resumossiicuso4791.pdf](http://www.usp.br/siicuso/resumossiicuso4791.pdf). Acesso em: 23 mai. 2021.

VIANA, K. **A dança**.São Paulo: Siciliano,1990

MATTOS, C. A. De; RAMOS, M. I. B. (Org.). **Psicomotricidade**: educação especial e inclusão social, 2 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.

# VANTAGEM COMPETITIVA NO GERENCIAMENTO DA CADEIA DE SUPRIMENTOS

COMPETITIVE ADVANTAGE IN SUPPLY CHAIN MANAGEMENT

Geisse Martins<sup>7</sup>

## Resumo

o presente trabalho tem como objetivo analisar e investigar como o gerenciamento da cadeia de suprimentos pode representar vantagem competitiva para as organizações. Com o advento da pandemia causada pelo covid-19, houve um crescimento exponencial no comércio eletrônico mundial, e isso vem exigindo dos gestores e das empresas a adoção de novos modelos de economia capazes de ancorar o planejamento, a execução e o controle das ações efetivas do gerenciamento de ativos fundamentais para a oxigenação dos processos de compras, logística, armazenagem, produção e entrega aos mercados consumidores. As novas tecnologias de comunicação e telecomunicações, que colocam novas ferramentas, como inteligência artificial, robótica e Big Data, a serviço dessa intrincada engrenagem do Supply Chain Management, ao mesmo tempo também propõem novos desafios aos administradores e às organizações que precisam adaptar-se às novas exigências e demandas dos mercados e consequentemente às novas formas de pensar estrategicamente a entrega de valor e a vantagem competitiva para os stakeholders.

**Palavras-chave:** gerenciamento; mercados; logística; gestão; economia

## Abstract

this paper aims to analyze and investigate how supply chain management can represent a competitive advantage for organizations. With the advent of the pandemic caused by the covid-19, there has been an exponential growth in the world e-commerce, and this has required managers and companies to adopt new models of economy capable of anchoring the planning, execution and control of effective actions the management of fundamental assets for the oxygenation of purchasing, logistics, storage, production and delivery processes to consumer markets. The new technologies of communication and telecommunications, which put new tools, such as artificial Intelligence, robotics and Big Data, at the service of this intricate gear of Supply Chain Management, at the same time also pose new challenges to the administrators and the organizations that need to adapt to the new demands and demands of the markets and consequently to the new ways of thinking strategically the delivery of value and the competitive advantage for the stakeholders.

**Keywords:** management; markets; logistics; management; economy.

## 1 Introdução

Gerenciar a cadeia de suprimentos não é algo novo. No apogeu da civilização do antigo Egito bem como também no auge do Império Romano, essa atividade foi um dos pilares dessas sociedades. Nas duas últimas décadas, a administração do intrincado e complexo contexto da cadeia de suprimentos se apresenta como um desafio para os gestores das organizações. Com mercados altamente competitivos, a gestão de custos (armazenagem e transporte) apoiada em metodologias como Just In Time e Kanban é, cada vez mais, uma realidade visceral para as organizações.

---

<sup>7</sup> Graduado em Pedagogia e Telecomunicações, possui MBA em Gestão Estratégica e especialização em: Neurociência e Aprendizagem, Psicopedagogia, Coordenação/Supervisão Escolar, Inspeção Escolar com ênfase em Educação Especial Inclusiva e Pedagogia Empresarial. Mestre em Tecnologias Emergentes em Educação, mestrando em Administração pela Must University e doutorando em Educação pela Eikon University. E-mail: geisse@geisse.com.br

Muito além de apenas gerenciar compras e armazenar produtos, o Supply Chain Management — ou gerenciamento da cadeia de suprimentos — é uma atividade técnica da administração, que exige planejamento, organização e controle de ativos e tem extrema importância nas organizações. Essa administração atualmente envolve inclusive foco em estratégias de negócio que têm impacto direto nas ações de competitividade e de reconhecimento de valor por parte dos clientes. Como nos oferece o entendimento de Silva e Braga (2017, p. 112):

A gestão da cadeia de suprimentos tem se apresentado como uma importante estratégia organizacional para a obtenção de vantagens competitivas, seu objetivo é integrar as áreas funcionais das organizações buscando a redução de custos, criação de valor para os clientes e consequentemente, vantagem competitiva frente ao mercado.

Uma administração da cadeia de suprimentos que seja eficiente e eficaz em mercados que apresentam cada vez mais volatilidade e mudanças rápidas exige tomadas de decisão que possibilitem consonância e integração entre as diversas áreas das organizações. É preciso, ainda, que ela estabeleça sinergia entre clientes e empresas, de modo que possam desfrutar de vantagens em que ambos constroem ou consolidam a percepção de valor agregado no tocante às marcas e aos benefícios que os produtos lhe oferecem.

Embora, num primeiro olhar, o gerenciamento da cadeia de suprimentos possa parecer uma atividade sem complexidade, suas reais atividades e seu nível de importância estratégico impressionam pelo nível de complexidade e também de exigência de habilidades e competências necessárias aos administradores em suas atividades, a fim de manter oxigenadas com matéria-prima, produtos, embalagens e uma infinidade de outros itens as áreas que integram a parte pulsante das organizações.

Nessa direção e sentido, a tomada de decisões nas empresas, do ponto de vista da administração desses ativos, precisa ser realizada com altíssimo nível de qualidade e eficiência, uma vez que essa decisão tem impacto direto e profundo nos resultados dos objetivos que constam do planejamento estratégico. Gerenciar a cadeia de suprimentos é uma ação da administração que pode ser compreendida não somente como importante, mas também como cirúrgica. Os pontos nevrálgicos em cada departamento estão interligados (em tempos e movimentos) e consequentemente estão integrados também a ações determinísticas no plano de resultados em médio e curto prazo, independentemente do tamanho das organizações. No contexto atual em que as ferramentas de tecnologia disponibilizam um arsenal de produtos e serviços, o que num passado recente era possível ser compreendido e ilustrado como linear, com as mudanças radicais do comportamento dos players, se

estabeleceu segundo novas configurações e, na mesma proporção e medida, os desafios para os gestores e administradores se consolidam. Diante desse mosaico emaranhado de conceitos, técnicas, abstrações e realidades, este artigo busca apresentar o gerenciamento da cadeia de suprimentos como fator de vantagem competitiva no planejamento estratégico das organizações. Como metodologia, utilizou-se pesquisa bibliográfica e documental.

## 2 Fundamentação teórica

Movimentar bens e produtos e transacionar esses bens agregados com serviços é algo muito antigo, que remonta civilizações como a do antigo Egito, outras tantas no Império Romano, bem como aos movimentos intitulados segunda e terceira globalização. De fato, os movimentos de globalização podem ser considerados um significativo fator que contribui para impulsionar o desenvolvimento da logística em todo o mundo.

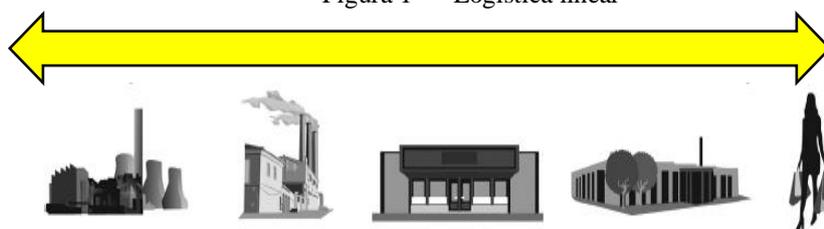
Vale ressaltar que um outro fator preponderante para esse progresso foi o avanço da tecnologia e das telecomunicações, que estão inseridos no contexto da globalização; isso favoreceu os mecanismos de comunicação, rompendo barreiras e aproximando compradores e vendedores.

Por conseguinte, desde a década de 1990 até agora, a utilização de telecomunicações, automação, robótica, inteligência artificial e, mais recentemente, Big Data promove uma verdadeira revolução no gerenciamento da cadeia de suprimentos.

Nessa perspectiva de mudanças e alta volatilidade nos mercados de bens e consumo — muitas das vezes atribuído às inovações (em tecnologias de informação) por vezes aceleradas pelo comércio eletrônico, o qual cresceu exponencialmente em virtude da pandemia — outros dois fatores impulsionam o crescimento do comércio mundial: o acesso a novas tecnologias (*smartphones*, *tablets* e computadores com acesso à internet) e também as tecnologias de pagamento e recebimento com uso por exemplo de QR-Code, cada vez mais acessíveis aos consumidores, facilitando o processo de compra.

Sem óbices, destaca-se que os novos conceitos de gerenciamento da cadeia de suprimentos focalizam agora o consumidor, que é o ponto central dos esforços de venda. Toda a cadeia interliga-se nesse epicentro e desconstrói o antigo conceito da logística linear.

Figura 1 — Logística linear



Fonte: elaborada pelo autor.

Cada vez mais, os gestores das organizações vêm substituindo o modelo linear por um sistema de economia circular. Nessa nova estrutura, o gerenciamento da cadeia de suprimentos não está dissociado dos interesses dos stakeholders, que trazem à baila questões relacionadas ao meio ambiente, à redução e administração dos custos e à produção em escala que não comprometa a economia local e global, o que é denominado ecologia empresarial/industrial. Toda essa nova dinâmica representa outros importantes pontos que precisam ser incorporados ao planejamento estratégico e que representam vantagem competitiva para as organizações que se harmonizam com esses novos preceitos. Como nos orientam Silva e Braga (2017, p. 112):

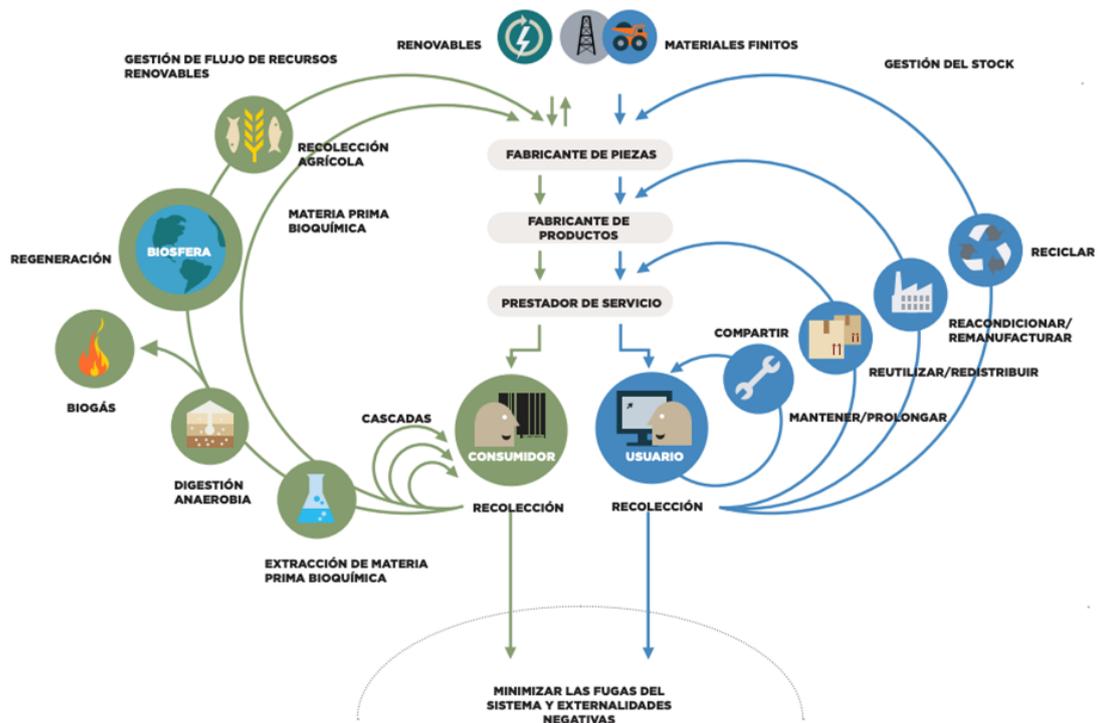
A gestão da cadeia de suprimentos é adotada quando duas ou mais organizações, com orientação para a cadeia de suprimentos, decidem dedicar seus esforços a uma estratégia integrada, adotando um conjunto de práticas que melhorem a satisfação, o valor ao cliente e, conseqüentemente, a vantagem competitiva da cadeia como um todo.

Com efeito, para as organizações que estão em sintonia com os novos paradigmas do gerenciamento da cadeia de suprimentos, ao derivar suas efetivas ações e seu empenho nas atividades de compra, logística, armazenamento, estratégias de marketing e na ponta do processo as vendas e os serviços, a fim de obter vantagem competitiva, essas organizações orientarão seus esforços aos seguintes pontos:

- oferecer alto valor agregado (produtos e serviços);
- maior eficiência e eficácia do que seus concorrentes;
- diferenciação de marcas, produtos;
- preços acessíveis dissolvidos em toda a cadeia;
- parcerias com mercados consumidores e mercados fornecedores;
- intenso uso de tecnologias (inteligência artificial, robótica, Big Data);
- redução e administração dos custos;

- implementação de economia circular.

Figura 2 - Diagrama Economia circular



Fonte: Ellen MacArthur Foundation (2019).

## Considerações finais

Os conceitos relacionados à gestão da cadeia de suprimentos, também conhecida como Supply Chain Management, embora possam parecer atuais, na realidade faz parte da construção histórica da humanidade, pois a atividade de negociar e mover bens e mercadorias já está presente desde os tempos mais remotos.

Atualmente, com o advento da pandemia que acelerou os procedimentos de compras dos consumidores, em consequência do crescente uso de novas tecnologias da informação — com destaque para as telecomunicações que já se apresentavam com uma verdadeira revolução na medida em que disponibilizava dispositivos (celulares, tablets e computadores) com acesso à internet — e também das novas tecnologias e facilidades para pagamentos (digitais e on-line), houve um crescimento exponencial nos processos transacionais de bens e serviços.

Conceitos e aplicação para redução do tempo dos ciclos de pedidos, entrega assegurada (utilizando robótica e inteligência virtual) são agora uma realidade para amenizar custos e consequentemente dinamizar os lucros. O uso de tecnologias como identificação por

radiofrequência (RFID) permite controlar com mais eficiência as entradas e saídas dos estoques e, com efeito, fortalecem parcerias com clientes e fornecedores na medida em que há otimização nos processos produtivos (com qualidade e precisão) desde a origem até o final, quando se obtém a satisfação dos clientes no que tange a bens e produtos entregues conforme as estratégias de marketing e vendas.

Sendo para a organização um fator preponderante, os novos modelos de gerenciamento dos ativos relacionados à cadeia de suprimentos se apresentam para satisfazer as demandas e as exigências dos stakeholders. Saindo de uma estrutura linear da logística e caminhando para um modelo mais ecológico, a chamada economia circular é entendida como sustentável e considerada a vanguarda nos processos de gerenciamento da cadeia de suprimentos, na medida em que vai ao encontro das necessidades das comunidades ao mesmo tempo que representa uma vantagem competitiva dentro do planejamento estratégico das organizações, ao entregar bens, produtos e serviços que são reconhecidos como de alto valor agregado para os mercados consumidores e ao proporcionar lucratividade para as empresas.

## Referências

DA SILVA, M. M.; BRAGA, R. M.. O Supply Chain Management como Fonte de Vantagem Competitiva das Organizações. **Revista IPTEC**, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 111-123, jun. 2018. ISSN 2318-9851. Disponível em: <http://www6.uninove.br/ojs/journaliji/index.php/iptec/article/view/127/179>. Acesso em: 29 abr. 2021. doi:10.5585/iptec.v6i1.127.

ELLEN MacArthur Foundation. Diagrama del sistema de economia circular. **Ellen MacArthur Foundation**. 2019. Disponível em: <https://www.ellenmacarthurfoundation.org/assets/images/Diagrama-siste%CC%82mico.png>. Acesso em: 29 abr. 2021.

**BOOK ADIVISOR:  
Publicação de Livros sob Demanda**

BOOK ADIVISOR:  
Publication of Books on Demand

Geisse Martins<sup>8</sup>

**Resumo**

Este trabalho tem como objetivo apresentar um estudo de caso de um planejamento de marketing para implementação de um produto/serviço relacionado a book advisor (assessoria para publicar livros). Com uma abordagem inovadora relacionada a publicação de livros cuja temática é o conhecimento técnico diverso. No afã de atender uma demanda reprimida do setor editorial que é a publicação de livros para egressos de cursos de pós graduação, mestrado e doutorado. O referido planejamento foi objetivado em virtude do aquecimento editorial brasileiro que se apresenta promissor, e que via de regra repele as edições técnicas por não serem atrativas comercialmente. Nesse artigo as estratégias de marketing relacionadas a Disrupção de um novo entrante para atender uma demanda reprimida e pouco atendida na atualidade.

**Palavras-chave:** Marketing. Editorial. Planejamento. Vendas

**Abstract**

This work aims to present a case study of a marketing plan for the implementation of a product / service related to book advisor (advisory to publish books). With an innovative approach related to the publication of books whose theme is diverse technical knowledge. In an effort to meet a repressed demand from the publishing sector, which is the publication of books for graduates of postgraduate, master's and doctoral courses. The aforementioned planning was objectified due to the Brazilian editorial warming which is promising, and which as a rule repels technical editions because they are not commercially attractive. In this article, the marketing strategies related to the Disruption of a new entrant to meet a repressed and currently unmet demand.

**Keywords:** Marketing. Editorial. Planning. Sales

**1 Introdução**

Escrever é uma das atividades intrínsecas ao ser humano. Das inscrições rupestres contidas nas cavernas, passando pelos hieróglifos sumérios e do antigo Egito, e até mesmo na mitologia Cristã contida e retratada no livro Êxodos em que a própria divindade escreve em duas tábuas os mandamentos para o povo hebreu. Mais adiante o domínio da escrita dos gregos e logo a seguir dos romanos e de seu vasto império que também se utilizou da escrita para conquistar e difundir sua cultura. Por conseguinte, no Século XV com a prensa de Gutenberg e a tipografia um salto gigantesco para a difusão da escrita. Mais recentemente

---

<sup>8</sup> MARTINS, G. Mestrando em Administração e em Tecnologias Emergentes em Educação pela Miami University of Science and Technology (MUST). Especialista em Neurociência e Aprendizagem, Psicopedagogia, Coordenação/Supervisão Escolar, Inspeção Escolar com ênfase em Educação Especial Inclusiva e Pedagogia Empresarial. MBA em Gestão Estratégica. Graduado em Pedagogia e Telecomunicações. E-mail: geisse@geisse.com.br.

com o advento das tecnologias de informação e comunicação a publicação de livros tem agora não somente a versão impressa, mas também a versão digital, que permite que mais pessoas e organizações tenham acesso as ideias e a cultura dos autores. Como nos orienta Reis (2019):

[...] A invenção da escrita provocou profundas mudanças intelectuais e sociais, transformou uma sociedade oral em uma sociedade escrita, considerada por alguns antropólogos como o abandono da mente selvagem. O livro e o texto impresso constituíram uma importante força na evolução cultural e o hábito de ler começou a representar uma poderosa força de mudança social. (REIS, 2019, p.7).

Com efeito, publicar um livro pode até parecer uma atividade simples e disponível, mas de fato não o é. Inúmeros profissionais da educação encontram dificuldades em tornar público os seus trabalhos acadêmicos. Os obstáculos para a produção, confecção, publicação e distribuição de livros, além de ser dispendioso e uma jornada longa e por vezes árida, o que faz desistir muitos autores.

As editoras e canais de difusão (sites, revistas eletrônicas) procuram através de esforços e programas de difusão da ciência. Mesmo plataformas digitais em que se pode publicar gratuitamente os procedimentos balizadores e o tempo para publicação não são menores que 180 dias e ainda sim a um descompasso temporal entre as análises científicas e o hiato do intervalo de tempo de preparação, produção e disseminação do conhecimento.

A disseminação da ciência e do conhecimento por vezes fica relegada a um número muito restrito de pessoas porquê grande parte dos professores desistem na jornada quase homérica de publicar seus livros e suas pesquisas científicas. Muitos professores terminam suas especializações em nível de pós-graduação (Lato e Estrictu Senso) e não conseguem tornar público as suas pesquisas, suas análises e também suas considerações.

Como criar um canal de publicação de livros para os professores e acadêmicos com preços acessíveis e dentro de um intervalo de tempo menor que 180 dias? Como estruturar um plano de marketing para um negócio dessa dimensão? Esses questionamentos serão respondidos ao longo deste trabalho que tem como foco apresentar um planejamento de marketing para a demanda reprimida em questão.

Este trabalho apresenta abordagem qualitativa e para a análise utilizou-se a metodologia de pesquisa de Estudo de Caso, associado com técnica de observação e revisão teórica bibliográfica. Conforme argumenta Minayo:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 22).

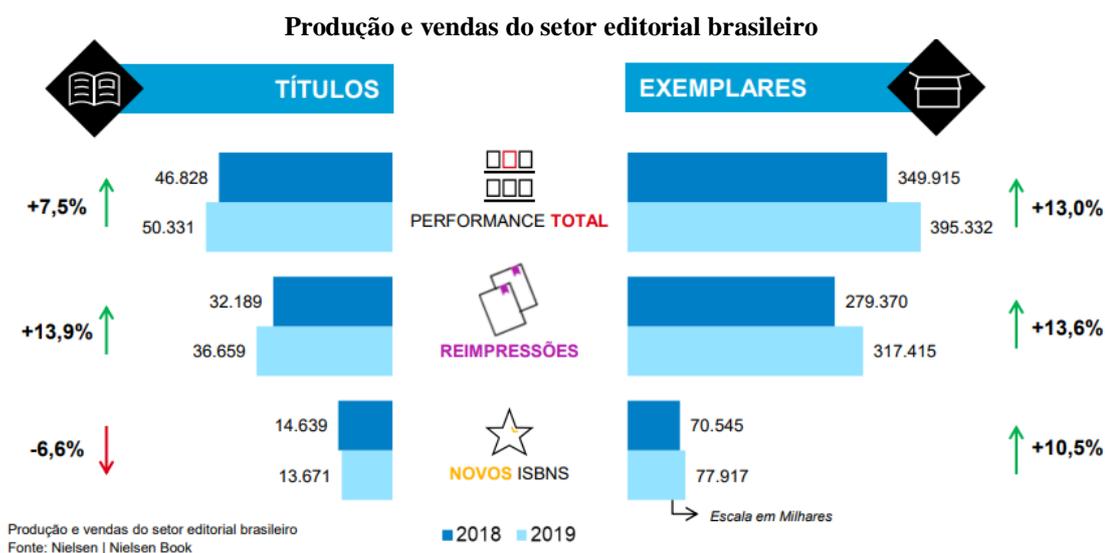
## 2 Fundamentação teórica

Para a humanidade a escrita é parte integrante da sua capacidade em deixar registrado o conhecimento adquirido ao longo do tempo e também passar para as gerações futuras todo esse conhecimento.

Fato é que para os professores e pessoas ligadas ao setor acadêmico, que após longos períodos de investimentos e estudos encontram uma enorme dificuldade em tornar públicos os seus estudos. Análises, experimentos e conclusões. O universo de publicação de textos, artigos, notas de aulas é extremamente hermético e obtuso para a maioria dos professores. Um outro fator que inviabiliza a publicação são os altos preços praticados e a forma de tiragens das edições; que via de regra estão arrimadas por contratos com cláusulas leoninas afugentando os autores.

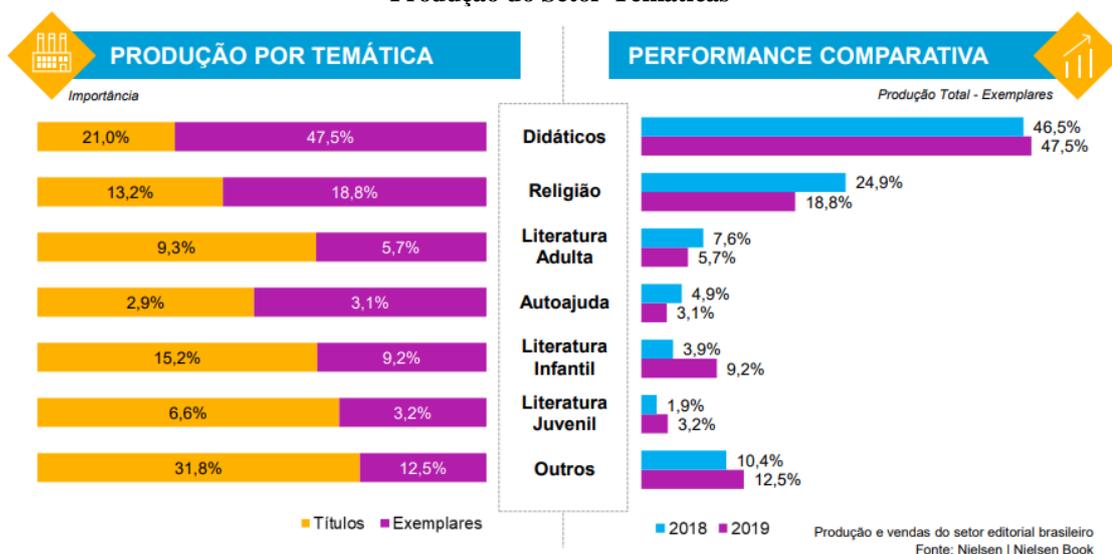
Por outro lado, o mercado editorial brasileiro demonstra-se aquecido mesmo com o retorno de impostos sobre o setor que estavam ausentes até o ano de 2019. O mercado editorial mundial está passando por uma verdadeira revolução. De acordo com uma pesquisa da Nielsen books e da Câmara Brasileira do Livro sobre o mercado editorial ano base 2019 explicitou as seguintes informações:

- Em 2019 o setor livreiro produziu 395 milhões
- 80% reimpressão e 20% novos títulos
- Aumento de 7,5% em 2019 no mercado editorial



Fonte: Nielsen | Nielsen Book

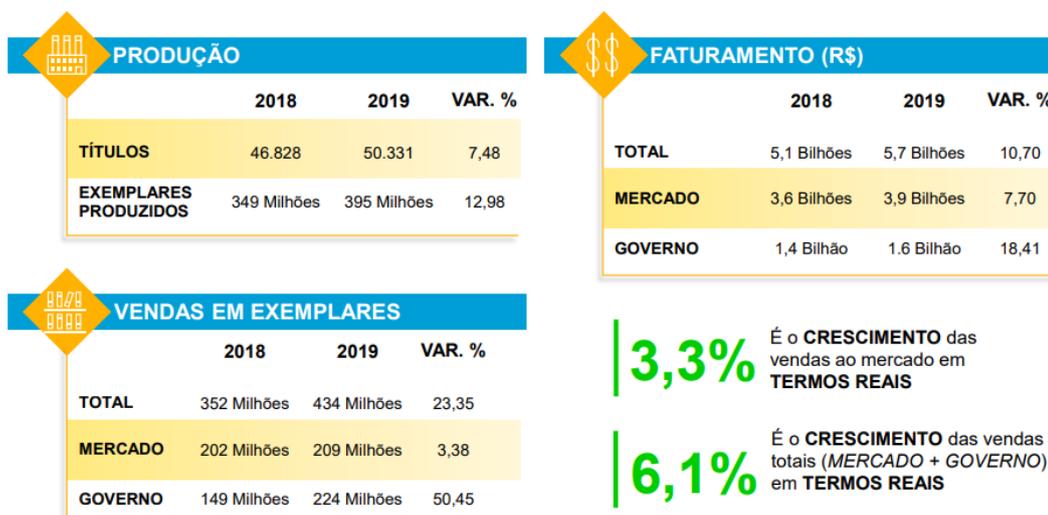
## Produção do Setor-Temáticas



Fonte: Nielsen | Nielsen Book

De um lado há as novas tecnologias (ainda dispersas) que permitem que os autores avancem na construção de seus livros (redatores e revisores on-line, profissionais que desenvolvem arte de capa e diagramação) e existe até mesmo editoras que publicam os livros de “certa forma gratuita”. A publicação é gratuita, mas a impressão tem um preço alto. Por outro há o mercado tradicional do livro impresso que não é muito diferente do “digital”. Oferece as mesmas opções para os autores, mas ao final a publicação final não ficará por menos de 6 salários mínimos. Diante desse cenário é que a proposição de um plano de marketing para ofertar um serviço de publicação digital e impresso sob demanda para os autores, mas com outras estratégias de marketing.

## Resumo do Setor



Fonte: Nielsen | Nielsen Book

## **Produto/Serviço a ser lançado**

O produto/serviço é o de Book Advisor e está estruturado nos seguintes tópicos:

- Seleção e avaliação dos textos (artigos,teses,notas de aula, aulas expositivas escritas);
- Verificação de plagio (utilização de 2 softwares);
- Revisão ortográfica;
- Diagramação e saída para impressão e formato digital;
- Arte da capa;
- Publicação em meio digital em duas plataformas on line (Amazon e clube dos autores) e;
- Impressão sob demanda sem restrição de quantidades para o autor.

## **2.2 Posicionamento**

O posicionamento estratégico da marca terá como principal estratégia diferenciação do mercado e percepção de valor por parte dos clientes.

Os pontos estratégicos do produto serviço quanto ao seu posicionamento será:

- Foco na qualidade da entrega dos produtos e serviços;
- Parcerias com gráficas que atuam com qualidade e preço baixo;
- Custos fixos com mão de obra internos e;
- Comunicação direta com os clientes para que eles possam ser difusores dos trabalhos e da marca.
- Acompanhamento logístico via aplicativo de todo o processo de produção até a entrega

## **2.3 Público alvo**

O público alvo do projeto será focado em professores, acadêmicos e/ou egressos dos cursos de pós-graduação, mestrado e doutorado que ainda não publicaram os seus textos.

## **2.4. Canal de distribuição**

- O canal de distribuição será totalmente via internet e aplicativo.



## 2.5 Mídias

As mídias que serão utilizadas:

- Folders
- Palestras em universidades
- Mídias sociais (Facebook, Instagram, LinkedIn, Whatsup)
- Canal no Youtube

## Considerações finais

O mercado editorial no Brasil está aquecido. A publicação de livros impressos e digitais cresce exponencialmente, atraindo novos escritores e com maior intensidade os que necessitam publicar textos científicos como monografias, dissertações e teses.

Com efeito, há uma demanda reprimida referente a publicação científica que precisa ser atendida. Com um mercado ávido por produções, via de regra as editoras tradicionais repulsam as publicações científicas, uma vez que essa categoria de textos não é atrativa do ponto de vista comercial, ou seja, o grande público não consome em grande escala esse tipo de texto, uma vez que ele não raro é complexo, hermético e mais difundido nos centros acadêmicos e universidades. Nessa direção e sentido, ao perceber esse nicho de mercado, foi pensado um planejamento de marketing que fosse ao encontro das necessidades desse público. Com um conjunto de serviços personalizados com um custo mais acessível, para que seja possível atender os egressos de cursos de pós-graduação, mestrado e doutorado que necessitam publicar os textos em impressos tradicionais e no formato digital. Com efeito, esse planejamento de marketing está ancorado no conceito de Book Advisor (Assessoria

completa e personalizada para lançar livros). De acordo com esse conceito que visa assorar os autores e seus textos que possuem potencial para ser publicado e lido e com aceitação junto ao seu público leitor. Esse serviço visa uma estratégia de forma profissional com organização e planejamento para fazer chegar os textos dos autores até o seu público leitor, de forma personalizada e com preços mais acessíveis.

Utilizando canais de comunicação online através das redes sociais e também com parcerias com universidades, centros universitários para viabilizar um contato direto com o público (autores), e não obstante, uma dinâmica na cadeia de produção e distribuição que opera no modelo inspirado em Herb Kelleher, fundador da Southwest. Nesse modelo de entrega de produtos e serviços o custo de produção precisam ser os mais baixos possíveis com uma entrega de valor agregado customizada. Por conseguinte, na proposta de uma publicação personalizada em que os impressos serão por demanda, viabiliza-se com quanto cada autor pode investir dentro de um orçamento delimitado previamente, sem prejuízo a qualidade do produto final. Um outro fator de diferenciação é a publicação em canais digitais que não são objeto de concorrência com as editoras tradicionais que não operam com essa modalidade. Somado a tudo isso tem também um acompanhamento técnico editorial que vai desde o acolhimento dos textos, passando pela arte da capa e a diagramação, sendo que esse acompanhamento garante qualidade em todo o processo até a entrega do produto final ao cliente. Um outro fator de diferenciação é a entrega dos livros impressos para o cliente do autor (via correios) sem precisar que o mesmo precise estocar livros.

Portanto pode-se concluir que o produto/serviço pretendido vai ao encontro das necessidades do público alvo que são autores de forma customizada; com valor agregado, qualidade e preços acessíveis, utilizando os canais atuais da internet que são as redes sociais. Esse produto/serviço tem um planejamento estratégico voltado para atender as especificidades de um mercado que se apresenta com crescimento exponencial e que pode trazer valor para todos os stakeholders envolvidos no processo.

## **Referências**

LIVRO, C. B. **Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro**. São Paulo: SNEL, 2020.

MINAYO, M. C. S (Org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes. 18. ed. 2001.

REIS, C. K. **História da escrita**: uma contextualização necessária para o. Universidade Federal de Uberlândia, p. 58, out. 2019.

# INTELIGÊNCIA DE NEGÓCIOS NAS AVALIAÇÕES EM GRANDE ESCALA DA QUEBRA DE AXIOMAS TERATOLÓGICOS ATÉ O *ETHOS* CONTEMPORÂNEO

BUSINESS INTELLIGENCE IN LARGE-SCALE EVALUATIONS OF THE BREAK OF TERATOLOGICAL AXIOMES TO THE CONTEMPORARY ETHOS

Geisse Martins<sup>9</sup>

## Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar as ferramentas de inteligência (*Business Intelligence* – BI) dentro do processo de avaliação, em maior escala, das redes de ensino e como tais ferramentas podem subsidiar aos gestores da educação informações para ancorar a tomada de decisões. As avaliações em grande escala têm um raio de abrangência maior que a esfera pedagógica e na contemporaneidade abarcam outras áreas como a econômica e a social. Como instrumento para captar, organizar e tratar volumes grandes de dados coletados, essa ferramenta tecnológica permite abstrair e transformar essas estruturas em visualizações que permitem aos gestores sistematizar o planejamento em ações efetivas frente aos desafios do gerenciamento de um orçamento bilionário como é o da educação brasileira.

**Palavras-chave:** *Business Intelligence*. Gestão educacional. Gerenciamento de orçamento. Avaliação em grande escala. Educação brasileira.

## Abstract

this work aims to analyze the intelligence tools (Business Intelligence - BI) within the process of evaluating, on a larger scale, the education networks and how these tools can provide education managers with information to anchor decision making. Large-scale assessments have a broader scope than the pedagogical sphere and in contemporary times they cover other areas such as economic and social. As an instrument to capture, organize and treat large volumes of collected data, this technological tool allows abstracting and transforming these structures into visualizations that allow managers to systematize planning into effective actions in the face of the challenges of managing a billionaire budget such as that of Brazilian education.

**Keywords:** Educational management. Budget management. Large-scale evaluation. Brazilian education.

## 1 Introdução

Prevalece no senso comum que avaliação escolar é algo ruim e desnecessário. Fato é que as avaliações escolares em grande escala é uma realidade no Brasil, e estão presentes desde a educação infantil até o término da graduação. Todas as redes públicas e privadas utilizam-se de sistemas avaliativos não somente entre os alunos, mas também junto aos professores, gestores e até mesmo, mais recentemente, em parcerias público-privadas.

---

<sup>9</sup> Graduado em Pedagogia e Telecomunicações, possui MBA em Gestão Estratégica e especialização em: Neurociência e Aprendizagem, Psicopedagogia, Coordenação/Supervisão Escolar, Inspeção Escolar com ênfase em Educação Especial Inclusiva e Pedagogia Empresarial. Mestre em Tecnologias Emergentes em Educação, mestrando em Administração pela Must University e doutorando em Educação pela Eikon University. E-mail: geisse@geisse.com.br

Não raro, a aplicação de avaliação, até bem pouco tempo no Brasil, tinha um caráter muito mais próximo do punitivo, todavia, com o advento de novas tecnologias, como o *Business Intelligence* e suas versões análogas, uma nova ótica vem se estabelecendo por parte dos gestores educacionais em todos os níveis. Seguindo uma tendência internacional, esses instrumentos de tecnologia são capazes de auxiliar na consolidação de dados e informações que, por sua vez, podem ser utilizados para produzir conhecimento acerca do universo educacional de uma nação. Isso porque o conhecimento abstraído da fonte primária de dados, que as avaliações em grande escala proporcionam para a análise, auxiliam na tomada de decisões e, até em última instância, nas proposições de políticas públicas. Conforme Souza e Ferreira,

Desse período, até os meados da década de 1970/80, a avaliação educacional recebeu contribuições significativas e se consolidou como uma teoria com objeto e métodos próprios para a realização de diagnósticos cada vez mais precisos sobre o desempenho do aluno, do docente, da instituição escolar e do próprio sistema de ensino. (SOUZA ; FERREIRA, 2019, p. 14).

Com camadas cada vez mais densas em seus níveis de tomada de decisão, as instituições escolares (federais, estaduais e municipais) e as organizações privadas precisam revisar perenemente as práticas pedagógicas e as estratégias do ensino e da aprendizagem, sempre tendo como norte a melhoria contínua dos resultados e desempenhos dos seus estudantes.

Avaliar em grande escala, tendo como base a inteligência artificial e uso de tecnologias de estatística, aplicadas à análise computacional, proporciona uma maior celeridade nos processos (logísticos e operacionais), mas, sobretudo, na tratativa relacionada ao planejamento didático e pedagógico nos processos do ensino e da aprendizagem.

Com efeito, os sistemas avaliativos em grande escala têm um protagonismo que vai além do que simplesmente avaliar primariamente. A avaliação nas grandes redes tem um caráter de intervenção social; transcende os muros dos ambientes de aprendizagem, seus efeitos resvalam-se nas esferas políticas, econômicas e sociais.

Avaliar em escala, e com o uso de ferramentas computacionais que possam trazer à baila perspectivas e prismas outrora não utilizados ou mesmo revelados, possibilita aos gestores, distribuídos em suas hierarquias distintas, obter dados e informações que se sustentam por dois pilares fundamentais: diagnóstico e regulação.

Nessa perspectiva, a administração escolar utiliza-se de *Business Intelligence* ou inteligência de negócios, como é conhecida no Brasil, não somente para coleta, mas como organização, análise e monitoramento das informações que as avaliações permitem abstrair.

Toda a transformação e o processamento das informações contidas dentro desse grande volume de dados, ou como é conhecido, o *bigdata*, dá suporte para tratativas de correção de rotas e de planejamentos, auxilia na interpretação de tendências e comportamentos, também oportuniza a quebra ou a desconstrução de axiomas cristalizados sobre a educação e suas mazelas, seja de forma global ou até mesmo pontual. Com uma perspectiva mais realista e fundamentada em números, essa inteligência de negócios impele, de certa forma, para uma interpretação mais racional e na mesma proporção descortina novas oportunidades e coaduna-se com estratégias efetivas que precisam ser alicerçadas em dados e informações para promover tomadas de decisões mais assertivas em curto e médio prazo. Nessa perspectiva, Costa, Vidal e Vieira discorrem:

A avaliação da educação no Brasil, como forma de regulação, é possibilitada pelo aperfeiçoamento da produção e difusão dos dados estatísticos educacionais. Em outros espaços do globo, esse fator também será decisivo para inserção de uma cultura de responsabilização, visto que, com os avanços metodológicos e técnicos na avaliação de larga escala da aprendizagem, estabeleceram-se instrumentos mais precisos e sofisticados. (COSTA, VIDAL ; VIEIRA, 2019, p. 12).

Diante do exposto, algumas questões incômodas se apresentam: Como essas ferramentas de avaliação em grande escala, disponíveis no mercado, e suas funcionalidades se apresentam para saciar a demanda por dados e informações das redes de ensino no Brasil? Uma vez utilizadas, o que elas oferecem do ponto de vista qualitativo e quantitativo para subsidiar a tomada de decisões? Como o *Business Intelligence*, integrado a essas ferramentas, pode contribuir para a mudança de cenário no campo da gestão educacional brasileira?

## **2 Metodologia**

Este artigo possui o caráter de pesquisa exploratória ancorada em levantamentos bibliográficos que fundamentam reflexões teóricas, a fim de documentar a estrutura, fomentar as análises e ampliar o cerne das discussões e questões que se apresentam no uso e na aplicação de inteligência de negócios no campo da educação, mais especificamente na gestão educacional.

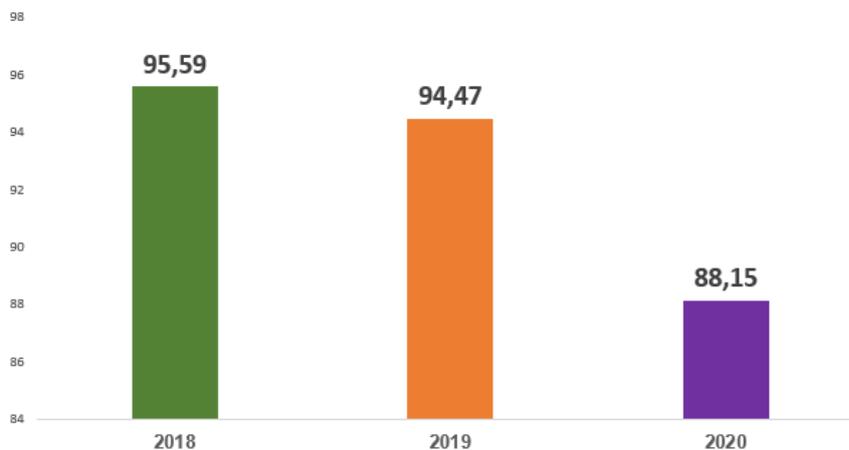
### 3.Fundamentação teórica

#### 3.1 O cenário

Avaliar para planejar melhor. Esta é uma máxima em administração e não poderia ser diferente no ramo educacional. De acordo com o portal da transparência (Controladoria Geral da União, 2021), a educação foi o setor econômico brasileiro que fechou o ano de 2020 com o orçamento consolidado de R\$ 88,15 bilhões. Esse paradoxo, investimento versus resultados em proficiência, está sedimentado no tecido social brasileiro. Nesse aspecto avaliar em grande escala, abstrair dados e informações que possam direcionar as decisões em nível de gestão, impõem-se imperativamente.

Souza e Ferreira (2019) afirmam que a avaliação de larga escala já alcançou um bom nível no Brasil e tem possibilidade de orientar o planejamento de Secretarias estaduais e municipais, bem como o Ministério da Educação.

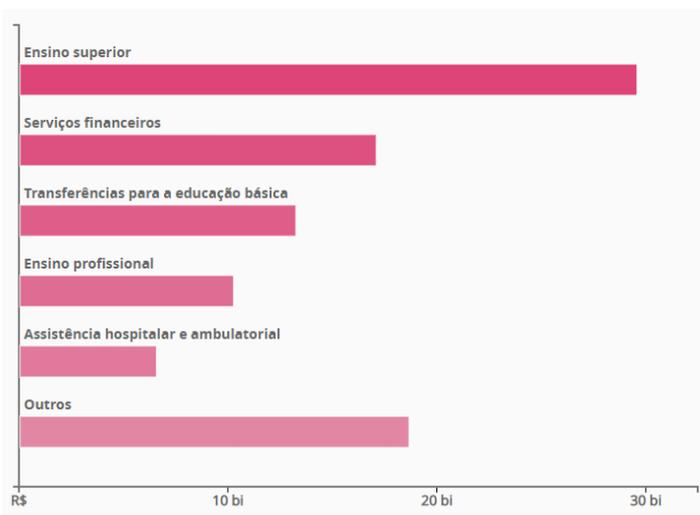
*Gráfico 1. Total de despesas executadas para a área da educação no Brasil (2018 a 2020)*



\* Valores em **Bilhões**

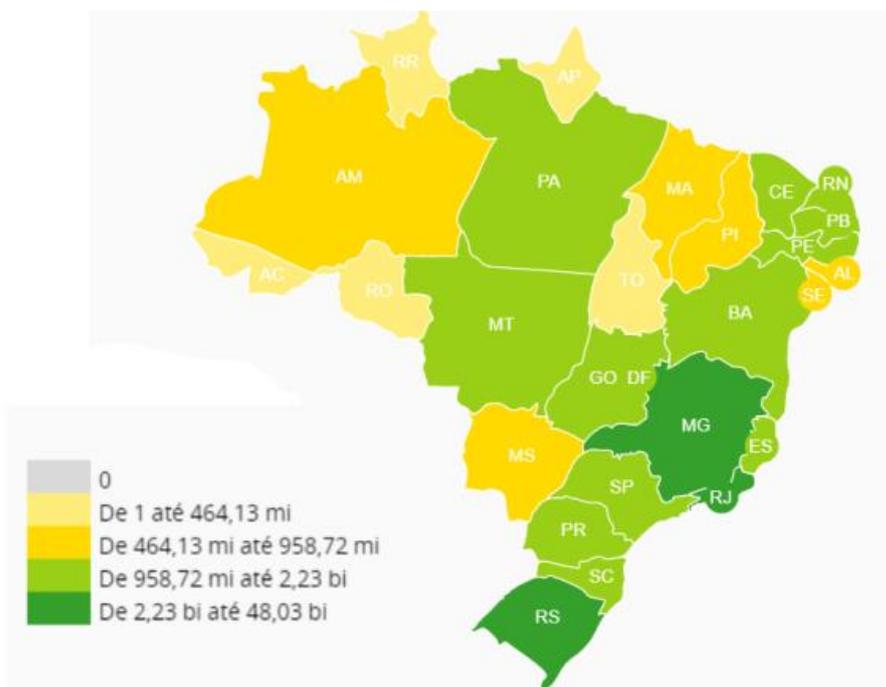
Fonte: o autor, com base nos dados do Portal da Transparência (Controladoria Geral da União, 2018,2019,2020).

Gráfico 2. Despesas por área



Fonte: Controladoria Geral da União (2019).

Figura 2. Despesas por localidade do gasto em Educação



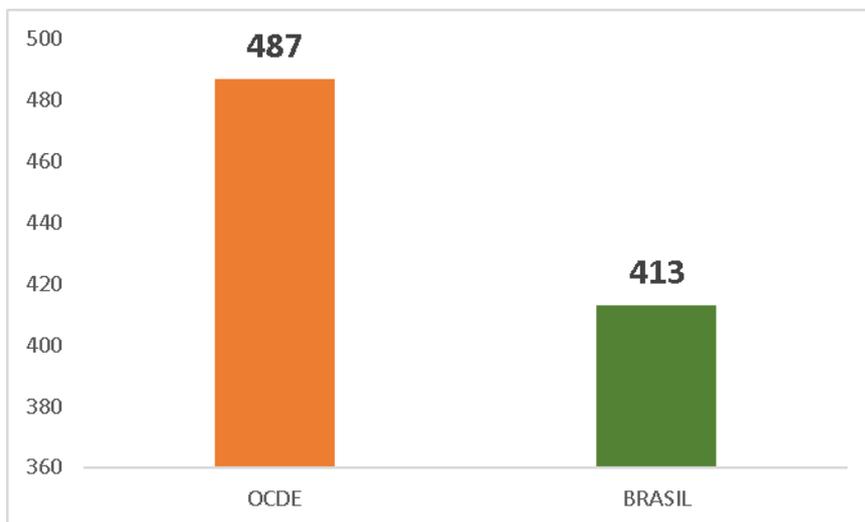
Fonte: Controladoria Geral da União (2019).

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), em seu portal, informa que:

O maior estudo sobre educação do mundo, o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), apontou que o Brasil tem baixa proficiência em leitura, matemática e ciências, se comparado com outros 78 países que participaram da avaliação. A edição 2018, divulgada mundialmente em 3 de dezembro, revela que 68,1% dos estudantes brasileiros, com 15 anos de idade, não possuem nível básico de matemática, o mínimo para o exercício pleno da cidadania. Em ciências, o número chega a 55% e, em leitura, 50%. Os índices estão estagnados desde 2009. (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2019).

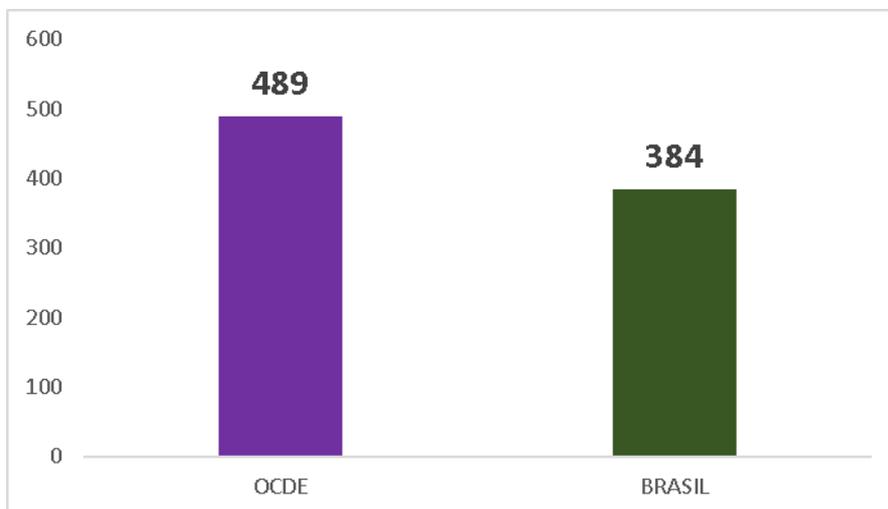
Ainda nesse sentido, O INEP é preciso em afirmar que quando comparado o nível de proficiência em matemática em relação a estudantes de outros países, como Uruguai, Chile e Colômbia, os brasileiros ficam atrás, em uma posição classificada como a pior.

Gráfico 3. Habilidade e Competência em Leitura — PISA



Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2019)

Gráfico 4. Habilidade e Competência em Matemática — PISA 2018



Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2019)

Diante dos fatos expostos e ao *Trade Off*<sup>10</sup> instalado, a associação do *Business Intelligence* nos processos de avaliação em grande escala contribuiu positivamente. Avaliar

---

<sup>10</sup> *Trade Off* é o nome que se dá a uma escolha que se faz em detrimento de outra. Por exemplo: as pessoas enfrentam o trade off entre consumo e lazer. Ou seja, para obter mais consumo é necessário trabalhar mais, logo, abdicar de tempo de lazer.

então, transcende e amplia as dimensões pedagógicas nas quais os sistemas avaliativos eram utilizados.

As dimensões políticas, econômicas e sociais com o advento da inteligência de negócios, entrelaçada e articulada nos exames, permite oferecer aos gestores uma gama maior de dados e informações, cuja aplicabilidade vai desde questões simples e cotidianas, até em implementações de políticas públicas, ações práticas econômicas e até intervenções sociais. De acordo com Bauer, Alavarse e Oliveira:

As reformas educativas implantadas nas últimas décadas caracterizam-se por um conjunto de medidas que articulam os seguintes aspectos:

- a) centralização dos sistemas de avaliação, que passam a ser utilizados como instrumentos de gestão e alimentam políticas de responsabilização aliadas a desenhos censitários de avaliação externa;
- b) descentralização dos processos de gestão e financiamento, que fortalecem o discurso da autonomia e da gestão democrática da escola, numa perspectiva de melhoria dos resultados, o que inclui a autonomia financeira para buscar novas fontes de recursos, que não as fontes públicas tradicionais, e novas formas de gerenciamento da educação pública, o que inclui autonomia de gestão financeira e autonomia de gestão (*school based management*);
- c) ampliação das possibilidades de escolha (*choice*), estimulando mecanismos de competição entre as escolas, o que induziria à melhoria de sua qualidade; e
- d) valorização dos resultados e busca de maior efetividade do serviço ofertado (*school effectiveness*) (BONAMINO, 2013; LEVIN, 2001; OLIVEIRA, 1999, 2000). (BAUER, ALAVARSE ; OLIVEIRA, 2015, p. 1369).

A extração — transformação e carga do conteúdo de dados e informações disponíveis — com a aplicação dos exames, descortina-se, e de certo modo, desconstrói o axioma cristalizado do senso comum acerca da educação e de suas propriedades. Por conseguinte, a melhor forma de prever o futuro é planejá-lo. De tal sorte que as ferramentas computacionais de Inteligência de Negócios (BI) se consolidam como uma alternativa que permite aos gestores, além de planejamento, organização e controle para aplicar os cinco princípios da administração pública: legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência.

A avaliação é uma poderosa aliada na práxis docente. Tem, fundamentalmente, a premissa de uma possibilidade de verificação do alcance dos objetivos propostos no planejamento dos conteúdos que serão oferecidos aos estudantes independentemente da modalidade, forma ou grau de ensino. Estruturalmente, serve como um instrumento de reflexão sobre os processos de ensino e da aprendizagem no tocante ao pedagógico.

Com efeito, estabelecer uma cultura avaliativa que esteja efetivamente a serviço da convergência entre didática e aprendizagem é, por vezes, dificultada no Brasil, em detrimento de uma cultura da não valorização da organização e do controle. Agrava-se à questão postulada, nas redes de ensino, problemas de ordem social dos professores (remuneração,

ordenamento curricular, descontinuidade de programas) e, não rara, a pressão de avaliações externas, como é o caso do PISA.

É importante ressaltar que, na prática, os processos avaliativos carregam em suas composições um constructo de abordagens teóricas organizadas, não somente da aprendizagem, mas também sobre o tecido social em que os avaliados estão inseridos.

Sendo assim, os dados e as informações coletadas pelo sistema no processo de avaliação, precisam ser fonte de coleta e abstração para que uma vez analisados possam gerar indicadores. Nesse sentido, as ferramentas de BI oferecem a possibilidade de trabalhar componentes de visualização de indicadores para explicitar a informação tanto para as tratativas do pedagógico quanto as de administração para os gestores.

Um ponto interessante sobre o BI, que é importante destacar, é a capacidade de visionar o conhecimento e a habilidade que por vezes está implícita na gama de dados, e que somente pessoas com habilidades técnicas e matemáticas, com treinamento específico, teriam acesso, porém com as ferramentas de BI isso fica acessível para todos. Uma vantagem que se apresenta a inteligência de negócios é a capacidade de estabelecer pontos de mensuração que são conhecidos como indicadores, cuja principal característica é sinalizar especificamente uma situação por meio de signos. Em sua estrutura possui medidas calculadas e formadas por métricas, o que o torna um poderoso analista. Esses indicadores são os KPI's – *Key Performance Indicators* (Indicador-chave de Performance). Em avaliações de grande escala, o uso desses indicadores é fundamental, pois permite, dentro de parâmetros pré-determinados básicos ou complexos, ao final do processo de abstração e modelagem dos dados, dar suporte ao acompanhamento das metas traçadas ou associadas ao desenvolvimento planejado ou esperado do desempenho das populações.

*Figura 3. Representação de materialização dos KPI's em disposições gráficas.*



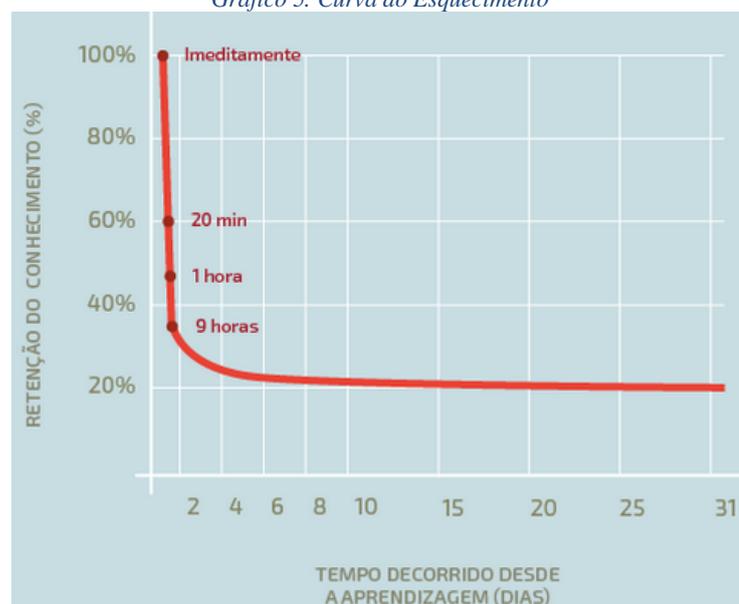
Fonte: o autor

Todo o planejamento desenvolvido com o uso desses indicadores, não raro podem estabelecer os limites das frequências dos dados (limites inferiores e limites superiores) que se apresentam com o comportamento das pessoas envolvidas no processo avaliativo. No uso de inteligência de negócios em sistemas avaliativos, a serviço dos gestores, dois pontos devem ser ressaltados:

- Teoria a resposta do item: em síntese, pode ser entendida que, a partir de um agrupamento de respostas apresentadas por um conglomerado de respondentes a um conjunto de itens, a TRI concede a estimação dos parâmetros dos itens e dos indivíduos escalonados por medida. Em suma, a TRI qualifica o item de acordo com três parâmetros (1. Poder de discriminação, que é a capacidade de um item distinguir os estudantes que tem a proficiência requisitada daqueles que não a tem; 2. Grau de dificuldade; 3. Possibilidade de acerto ao acaso conhecido como chute).

- Mitigação da curva do esquecimento: pressupõe a queda da retenção do conhecimento adquirido e presente na memória ao longo do tempo. Essa curva explicita a dinâmica de como os conhecimentos se esmaecem ao longo do tempo, quando não há esforços em retê-los. Com sistemas avaliativos recorrentes e em intervalos de tempo determinados permitem a correção de rota do planejamento e ações incisivas junto aos estudantes de forma a mitigar ou mesmo interferir na curva do esquecimento.

Gráfico 5. Curva do Esquecimento



Fonte: Sambatech (2019).

Esses dois elementos consubstanciam uma evolução no que se refere ao uso de tecnologias em sistemas de avaliação, e em grande monta desconstrói os axiomas

teratológicos acerca da educação, com as análises sustentadas por dados estratificados estatisticamente, e com representações gráficas e visuais, o que subsidia a tomada de decisões, direciona as ações efetivas para o *ethos* e suas demandas políticas, econômicas e sociais.

### **Considerações finais**

A gestão escolar das grandes redes de ensino exige, dos administradores, tomada de decisões que tem profundo impacto em questões pedagógicas, econômicas e sociais. As decisões dos gestores escolares em suas respectivas esferas e redes exigem, atualmente, uma amplitude maior de dados. Tais informações podem ser conseguidas mediante a avaliação em larga escala.

Esse instrumento, quando associado a inteligência de negócios (BI), visa automatizar a produção dos resultados obtidos, favorecendo as devolutivas técnicas e pedagógicas, seja tanto por meio da construção de visões estruturadas dos dados quanto pela produção e disponibilização de consultas (sintéticas e analíticas) dos resultados. A partir da produção de comparativos, que podem ser em grupos ou mesmo de forma individual, sobre o desempenho dos participantes (turmas, agrupamentos, escolas em específico), há também a capacidade de analisar o desempenho das turmas e das escolas em diversos níveis ou etapas de ensino e componentes curriculares. As ferramentas de inteligência de negócios propiciam a produção de análises (quantitativas e qualitativas) acerca da aprendizagem, relativas às habilidades e competências educacionais avaliadas. A utilização de avaliação em grande escala transcende as questões e tratativas pedagógicas. Não somente permite automatizar os procedimentos operacionais inerentes à aplicação de avaliação da aprendizagem (seja de forma impressa ou *on-line*). Ao que se refere a questões econômicas, essas ferramentas permitem avaliar, por meio das análises de proficiência, como o grupo de pessoas atingido está estratificado quanto ao impacto da educação em seus desempenhos frente aos investimentos que foram destinados ou os esforços financeiros envolvidos e aplicados. Com efeito, todas as análises dispostas dentro de um *dashboard* servem para uma melhor interpretação e conseqüentemente para ações efetivas de ordem social, inclusive de políticas públicas que têm impacto direto no social dos grupos envolvidos na avaliação.

Portanto, pode-se concluir que os sistemas de avaliação em grande escala que se utilizam-se de inteligência de negócios são ferramentas capazes de fornecer informações e subsidiar aos gestores, um conjunto de dispositivos, inclusive gráficos, para a tomada de decisões.

## Referências

BAUER, A., ALAVARSE. O. M.; OLIVEIRA, R. P. de. Avaliações em larga escala: uma sistematização do debate. **Educ. Pesqui.**, v. 41, n. spe., p. 1367-1382, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v41nspe/1517-9702-ep-41-spe-1367.pdf> Acesso: 25 mai. 2021.

CONTROLADORIA GERAL DA UNIÃO. Educação. **Portal da Transparência**, 2018. Disponível em: <http://www.portaltransparencia.gov.br/funcoes/12-educacao?ano=2018>. Acesso: 25 mai. 2021.

CONTROLADORIA GERAL DA UNIÃO. Educação. **Portal da Transparência**, 2019. Disponível em: <http://www.portaltransparencia.gov.br/funcoes/12-educacao?ano=2019>. Acesso: 25 mai. 2021.

CONTROLADORIA GERAL DA UNIÃO. Educação. **Portal da Transparência**. 2020. Disponível em: <http://www.portaltransparencia.gov.br/funcoes/12-educacao?ano=2020>. Acesso: 25 mai. 2021.

CONTROLADORIA GERAL DA UNIÃO. (2021). Educação. **Portal da Transparência**. 2021. Disponível em: <http://www.portaltransparencia.gov.br/funcoes/12-educacao?ano=2020>. Acesso: 25 mai. 2021.

COSTA, A. G., VIDAL, E. M.; VIEIRA, S. L. Avaliação em larga escala no Brasil: entre a coordenação federativa e o ethos do Estado-avaliador. **Revista Educação em Questão**, v. 57, n. 51, p. 1-29, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/15806/11231>. Acesso: 25 mai. 2021

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Pisa 2018 revela baixo desempenho escolar em leitura, matemática e ciências no BRASIL. **Porta Inep**. 2019. Disponível em: [http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil/21206). Acesso: 25 mai. 2021.

SAMBATECH. Curva do esquecimento: como atrair mais alunos no seu EAD? 2019. **Samba Tech**. Disponível em: <https://sambatech.com/blog/insights/curva-esquecimento-como-atrair-mais-alunos-no-seu-ead/>. Acesso: 25 mai. 2021.

SOUSA, C. P. de; FERREIRA, S. L. Avaliação de larga escala e da aprendizagem na escola: um diálogo necessário. **Psicologia da Educação**, 2019. v. 48, p. 13-23. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext;pid=S1414-69752019000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext;pid=S1414-69752019000100003). Acesso: 25 mai. 2021

## ANÁLISE DE OBRAS DE MARY E ELIARDO FRANÇA EM CONTRIBUIÇÃO À ALFABETIZAÇÃO BRASILEIRA.

Katia Masson Peruzzi Donegá<sup>11</sup>

*“Educar é ser um artesão da personalidade, um poeta da inteligência, um semeador de ideias” (Augusto Cury, p 55).*

### Resumo

A criança obtém a aprendizagem à medida que constrói seu raciocínio lógico por isso, é importante que durante o processo de alfabetização a criança seja estimulada a desenvolver um senso crítico, questionador, com autonomia e, associa que uma boa leitura lhe traz benefícios, mesmo que de forma simples. Aconselha-se que crianças em fase de alfabetização ouçam histórias contadas por suas professoras e trabalhem com textos fáceis onde as palavras, frases ou texto são utilizados como estratégia de aprendizado. A leitura é um ato complexo para uma criança e sabendo-se disso, o educador deve se organizar para trabalhar a leitura com certa frequência, a fim de obter uma rotina que favorecerá ao aluno o hábito e o aprimoramento da leitura. A utilização das obras de Mary e Eliardo França são uma ferramenta que há anos vem contribuindo para que os professores possam enriquecer as aulas e de forma lúdica e produtiva.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Leitura. Mary França. Eliardo França.

### Abstract

The child obtains learning as he builds his logical reasoning. Therefore, it is important that during the literacy process the child is encouraged to develop a critical, questioning, autonomous sense, and associates that a good reading brings benefits, even if in a simple way. It is advisable for children in literacy to listen to stories told by their teachers and to work with easy texts where words, phrases or text are used as a learning strategy. Reading is a complex act for a child and, knowing this, the educator must organize himself to work on reading with a certain frequency, in order to obtain a routine that will favor the student's habit and the improvement of reading. The use of the works of Mary and Eliardo França are a tool that for years has been helping teachers to enrich their classes in a playful and productive way.

**Keywords:** literacy. Reading. Mary france. Eliardo france.

### 1 Introdução

Neste artigo será feita uma homenagem bem como uma apresentação sobre Mary e Eliardo França e alguns títulos. Mary é autora de livros infantis e seu esposo Eliardo ilustrador. Essa parceria de anos proporcionou à educação brasileira uma série de livros que fizeram e fazem parte da educação de muitas crianças. Sabe-se que, a realidade de uma sala de aula precisa estar associada a obras literárias como forma de enriquecimento cultural,

---

<sup>11</sup> Pedagoga, Geógrafa, especialista em Educação Infantil e Alfabetização, Ensino Religioso Escolar e Didática do Ensino Superior. Mestranda em Educação pela Integralize.

educacional, lazer, bem como ferramenta no árduo trabalho de alfabetizar. Essa dupla de artistas se dedica a escrever para o público infantil e juvenil contribuindo assim para o processo de alfabetização das crianças brasileiras.

Com textos alegres, bem humorados e ilustrações chamativas, os educadores desenvolvem estratégias para agregar os livros a uma educação mais lúdica e voltada para o universo infantil. Destaca-se o uso das obras de Mary França e Eliardo França no campo da iniciação à leitura conforme a aquisição de competências da criança. Primeiramente, uma leitura visual, pois as ilustrações conversam com os textos e em seguida, a leitura propriamente dita, fazendo uso de um vocabulário simples, mas de suma importância para a construção da identidade leitora da criança.

Pontuam-se três livros dos renomados artistas neste artigo, como forma de ilustrar a preciosidade das literaturas e sugerem-se atividades que podem ser realizadas na prática da rotina escolar. As obras compõem a coleção *Gato e Rato* que hoje faz parte da história da literatura infantil brasileira. Este artigo encerra-se com a biografia de Mary e Eliardo França para que os futuros leitores possam conhecê-los, bem como a vasta obra desse casal.

## **2 Fundamentação teórica**

O processo de alfabetização de uma criança perpassa pelos anos escolares conforme sua necessidade, contudo segundo o Ministério da Educação - MEC, a Base Nacional Comum aconselha que aconteça até o segundo ano do ensino fundamental 1 (MEC, 2017) para que o educador tenha tempo hábil em preparar os alunos para as séries seguintes. Indubitavelmente, tal procedimento tem ligação direta com obras literárias, porque uma sequência didática associada a um paradidático agrega ludicidade e interesse pelo conteúdo.

“Crianças entre seis e sete anos são consideradas leitores iniciantes” (COELHO 2000, p. 34) e necessitam de textos com palavras simples, imagens que predominam sobre o texto e humor. Textos que demonstram o cotidiano, o imaginário com uma dose de graça conquistam as crianças e as colocam para pensar, refletir conforme o desenrolar ou término da leitura. Ao sentir-se bem, a criança associa que uma boa leitura lhe traz benefícios, mesmo que de forma simples, assim, o fato da criança ter dado risadas mediante a contação ou leitura de uma história é motivo para que se interesse por outras leituras. Conforme os dizeres de Rios e Libâneo (2009, p. 33) “a alfabetização coexiste na experiência da leitura”, conseqüentemente a prática dessa leitura auxilia o aluno na construção do conhecimento. Cada tijolo que é adicionado é experiência vivida, cada literatura que a criança tem contato agrega ao processo

de alfabetização. A criança obtém a aprendizagem à medida que constrói seu raciocínio lógico, por isso é importante que durante o processo de alfabetização a criança seja estimulada a desenvolver um senso crítico, questionador, com autonomia e não repetitiva ou mecânica. Neste ponto, a ludicidade das obras facilita o processo, porque a criança enxerga a obra literária como um universo em que pode mergulhar e não somente escutar a leitura, mas sim vivenciá-la. “A aprendizagem é um processo de apropriação do conhecimento que só é possível com o pensar e o agir do sujeito sobre o objeto que ele quer conhecer” (RUSSO, 2012 p. 31). Aconselha-se que crianças em fase de alfabetização ouçam histórias contadas por suas professoras e trabalhem com textos fáceis nos quais as palavras, frases ou texto são utilizados como estratégia de aprendizado. Comumente os textos apresentam palavras muito parecidas, por exemplo, *bode, bota, pata, rato*, assim o educador tem oportunidades para trabalhar letras, sílabas, fonética utilizando um recurso que é atrativo aos olhos de uma criança.

“Os professores transformam a informação em conhecimento e o conhecimento em experiências” (CURY, 2003 p. 57) e contribuem para o processo de alfabetização de seus alunos. Toda a experiência com palavras parecidas faz com que a criança comece a discerni-las e a associá-las a outras palavras que contenham um grafema ou fonema parecido.

“Vygotsky postula que desenvolvimento e aprendizagem são processos que se influenciam reciprocamente, de modo que, quanto mais aprendizagem, mais desenvolvimento” (VYGOTSKY *apud* DAVIS E OLIVEIRA, 1993, p. 56.) Logo, a criança em fase de alfabetização aprende e desenvolve através do texto fácil, de palavras simples, com histórias alegres e uma ilustração chamativa.

Durante o caminhar da alfabetização, os títulos podem ser manuseados pelos próprios alunos que, iniciam um processo de reconhecimento da fonética e do grafema e fazem essas descobertas através de brincadeiras com os colegas, de leitura coletiva, ou com atividades pedagógicas dirigidas pelo educador. “O aluno que inicia seu processo de aprendizado da leitura identifica várias operações cognitivas e afetivas por ele realizadas quando lê.” (MENEZES; RAMOS, 2006, p. 14), por isso a literatura e a leitura são indispensáveis no processo da alfabetização.

Seguindo com o raciocínio deste trabalho, o que entendemos por leitura? Leitura não é somente o ato de pronunciar palavras que se consegue decodificar, realizar o ato mecanicamente. Leitura é compreensão de contexto, é a extensão da escola na vida da pessoa conforme escreve **Cagliari** (2009). Saber ler tem mais importância para um aluno do que saber escrever, haja vista que com o domínio da leitura, consegue compreender textos,

enunciados, realizar interpretações, colaborando assim para um bom desempenho escolar. “A leitura é o melhor que a escola tem para oferecer ao seu aluno, logo uma criança que não tem essa oferta de leitura corre o risco do insucesso” (CAGLIARI, 2009 p. 130).

O fato de a literatura infantil ser escrita para crianças, não quer dizer que deva ter um texto de qualidade duvidosa, muito pelo contrário, isso exige de seu produtor grande preparo, reflexão e estudo. O conceito de literatura infantil é dirigir-se privilegiadamente ao leitor criança, esta é sua especificidade, sua característica. (NANNINI, 2007, p. 20).

A leitura é um ato complexo para uma criança e sabendo-se disso, o educador deve se organizar para trabalhar a leitura com certa frequência, a fim de obter uma rotina que favorecerá ao aluno o hábito e o aprimoramento da leitura.

Além de ter um valor técnico para a alfabetização, a leitura é ainda uma fonte de prazer, de satisfação pessoal, de conquista, de realização, que serve de grande estímulo e motivação para que a criança goste da escola e de estudar. (CAGLIARI, 2009, p. 148).

Para que a criança mergulhe no todo histórico da obra cabe ao educador, como mediador, direcionar os alunos para o campo da imaginação. Mas, o que entendemos por imaginação?

“É a habilidade que os indivíduos possuem de formar representações, ou seja, de construir imagens mentais acerca do mundo real ou mesmo de situações não diretamente vivenciadas” (DAVIS E OLIVEIRA 1993, p. 69).

Durante a leitura de uma obra, feita por um adulto/professor, a criança processa as informações ouvindo o texto, as entonações, as vozes que um personagem pode ter. O leitor enxerga as ilustrações chamativas, coloridas, alegres e neste contexto sua imaginação o leva para dentro da história. A criança começa a expressar sentimentos que podem ser de alegria, tristeza, medo e essa experiência faz com que ela registre concretamente os conceitos dos quais o educador está trabalhando. “As informações são gravadas na memória, as experiências são cravadas no coração” (CURY 2003, p. 74).

Com os livros em mãos as crianças iniciam uma leitura visual, através do colorido, da imagem e, mesmo sem saber decodificar nenhum código, a criança consegue entender o texto e até recontá-lo para os colegas, mais uma vez a imaginação entra em ação, “a imaginação é um reflexo criativo da realidade” (DAVIS E OLIVEIRA, 1993, p. 69).

Consoante Nannini (2007) a imaginação ou fantasia acontece quando a experiência vivida pela pessoa é o suficiente para construir pensamentos e ideais. Neste sentido, é possível pensar em ampliar a experiência cultural das crianças, visando experiências novas a serem adquiridas e arquivadas, para que elas tenham uma boa base para desenvolver sua capacidade

criadora. “A ilustração pode cumprir este papel, uma vez que oferece à criança grande repertório cultural e experiências diversas” (NANNINI, 2007 p. 14).

Já Bibiano (2010) afirma que a ilustração é uma linguagem visual que agrega ao texto, não apenas o reproduz, e pode ser feita com diversas técnicas. Diversos materiais podem ser utilizados para ilustrar, como lápis de cor, canetas hidrocor, tintas, carvão, giz de cera, corantes naturais ou artificiais e o que mais sua imaginação permitir, além das tecnologias próprias para uma ilustração gráfica.

Entende-se que na literatura, em especial a infantil, há textos que necessitam de ilustrações para que a obra se complemente, neste momento, o ilustrador desenha com sua imaginação a fim de instigar a imaginação do leitor ou até mesmo chegar perto da própria imaginação da criança. Ao contrário da literatura adulta que simplesmente as palavras bastam.

O universo da ilustração em um livro infantil coopera com o entendimento da mensagem que a obra quer passar, colabora com o crescimento ou ampliação de uma visão gráfica e crítica.

Através da combinação dos diferentes elementos constitutivos da linguagem visual, linhas, formas, cores, texturas, movimento, encontramos uma maneira de nos comunicar e revelar nosso modo particular de significar o mundo (NANNINI, 2007, p. 48).

Combinando estratégias de leitura, contação de histórias, visualização de imagens e de palavras, os alunos vão adquirindo a bagagem necessária para a construção desse conhecimento. Lembremos que, segundo Davis e Oliveira (1993) a aprendizagem da criança não tem início com a idade escolar, ela chega com uma bagagem, a qual vem desenvolvendo hipóteses e construindo um conhecimento de mundo. A linguagem oral já está em intrínseca na criança, isso é importante para que a leitura da escrita se desenvolva de maneira concreta.

De acordo com Lúcia Pimentel Góes (2003) a imagem facilita e pode despertar questionamentos no leitor, os quais podem se tornar o ponto de partida para novas leituras, que podem significar um prolongamento desenvolvimento do indivíduo, do seu meio, da sua cultura, da sua história. “O ilustrador tem papel importante, ele imprime, soma e acrescenta a um texto a sua maneira especial de olhar o mundo” (NANNINI, 2007, p.13).

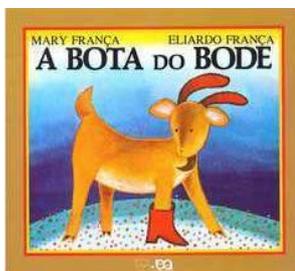
A utilização das obras de Mary e Eliardo França é uma ferramenta que há anos vem contribuindo para que os professores possam enriquecer as aulas por meio da leitura e de suas ilustrações que dão uma característica lúdica. As obras encantam as crianças pelos textos alegres, fáceis de compreender, impressos com letras bastão e de tamanho grande, e pelas ilustrações sempre com cores vivas e desenhos que ocupam toda a página. O casal desenvolveu entre suas preciosas obras a coleção que leva o título de “Gato e Rato” publicado

pela editora Ática, na qual os personagens são em sua maioria animais, bem humorados e com ilustrações chamativas que conversam com os textos.

Com uma coleção extensa e presente nas bibliotecas escolares, os educadores dispõem de um recurso que facilita a imersão da criança no mundo literário, contribuindo efetivamente com o processo de alfabetização. A seguir, apresentam-se três exemplos de obras da coleção “Gato e Rato”, bem como algumas sequências didáticas.

### **Livro: A Bota do Bode**

Imagem 1:



Fonte: Estante Virtual, 2020.

- Iniciar a familiarização com as letras do alfabeto.
- Explorar o fonema B além das palavras que aparecem no texto, consideradas de fácil compreensão como pata, rato, galo, gato, e que apresentam repetições de fonemas e grafemas;
- Listar o nome dos personagens e relacioná-los com as imagens;
- Realizar reescrita coletiva, conforme os alunos vão recontando a história;
- Contextualizar a história por meio de uma encenação;
- Estimular o aluno a continuar oralmente a história após o final original;

Nesta sequência apresenta-se a história da Bota do Bode com estratégia de prática em sala de aula para desenvolver leitura, pintura, explicação oral da criança sobre o texto, organização dos acontecimentos.

Imagem 2



Fonte: Site Mundinho da Criança, 2018.

As atividades a seguir, exigem atenção da criança para lembrar-se do texto e escrever as frases de maneira correta, bem como relacioná-las com as imagens. Ademais, exercita a leitura.

Imagem 3

• O GALO CANTOU PARA O GATO.  
• A BOTA VIROU UMA CASA.  
• O RATO SUMIU NA BOTA.  
• O GALO DEU A BOTA PARA O GATO.  
• O BODE BOTOU A BOTA NA PATA.  
• O BODE VIU UMA BOTA.  
• O BODE COME CAPIM.

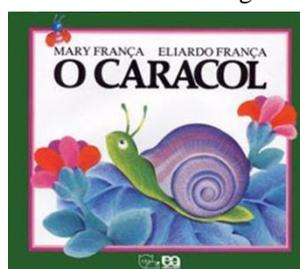
Copie as frases que você leu junto com sua professora.

1 \_\_\_\_\_  
2 \_\_\_\_\_  
3 \_\_\_\_\_  
4 \_\_\_\_\_  
5 \_\_\_\_\_  
6 \_\_\_\_\_  
7 \_\_\_\_\_

Fonte: Site Mundinho da Criança, 2018.

## Livro: O Caracol

Imagem 4



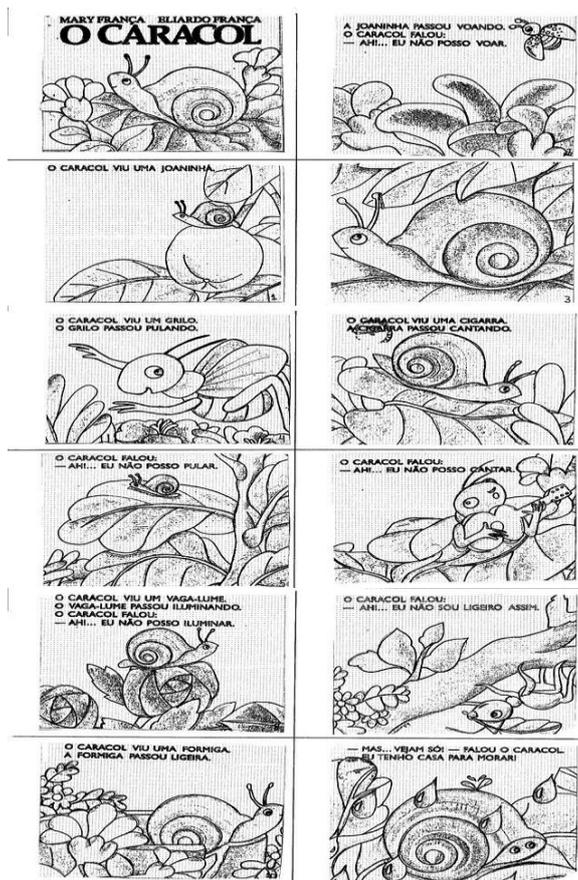
Fonte: Site Educando com Simplicidade, 2012.

Na obra *O Caracol* é válido abordar o assunto de que para ser feliz não precisa desejar o que o outro tem.

- Exercitar a leitura, escrita e escrita coletiva;
- Observar os espaços entre as palavras e linhas;
- Iniciar o conceito de oração, frase;
- Relacionar fala ao personagem;
- Expandir o vocabulário.

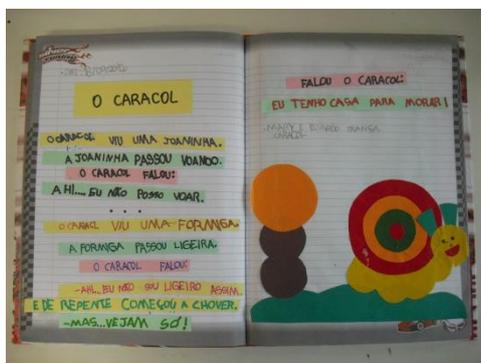
Novamente tem-se uma sequência de imagens que ilustram toda a obra *O Caracol* favorecendo a familiarização do texto com a criança. Em fase de alfabetização a criança necessita do colorido e da ludicidade para que o processo seja assimilado. De forma divertida, a criança tem contato com fragmentos de texto, frases, palavras em uma contextualização que é conhecida da criança.

Imagem 5



Fonte: Site Educando com Simplicidade, 2012.

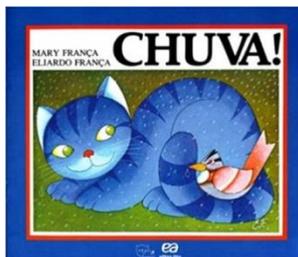
Imagem 6



Fonte: Site Educando com Simplicidade, 2012.

Livro: Chuva!

Imagem 7



Fonte: Site Amazon, 2012.

Esta é uma obra, a qual abrange uma nova fase da alfabetização. Nesta fase, os alunos já devem dominar as sílabas simples para melhor aproveitamento dos estudos.

- Introduzir sílabas complexas como *ch* e *lh*;
- Explorar mais palavras com os dígrafos que aparecem no texto;
- Recontar a história e reescrevê-la;
- Elencar os nomes dos animais que aparecem no texto;
- Destacar os ambientes que aparecem na obra;
- Incentivar o aluno a ler em voz alta e se possível na frente da classe;

Com uma sequência didática mais avançada, a criança terá contanto com sílabas complexas, nas quais os dígrafos começam a ser apresentados. Neste momento, o aluno deverá ter o domínio da leitura de palavras simples para avançar em seus estudos.

*Chuva Telhado Molha Galho Molhado*

Separe as palavras do texto Chuva! conforme seus dígrafos.

Ch	Lh

Vamos agora falar e escrever outras palavras que contêm as famílias do *ch* e do *lh*.


É importante ressaltar que estas atividades assim nomeadas de sequência didática são apenas sugestões e exemplos de como o educador pode desenvolver sua aula com tais obras. É de suma importância que novas sequências didáticas sejam elaboradas a fim de enriquecer os estudos.

- **Biografia dos Autores**

O casal Mary e Eliardo França é um dos grandes fenômenos do mercado editorial brasileiro. Autores de livros para crianças há 39 anos, juntos têm mais de 300 títulos publicados.

A bem-sucedida aventura literária do casal – ela escritora, ele ilustrador – com obras destinadas ao público infantil. Textos objetivos e belas ilustrações, rapidamente conquistaram as crianças em fase de alfabetização, tornando-se também material de apoio didático utilizado nas escolas de todo o Brasil.

Nascidos em Santos Dumont, Minas Gerais, vivem hoje, com seus filhos e netos em Juiz de Fora. Têm livros publicados em várias línguas com prêmios nacionais e internacionais. O casal trabalha em sintonia perfeita: os desenhos do talentoso Eliardo interagem ludicamente com o texto de Mary, atraindo de imediato o pequeno leitor na construção de um imaginário rico em detalhes, através do lúdico e da informação, proporcionando momentos de criatividade e lazer. Para Mary França, “É muito prazeroso escolher as palavras, brincar com seus sons, buscar ritmo para o texto, chamar atenção para velhas ou novas idéias, aguçar a criatividade de outros, fazer rir ou emocionar alguém... Escrevendo, a gente fica íntima do prazer de criar”, diz. Eliardo França, por sua vez acha que: “Desenhar é uma das coisas mais bonitas da vida”.<sup>12</sup>

### **Coleção Gato e Rato – 35 livros**

Mary França e Eliardo França  
Editora Ática

1. A banana
2. A Boca do Sapo
3. A Bota do Bode
4. A Casa Feia
5. A Galinha Choca
6. As Pintas do Preá
7. Bicho Feio, Bicho Bonito
8. Chapéu de Palha
9. Chuva!
10. Dia e noite
11. Fantasia
12. Fogo no Céu
13. Gato com Frio
14. Mariana
15. Na Roça
16. O Balaio do Rato
17. O Barco
18. O Caracol
19. O Jogo e a Bola
20. Pega-pega

---

<sup>12</sup> Clubinho dos autores – Mary e Eliardo França. Disponível em <http://clubemaryeliardo.com.br/>

- 21.O Piquenique
- 22.O Pote de Melado
- 23.O Rabo do Gato
- 24.O Rato de Chapéu
- 25.O Retrato
- 26.O Susto
- 27.O Trem
- 28.O Vento
- 29.O Pato Magro e o Pato Gordo
- 30.Que Medo!
- 31.Que Perigo
- 32.Sapato Novo
- 33.Surpresas
- 34.Tuca, Vovó e Guto
- 35.Um Belo Sorriso 13

### **Considerações finais**

Ao estudar os caminhos da alfabetização, da leitura e do universo encantador que são as obras literárias percebe-se o quão imprescindíveis são estes quesitos para a formação inicial acadêmica de uma criança, porque através delas, uma base sólida forma-se no indivíduo contribuindo para um ser pensante, crítico, questionador e consciente.

O uso das obras de Mary e Eliardo França devem continuar sendo utilizadas como recursos e estratégias pedagógicas a fim de objetivar a construção desse ser pensante e garantir o acesso ao cotidiano literário.

É de suma importância que mais educadores utilizem as obras da coleção *Gato e Rato* para elaborar suas sequências didáticas, compartilhá-las com demais educadores e assim, proporcionar aos seus alunos um aprendizado prazeroso, alegre, marcante e eficaz.

Entende-se que o manuseio das obras por parte dos alunos é necessário para a familiarização dos textos, hipóteses de leituras e contação de histórias realizadas pelos próprios alunos expandindo assim, a comunicação e colaborando com a alfabetização.

Neste trabalho o foco são as idades em que a criança é alfabetizada, no entanto nada impede que demais séries possam trabalhar os textos de Mary França. Entende-se que, o educador tem a liberdade de trabalhar com os textos nas séries seguintes, como nas séries anteriores, ou seja, na pré-escola, porque os resultados aparecem conforme a ênfase que se dá.

Ler é um hábito que todo indivíduo deve praticar, ler é libertador e liberdade é o que faz do indivíduo um ser consciente.

## Referências

AZEVEDO, R. **Texto e imagem:** diálogos e linguagens dentro do livro. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br>. Acesso em: 11 jan. 2021.

BIBIANO, B. **Produção de Ilustrações** Revista Nova Escola. Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/1055/producao-de-ilustracoes>. Acesso em 11jan. 2021.

CAGLIARI, L. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo. Scipione, 2009.

COELHO, N. **Literatura infantil:** Teoria, Análise e Didática. São Paulo. Moderna, 2000.

CURY, A. **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes** 2. ed. Rio de Janeiro: Sextane, 2003.

DAVIS, C. OLIVEIRA, Z. de. **Psicologia na Educação** 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 1993. (Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor).

FARIA, M. A. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2005.

MEC. Ministério da Educação. **Base Nacional determina alfabetização até o segundo ano do ensino fundamental**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/47191-base-nacional-determina-que-criancas-sejam-alfabetizadas-ate-o-segundo-ano-do-fundamental> Acesso em 21 jan. 2021.

MENEZES, M. B. de. RAMOS, W. M. **Livro de estudo:** módulo IV. Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2006. Disponível em <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012790.pdf>. Acesso em 09 fev. 2021.

NANNINI, P. B. R. **Ilustração:** Um passeio pela poesia visual. São Paulo. 2007. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86984/nannini\\_pbr\\_me\\_ia.pdf?sequence=1](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86984/nannini_pbr_me_ia.pdf?sequence=1). Acesso em 11 jan. 2021

PERES, E. **Sugestões de literatura para crianças em fase de alfabetização**. Pelotas. s/d. Disponível em <https://wp.ufpel.edu.br/hisales/files/2015/02/SUGESTAO-DE-LIVROS-PARA-CRIANCAS.pdf> Acesso em 25 fev. 2021

RUSSO, M. de F. **Alfabetização um processo em construção**. São Paulo. Saraiva, 2012.

RIOS, Z. LIBÂNIO, M. **Da escola para casa:** Alfabetização. Belo Horizonte. RHJ editora, 2009.

## Sites

[https://www.estantevirtual.com.br/casaraodlivros/eliardo-franca-mary-franca-a-bota-do-bode-2618644945?show\\_suggestion=0](https://www.estantevirtual.com.br/casaraodlivros/eliardo-franca-mary-franca-a-bota-do-bode-2618644945?show_suggestion=0) acesso em 22 jan. 2021.

<http://educandocomsimplicidade.blogspot.com/2012/05/atividade-de-alfabetizacao.html> acesso em 22 jan. 2021.

<https://www.amazon.com.br/Chuva-Cole%C3%A7%C3%A3o-Gato-Mary-Fran%C3%A7a/dp/8508027907> acesso em 22 jan. 2021.

<http://clubemaryeliardo.com.br/> acesso em 22 jan. 2021.

<https://www.mundinhodacrianca.net/2018/08/livro-infantil-a-bota-do-bode-sequencia-didatica.html> acesso em 28 jan. 2021.

<https://www.aticascipione.com.br/> acesso em 28 jan. 2021.

# AUDIOLIVROS: FERRAMENTA DE TECNOLOGIA VIRTUAL DA EDUCAÇÃO MODERNA

AUDIOBOOKS: VIRTUAL TECHNOLOGY TOOL OF MODERN EDUCATION

Kátia Masson Peruzzi Donegá<sup>14</sup>

## Resumo

A área da educação possui tantos temas que um estudo pode se ramificar por diversas vertentes e ainda assim parecer faltar argumento para tantos dizeres. Por esta razão, este artigo vem discutir um pouco de um recurso pedagógico que se faz realidade atualmente, principalmente em momento de pandemia, na qual o mundo foi acometido no ano de 2020: a leitura na vida das crianças em processo escolar remoto. Os audiolivros são novos recursos de leitura que vem ganhando espaço nas escolas. Uma maneira diferente do habitual não se trata de despropósito com a leitura, mas de uma nova visão sobre ela; diferente, mas atualizada. Como a leitura é um processo na vida do aluno, e está, não acontece de imediato, o incentivo do professor é parte importante na formação de um aluno leitor. Toda criança deve ser incentivada a conhecer a literatura para que ela saiba a importância do ler e interpretar, por isso, associar a alfabetização e a leitura deve ser uma estratégia pedagógica do professor que busca um processo de formação adequado e contínuo para seus alunos. Devido ao novo formato da educação brasileira em época de pandemia, os audiolivros são utilizados como ferramenta de tecnologia virtual.

**Palavras-chave:** literatura. Leitura. Alfabetização. Audiolivro.

## Abstract

The area of education has so many themes that a study can branch out from different perspectives and still seem to lack an argument for so many sayings. For this reason, this article discusses a little of a pedagogical resource that is becoming a reality today, especially in a time of pandemic, in which the world was affected in the year 2020: reading in the lives of children in the remote school process. Audiobooks are new reading resources that are gaining space in schools. A different way from the usual is not about nonsense with reading, but about a new view on it; different but updated. As reading is a process in the student's life, and this does not happen immediately, the incentive of the teacher is an important part in the training of a student reader. Every child should be encouraged to know the literature so that he / she knows the importance of reading and interpreting, therefore, associating literacy and reading should be a pedagogical strategy for the teacher who seeks an adequate and continuous training process for his students. Due to the new format of Brazilian education in a pandemic era, audiobooks are used as a virtual technology tool.

**Keywords:** literature. Reading. Literacy. Audio book.

## 1 Introdução

Este artigo desenvolvido como exigência ao curso de Mestrado em Educação com Integralização de Créditos traz em discussão o uso dos audiolivros como ferramenta educacional nas aulas remotas do ensino fundamental <sup>1</sup>. Decidiu-se sobre este tema porque

---

<sup>14</sup> Pedagoga, Geógrafa, especialista em Educação Infantil e Alfabetização, Ensino Religioso Escolar e Didática do Ensino Superior. Mestranda em Educação pela Integralize.

houve a necessidade da utilização dos audiolivros durante as aulas remotas, momento específico devido à pandemia do Coronavírus 2020.

Apresentam-se algumas considerações introdutórias sobre literatura e leitura, vertentes que se ligam ao recurso do audiolivro. Essas duas linhas da educação são paralelas à alfabetização, processo ímpar na vida escolar da criança.

A criança em idade escolar é estimulada a receber muitas informações, dentre elas a literatura que a ajudará no processo de decodificação das palavras, na construção de frases até a capacidade de compreensão de um texto.

Esse universo vasto e rico da literatura constrói no aluno uma visão poética e crítica afim de proporcionar-lhe uma visão de mundo mais ampla.

Com o uso da ferramenta audiolivro os alunos mantiveram contato com a literatura mesmo no contexto das aulas remotas. Uma forma lúdica e prática que surge para agregar ao processo de alfabetização, sem desmerecer a magia de folhear as páginas de um livro. Este artigo encerra-se com a divulgação de opinião de professoras que utilizaram os audiolivros com os alunos durante as aulas remotas.

## **2 Fundamentação teórica**

A área da educação possui tantos temas que um estudo pode se ramificar por diversas vertentes e ainda assim parecer faltar argumento para tantos dizeres. Por esta razão, este artigo vem discutir um pouco de um recurso pedagógico que se faz realidade atualmente, principalmente em momento de pandemia, na qual o mundo foi acometido no ano de 2020: a leitura na vida das crianças em processo escolar remoto.

Já é um desafio pensar na leitura no processo pedagógico brasileiro, visto que o hábito de ler não é uma atividade intrínseca no aluno-criança; precisa de um trabalho diário para que a leitura aconteça prazerosamente e não automaticamente.

Partindo deste tema, o que se pretende neste trabalho é apresentar uma nova ferramenta tecnológica que poderia auxiliar o aluno-criança a manter a leitura em sua vida escolar, mesmo que as aulas estejam sendo aplicadas remotamente. Os áudios livros são novos recursos de leitura que vem ganhando espaço nas escolas com a ajuda e divulgação dos professores. Ler de maneira diferente do habitual não se trata de despropósito com a leitura, mas de uma nova visão sobre ela; diferente, mas atualizada.

A leitura é um processo na vida do aluno, não é algo imediato, nem espontâneo, por isso, o incentivo do professor é parte importante na formação de um aluno leitor. A leitura é

arte, apresenta a literatura aos seus leitores. A literatura é uma arte que muita cultura pode trazer para a formação do aluno.

Literatura é a arte de ouvir e de dizer, logo, nasce com o homem. Suas origens se assinalam com o uso da palavra: o homem aprendeu a falar, dizer, antes de ler e escrever, como acontece à criança antes de alfabetizar-se. E essa capacidade de ouvir e de dizer é o ponto de partida da aprendizagem (CARVALHO, 1982, p. 47).

A literatura brasileira é rica em autores, histórias, técnicas e escolas. O conhecimento que a literatura oferece pode enriquecer a cultura do aluno, o vocabulário, a amplitude de mundo, a criatividade, a imaginação, bem como pode tornar a leitura um momento de encanto. A literatura pode também, simplesmente, unir-se ao conhecimento que o leitor já tem em sua bagagem, consoante menciona Kleiman: “O leitor utiliza na literatura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida” (KLEIMAN, 2000, p. 13).

De acordo com Diana (2020), a literatura no Brasil tem início com a chegada dos portugueses no ano de 1500. Diários, relatos e descrições não configuram literatura, porém são representações escritas. O primeiro texto literário em terras brasileiras foi a carta de Pero Vaz de Caminha, e a partir dele nossa literatura foi fortemente inspirada pelos portugueses. A literatura é dividida em duas eras: Era Colonial e Era Nacional que compõem diversas escolas literárias. Escolas essas que influenciaram o modo de escrever dos autores brasileiros.

“A chegada da Família Real, com a vinda de D. João VI para o Brasil, inaugura uma nova era, abrindo novos horizontes à educação [...]. Os livros recreativos vieram, mas a literatura infantil ainda teria de esperar” (CARVALHO, 1982, p. 125).

Quando se fala em literatura sabe-se que há nela áreas específicas para cada idade, portanto, falemos da literatura infantil, cujos alunos-leitores são os focos deste artigo.

Segundo Carvalho (1982) a literatura infantil no mundo tem seu início através de Charles Perrault, autor clássico dos contos de fadas, no século XVII. Consagrado escritor francês não poderia prever que suas famosas histórias viessem constituir um novo estilo da literatura, aquela que encanta. Perrault foi intitulado como o criador da literatura da criança.

Toda criança deve ser incentivada a conhecer a literatura para que ela saiba a importância do ler e interpretar. A literatura é conhecida, principalmente, na escola, já que é no ambiente escolar que o aluno deve estar envolvido com o clima da leitura e com a possibilidade de manusear um livro. “Para haver uma literatura infantil é necessário que haja criança e escola. Sem escola não há livros ao alcance de todas as classes” (CARVALHO, 1982, p. 75). As orientações realizadas pelo professor e incentivador devem estar relacionadas à leitura adequada à idade do aluno-criança. Quando o aluno se familiariza com a literatura correta, ele mesmo se condiciona a entender o que lê, mas para isso, a literatura deve estar

direcionada a ele. Para Carvalho (1982) não é fácil escrever para crianças, já que são leitoras contestadoras natas. Sempre há um porquê vindo da criança.

“Se a arte de escrever já é, em si, complexa e difícil, torna-se mais engenhosa quando para crianças. As crianças são muito exigentes. É preciso ser ou tornar-se criança, para escrever e agradecer essas criaturinhas” (CARVALHO, 1982, p. 127).

Os autores da literatura brasileira estão aptos a escrever para crianças e a escolha do professor acerca do autor do livro influencia na qualidade da leitura da criança. São precursores da literatura infantil brasileira e autores que devem ser lidos pelas crianças, segundo Carvalho (1982):

Alberto Figueiredo Pimentel;  
Arnaldo de Oliveira Barreto;  
Manuel José Gondim da Fonseca;  
Thales Castanho de Andrade;  
Viriato Correia;  
Renato Sêneca Fleury  
Vicente Paulo Guimarães;  
Cecília Meireles;  
Vinícius de Moraes;  
Cid Franco;  
Monteiro Lobato.

Um dos autores mais próximos dos alunos, leitores da literatura infantil, é Monteiro Lobato. A escrita adequada à criança e à criatividade de suas narrativas instigam os leitores a conhecer seus personagens e ambientes maravilhosos. “A obra de Monteiro Lobato é a mais rica, a mais abrangente a mais original da literatura infanto-juvenil brasileira” (CARVALHO, 1982, p. 136).

Se ler desenvolve a criatividade do aluno, é certo que o incentivo deve partir de uma leitura criativa e imaginativa para que o livro na mão seja um entretenimento valioso para a própria criança e não uma obrigação, uma tarefa da escola.

A leitura não surge de uma necessidade ou um propósito; quando lemos porque outra pessoa nos manda ler, como acontece frequentemente na escola, estamos apenas exercendo atividades mecânicas. A leitura desmotivada não conduz à aprendizagem (KLEIMAN, 2000, p. 35).

É na leitura que muitos alunos começam a desenvolver outras habilidades pedagógicas como a escrita e o interesse pelo conhecimento. Kleiman (2001) destaca que a leitura pode dar

solução a problemas que podem estar relacionados ao aproveitamento escolar, bem como ao rendimento nas aulas.

Portanto, as atividades de leitura para alunos da primeira fase do ensino fundamental se propõem a situar o indivíduo no contexto social no qual está inserido, com o professor entendendo que alfabetizar é levar o educando a entender o que ler, de maneira que o ato de alfabetização não se resume a um adestramento as técnicas mecânicas de leitura (SILVA, 2011, p. 34).

A alfabetização é um momento muito importante na vida da criança e a leitura faz parte desse processo que a acompanha por toda vida escolar em diferentes fases. O que se entende por alfabetização?

Segundo Colello (2017) a alfabetização se resume na aquisição da língua escrita que diz respeito a um estágio preliminar (os anos iniciais do ensino fundamental) com o objetivo de preparar o aluno para a aprendizagem dos conteúdos curriculares propriamente ditos.

Já, nas palavras de Viela (s/d), a alfabetização é a base da educação. A autora discorre que a alfabetização é um direito humano fundamentado pela **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Enquanto que Freire (1989) diz que a “alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral.” ( p. 12). Ao ser alfabetizada, a criança começa a realizar a sua leitura, de acordo com suas habilidades e tende a desenvolver suas capacidades de decodificação ao passo que é estimulada. Associar a alfabetização e a leitura deve ser uma estratégia pedagógica do professor que busca um processo de formação adequado e contínuo para seus alunos.

Em 2020, o Brasil e o mundo passaram por uma pandemia, que resultou aulas presenciais suspensas. Para que não houvesse uma crise educacional ainda maior, as aulas passaram a ser remotas. Considerando essa situação, entende-se a importância maior de uma alfabetização ainda mais concreta, com leitura desenvolvida. A fim de que a educação não parasse buscou-se uma ferramenta que pudesse auxiliar a leitura e automaticamente a alfabetização: O audiolivro. O audiolivro é um livro em áudio, ou seja, livro falado, também conhecido como *audiobook*. De acordo com Pereira (2020) os audiolivros são recursos utilizados com efeitos sonoros em formato de áudio que ajudam a compreender um texto. A autora ainda menciona que é uma ferramenta extremamente útil para os alunos, especialmente crianças com necessidades educativas especiais.

Inicialmente muito conhecido e difundido na Europa e nos EUA, os audiolivros são considerados uma forma alternativa de incentivo à cultura da leitura. De acordo com Pereira (2020) esse tipo de ferramenta apresenta muitas vantagens para as crianças em idade escolar, como:

- Melhora a proficiência de leitura;
- Introduz novo vocabulário;
- Mostra a forma correta de ler, através das pausas, entonações e articulações;
- Possibilita acesso a vários níveis de livros;
- Permite a leitura em praticamente em todo o lugar.

Devido ao novo formato da educação brasileira em época de pandemia, os audiolivros são utilizados como ferramenta de tecnologia virtual no ambiente com a acessibilidade ao computador, internet, *smartfone*, *tablet*, introduzindo, então, uma nova perspectiva de leitura, a leitura digital. (verifique padronização das cores)

Contudo, os educadores precisaram arregaçar as mangas para se adequarem a essa nova empreitada, pois, muitos docentes, em especial os mais antigos de carreira, não dispõem de habilidades para interagir com essa tecnologia. Foi necessário repensar os currículos para enquadrar as atividades pedagógicas com o uso da internet, inclusive até as próprias atividades educacionais sofreram adequações quanto a didática a ser trabalhada.

Enfim, este é um recurso educacional que foi apresentado à comunidade escolar que tem muitas chances de permanecer no cotidiano educacional contribuindo com o hábito da leitura e o enriquecimento cultural do aluno e que poderá revolucionar a prática da leitura.

## 2.1 Relato de educadores sobre o uso dos audiolivros.

A seguir, serão apresentados alguns breves relatos de professoras de ensino fundamental 1 da EMEF “Tiradentes”, as quais utilizaram a ferramenta dos áudios livros durante as aulas remotas do ano de 2020, na rede municipal da cidade de Brodowski. As professoras discorrem sobre suas percepções sobre os audiolivros.

### LM 1º ano

*“Foi muito produtivo trabalhar com os audiolivros, as crianças tiveram que ver os vídeos várias vezes para realizarem as atividades. Nós deveríamos ter lousa digital na sala de aula, pois a aula se torna muito produtiva e a criança interage muito mais.*

*Com as aulas remotas, deu para perceber que nós temos recursos inexplicáveis extra classe e a aula com audiolivro é radiante para as crianças. Muitas mães me disseram que seus filhos amam ver os vídeos e realizar as atividades.”*

### FG 1º ano

*“Na minha aula eu uso bem, sempre mando com uma interpretação ou simplesmente para ter contato com a leitura. A devolutiva das mães é que as crianças interagem mais, gostam e é algo diferente. Eu achei também que não é*

*algo cansativo, é uma forma deles estarem no celular, mas de uma maneira construtiva e estão aprendendo alguma coisa.”*

#### JC 1º ano

*“Para mim, foi muito proveitoso e para as crianças também. Eu enviava os audiolivros que encontrava no YouTube juntamente com uma pergunta e pedia para que a família gravasse a resposta da criança. Na maioria das vezes as respostas eram positivas, e baseadas no relato das mães eu achei muito proveitoso para este momento.”*

#### VN 2º ano

*“Eu trabalhei desta forma (com audiolivros) para trabalhar datas comemorativas, porque fica mais fácil para a criança entender e mais lúdico ao invés de enviar um texto enorme onde a criança termina de ler e não consegue entender. E contando em forma de história as crianças ficam mais atentas, além de ser muito gostoso ouvir uma historinha.”*

#### CR 2º ano

*“Comecei a trabalhar com audiolivros só que senti uma dificuldade por parte das mães dos alunos. Elas se queixaram que a tela do celular é muito pequena, que não tinham computador em casa, então eu parei de mandar os audiolivros. A resistência foi por parte das mães porque relatos de meus alunos, alguns, eles gostaram!”*

#### AC 2º ano

*“Comecei a trabalhar com audiolivros, mas as famílias e os próprios alunos não tiveram interesse em realizar as atividades propostas por mim. Devido a essa perspectiva deixei de usá-lo.”*

### **Considerações finais**

Entende-se que ao estudar este novo contexto educacional que proporciona aos alunos uma nova maneira de ler, depara-se com situações positivas como acessibilidade ao conteúdo literário, novo recurso para a prática da alfabetização e negativas como a não participação de algumas famílias conforme relatos das próprias educadoras. É possível que esta geração de alunos/crianças possa carregar essa prática da leitura virtual para toda vida o que pode formar uma nova consciência, um novo olhar para a prática e a importância da leitura. Em relação a coleta de relatos, de maneira geral, os educadores acreditam que o uso dos audiolivros como ferramenta para que a criança tenha um contato com a literatura é positiva e útil mediante a situação de pandemia em que vivemos e que deve ser estimulada, incentivada para fins educativos. Porque desta forma o aluno não está totalmente afastado de conteúdos literário e consegue exercitar a leitura, a escrita e a imaginação. Quanto aos educadores, têm a oportunidade de contar com mais uma ferramenta no processo de alfabetização, de construção

do conhecimento preservando a magia da literatura. Espera-se que as devolutivas negativas sejam modificadas caso essa proposta passe a ser mais frequente, de modo que as famílias incentivem seus filhos a estudar, a assistir, a vivenciar ou simplesmente apreciar uma boa história.

As pesquisas sobre esse assunto devem prosseguir para que mais estratégias possam existir e beneficiar aos alunos em fase de alfabetização colaborando também para que o hábito saudável da leitura seja praticado na vida de cada indivíduo.

## Referências

CAMPOS, L. V. 8 de setembro – Dia Mundial da Alfabetização. **Brasil Escola**. s/d. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-da-alfabetizacao.htm>. Acesso em 06 de janeiro de 2021.

CARVALHO, B. V. de. **A literatura infantil: visão história e crítica**. 2. ed. São Paulo: Edart, 1982.

COLELLO, S. M. G. Definição de alfabetização na cultura brasileira é incompatível com referenciais teóricos de hoje. **Revista Educação**. 240 ed., 07 jul. 2017. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2017/07/07/definicao-de-alfabetizacao-na-cultura-brasileira-e-incompativel-com-referenciais-teoricos-de-hoje/> Acesso em 06 jan. 2021.

DIANA, Daniela. Literatura Brasileira. **Toda matéria: conteúdos escolares**. Revisado em 20 set. 2020. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/origens-da-literatura-brasileira/#:~:text=A%20Era%20colonial%20da%20literatura,Brasil%20era%20col%C3%B4nia%20de%20Portugal>. Acessado em 21 dez. 2020.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. Paulo Freire. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

KLEIMAN, A. **TEXTO LEITOR: ASPECTOS COGNITIVOS DA LEITURA**. 7ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2000.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PEREIRA, C. Áudiobooks: uma ferramenta para ler, ouvindo. **Site Educa Mais**. 10 abr. 2020. Disponível em <https://educamais.com/o-que-sao-audiolivros/> . Acesso em 06 jan. 2021.

SILVA, J. A. da. Discutindo sobre leitura. **Letras escreve – revista de estudos linguísticos e literários do curso de letras-unifa**. v.1, n. 1, Jan. Jun. 2011. Disponível em <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/viewFile/326/n1jose.pdf> . Acessado em 06 jan. 2021.

## **A LEI 11.645/08, O ENSINO DA HISTÓRIA INDÍGENA E O MARCO TEMPORAL: UM OLHAR DECOLONIAL**

LAW 11.645 / 08, THE TEACHING OF INDIGENOUS HISTORY AND THE TEMPORAL FRAMEWORK: A DECOLONIAL LOOK

Eduardo Gomes Da Silva Filho<sup>15</sup>

### **Resumo**

O presente texto, visa discutir a respeito das mudanças ocorridas na legislação educacional brasileira, que impactaram no desenvolvimento de ações voltadas para o ensino de História indígena no Brasil, à luz dos olhares e perspectivas decoloniais, tendo como cenário, outras questões contemporâneas da legislação vigente que se contrapõem aos avanços alcançados por estas leis, como no caso do Marco Temporal, um típico retrocesso às conquistas dos povos tradicionais, com suas práticas de resistências frente aos desmandos do Estado Brasileiro e da afronta aos seus direitos constitucionais.

**Palavras-chave:** Ensino; Marco Temporal; Resistência Indígena; Olhar Decolonial.

### **Abstract**

This text aims to discuss the changes that have occurred in the Brazilian educational legislation, which impacted on the development of actions aimed at teaching indigenous history in Brazil, in the light of the decolonial perspectives and perspectives, taking as a backdrop, other contemporary issues of the current legislation that opposes the advances achieved by these laws, as in the case of Marco Temporal, a typical setback to the conquests of traditional peoples, with their practices of resistance in the face of the Brazilian State's excesses and the affront to their constitutional rights.

**Keywords:** Teaching; Temporal Landmark; Indigenous Resistance; Decolonial look.

## **1 Introdução**

O dia 10 de março de 2008, tornou-se símbolo de um novo momento no cenário do ensino de história, sobretudo, no que diz respeito à educação indígena. O advento da lei 11.645, alterou o artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.934/96, popularmente conhecida como LDB. A partir daí, ela passou a vigorar com a seguinte redação: “Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena”.

A diversidade proporcionada pela implementação da lei, possibilitou um maior diálogo entre a História da África, dos africanos e de pessoas escravizadas, com a História indígena. Contudo, parte desses avanços, devemos à Lei 10.639/2003, que já havia tornado obrigatório no início dos anos dois mil, o ensino de História da África nos estabelecimentos públicos e

---

<sup>15</sup> Professor da Universidade Federal de Roraima, Campus Murupu. Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira-PPGH/UNIVERSO.

particulares do país. Acerca desses avanços, reflexões e questionamentos, o Prof. Dr. Edson Silva analisa:

A Lei nº 11.645, promulgada em março/2008, que determinou a inclusão nos currículos escolares da Educação Básica pública e privada o ensino da História e Culturas Afro-brasileiras e Indígenas, faz parte de um conjunto de mudanças provocadas pelas mobilizações da chamada sociedade civil, os movimentos sociais. São conquistas pelo reconhecimento legal de direitos específicos e diferenciados em anos recentes, quando observamos a organização sociopolítica no Brasil. Nas últimas décadas, portanto, em diversos cenários políticos, os movimentos sociais com diferentes atores conquistaram e ocuparam seus espaços, reivindicando o reconhecimento e o respeito às sociodiversidades (SILVA, 2017, p. 91-92).

Depreende-se a partir da fala do autor, que após a implementação da lei, ocorreram avanços significativos desses povos nos contextos sociais, educacionais e políticos, principalmente com a ocupação de espaços que antes eram historicamente renegados. No entanto, objetiva-se neste texto uma análise mais voltada para os possíveis impactos no ensino de história indígena, tendo como pano de fundo a Lei 11.645/08 e os efeitos nocivos que poderão ocorrer a partir da PEC 215/00 denominada de Marco Temporal.

## **2 Fundamentação teórica**

### **2.1 A Funai, o CIMI, o MPF e à contrariedade ao Marco Temporal**

A esse respeito, várias entidades e órgãos se pronunciaram contrárias à PEC, como nos casos da Funai, CIMI e Ministério Público Federal. Em uma nota técnica elaborada pela Funai, podemos observar o seu posicionamento quanto ao tema, vejamos:

A Fundação Nacional do Índio - Funai vem a público manifestar sua irrestrita oposição à PEC 215/00, que tramita no Congresso Nacional. Tal proposta representa uma grave ameaça não apenas aos direitos indígenas, mas a toda sociedade, uma vez que é inconstitucional por vários aspectos. A PEC 215/00 propõe a transferência de responsabilidades sobre a demarcação de terras indígenas do Poder Executivo para o Legislativo, desrespeitando a Constituição de 1988, cujos direitos ali expressos representam uma conquista de todo povo brasileiro. Na prática, essa transferência significa que a definição sobre as terras onde os indígenas poderão exercer seu direito à permanência física e cultural está sujeita às maiorias políticas de ocasião. Sabemos que hoje esta maioria representa interesses pessoais e financeiros e atua para que não seja demarcada nenhuma terra indígena, como foi dito explicitamente por parlamentares membros da Comissão Especial, que ontem aprovou a PEC 215/00. Além disso, esta proposta inclui a possibilidade de arrendamento das terras indígenas, que são bens da União e que, com isso, seriam passíveis de serem usadas para lucros de terceiros, desrespeitando os direitos de todos os brasileiros. Prevê que indígenas sejam categorizados entre diferentes estágios de desenvolvimento e de inserção na sociedade nacional, confrontando o artigo 231 da Carta Magna, que reconhece aos povos indígenas sua organização social, costumes, línguas, crenças e

tradições, superando a lógica da tutela, integração e assimilação cultural (NOTA TÉCNICA FUNAI, 2021)<sup>16</sup>.

Corroborando com esse entendimento, o Conselho Indigenista Missionário-CIMI, através da assessoria jurídica, posicionou-se desfavorável à PEC 215, e divulgou uma nota com base em um pedido feito ao Supremo Tribunal Federal-STF, feito por lideranças do povo Xokleng, em relação à paralisação dos efeitos de um parecer feito pela Controladoria Geral da União-CGU, ainda no governo do Presidente Michel Temer:

Em importante decisão liminar deferida hoje (7), o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Edson Fachin suspendeu os efeitos do Parecer 001/2017 da Advocacia-Geral da União (AGU) sobre todas as terras indígenas do Brasil. A medida agora suspensa determinava a aplicação da tese do marco temporal e inviabilizava a demarcação de grande parte das terras tradicionais no país. Estabelecido ainda sob o governo de Michel Temer, em 2017, o “Parecer Antidemarcação” vinha sendo usado pelo governo Bolsonaro para reverter demarcações de terras indígenas em estágio avançado e justificar o abandono, pela Funai, da defesa de comunidades indígenas em processos judiciais. A decisão liminar, que ainda deve ser analisada pelo plenário virtual da Suprema Corte, resulta de um pedido feito pelo povo Xokleng no processo de repercussão geral sobre as terras indígenas, com o apoio de diversas organizações indígenas, indigenistas e de direitos humanos reconhecidas no processo como *amicus curiae* (NOTA DA ASSESSORIA JURÍDICA DO CIMI, 2020)<sup>17</sup>.

Nota-se, que mesmo com as recentes conquistas na legislação educacional, o avanço do neoliberalismo ainda trabalha forte em outras frentes contra os povos tradicionais. Contudo, o tema despertou também a atenção do Ministério Público Federal, que reafirmou a inconstitucionalidade da tese do Marco Temporal, através de uma nota técnica elaborada pela Câmara de Populações Indígenas e Comunidades Tradicionais do MPF (6CCR).

Essas preocupações que foram externadas anteriormente, buscam encontrar soluções para tentar reverter esse “jabuti jurídico”, que abre precedentes para a devastação dos territórios tradicionalmente ocupados, por intermédio da ação de grileiros, posseiros e outros agentes ligados aos interesses dos grandes latifundiários e do agronegócio, além de tentar descaracterizar de forma absurda o conceito de identidade étnica, que são estabelecidos antropológicamente por autoidentificação, como preconiza a Funai em consonância com a Convenção nº 169 da OIT e do Estatuto do Índio, os critérios adotados:

[...] se baseiam na Convenção 169 da OIT sobre Povos Indígenas e Tribais, promulgada integralmente no Brasil pelo Decreto nº 5.051/2004, e no Estatuto do Índio (Lei 6.001/73). A Convenção 169 da OIT sobre Povos Indígenas e Tribais, promulgada integralmente no Brasil pelo Decreto nº 5.051/2004, em seu artigo 1º afirma que:

<sup>16</sup> Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/3494-nota-da-funai-sobre-a-pec-215-00>. Acesso em: 24. Mar. 2021.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://cimi.org.br/2020/05/stf-suspende-parecer-agu-marco-temporal-demarcacoes/>. Acesso em: 24. Mar. 2021).

1. A presente convenção aplica-se: a) aos povos tribais em países independentes, cujas condições sociais, culturais e econômicas os distingam de outros setores da coletividade nacional, e que estejam regidos, total ou parcialmente, por seus próprios costumes ou tradições ou por legislação especial; b) aos povos em países independentes, considerados indígenas pelo fato de descenderem de populações que habitavam o país ou uma região geográfica pertencente ao país na época da conquista ou da colonização ou do estabelecimento das atuais fronteiras estatais e que, seja qual for sua situação jurídica, conservam todas as suas próprias instituições sociais, econômicas, culturais e políticas, ou parte delas. 2. A consciência de sua identidade indígena ou tribal deverá ser considerada como critério fundamental para determinar os grupos aos que se aplicam as disposições da presente Convenção. Já o Estatuto do Índio (Lei 6.001/73) define, em seu artigo 3º, indígena como: [...] todo indivíduo de origem e ascendência pré-colombiana que se identifica e é identificado como pertencente a um grupo étnico cujas características culturais o distinguem da sociedade nacional. Dessa forma, os critérios utilizados consistem: a) na autodeclaração e consciência de sua identidade indígena; b) no reconhecimento dessa identidade por parte do grupo de origem (FUNAI, CRITÉRIOS UTILIZADOS PARA IDENTIFICAÇÃO DE INDÍGENAS, 2021)<sup>18</sup>.

### 2.3 Perspectivas e Olhares Decoloniais

Em termos gerais, a decolonialidade refere-se à perspectiva do pensamento decolonial, que busca inverter à lógica capitalista e exploratória, enraizada na nossa sociedade a partir de ações coloniais predatórias. Sendo assim, ela possibilita irmos na contramão deste processo, com a valorização da pluralidade de ideias, e a abertura para ouvirmos às vozes que foram silenciadas compulsoriamente no Brasil durante séculos.

É a partir deste cenário, que novos trabalhos vêm surgindo, principalmente com a resiliência e os aprofundamentos teórico-metodológicos de professores e pesquisadores que se debruçam atualmente neste tema. Para tanto, a obra “Ensino de História Indígena e Educação Intercultural: Experiências Decoloniais em Perspectiva” (2020), organizada pelos professores: Eduardo Gomes da Silva Filho (UFRR), Fernando Roque Fernandes (UNIR) e Júlia Maria Corrêa Almeida (UFRR), destaca-se neste novo contexto historiográfico acerca do tema, à medida que traz textos que versam sobre os olhares Decoloniais em suas mais diversas nuances. O prefácio foi escrito pelo professor Mauro Cezar Coelho (UFPA), que contribuiu significativamente a partir da sua experiência no ensino de história indígena, sobretudo da

---

<sup>18</sup> Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/todos-ouvidoria/23-perguntas-frequentes/97-pergunta-3>. Acesso em: 24. Mar. 2021.

Amazônia, tanto na graduação, quanto no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará (UFPA), com ideias inovadoras a partir dos conceitos e perspectivas da decolonialidade.

Isto posto, outros trabalharam mais adensados nos serviram de base para esta análise, o primeiro deles, trata-se do Relatório Pós-Doutoral do Professor da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Prof. Dr. Thiago Leandro Vieira Cavalcante, desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Maringá (UEM), sob a orientação do Prof. Dr. Lúcio Tadeu Mota, com um texto suplementar denominado: “História Indígena no Brasil: historiografia, crítica decolonial e perspectivas contemporâneas”.

Nele, o autor se debruçou na análise paradoxal entre a colonialidade e a decolonialidade, demonstrando no texto uma habilidade de discernimento entre ambos os conceitos, tendo como pano de fundo exemplos historicamente construídos, além de referenciais teóricos que lhes proporcionaram o devido respaldo.

Nesse sentido, o autor discorre acerca da perspectiva da história indígena na educação, corroborando com a nossa proposta de análise nesse texto, a partir da implementação da lei 11.645/08. Vejamos:

Desde 2008, por força da Lei 11.645 de 10 de março de 2008, o ensino da História e da Cultura Indígena, além da afro-brasileira, foi tornado obrigatório nos estabelecimentos de ensino básico – públicos e privados – de todo o Brasil. Motivados por essa legislação, muitos cursos de formação de professores de História instituíram em seus currículos disciplinas como História Indígena ou Educação para as Relações Étnico-Raciais. A publicação dessa lei e a implantação das disciplinas curriculares correlatas nos cursos superiores de formação de professores de História levam a algumas reflexões. O que foi uma conquista dos movimentos indígenas, também revela que em pleno século XXI a História e a Cultura Indígena continuam negligenciadas tanto na organização curricular do ensino básico, quanto na organização curricular dos cursos de graduação em História. Tanto é que a reação mais comum à legislação por parte dos professores do ensino básico foi alegar incompetência para tratar do assunto, uma vez que não receberam tal capacitação quando de sua formação inicial. Ou seja, a História, enquanto área manteve-se por longo tempo no mínimo conivente com as narrativas que invisibilizaram os povos indígenas na história nacional (CAVALCANTE, 2019, p. 34-35).

Adentrando mais especificamente na seara do pensamento decolonial e da história indígena, o autor nos ajudou a compreender seus primórdios, como podemos observar em epígrafe:

O pensamento decolonial, embora tenha aproximações com os anteriormente citados, é uma perspectiva surgida nas Américas, pensada, sobretudo, por latino-americanos que vivenciam a realidade do continente. [...] A descolonização da História, e mais especificamente da História Indígena, implica pensar nossos problemas a partir de experiências e epistemes que rompam com os ditames eurocêntricos e, sobretudo, que rompam com qualquer perspectiva teórica ou política de cunho universalizante, é preciso que a diversidade seja não apenas respeitada, mas também desierarquizada (CAVALCANTE, 2019, p. 49).

## 2.4 Vozes indígenas, protagonismo e reivindicações a partir de olhares decoloniais à luz dos instrumentos jurídicos

Muitas vozes atreladas ao movimento indígena contemporâneo, baseadas no pensamento decolonial, vem ecoando em busca de serem ouvidas pela sociedade envolvente. Entre elas, podemos destacar: Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Gersem Baniwa, Joenia Wapichana, Cacique Raoni, David Kopenawa, Sônia Guajajara, Casé Angatu Xukuru Tupinambá e Jacir de Souza Macuxi, entre outros.

Essas lideranças se destacam nas mais diversas áreas da sociedade, como na Literatura, História, Antropologia, Letras, além da atuação política. As pautas defendidas, giram em torno da defesa dos povos tradicionais, partindo da preservação dos seus direitos, conquistados e assegurados pela Constituição Federal de 1988, em especial, nos artigos 231 e 232. (CF/88, Art. 231, 232).

Sem dúvida alguma, a Constituição Federal de 1988, é um verdadeiro marco, no que tange aos avanços dos direitos dos povos tradicionais no Brasil, superando à perspectiva assimilacionista e tutelar deixada pelo Estatuto do Índio de 1973. A esse respeito, o Marco legal da política indigenista brasileira adverte:

Apesar de resguardar os usos, costumes e tradições indígenas, de garantir a posse permanente sobre as terras que habitam e o usufruto exclusivo das riquezas naturais, o Estatuto do Índio foi aprovado no contexto de uma visão ideológica assimilacionista, ou seja, com a proposta de “integrar” os indígenas a uma suposta comunhão nacional homogênea, quando se sabe que a sociedade brasileira é complexa e plural. Em outras palavras, para ser cidadão brasileiro com plenos direitos, o indígena teria que deixar de ser indígena (MARCO LEGAL DA POLÍTICA INDIGENISTA BRASILEIRA, 2010, p. 32).

A ressonância dessas vozes, encontra ecos nas ações da Advocacia Geral da União (AGU) e do Ministério Público Federal (MPF), quem desempenham um papel de vital importância na defesa dos direitos desses povos. Atrelado a isso, destaca-se o protagonismo que as lideranças indígenas por ora citadas neste texto, - além de tantas outras pelo Brasil -, exercem junto às suas etnias, e, conseqüentemente, seus territórios tradicionalmente ocupados.

### **Considerações finais**

Objetivamos com este texto, apenas levantar alguns pontos pertinentes às discussões dos temas propostos. Levou-se em consideração, algumas propostas sensíveis à causa indigenista brasileira, sobretudo, no que diz respeito ao ensino de história indígena, tendo

como base a Lei 11.645/08, as críticas ao Marco temporal, além dos diversos olhares das perspectivas decoloniais.

Soma-se a isso, um importante adendo que foi feito no texto, exaltando o protagonismo indígena, a partir de uma breve exposição de lideranças contemporâneas, assim como os instrumentos jurídicos cabíveis na luta em prol dos direitos destes povos. Contudo, o texto não tem a pretensão de conceitos prontos, mas apenas de discuti-los e suscitar reflexões nos leitores que buscam por informações referentes à proposta da mesa.

Espero que mesmo de uma forma breve e sucinta, eu tenha colaborado de alguma forma para isso, a partir da indicação de possíveis caminhos, que levem os leitores ao conhecimento.

## Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, 2014. art. 231, 232. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 25. mar. 2021.

BRASIL. Lei 6.001 de 19 de dezembro de 1973. **Estatuto do índio**. Brasília: Senado Federal, 2014. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6001.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6001.htm). Acesso em: 25. mar. 2021.

BRASIL. **Lei 10.639/2003 de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm). Acesso em: 24. mar. 2021.

BRASIL. **Lei 11.645/08 de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm). Acesso em: 24. Mar. 2021.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 24. Mar. 2021.

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. **História Indígena no Brasil**: historiografia, crítica decolonial e perspectivas contemporâneas. Relatório Pós-Doutoral. Maringá-PR, 2019.

DECRETO nº 5051/2004. **Convenção 169 da OIT**. Brasília, 2004. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5051.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5051.htm). Acesso em: 24. mar. 2021.

FUNAI, **Crítérios utilizados para identificação de indígenas**. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/todos-ouvidoria/23-perguntas-frequentes/97-pergunta-3>. Acesso em: 24. mar. 2021.

FUNAI. Marco legal da política indigenista brasileira. **Funai**. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/coplam/doc/12-Dez/MARCO-LEGAL-POLITICA-INDIGENISTA.pdf>. Acesso em: 25.mar. 2021.

CIMI. **Nota da assessoria jurídica do cimi**. Disponível em: <https://cimi.org.br/2020/05/stf-suspende-parecer-agu-marco-temporal-demarcacoes/>. Acesso em: 24. mar. 2021.

FUNAI. **Nota técnica Funai**. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/3494-nota-da-funai-sobre-a-pec-215-00>. Acesso em: 24. mar. 2021.

OIT. **Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho-OIT sobre Povos Indígenas e Tribais**. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/atuacao-tematica/ccr6/documentos-e-publicacoes/legislacao/legislacao-docs/convencoes-internacionais/convecao169.pdf/view>. Acesso em: 24. mar. 2021.

SILVA, E. H. Os Povos Indígenas e o Ensino: Reflexões e Questionamentos às Práticas Pedagógicas. **Tópicos Educacionais**, Recife, v. 23, n.2, p. 89-105, jul/dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/>. Acesso em: 24. mar. 2021.

SILVA FILHO, E. G. da; FERNANDES, F. R.; ALMEIDA, J. M. C. **Ensino de História Indígena e Educação Intercultural: Experiências Decoloniais em Perspectiva**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2020. 204 p.

# ALFABETIZAÇÃO GEOGRÁFICA: UM RETORNO AO ESTÍMULO DE CONSTRUÇÃO SOCIAL

## GEOGRAPHICAL LITERACY: A RETURN TO THE STIMULUS OF SOCIAL CONSTRUCTION

Kátia Masson Peruzzi Donegá<sup>19</sup>

### Resumo

Nas séries iniciais, a geografia se enquadra nos estudos sociais juntamente com a sociologia e a história e tem como objetivo estudar o espaço geográfico. A criança em idade escolar, por volta dos 6-7 anos tem como competência aprender a se orientar espacialmente, essa psicogênese da noção de espaço é construída conforme o desenvolvimento cognitivo da criança. É um processo longo que não se deve pular fases. Tem-se aspectos relevantes como o esquema corporal, a lateralidade, relações espaciais topológicas. Toda essa trajetória de experimentação da criança converte-se na construção da psicogênese da noção de espaço. Palavras-chave: Geografia. Espaço. Esquema Corporal. Lateralidade. Relações Espaciais Topológicas.

### Abstract

In the early grades, geography fits into social studies along with sociology and history and aims to study geographic space. Schoolchildren, around 6-7 years old, have the competence to learn to orient themselves spatially, this psychogenesis of the notion of space is built according to the child's cognitive development. It is a long process that should not be skipped. There are relevant aspects such as the body scheme, laterality, topological spatial relationships. This whole trajectory of the child's experimentation becomes the construction of the psychogenesis of the notion of space.

**Keywords:** Geography. Space. Body Scheme. Laterality. Topological Spatial Relations.

## 1 Introdução

Este artigo compreende a importância de alfabetizar uma criança geograficamente para que possa assimilar outros conceitos que virão no decorrer de sua vida escolar.

Os estudos sociais compõem parte importante no aprendizado da criança, e a geografia como disciplina integrante, completa o quadro para agregar conhecimento em longo prazo para o estudante, logo, entra em cena o desenvolvimento da psicogênese da noção do espaço, na qual o professor tem papel fundamental.

Apresentam-se alguns conceitos que fazem parte da psicogênese da noção de espaço como a lateralidade e o esquema corporal que são conteúdos trabalhados desde as séries iniciais e a base para o desenvolvimento cognitivo segundo (ALMEIDA E PASSINI, 2010). Em seguida, têm-se os conceitos de relações espaciais topológicas que aprimoram a percepção espacial que a criança deve ter e assim, contribuir com a formação do cognitivo. Por fim, a

---

<sup>19</sup> Pedagoga, Geógrafa, especialista em Educação Infantil e Alfabetização, Ensino Religioso Escolar e Didática do Ensino Superior. Mestranda em Educação pela Integralize.

teoria da psicogênese de Jean Piaget completa este artigo com as etapas do desenvolvimento cognitivo.

## 2 Fundamentação teórica

A geografia tem como objetivo estudar o espaço geográfico, contudo, a geografia escolar para atingir o objetivo citado, deve lidar com representações da vida da criança, com o cotidiano a fim de aproximar a ciência do estudante. Valorizar a experiência do aluno conforme aponta (PENTEADO, 1994) é levar o aluno a ser um elemento ativo neste universo e processo de aprendizagem.

Segundo a afirmação de (CASTROGIOVANNI, 2000 p. 11) “pesquisadores comprovam que muitos dos professores que atuam nas séries iniciais não foram alfabetizados em geografia”. Esta alfabetização deve ser entendida como construções de noções básicas abrangendo localização, organização, compreensão de estrutura de espaços e suas multidimensões.

Nas séries iniciais, a qual compete este artigo, a geografia se enquadra nos *estudos sociais* juntamente com a sociologia e a história. No entanto será mencionado somente a área da geografia.

A criança em idade escolar, por volta dos 6-7 anos tem como competência aprender a se orientar espacialmente, essa psicogênese da noção de espaço é construída conforme o desenvolvimento cognitivo da criança. É um processo longo que não se deve pular fases.

O professor tem um papel fundamental nesta construção, porque orientará o aluno em situações de pequenas proporções e expandirá conforme o amadurecimento deste mesmo aluno. Logicamente essa criança passará por mais de um professor até chegar à aquisição desta competência.

Conforme discorre (ALMEIDA; PASSINI, 2010) a exploração do corpo da criança acontece desde seu nascimento, através de experiências que vivencia em seu entorno como, ser tocada, segurada no colo, sugar o peito da mãe para mamar, estas ações, compõem o processo do aprendizado do espaço que serão guardadas numa memória corporal que futuramente, servirá de base para os referenciais espaciais.

Durante este processo, dois aspectos são relevantes: o *Esquema Corporal* e a *Lateralidade*. “O esquema corporal é a base cognitiva sobre a qual se delinea a exploração do espaço que depende tanto de funções motoras, quanto da percepção do espaço imediato”. (ALMEIDA; PASSINI, 2010 p. 28). Essa aquisição do esquema corporal ocorre lentamente

desde o nascimento até a adolescência. Crianças do fundamental <sup>1</sup>, durante as brincadeiras no pátio preferem delimitar espaços para se sentirem mais seguras. Conforme amadurecem e se habituam ao ambiente, passam a ter uma amplitude espacial com mais segurança e assim avançam os espaços.

O que se entende por esquema corporal? Esquema corporal nada mais é que o conhecimento e a representação do próprio corpo. Tem papel fundamental nas relações entre o mundo interior e o mundo exterior. A criança aprende a sentir cada parte de seu corpo o que abre caminhos para a conquista da autonomia aprendendo a delinear e a dar cumprimento ao que pensa através dos movimentos.

De forma sistemática, o professor desde a pré-escola incita a criança a conhecer, explorar o esquema corporal, e mesmo havendo uma memória corporal por parte da criança, ainda há muito a ser aprimorado. Por isso, essa questão é tão aparente em conteúdos, aulas, atividades pedagógicas. “Para Piaget todo conhecimento deve ser construído pela criança através de suas ações” (PIAGET *apud* ALMEIDA E PASSINI, 2010, p. 22)

A seguir, será apresentado um roteiro sobre o esquema corporal da criança. Sugestão essa para ser aplicado em sala de aula.

- Apresentar o corpo à criança;
- Destacar os membros superiores, inferiores, o tronco e a cabeça;
- Apontar os detalhes que há na cabeça: olhos, nariz, boca, orelha, queixo, sobrancelhas, cílios, bochechas, cabelo;
- Nos membros superiores apresentar ombros, cotovelos, punho, mãos e dedos.
- Nos membros inferiores apresentar coxa, panturrilha, joelho, tornozelo, canela, pé e dedos.
- Assinalar que o corpo da criança tem posições.

O segundo aspecto relevante para a aquisição da consciência corporal da criança é a lateralidade. Essa organização espacial vai direcionar a criança durante toda a vida, portanto deve ser bem explorada desde o início. O professor deverá instigá-la a perceber o domínio do seu corpo, como o melhor adestramento da mão direita ou esquerda, o melhor chute na bola com o pé direito ou esquerdo, o educador deve auxiliar seu aluno a lateralizar-se. “A análise do espaço, deve ser iniciada com a criança primeiramente com o corpo, em seguida apenas com os olhos e finalmente com a mente.” (ALMEIDA; PASSINI, 2010, p. 30). Segundo o Instituto Neuro Saber (2018 s/p) a lateralidade está ligada ao esquema interno da criança, capacitando-a a utilização do corpo e predominando um dos lados, o esquerdo ou o direito.

Esta lateralização está diretamente ligada ao artifício de amadurecimento dos centros sensoriais motores de um dos hemisférios cerebrais.

Ao passar dos anos o corpo se adapta a um lado que se denomina o principal ou preferido. Logo, a lateralidade pode ser direita, esquerda ou cruzada que é quando a criança é canhota para escrever e realizar atividades cotidianas, mas, ao chutar uma bola utiliza a perna direita, ou vice-versa. Não é aconselhável reprimir a lateralidade da criança, essa agressão gera dificuldades no aprendizado e no desenvolvimento da leitura.

Tanto o esquema corporal quanto a lateralidade devem ser trabalhadas em forma de brincadeiras, com atividades pedagógicas lúdicas a fim de suavizar todo o processo e além de tudo ser divertido. Assim, conforme o caminhar nos anos escolares a criança toma consciência de seu corpo, aprende a movimentar-se através dela e com isso movimentar-se no espaço.

Dando continuidade, será apresentado um breve parecer sobre as relações espaciais topológicas.

Dentro, fora, em cima, em baixo, na frente, atrás, perto, longe, grande, pequeno, entre outros, são as primeiras relações espaciais que a criança vivencia ainda pequena, porém de suma importância, pois esta memória auxiliará a criança a ampliar as relações projetivas e euclidianas, estas quais não terão enfoque neste artigo,

O que seriam as relações espaciais topológicas?

São relações comparativas, perceptivas que a criança desenvolve, de complexidade menor com análises isoladas de um objeto. “No plano da percepção, as relações espaciais topológicas se constituem em relações de *vizinhança, separação, ordem, envolvimento e continuidade*”. (GUERRERO, 2012 p. 47).

A seguir, será feitas anotações sobre cada relação.

- **Vizinhança:** a criança consegue perceber as relações de vizinhança fazendo comparações de objetos que estão no mesmo plano, próximos, contíguos;

- **Separação:** a criança percebe que mesmo os objetos estando juntos, próximos e fazendo parte do mesmo plano encontram-se separados;

- **Ordem:** a criança percebe que cada objeto ocupa uma posição no espaço a partir de um ponto de vista;

- **Envolvimento:** a criança estabelece noções de interior, exterior, proximidade, contorno, centralidade;

- **Continuidade:** a criança percebe que há uma ligação no espaço, não há ausência de espaços o espaço é contínuo.

Com uma percepção mais consciente,

A criança entende que pode usar outras referências para localizar objetos, estabelecendo relações de localização a partir de diferentes pontos de vista ou utilizando um sistema de coordenadas, como endereços. (GUERRERO, 2012 p. 49).

Esse processo que a criança vivencia entende-se como *descentralização*. Com a liberação do egocentrismo a criança percebe que toda localização não parte mais da origem de seu próprio corpo e entende que outras referências podem ser usadas sem alterar a localização.

A partir do momento que há a ampliação da habilidade da descentralização, desenvolve-se na cognição da criança a *conservação* e a *reversibilidade*.

Conforme pensa (GUERRERO, 2012) a conservação é vista como um espaço estático a criança não percebe uma possível reversão de posições no espaço o que não ocorre na reversibilidade, pois a criança começa a pensar o espaço projetando-se nele.

Tais habilidades desenvolvem-se nas crianças por volta dos 7 a 8 anos de idade e enquadra-se na etapa do raciocínio operatório-concreto, que concerne a teoria da Epistemologia Genética de Jean Piaget.

O teórico interacionista Jean Piaget (1896-1980) em seus estudos partiu de um entendimento do desenvolvimento envolvendo um processo contínuo de permutas entre organismo vivo e o meio ambiente. Assim, no contexto dos seus estudos, elaborou quatro etapas do desenvolvimento cognitivo da qual este artigo menciona o penúltimo. São eles:

- Etapa sensoriomotora – do nascimento até aproximadamente aos dois anos de idade;
- Etapa pré-operatória – por volta dos dois anos de idade até aproximadamente aos sete anos de idade;
- Etapa operatório-concreta – por volta dos sete anos de idade até aproximadamente aos treze anos de idade;
- Etapa operatório-formal – por volta dos treze anos até a idade adulta.

Toda essa trajetória de experimentação da criança converte na construção da psicogênese da noção de espaço que, abrange os seguintes aspectos: Espaço vivido, percebido e concebido.

O espaço vivido refere-se ao espaço físico, vivenciado através do movimento e do deslocamento. É aprendido pela criança através de brincadeiras ou de outras formas de ao percorrê-lo, delimitá-lo, ou organizá-lo segundo seus interesses (ALMEIDA; PASSINI, 2010 p. 26).

“O espaço percebido não precisa mais ser experimentado fisicamente” (ALMEIDA E PASSINI, 2010 P. 26), ocorre por volta dos 7 anos de idade. “E por volta dos 11-12 anos o aluno começa a compreender o espaço concebido, sendo-lhe possível estabelecer relações

espaciais entre elementos apenas através de sua representação”. (ALMEIDA E PASSINI, 2010 P. 27)

Portanto, para que uma criança possa se localizar no espaço, tendo consciência de seu corpo, de objetos e até de locais necessita tempo para que o seu cognitivo esteja amadurecido e com experiências internas e externas a fim de lapidá-la e fornecer a criança uma lógica nas multidimensões da qual a geografia abrange.

### **Considerações finais**

Em virtude do que foi mencionado, entende-se que é muito importante que a criança em idade escolar deva ser alfabetizada geograficamente para que suas habilidades espaciais estejam maduras a fim de, proporcionar uma visão frente as multidimensões que a geografia abarca.

Entende-se também, que tal processo é longo e requer a participação de todos os professores, desde o infantil até o final da etapa do ensino fundamental 1 e que, um trabalho bem feito auxilia no processo de ensino aprendizagem.

É necessário que os conceitos de esquema corpora, lateralidade, espaços topológicos sejam tratados com seriedade por parte dos educadores pois são aspectos que tem ligação direta com o cognitivo da criança.

Dado o exposto, fica um pedido aos educadores que voltem os olhares para a alfabetização geográfica para que prejuízos maiores sejam evitados e um cidadão crítico, questionador, pensante seja formado.

Espera-se que este artigo possa inspirar mais leitores a investigar e aprofundar os estudos neste assunto com o intuito de avançar nas pesquisas e assim contribuir com a educação.

### **Referências**

ALMEIDA, R. de D.; PASSINI, E. Y. **O Espaço Geográfico Ensino e Representação**. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTROGIOVANNI, A. C. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

DAVIS, C.; OLIVEIRA, Z. de. **Psicologia na Educação**. São Paulo: Cartez, 1993.

GUERRERO, A. L. de A. **Alfabetização e Letramento Cartográfico na Geografia Escolar**. São Paulo: Edições SM, 2012.

NEUROSABER. **Atividades que Desenvolvem Lateralidade**. 2018. Disponível em <https://institutoneurosaber.com.br/atividades-que-desenvolvem-lateralidade/> acessado em 07 fev. 2021.

OLIVEIRA, G. L. G. de, BORGES, F., LIMA, P. H. C.; SANTOS, D. P. dos. **Lateralidade: Conceito e sua importância no desenvolvimento motor da criança até os 12 anos de idade**. 2015 p. 01. Disponível em [http://www.fepeg2015.unimontes.br/sites/default/files/resumos/arquivo\\_pdf\\_anais/george\\_resumo\\_0.pdf](http://www.fepeg2015.unimontes.br/sites/default/files/resumos/arquivo_pdf_anais/george_resumo_0.pdf) acessado em 07 fev. 2021.

PENTEADO, H. D. **Metodologia do Ensino de História e Geografia**. São Paulo: Cortez, 1994.

# A IMPORTÂNCIA DA GESTÃO DE TECNOLOGIA PARA AS ORGANIZAÇÕES: Análise e observação da Loja de Perfumaria e Cosméticos Espaço Bello Empório

THE IMPORTANCE OF TECHNOLOGY MANAGEMENT FOR ORGANIZATIONS:  
Analysis and observation of the Perfume and Cosmetics Shop Espaço Bello Empório

Hugo Silva Ferreira<sup>20</sup>  
Jerry Antonio Raitz Maier<sup>21</sup>

## Resumo

O presente artigo relata os principais conceitos apresentados na disciplina de *Technology Management for Global Economy*, identificando as diferentes aplicabilidades das ferramentas em estudo e a relação entre teoria e prática na elaboração de ações que contribuam para o crescimento organizacional. Apresenta indicativos relevantes para as práticas comerciais de uma loja de perfumaria e Cosméticos, com especial atenção para os investimentos que possam ser realizados na área de tecnologia, proporcionando uma nova visão estratégica sobre as tendências de mercado para o Espaço Bello Empório. Essas tecnologias foram avaliadas sobre as diferentes perspectivas de uso, contribuindo na análise conceitual, na projeção de futuros negócios promovidos na internet através do comércio eletrônico. Permite uma reflexão sobre a formação de valor da empresa analisada e a contribuição do estudo para o processo de transformação dos ambientes de negócios que pretendam usar as novas tecnologias. A metodologia de pesquisa utilizada foi a bibliográfica, com abordagem qualitativa e observação da organização.

**Palavras-chave:** Loja. Vendas. Tecnologia. Comércio Eletrônico.

## Abstract

The present article report about the principals concepts presented in *Tecnology Managment for Global Economy* discipline, identifying the diferent applications of tools in study and the relation between the teory and pratic in elaboration of actions that contribute to the organization development. Introduce relevant indications to commerce pratics of the perfumery and cosmetics shop, with special attention to investments that can be performed in tecnology área, providing a new stretatic vision about market tendencies to the Espaço Bello Empório Sho p. These tecnologies were evaluated about the diferents perspectives of use, contributing in conceptual review, in design future business promoted in web through of E-commerce. Allows a reflection about organization's values development and contribution of study to transformation process of business environment that intends to use the new tecnologies. The methodology used was the bibliography, with qualitative approach and observation of the organization.

**Keywords:** Shop. Sales. Tecnology. E-commerce.

## 1 Introdução

As transformações globais geradas pelo advento da tecnologia nos proporcionam muitas reflexões sobre o futuro das organizações e as mudanças necessárias para torná-las

---

<sup>20</sup> Administrador, Especialista em docência do ensino superior, MBA em Gestão de Pessoas e Educação corporativa e Mestrando em Administração - [prof.hugosferreira@gmail.com](mailto:prof.hugosferreira@gmail.com).

<sup>21</sup> Graduação. Especialização. Mestrando em Administração pela Must University.  
[jerryantonioraitzmaier@gmail.com](mailto:jerryantonioraitzmaier@gmail.com).

cada vez mais estratégicas e competitivas no mercado. Diferentes práticas são observadas no ambiente organizacional quando analisados os fatores de influência e relações comerciais construídas com clientes, fornecedores e parceiros.

Diante do cenário internacional apresentado e dos desafios enfrentados pelas empresas, faz-se necessário o uso de ferramentas tecnológicas que contribuam para facilitar as ações desenvolvidas, tornando essas organizações cada vez mais competitivas e preparadas para enfrentar a concorrência e o mercado globalizado.

A elaboração do artigo em forma de papel vem contribuir na análise dos conceitos apresentados pela disciplina de Technology Management for Global Economy, procurando identificar as diferentes formas de uso das tecnologias e o trabalho de observação e análise realizados em uma loja de perfumaria e cosméticos.

O trabalho foi escrito com base em pesquisas e estudos bibliográficos que relatam sobre os conceitos teóricos apresentados na disciplina em curso, analisando os dados e informações que contribuam para o desenvolvimento de ações estratégicas para a organização analisada. Foi realizado um levantamento de informações sobre essa organização, com especial atenção para os diferentes processos que envolvem a área de vendas e os serviços prestados pela loja Espaço Bello Empório.

A atividade de pesquisa proporcionou uma análise sobre as futuras ações que podem ser implementadas pelos empreendedores da loja, contribuindo para novas reflexões sobre a atual gestão e futuros investimentos na área de inteligência empresarial. Indicam ações estratégicas na área de inovação, tecnologia da informação e elaboração de novos projetos para a área de vendas.

## **2 Fundamentação teórica**

### 2.1 Análise e observação da gestão da tecnologia em uma loja de perfumaria e cosméticos

#### *2.1.1 O espaço bello empório*

A área de perfumaria, estética e cuidados com a saúde vem crescendo nos últimos anos no Brasil e merece atenção aos desafios e oportunidades de negócios gerados por essa área bastante disputada. Podemos observar grandes investimentos realizados e retornos de faturamento que surpreendem até mesmo os mais otimistas. A preocupação com a aparência deixou de ser uma preocupação exclusiva das mulheres, com grande participação do público

masculino, que procuram esse tipo de serviço oferecido por milhares de estabelecimentos dedicados à venda de produtos e aos diversos tratamentos de estética.

Na contramão de crises já anunciadas pela pandemia e outros fatores que limitam a área de vendas de diversos segmentos, a atenção aos cuidados com a aparência motiva homens de diferentes idades e permite uma análise mais detalhada das perspectivas para as novas demandas que o mercado possa oferecer. Da mesma forma, o cuidado com a beleza feminina continua dominando o mercado e fazendo com que as empresas do ramo se dediquem às novidades para atrair clientes e aumentar seu faturamento. Entre as mais diversas experiências identificadas e comprovadas no mercado do segmento estão empresas que decidiram unificar em um mesmo espaço diferentes atividades do segmento, oportunizando assim, o cuidado integral com a saúde estética.

Hoje, a indústria de cosméticos é extremamente importante dentro da economia de grande parte dos países mais desenvolvidos, dentre os quais se inclui o Brasil, contribuindo para a geração de empregos e a redução de desigualdades regionais, através da exploração sustentável de várias espécies do nosso bioma, especialmente na Amazônia. A sociedade vem exigindo a adoção de tecnologias de produção limpas, econômicas e ambientalmente corretas que, por sua vez, requerem um enorme e entusiástico esforço de estudantes, professores, pesquisadores e engenheiros, na Universidade e na Indústria, na busca de ingredientes diferenciados, naturais e competitivos e de processos de formulação inovadores (GALEMBECK; CSORDAS, p. 03).

O Espaço Bello Empório vem representando esse segmento na cidade da Lapa, Estado do Paraná, com a oferta de perfumaria, produtos cosméticos e um espaço completo de salão de beleza. É uma oportunidade para que seus clientes possam desfrutar na íntegra de um serviço personalizado. A organização tem papel importante no cenário comercial local, atendendo um público cada vez mais exigente e atento às tendências de mercado, com uma contribuição genuinamente pautada no preço justo e no valor agregado de sua marca.

### 2.1.2 A busca por vantagens competitivas

A ideia de criar e apresentar uma nova proposta no segmento surgiu a partir de insights gerados nas conversas entre seus empreendedores, que sempre declararam a intenção de oferecer um serviço diferenciado, com foco no atendimento de forma integral. As discussões de projeção e execução contaram com o apoio de entidades representativas e instituições de apoio às iniciativas ao empreendedor como a Associação Comercial e SEBRAE/PR. A partir do momento em que foi concretizada a ideia e o projeto começou a ser elaborado, foram tomados todos os cuidados para que a legitimidade da proposta fosse mantida. O

Planejamento Estratégico foi elaborado com base em diretrizes que promovem as boas práticas de negócios na área de perfumaria e cosméticos, firmando o compromisso com o cliente e a comunidade envolvida na gestão do empreendimento.

Com a análise da organização foi possível levantar questões importantes relacionadas ao potencial competitivo e a sua participação efetiva na área de perfumaria, cosméticos e serviços de salão de beleza. De acordo com os conceitos apresentados em curso, Turban *et. al.* (2013), a vantagem competitiva é temporária e deve ser constantemente avaliada para não comprometer a estratégia da organização, requerendo muito cuidado com a utilização de ferramentas que promovam o melhor posicionamento da empresa frente aos concorrentes. Da mesma forma, a relação com seus clientes e parceiros também deve ser fortalecida com as mais variadas ações de promoção e venda de seus produtos e serviços. Estudos acadêmicos avaliam os conceitos e teorias, as quais estabelecem relações com as diferentes etapas na evolução das organizações e seus desafios diante do mercado. De acordo com Vasconcelos e Cyrino (2000, p. 21):

Dois temas fundamentais estruturam a evolução recente do pensamento sobre estratégia empresarial: a vantagem competitiva e a mudança organizacional é estratégica. Embora distantes nas suas origens, tendo seguido por vários anos trajetórias paralelas, esses dois tópicos tendem a convergir progressivamente em função das rápidas mudanças econômicas e sociais que caracterizam a economia mundial na virada do século XXI.

Analisando o SWOT da organização como apresentado por Turban *et. al.* (2013), é possível verificar o trabalho de fortalecimento da sua imagem diante do mercado, assim como sua permanência e colaboração para o desenvolvimento da economia local. Os produtos oferecidos são de marcas reconhecidas, com variedade nos seus produtos e preços competitivos, consolidando a empresa no espaço comercial onde atua.

Na busca por melhoria contínua em seus serviços, a loja oferece produtos nacionais e importados, atendendo de forma ampla e diversificada seus clientes, disponibilizando também orientação e consultoria na área de estética. Seus colaboradores realizam cursos e treinamentos específicos na área de atendimento, estética e tratamentos de beleza, na busca por novas técnicas e métodos recém lançados no mercado com o objetivo de estabelecer parâmetros de excelência em seus serviços prestados à comunidade local. Outro fator determinante a ser considerado na análise de suas forças internas vem das relações interpessoais construídas no ambiente organizacional, com uma equipe sempre atenta às novidades e engajada às novas tendências de mercado.

A equipe está sempre atenta aos movimentos que inspiram e influenciam na tomada de decisão quanto aos novos produtos e serviços que venham a ser disponibilizados no mercado

e fatores críticos para os objetivos comerciais da loja. A participação em eventos que promovam o conhecimento sobre a área de atuação e suas oportunidades também contribuem para alavancar suas atividades comerciais e promover de forma efetiva a imagem da empresa para clientes em potencial. A busca por novas tecnologias também merece atenção. As áreas de saúde e bem-estar passam por transformações constantes quando considerados os diferentes processos de produção e formas de uso de seus produtos. Como consequência, diferentes técnicas também merecem atenção pela necessidade de conhecimento prévio sobre os métodos usados na manipulação e aplicação das fórmulas.

Questões fundamentais sobre a aplicabilidade de ferramentas úteis que sirvam para identificar e avaliar a satisfação dos consumidores sobre determinado cosmético ou perfume tem importância primordial para a continuidade do negócio. Prevalece a necessidade de pesquisa que identifique diferentes formas de trabalho e serviços gerados através de novas tecnologias. Diante de todas as mudanças e transformações geradas pelo uso dessas tecnologias, fica evidente a necessidade de investimentos na reestruturação e atualização desses meios que são fundamentais para o crescimento nos negócios do Espaço Bello Empório. O investimento em sistema de informação de gestão torna-se notório quando analisado o cenário mundial e suas tendências para o mercado de perfumaria, cosméticos e tratamentos de beleza. A busca por novos clientes deve considerar as diferentes ferramentas tecnológicas que facilitam a comunicação e conseqüentemente as relações comerciais, como indica Marcial, (2015, p. 103):

Essa tendência também é observada no crescimento e popularização de redes sociais, como o Facebook, em todo o mundo. Em 2014, essa rede de relacionamento virtual completou dez anos, atingindo a marca de mais de 1,19 bilhão de usuários em todo o mundo. Cabe aqui destacar que, independentemente do veículo a ser utilizado, há alta probabilidade de que as redes sociais, a exemplo do Facebook, LinkedIn, Twitter, What'sApp e outras que venham a aparecer, farão parte do dia a dia das pessoas que estão conectadas à internet.

Considerando as ameaças externas e as mudanças impulsionadas pela atual crise sanitária, propõe-se medidas de avaliação para identificar potenciais concorrentes que venham disputar o mesmo espaço geográfico e a busca por novas soluções inovadoras que atendam de forma eficiente seus clientes, assim como o lançamento de novos produtos ainda não comercializados pelos concorrentes locais e que possam ser oferecidos como fator diferencial pela organização. O modelo de cinco forças de Michael Porter segundo Turban *et. al.* (2013), “contribui para avaliar o grau de conhecimento dos clientes do Espaço Bello Empório em relação aos produtos oferecidos e as reais possibilidades de crescimento no mercado de perfumaria e cosméticos, tornando viável a análise de espaço e da gestão praticada pelos seus

empreendedores”. Identifica-se uma boa relação com fornecedores capazes de oferecer produtos de qualidade a preços acessíveis, influenciando diretamente no grau de satisfação de seus clientes e no faturamento da empresa. Ao considerar o espaço comercial de atuação da loja e os limites impostos pela venda de forma física, seus idealizadores devem repensar a proposta de negócio e a sua relação com seus clientes e fornecedores.

Novas possibilidades surgem com o advento da tecnologia e a aplicação das mesmas na atividade comercial proposta pelo Espaço Bello Empório. O E-business vem contribuir para o aumento de oferta em múltiplos espaços consumidores e divulgação de forma estruturada desses produtos e serviços. No entanto, verifica-se limitações na oferta desses produtos quando observados os investimentos já realizados para modernizar o processo de vendas através da internet. Ao relacionar os conceitos sobre as três estratégias com o espaço organizacional é possível identificar um número expressivo de concorrentes dentro da área geográfica onde a loja está inserida e as influências provenientes do trabalho de marketing agressivo dos mesmos que interferem na busca por liderança nas vendas.

Como diferencial competitivo a loja oferece serviços de qualificação em make-up e salão de beleza, unificando a prática de seus serviços como forma de fortalecer sua marca e fidelizar seus clientes. Entre suas estratégias para área estão inclusas a oferta gratuita de cursos na área de maquiagem e organização de eventos para a promoção de produtos e serviços na área de beleza e estética. Como oportunidades de melhoria e fortalecimento de suas práticas pode ser considerada a busca por produtos advindos do cultivo e produção sustentável. A campanha institucional veiculada no mercado local promove os cuidados com a autoestima e a relação da mesma com a satisfação pessoal de seus consumidores. Essas ações contribuem para demonstrar a preocupação com as relações estabelecidas entre a Loja e seus clientes. Da mesma forma, procura praticar ações que superem paradigmas como o investimento em novas tecnologias e estudo planejado de novas prospecções de mercado.

A preocupação com a atualização de sua equipe e investimentos na estrutura tecnológica é notadamente perceptível quando analisadas as diferentes formas de comunicação e interação praticadas pela sua gestão. A consciência pela necessidade do “novo” contribui para a busca contínua de novas ferramentas que façam a diferença para a organização. Para isso, torna-se necessária a compreensão dos diferentes processos que envolvem a prática comercial na área de cosméticos e as diferentes tecnologias que podem ser atribuídas para a melhoria contínua do negócio. Sem elas fica impossível dar continuidade aos objetivos propostos pelos seus idealizadores:

Imperioso, portanto, concluir que estratégias adotadas, sem combinação com os fatores expostos estão virtualmente fadadas ao insucesso, principalmente porque a revolução gerada pela TI está apenas no começo e, o que é moderno hoje, será obsoleto em poucos anos ou até meses, caducando toda a estrutura organizacional e fazendo cair por terra todos os investimentos realizados em TI. (MARQUES; NETO, 2002, p. 07).

É observada a necessidade de pesquisa de mercado que avalie sua atual abrangência, compreendendo os desafios que a empresa enfrenta na sua gestão, necessitando de ferramentas e estratégias para seu posicionamento na prática de promover o cuidado com a estética e beleza pessoal. A falta de evidência comprovada dos limites de sua abrangência e o valor da concorrência para a tomada de decisões na compra de seus produtos é um fator determinante no processo de desenvolvimento de novas estratégias.

Deve-se considerar ainda a falta de trabalho especializado para avaliar as novas tendências para o segmento e os indicadores para o sucesso ou fracasso de suas práticas comerciais. Ainda devem ser observados como fatores de mudança a prática efetiva do Marketing de Serviços e pós-vendas já realizados pela empresa, evidenciando assim, a falta de avaliação do valor agregado à marca e à empresa como um todo. Mesmo com as fragilidades identificadas devido ao atual momento econômico e político em que as organizações enfrentam, é possível definir diferentes estratégias para avaliar o grau de eficiência dos serviços prestados à comunidade e torná-las fundamentais, sejam elas no setor de vendas ou promoção de sua marca no mercado de perfumaria, cosméticos e estética pessoal.

Acompanhando as tendências de mercado e as implicações advindas da chamada revolução tecnológica, é lógico observar a preocupação de seus gestores em definir novas estratégias para o negócio, com especial atenção para o investimento necessário em SIG. Dessa forma, compete aos seus idealizadores traçar objetivos específicos que busquem integrar os diferentes formatos para a sua gestão de vendas. Devem ser considerados também os diferentes processos que contribuam na execução de ações e busca por melhores resultados.

### 2.1.3 a relação de valor e a necessidade de inovação

O Espaço Bello Empório é novo no mercado de perfumaria e cosméticos, com uma contribuição significativa para o mercado local, permitindo uma avaliação positiva quando analisados os diferentes mecanismos que constituem a atividade comercial, com especial atenção para a preocupação constante em apresentar aos seus clientes, inovações nos serviços prestados e na tecnologia de produtos. Em consonância com as preocupações demonstradas é

imprescindível que seus idealizadores tenham o compromisso e responsabilidade diante dos desafios identificados e a necessidade de investimentos na área de pesquisa e inovação para novos produtos e serviços. A inovação vem proporcionar mudanças transformadoras no ambiente em questão:

Inovar é uma maneira muito eficiente de transmitir aos consumidores de determinado mercado um valor excepcional. Uma empresa que possua tradição em inovar, que invista neste processo e que consiga comunicar este esforço para os seus consumidores, certamente poderá cobrar um preço mais elevado por seus produtos e, mesmo assim, deterá uma grande fatia do mercado. (BALCEIRO, p. 34).

Dados são coletados e analisados nos diferentes setores que compõem a estrutura do Espaço Bello Empório, mas isso acontece de forma estratificada, sem uma análise preditiva, ou seja, com ausência de parâmetros que promovam a extração de informações dos respectivos dados.

Nesse contexto, a Business Intelligence poderá contribuir para a estruturação e contextualização de todas as atividades e as relações constituídas no ambiente, reforçando dessa forma, a necessidade de implementação de um plano de intervenção que proporcione mudanças significativas no processo de vendas da empresa. Com base na estrutura analisada é perceptível as unidades de negócios e acúmulo de informações sem que haja uma comunicação efetiva entre as partes, dificultando a checagem de dados e respectivamente de informações para o uso correto de cada segmento, pois são evidentes os silos de informação.

Dessa forma, torna-se necessário a definição de novas estratégias que venham coletar, organizar e estruturar de forma estruturada todos os processos envolvendo o capital humano no organograma da empresa. Como parte da melhoria dessa estrutura organizacional propõe-se analisar e avaliar dados e informações já armazenados que colaborem para a implantação de um sistema de informações que possa ser gerado a partir desse banco de dados. Como essa estrutura é pequena e funciona com número reduzido de colaboradores, um projeto de implantação de um SIG integrado vem contribuir efetivamente para o sucesso dos registros e disponibilidade dessas informações. Os setores de operações e logística, financeiro, recursos humanos, comercial e marketing podem ser estruturados organicamente, contribuindo para uma visão sistêmica, transformando as práticas existentes, necessárias ao bom funcionamento da organização. Ao analisar os conceitos apresentados pelas diferentes referências consultadas, conclui-se que é de fundamental importância para a manutenção e sobrevivência da organização, integrar ações envolvendo a inteligência competitiva e um sistema que avalie as contribuições para a organização. Torna-se indispensável a análise detalhada de todos os dados transformados em informações e comparativos que demonstram o crescimento da

empresa através da troca de experiências profissionais da equipe e seus gestores na atividade comercial onde atuam.

O conhecimento dos envolvidos determina a qualidade das atividades operacionais executadas e fortalece o trabalho em equipe. Não menos importante são as ações de promoção e divulgação de produtos e serviços. Investimentos em tecnologia e gestão de informação contribuem para a definição de novas estratégias nas áreas de vendas, serviços, publicidade e marketing. Essas reforçam a necessidade de atualização constante nos dados e informações, sobretudo nos processos de coleta e armazenamento de banco de dados úteis para o planejamento organizacional. Segundo Vidigal *et. al* (2018), “A gestão da informação e a construção do conhecimento nas organizações têm transformado o mundo dos negócios e criado vantagens para os empreendedores que a utilizam, pois a diversidade de aspectos do ambiente externo, que necessitam ser monitorados, exige importantes esforços dos líderes, planejadores e tomadores de decisão”.

#### *2.1.4 Novas estruturas para o negócio*

Seguindo as exigências de seu público alvo e a inclusão de práticas de vendas pela internet, o Espaço Bello Empório procura atender de forma efetiva seus clientes, com uma estrutura online que conta com página no Facebook e contato direto através de grupos de *whatsapp*. As relações comerciais são estabelecidas promovendo produtos e serviços, procurando atender os desejos dos clientes já fidelizados, que confiam nas soluções oferecidas pela loja.

Na categoria de empresa de pequeno porte com atuação delimitada para suas atividades de forma presencial, a Bello Empório foca na prática do marketing de relacionamento e no chamado “boca a boca” para sua gestão de vendas. Seus proprietários procuram fortalecer sua marca através de parceiras com outras organizações, com o objetivo de construir uma relação de cordialidade e respeito aos seus clientes em potencial. A empresa ainda não possui um site oficial para apresentação de sua proposta comercial. Seus produtos e serviços são promovidos através de ferramentas tecnológicas de interação direta com clientes e parceiros. A falta da plataforma digital dificulta as práticas comerciais e impede que seus produtos possam ser bem posicionados no mercado, já que um número muito grande de futuros clientes em potencial usam a internet como meio de busca para satisfazer suas necessidades de compra. Para Claro (2013, p. 14):

Comércio eletrônico, ou e-commerce, ou ainda comércio virtual (ou comércio online), é um tipo de transação comercial feita especialmente através de um equipamento eletrônico, como um computador. Mas, atualmente, outros equipamentos conectados à internet também são usados para isso, como smartphones, tablets e outras mídias.

No ano de 2020, a empresa passou por grandes desafios em período de quarentena ao ver suas receitas caírem e os clientes deixarem de frequentar a loja, evidenciando a necessidade de investimentos em novos canais de comunicação e respectivamente de expandir seus negócios pela internet. Diante dessa realidade já muito discutida pela direção e colaboradores, ficou claro que mudanças significativas devem acontecer e diferentes ferramentas podem ser utilizadas para posicionar a imagem da empresa através do comércio eletrônico.

De acordo com os modelos de e-business apresentados na disciplina, Turban *et. al.* (2013), é recomendável que “a empresa adote diferentes medidas para expandir seus negócios, considerando o B2B como prática de reconhecimento de novos fornecedores e colaboradores, integrando suas ações de logística com as inovações tecnológicas disponíveis para esse tipo de transação comercial”. Igualmente importante e indispensável é o modelo B2C, que irá incorporar em seu modelo de vendas o prático e dinâmico processo de oferta de seus produtos através de uma loja virtual, através do Click-and-Mortar, sem deixar de oferecer seus produtos também pela loja física. Compreender os diferentes modelos de e-business que podem ser implantados e realizar pesquisa sobre as ferramentas a serem usadas são apostas da equipe gestora, que pretende investir nas chamadas ferramentas de busca como forma de atrair clientes e divulgar sua marca através da internet.

O trabalho de observação possibilitou analisar a estrutura de funções e responsabilidades, as atribuições designadas a cada membro da equipe e a importância de todos os colaboradores nas reflexões sobre as atividades desenvolvidas. Seus idealizadores buscam integrar a equipe de forma dinâmica nas discussões, refletindo sobre novas ideias que ajudem na gestão e aprimoramento do negócio. Ainda não há uma estrutura oficial que represente um sistema de inteligência coletiva, mas a colaboração acontece de forma explícita quando observadas as ações por melhoria na qualidade dos serviços prestados e nos produtos oferecidos.

Muitos questionamentos merecem atenção quando analisado o nível de dependência tecnológica da organização. A mesma encontra-se no processo de atualização do sistema comercial, assim como o planejamento estruturado para um plano efetivo de Propaganda e Marketing. São muitas as possibilidades de oferta de ferramentas e aplicativos que podem ser

introduzidos no plano de desenvolvimento tecnológico, tornando o trabalho mais ágil e dinâmico tanto para a equipe quanto para seus clientes e parceiros. Já foram iniciados alguns estudos para verificar a aplicabilidade de software que gerencie o banco de dados sobre a loja.

### 2.1.5 um olhar para novas oportunidades

Olhar para o futuro é uma ótima oportunidade para alavancar os negócios e reestruturar os meios indispensáveis para a sobrevivência no mercado. São várias as questões que envolvem a continuidade das atividades comerciais, às quais o Espaço Bello Empório procura responder de forma prática e prestativa ao meio em que atua. É preciso visualizar e interpretar novas demandas para atender de forma mais assertiva. Para isso, procura realizar constantemente reuniões para discussão sobre as novas tendências de produtos e serviços que poderão estar disponíveis no mercado brevemente.

Questões fundamentais como a pesquisa e testagem de novos produtos para rejuvenescimento indicam a necessidade de planejamento de novas ações, prospectando no estudo, análise e implantação de diferentes formas de apresentar esses produtos para os clientes. Podemos observar o crescimento da população mundial e conseqüentemente as oportunidades para alavancar os negócios de forma digital, em concordância com os projetos da loja e a consciência dos desafios que estão atrelados à implantação de novos projetos através dos meios digitais.

Os avanços associados ao crescimento do uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC), cuja expectativa é de manutenção nos próximos vinte anos, têm sido um dos principais determinantes da globalização econômica e financeira. Esses avanços expandem e fortalecem vínculos comerciais, financeiros e de pesquisa, disseminando prosperidade e fragilidade gerando desafios normativos e de liderança (MARCIAL, 2004, p. 53).

Um fator determinante para a permanência do negócio é a prática comercial cada vez mais incisiva na geração de valor institucional, com atenção especial para os produtos naturais com selo de certificação dentro das políticas ambientais, considerados importantes e essenciais para os clientes preocupados com o ecologicamente correto.

Outros questionamentos são identificados na comunidade científica e levam à reflexão sobre a pesquisa, testagem e eficácia de tratamentos estéticos e dermatológicos realizados com os diversos produtos disponíveis no mercado. Diante da oferta de inúmeros produtos é preciso avaliar de forma ética e profissional a segurança dos métodos estéticos e dermatológicos oferecidos no espaço para tratamento de beleza. Diante desse cenário, o crescimento da população global nos próximos anos é um indicativo de grandes

oportunidades para o Espaço Bello Empório, pois segundo a lógica de expansão, essa organização pode focar em atividades do E-Business em espaço nacional e internacional. Em uma sociedade global com expectativa de vida aumentando, o número de idosos é crescente, indicando uma tendência no aumento das vendas de produtos cosméticos com promessa de rejuvenescimento. Acompanhando os avanços da medicina geriátrica, o mercado de perfumaria e estética vai integrar-se de forma dinâmica nesse tipo de público, tendo como meio indispensável para a promoção dessas ações, a gestão e gerenciamento de novas tecnologias.

Nesse contexto, podemos observar uma demanda crescente por pessoal especializado nas diferentes tecnologias usadas para desenvolvimento e suporte com foco nas vendas de pequenos e médios empreendimentos. Pouco a pouco as práticas do comércio eletrônico vai se tornando uma ferramenta indispensável para qualquer organização que queira sobreviver no mercado global. Para Marcial (2004, p. 53):

A convergência tecnológica associada à conectividade e à interatividade são forças que influenciam umas às outras. Essas forças tecnológicas criam um ambiente que possibilita, cada vez mais, o acesso ubíquo em alta velocidade a diversos produtos e serviços. Como exemplo, estacam-se os avanços e crescimento do uso da telemedicina e da educação a distância.

Assim como o crescimento e avanço da tecnologia, o tempo de resposta ao cliente e colaboradores farão a diferença no processo de internacionalização. É preciso adaptar-se aos novos conceitos e práticas auxiliadas pela gestão da informação, oportunidade e desafio para o setor comercial do Espaço Bello Empório.

Torna-se imprescindível ações de planejamento que possibilitem o desenvolvimento de uma plataforma digital que represente profissionalmente a organização, fortalecendo sua imagem no mercado local e futuramente no mercado global de venda de cosméticos e perfumaria.

Conseqüentemente à isso, o treinamento de pessoal para analisar constantemente as tendências de mercado e suas mudanças, assim como a projeção para novos públicos que possam integrar sua rede de clientes. Um dos fatores mais importantes disponibilizados pela disciplina e que contribui para ilustrar diferentes possibilidades da aplicabilidade para a loja de perfumaria e cosméticos é realizar um monitoramento das tendências de mercado para a área em questão. Estudar e avaliar quais são os produtos lançados no mercado e seus resultados já comprovados. Procurar estabelecer uma relação entre a indústria que produz esses produtos, as tecnologias usadas nas fórmulas e a demanda de seus futuros clientes. Compreender como são estabelecidas as relações comerciais na economia global para então

fazer parte da prática comercial integrada, olhando para o E-business como uma das novas possibilidades para o futuro da empresa. A indicação de novas tecnologias deve ser avaliada com determinado rigor pelos seus gestores, optando por ferramentas que melhorem e impulsionem os negócios, sem riscos significativos na implementação de tecnologias que se esgotem com o tempo. Inovar com tecnologia passar a ser elemento estratégico fundamental para a sobrevivência nos negócios.

### **Considerações finais**

Este artigo teve como principal objetivo realizar um trabalho de observação e analisar a gestão comercial e estrutura tecnológica da loja de cosméticos e salão de beleza Espaço Bello Empório. Inicialmente foram realizadas observações gerais sobre suas atividades comerciais, bem como as diferentes estratégias adotadas pela equipe de gestão para alavancar os negócios.

Em contato com seus idealizadores, foi possível compreender os diferentes processos que envolvem as atividades da loja e a extensão dos serviços prestados também no salão de beleza. Possibilitou analisar as relações profissionais construídas com os diferentes agentes transformadores que envolvem o empreendimento, identificando também a contribuição de seus colaboradores na formação de valor e promoção de sua marca no mercado local.

A análise permitiu verificar os meios tecnológicos já utilizados nas atividades comerciais que envolvem a loja e o salão de beleza, assim como as deficiências relacionadas aos meios necessários para a implantação e modernização apoiados por novas tecnologias. Ao relacionar seus métodos e técnicas foi possível observar uma estrutura organizacional obsoleta em relação aos meios tecnológicos já existentes no mercado e sua utilização na área do comércio eletrônico. Através da pesquisa foi possível levantar questões fundamentais sobre as oportunidades de gerar novos negócios a partir das diferentes tecnologias que promovem produtos e serviços, gerando receitas pela internet. Ao identificar as vulnerabilidades estruturais, seus empreendedores poderão reorganizar seu espaço organizacional e promover reflexões sobre as novas oportunidades que poderão ser criadas com a implantação de estratégias vinculadas ao e-business.

O trabalho de observação permitiu relacionar os conteúdos estudados na disciplina com o mundo real da organização que representa o setor de pequenas e médias empresas no Brasil. Dessa forma, foi possível compreender a importância da área de inteligência

empresarial e a adoção de novas tecnologias para a melhoria contínua dos processos decisórios que envolvem as organizações.

## Referências

BALCEIRO, R. B. **A Inteligência Empresarial: Um Modelo de Gestão para Organizações Virtuais aplicado à Micro e Pequenas Empresas.** (Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Engenharia). 2004. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/265377515>. Acesso em: 22 mai. 2021.

CLARO, A. **Comércio Eletrônico**, 1. ed. São Paulo: Know How. 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/262047293>

GALEMBECK, F.; CSORDAS, Y. **Cosméticos: A química da beleza. Sala da Leitura.** Disponível em: <https://www.google.com/search?q=cosmeticos%3A+a+quimica+da+beleza&oeq=cosmeticos%3A+a+quimica+da+beleza&aqs=chrome..69i57j69i58.11158j0j7&sourceid=chromeie=UTF-8>

MARCIAL, E. C. **Megatendências mundiais 2030: o que entidades e personalidades internacionais pensam sobre o futuro do mundo? contribuição para um debate de longo prazo para o Brasil.** 2015. Brasília: **Ipea**. Disponível em: [https://ppgtic.ufsc.br/files/2015/11/151013\\_megatendencias\\_mundiais\\_2030.pdf](https://ppgtic.ufsc.br/files/2015/11/151013_megatendencias_mundiais_2030.pdf)

MARQUES, M. LAZZARINI NETO, S. **Capital humano e TI gerando Vantagem Competitiva.** **RAE eletrônica**, v. 1, n. 2, 1-16, 2002. <https://dx.doi.org/10.1590/S1676-56482002000200016>

Turban, Efraim, Volonino, Linda, Wood Gregory R.; Sipior, Janice C. **Information Technology for Management: Advancing Sustainable, Profitable Business Growth.** [e-book] New Jersey: Wiley e Sons. 2013. Disponível: [http://itacademic.ir/upload/MIT\\_Ref1.pdf](http://itacademic.ir/upload/MIT_Ref1.pdf). Acesso em 17 Out. 2020.

VASCONCELOS, F. C., CYRINO, ÁLVARO B. **Vantagem competitiva: os modelos teóricos atuais e a convergência entre estratégia e teoria organizacional.** **Revista de Administração de Empresas**, v. 40, n. 4, 20-37, 2000. <https://doi.org/10.1590/S0034-75902000000400003>

VIDIGAL, F.; GONÇALVES, C. A.; SILVA, J. R. **Inteligência competitiva e capacidade de inovação: uma análise de uma indústria de classe mundial no setor automotivo de veículos pesados.** **Perspectivas em Ciência da Informação**, n. 23, v. 3, p. 206-220, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/3176>

# **A IMPLANTAÇÃO DE ESTRUTURA DE SQUADS NA EMPRESA ALPHA: UM ESTUDO CASO**

## **THE IMPLEMENTATION OF SQUADS STRUCTURE IN THE ALPHA COMPANY: A CASE STUDY**

Deivid Cruz Moscardini Martins<sup>22</sup>  
Hugo Silva Ferreira<sup>23</sup>

### **1 Apresentação do caso**

A empresa Alpha é uma organização criada em 2018 voltada para a área de educação, onde através de parcerias com Instituições de Ensino Superior (IES), é realizada a operação das atividades que dão suporte a desenvolvimento do ensino na modalidade de Educação a Distância. Atualmente a Alpha realiza a operação de 15 IES em diferentes estados do país, possuindo mais de 150 cursos ofertados e 12 mil estudantes.

Para a realização destas atividades, a empresa alpha é dividida por nove áreas de negócios que possuem integração com as áreas pares de cada um de seus clientes. As áreas de negócio da empresa alpha estão divididas em: Inteligência de Mercado, Comercial, Marketing, Financeiro, Acadêmico, Registro Acadêmico, Relacionamento com o Estudante, TI e Sustentação e Implantação.

No começo de sua operação, cada área de negócio construiu com cada cliente, dentro do escopo do projeto, o modelo de operação a ser realizada na IES, entretanto, com o decorrer da operação, constatou-se haviam muitos temas que geram impacto nas demais áreas do negócio e, além disso, havia ruído na comunicação entre empresa e cliente gerando desgaste no relacionamento da parceria. Diante deste cenário, visando melhorar a comunicação, a Alpha constitui uma Squad para realizar o relacionamento com a IES representando as demais áreas da organização.

A Squad de relacionamento com a IES é estruturada com quatro membros, sendo eles Diretor Regional (responsável pelo contrato), Consultora de Sustentação e Implantação (representando as áreas financeira, registro acadêmico e atendimento ao estudante), Consultor Acadêmico (representando a área acadêmica) e Consultor de Marketing (representando inteligência de mercado, comercial e marketing).

Toda a interação entre a empresa Alpha e as IES que compõem a parceria é realizada através da Squad de Relacionamento com a IES, cabendo a esta estrutura processar as

---

<sup>22</sup> MBA em Liderança, Inovação e Gestão 3.0

<sup>23</sup> Mestrando em Administração

demandas vindas de cada cliente e conduzir os alinhamentos com cada área de negócio, gerando uma integração entre as áreas e uma maior qualidade e assertividade nas devolutivas.

## **2 Delimitação do estudo**

Este estudo de caso não estudará a empresa Alpha como um todo, mas sim o processo de constituição de uma Squad de Relacionamento com a IES e as melhorias percebidas com a estruturação deste time.

## **3 Justificativa**

O mundo corporativo tem investido cada vez mais em formas de organização do trabalho que melhorem significativamente o desenvolvimento de seus produtos/ entregas e aumentem a geração de valor para seus clientes. Uma das metodologias de trabalho que ganhou espaço na última década foi a organização dos times por squads.

A Squad é uma estrutura ágil composta por uma equipe multidisciplinar, que envolve as áreas de negócio, e é voltada a atender objetivos específicos e garantir a integração entre os processos meios, sendo complementar ao modelo administrativo tradicional visando garantir que as entregas ocorram de forma como esperada pelo cliente final.

Uma das empresas precursoras que adotou o trabalho por squads foi a sueca *Spotify*, que uniu equipes de áreas distintas e complementares em células, de forma a assegurar que o desenvolvimento de produto tenha uma visão integrada, aumentando a qualidade da entrega ao cliente final. A partir do sucesso do *spotify*, várias empresas adotaram o modelo de trabalho por squads, inclusive a empresa Alpha.

Com o objetivo de atrair atenção para o tema, este estudo de caso apresentará os efeitos da implantação do modelo de squad na empresa Alpha, de modo a identificar se a metodologia de trabalho apresentou o resultado esperado para sua utilização e para a percepção de valor para seus clientes.

## **4 Situação-problema**

Desde o começo de sua operação, no final do ano de 2018, a empresa alpha enfrentava problemas de comunicação e entrega a seus clientes. Estes problemas, por muitas vezes, ocorriam devido a forma como estava estruturado o relacionamento entre empresa e IES, visto

que cada área de negócio era responsável pelos alinhamentos e entregas com as áreas afins dos clientes. No entanto, no decorrer destes alinhamentos conduzidos pelas áreas de negócios resultava em ações que perpassa a responsabilidade daquela área e, sem ser verificada a possibilidade de entrega, se firmaram compromissos. Ao transbordar determinadas necessidades do compromisso firmado com cliente, as demais áreas relataram que não tinham como realizar determinada entrega como o combinado, o que gerava uma necessidade de realinhar com o cliente ou desenvolver uma solução para cumprir o estabelecido (gerando uma nova priorização de demandas nas áreas de negócio).

Por isso, em maio de 2019, foi pensada a estruturação de uma Squad de Relacionamento, composta por integrantes representando as áreas da empresa para que todo e qualquer *input* demandado pelo cliente seja gerido por este time para alinhar a expectativa dos clientes e garantir as entregas de cada área.

## **5 Objetivo do estudo**

Objetiva-se com este estudo verificar se a implantação da squad de relacionamento contribuiu significativamente para melhorar o processo de alinhamento e entregas para os clientes e a redução de gaps entre as áreas na construção destas entregas.

## **6 Método de pesquisa**

A metodologia de pesquisa utilizada neste artigo é a pesquisa-ação. De acordo com Meneses *et. al.* (2019) a pesquisa ação caracteriza-se pela relação entre pesquisador e sujeito que buscam resolver ou entender um determinado problema por meio de ações diretas. Por este motivo Vergara (2006, p.49) define-a como “um tipo particular de pesquisa participante e de pesquisa aplicada que supõe intervenção participativa na realidade social.”

A pesquisa-ação tem como características, segundo Barros e Lehfeld (2007):

- a) Relação entre pesquisador e pesquisado;
- b) O objeto de estudo é constituído pela situação social e por problemas de diferentes naturezas;
- c) A pesquisa-ação é voltada para a resolução da problemática observada;

Tendo em vista que acompanhei o processo de implantação das Squads de relacionamento com a IES na empresa Alpha, pude constatar a mudança do modo de

relacionamento entre a empresa e seus clientes, por isso teve envolvimento com o objeto de pesquisa deste artigo.

## 6 Descrição do caso

A empresa Alpha desde sua constituição no ano de 2018, obteve um crescimento exponencial, somando no início do ano de 2020 parceria com 12 IES e atingindo mais de 12 mil estudantes no nível de graduação e pós-graduação na modalidade EAD.

Em razão deste crescimento, o modelo de relacionamento com o cliente não estava sendo eficaz, visto que cada área da empresa se comunicava com a área par da IES parceira e não havia sinergia entre as áreas, gerando inúmeros ruídos e falta de alinhamento com a estratégia. Por isso, no final do primeiro semestre de 2019, a empresa Alpha adotou a metodologia de squad para o relacionamento com seus clientes.

De acordo com Kniberg e Ivarson (2012) a squad consiste em uma equipe auto-organizada, possuindo autonomia para se organizar e definir seu próprio modelo de trabalho. Kepler e Oliveira (2019) complementam que a squad é definida com o agrupamento de profissionais de diferentes áreas da organização em uma célula, tendo como objetivo específico colaborar para determinado projeto que, no caso da empresa Alpha, consiste no relacionamento com as Instituições de Ensino Superior parceiras.

Para o redesenho do processo de relacionamento com o cliente na empresa Alpha, foram constituídas três squads, cada uma representando grupos de quatro IES de ensino superior. Estas squads possuem quatro membros, que representam as áreas chaves, sendo eles: Diretor Regional, Consultor de Marketing (representando MKT e Vendas), Consultor de Sustentação (representando as áreas de operação – financeira, registro acadêmico e atendimento) e Consultor Acadêmico (representando a área de ensino e tecnologias).

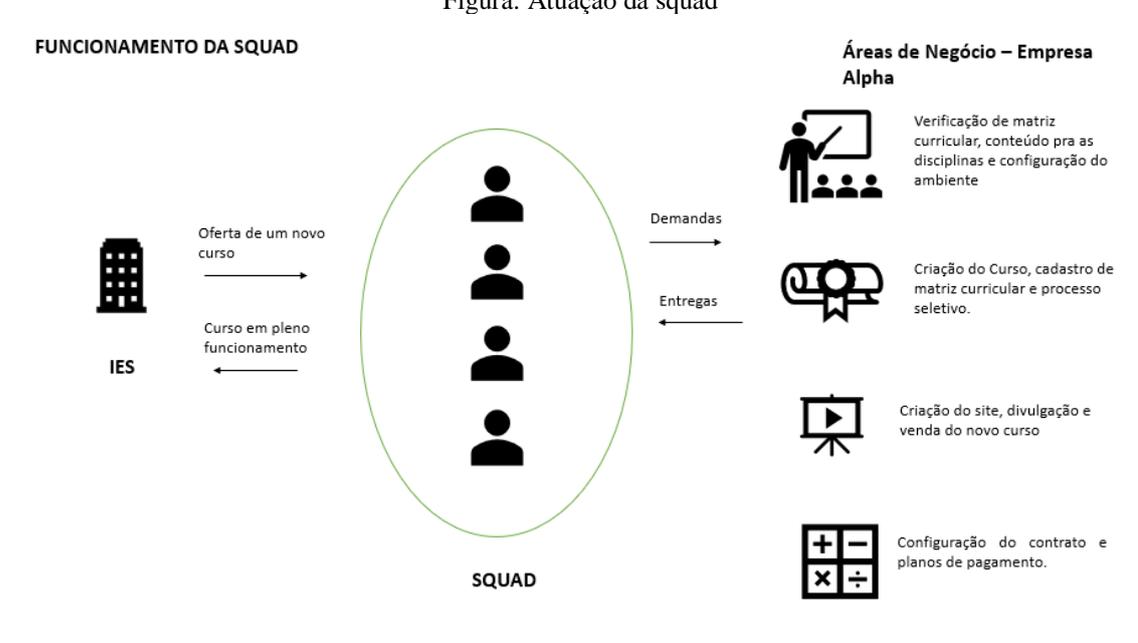
Na estrutura destas Squads, o Diretor Regional assume o papel de *Chapter*, que, segundo Kniberg e Ivarson (2012), lidera a squad, assumindo responsabilidades tradicionais, além de estar envolvido na operação da squad com atividades, o que mantém a visão da realidade.

Kepler e Oliveita (2019) observam que uma das ações esperadas de uma squad é a capacidade de resolver problemas, por isso, cada membro deve ser capacitado para tal e torna-se necessário que cada profissional esteja ciente de seu compromisso e busque reavaliar constantemente seus hábitos de trabalho. Com a empresa Alpha não foi diferente. A estruturação destas squads foi complexa nos primeiros meses, visto que estes atores deveriam

possuir uma visão holística do processo para resolver problemas, sendo um elo entre a operação da empresa Alpha com seus clientes. Por isso, cada membro teve imergir no negócio de suas áreas para poder comprometer-se com entregas e ser assertivo com os clientes.

Passado o momento inicial de imersão, a squad estava pronta para atuar. Toda a demanda proveniente dos clientes da empresa Alpha passa a ser recebida pelo Squad que faz a análise do problema/situação e, se necessário, faz o transbordo e acompanha a realização das atividades pelas áreas da empresa, garantindo que o retorno seja dado ao cliente dentro do esperado. Abaixo, exemplifica-se o modelo de atuação da squad frente a uma situação, no caso a oferta de um novo curso de graduação.

Figura: Atuação da squad



No exemplo acima, a IES (cliente) demanda a oferta de um determinado curso à empresa Alpha. Neste contexto, a squad faz o processamento do pedido e elabora o plano para atendimento (ações e cronograma), direcionando às áreas de negócio da empresa Alpha. As áreas, com o acompanhamento da squad, realizam as ações que lhe competem e retornam para a squad, que tem como dever de verificar se todas as etapas foram cumpridas, realizar os testes e realizar a entrega para o cliente.

Além da atuação da squad com a função de organizar as demandas de cada IES, com a implantação desta metodologia houve a criação de uma identidade no relacionamento entre a empresa alpha e suas clientes. Como cada squad atende quatro IES, os consultores atuam de uma maneira personalizada, pois conseguem perceber as particularidades de cada operação e requisitar às áreas de *staff* as devidas personalizações, o que melhorou a satisfação dos

clientes, visto que anteriormente não era possível o conhecimento de cada operação em seu detalhe e muitos problemas tornavam-se recorrentes.

Após a implementação do modelo de squads, a empresa Alpha e seus clientes perceberam uma melhora no atendimento, reduzindo significativamente os problemas por falta de alinhamento e qualidade nas entregas. A empresa Alpha entende que o trabalho das squads ainda não está finalizado, e continua trabalhando no aperfeiçoamento do modelo adotado.

## **7 Análise do caso**

Como contextualizado no presente estudo, o primeiro modelo estruturado pela empresa com atuação diretamente pelas áreas chaves junto aos seus clientes não estava mais adequado dado ao crescimento exponencial em menos de um ano. Problemas relacionados às entregas da empresa Alpha e as soluções para situações-problema tornavam-se morosos e não atendiam às expectativas. A empresa, diante do cenário apostou na adoção da metodologia squad como aposta para minimizar os problemas enfrentados.

Com a adoção do modelo squad para o relacionamento com seus clientes, observou-se que a empresa Alpha conseguiu minimizar os problemas que enfrentava a partir de uma visão multidisciplinar, garantindo que as atividades que perpassa por mais de uma área tivesse o acompanhamento de modo a propiciar a entrega da solução conforme a necessidade do cliente.

## **Considerações finais**

O emprego da squad como metodologia de trabalho vem se consolidando nas empresas a partir da última década e, atenta a este movimento, a empresa Alpha no ano de 2019 adotou esta metodologia para resolver um de seus principais problemas na operação: o relacionamento com seus clientes e suas entregas.

Além de melhorar as entregas para os clientes, observou-se que com a squad houve um aumento da especialização da equipe frente às particularidades de cada cliente o que proporcionou uma personalização e um aumento na percepção de valor pelas IES parceiras da empresa Alpha.

Ainda, observa-se que a implantação de squads na empresa Alpha atingiu, preservada suas proporções e contextos, os mesmos benefícios apontadas Kniberg e Ivarson (2012) no

modelo aplicado no spotify, demonstrando total convergência entre a teoria e a prática empresarial.

A organização por squads ainda é um modelo recente no meio corporativo e há a necessidade de aperfeiçoar a metodologia de acordo com a realidade de cada organização, mas percebe-se os resultados eficazes nos cases onde houve a aplicação.

## **Referência**

BARROS, A. J. P. LEHFELD. N. A. S. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

KEPLER, J. OLIVEIRA, T. **Os segredos da Gestão Ágil: Por trás das empresas valiosas**. São Paulo: Editora Gente, 2019.

MENEZES, A. *et. al.* **Metodologia Científica: Teoria e Aplicação no Ensino a Distância**. Livro Digital. Petrolina: Universidade Federal do Vale do Rio São Francisco, 2019.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2006.

KNIBERG, H. IVARSSON, A. **Scaling Agile @ Spotify: With tribes, Squads, Chapters e Guilds**, 2012. Disponível em: <https://blog.crisp.se/wp-content/uploads/2012/11/SpotifyScaling.pdf>, acesso em 05 abr.2020.

# ASSESSORIA DE IMPRENSA COMO ATIVIDADE JORNALÍSTICA NAS EMPRESAS

## PRESS ADVISORY AS NEWSPAPER ACTIVITY IN BUSINESS

FERREIRA, Aline<sup>24</sup>

### Resumo

Esse estudo se propõe a abordar o jornalista na condição de assessor de imprensa, fundamental para empresas públicas e privadas. Entende-se que a relevância dessa pesquisa está em contribuir para a explanação desse profissional. Assim, tem-se como objetivo analisar a evolução da assessoria de imprensa como atividade jornalística em organizações. Como metodologia foi utilizada pesquisa bibliográfica a partir de livros e artigos publicados em periódicos científicos, de modo a embasar o desenvolvimento desta pesquisa. A partir dessa pesquisa foi possível entender e compartilhar a função de assessor de imprensa, uma atividade complexa que pautada na ética garante a veracidade dos fatos. Foi visto que tanto empresas públicas como privadas precisam do assessor de imprensa para informar a sociedade sobre suas ações, visando promover sua boa imagem.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Assessoria de imprensa. Organizações.

### Abstract

This study proposes to approach the journalist as a press officer, essential for public and private companies. It is understood that the relevance of this research is to contribute to the explanation of this professional. Thus, the objective is to analyze the evolution of the press office as a journalistic activity in organizations. As a methodology, bibliographic research was used from books and articles published in scientific journals, in order to support the development of this research. From this research it was possible to understand and share the role of press officer, a complex activity that based on ethics guarantees the veracity of the facts. It was seen that both public and private companies need the press officer to inform society about their actions, in order to promote their good image.

**Keywords:** Journalism. Press office. Organizations.

### 1 Introdução

Esse estudo tem como proposta abordar o jornalista na condição de assessor de imprensa, fundamental para empresas públicas e privadas.

O jornalismo contemporâneo faz uso de complexas formas de produção da subjetividade, como a assessoria de imprensa que em organizações públicas e privadas busca propagar a imagem do cliente assessorado, pautando-se na ética com a divulgação de fatos verídicos (ALVEZ; NOBREGA, 2017).

Cada vez mais as organizações tem priorizado profissionais de comunicação social. Segundo o Manual de Assessoria (FENAJ), a assessoria de imprensa está contida na estrutura de um departamento de comunicação de uma empresa (GUIMARÃES; REIS, 2017). Dentre

---

<sup>24</sup> Jornalista – n. 0091284/SP. Mestranda em Comunicação. E-mail: a.ferreira@gmail.com

os serviços dos assessores de imprensa tem-se criação de *releases*, elaboração de *press-kits*, acompanhamento de entrevistas de suas fontes, edição de jornais, revistas, preparação de textos de apoio, artigos, *clipping* de notícias, dentre outros (GUIMARÃES; REIS, 2017).

Deste modo, entende-se que a relevância dessa pesquisa está em contribuir para a explanação desse profissional. Assim, tem-se como objetivo analisar a evolução da assessoria de imprensa como atividade jornalística em organizações.

Como metodologia foi utilizada pesquisa bibliográfica a partir de livros e artigos publicados em periódicos científicos, de modo a embasar o desenvolvimento desta pesquisa.

## **2 Fundamentação teórica**

### **2.1 O surgimento da imprensa no Brasil**

Define-se comunicação como uma ciência que consiste na transmissão e recepção de uma mesma linguagem, etimologicamente deriva do latim "*comunicare*" e significa pôr em comum. No Brasil, a imprensa foi conhecida de forma tardia em relação às outras nações, até mesmo latino-americanas, o México conheceu a imprensa no ano de 1539, já o Peru, em 1583, as colônias inglesas, Guiana e Trinidad e Tobago, conheceram a imprensa em 1650. (SODRÉ, 1983). A história da imprensa no Brasil ocorreu no século XIX, com a circulação de dois periódicos, o *Correio Braziliense*, feito em Londres por Hipólito José da Costa, e a *Gazeta do Rio de Janeiro*, jornal oficial produzido na Imprensa Régia sob rígido controle da Coroa, informando a chegada da família Real portuguesa no ano de 1808. Contudo, vale ressaltar que imprensa e jornalismo possuem conceitos distintos, pois conforme Rüdiger (2003) existe a possibilidade de haver imprensa sem que haja o correspondente jornalista.

No início, pode-se dizer que o tipo de imprensa existente não continha características que lhe fossem próprias, ou seja, as características não eram da imprensa, mas do período histórico. Segundo Sodré (1983), os jornais publicados refletiam a intensidade do debate político que se travou primeiramente em torno da questão da Independência e depois quanto à estrutura do Estado-Nacional a ser moldada a partir da separação de Portugal. Consistia em uma espécie de jornalismo político, porém de vozes desarmônicas, sem uma causa a lhes integrar a ação. Estas características se davam pela absoluta impossibilidade de assumirem outras, pois serviam a um público pequeno, de nível baixo, usando os artifícios que o período proporcionava e admitia: a ofensa e a difamação. A educação estava em estado embrionário, o ensino era pouco difundido, havia inúmeros analfabetos e os poucos sabiam ler, não

compreendiam os assuntos públicos. Assim, “a única linguagem que todos compreendiam era mesmo a da injúria”. Ainda assim, Sodré (1983) sustenta que o período Regencial ocorrido entre os anos de 1831 e 1840, incide em um período de ascensão liberal entre o Primeiro e o Segundo Reinado, época em que os valores nacionais se asseguram e em que imperam alguns aspectos de regime republicano, como as eleições, a primazia do legislativo sobre o executivo, e a ampla liberdade de imprensa.

Após a consolidação da imprensa brasileira no século XX, o conceito de jornalismo significa fornecer periodicamente informações da atualidade. Antes, a imprensa era apenas literária ou instrumento político. A partir da década de 1920, vários novos títulos vão surgir: *O Globo*, *Folha de São Paulo*, revista *O Cruzeiro*, *Revista do Globo* etc., configurando assim o ingresso do jornalismo brasileiro numa fase empresarial.

A profusão de novos títulos e as reformas gráficas, editoriais e administrativas praticadas por publicações já firmadas, como o *Jornal do Brasil*, no final dos anos 1950, irão caracterizar um momento de modernização da imprensa jornalística. Essa modernização vai preparar a mídia jornalística para o acesso era das indústrias culturais, o que ocorre a partir do final da década de 1960, consolidando-se inteiramente nos anos 1970.

Entre os anos 1970 e 1980, percebe-se plena subordinação do jornalismo ao capitalismo. A partir dos anos 1990, o regime de acumulação, dominante no início do século XXI, tem um aprofundamento dessa subordinação, desse aspecto mercadológico da informação, que passa a ser um dos utensílios de lucro e poder mais importantes nas sociedades contemporâneas. Ressalta-se que com o impeachment do presidente da república do Brasil no ano de 1992, o jornalismo teve papel determinante e os meios de comunicação passaram a refletir pressões crescentes de democratização do poder, e o Estado mostrava-se ineficiente frente às expectativas da população. Com isso cresce a percepção crítica da imprensa em relação aos poderes públicos, e da população para com a imprensa, causando um mal-estar baseado em três acusações: a imprensa é superficial, invasiva e pessimista (FOLHA, 1997).

Em decorrência deste fato, a imprensa começa a simplificar suas publicações com aparente conivência com as estruturas do país, buscando publicar matérias de interesses públicos de forma moderada, assim, o atual jornalismo busca corresponder às exigências e sensibilidades de seu público, com críticas ponderadas.

## 2.2 Histórico da assessoria de imprensa

A profissão de assessor de imprensa teve início com Ivy Lee, um jornalista americano que em 1906, abriu o primeiro escritório de assessoria de comunicação do mundo, tendo como primeiro cliente, o empresário John Davison Rockefeller cujo objetivo seria de reparar a sua imagem perante a sociedade (GUIMARÃES; REIS, 2017).

Durante aquele período os Estados Unidos enfrentavam um tempo de grande crescimento empresarial no norte do país, isso se dava decorrente da Guerra da Secessão e da vitória contra os escravistas do Sul.

Nos Estados Unidos, a assessoria de imprensa expandiu-se com a crise de 1929, em que o aumento do desemprego resultante da crise e da crescente pobreza da população gerou complicação para os empresários norte-americanos. Assim, na década de 1930, a assessoria de imprensa chegou às universidades que com a percepção da demanda desses profissionais no mercado, passou a formar especialistas em relações públicas (PECIN, 2010). Em seguida houve uma expansão da assessoria de imprensa, ela deixou rapidamente de atender apenas os Estados Unidos e expandiu-se para o Canadá, em seguida para a Europa. Em 1950 já tinham sido criados departamentos de assessoria de empresa em mais de sete nações europeias. Nesses países a atividade tinha relação com profissionais de relações públicas, o seu principal intuito era conseguir estabelecer uma promoção entre as organizações, a mídia e o público, tanto no âmbito interno quanto no âmbito externo. (PECIN, 2010)

Segundo Pecin (2010) há uma particularidade no tocante a essa profissão no Brasil, pois ela está ligada diretamente à competência de jornalistas, tradicionalmente. O desenvolvimento da assessoria de imprensa no Brasil veio através de influências norte-americanas na área de relações públicas. Com a chegada de empresas multinacionais ao Brasil, algo que sofreu ainda uma maior potencialização com o governo de Juscelino Kubistchek, ajudou com que houvesse uma expansão das práticas de relações públicas para com empresas privadas.

De acordo com Duarte (2003) o governo de Getúlio Vargas em 1931, criou o Departamento de Imprensa e Propaganda, esse departamento tinha como sua finalidade promover a imagem do governo, porém com o acontecimento da ditadura do Estado Novo, esse passou a ser o responsável pela censura da mídia, tendo a mídia então a necessidade de solicitar permissão para divulgar informações a esse órgão.

Como relata Pecin (2010) com o final do primeiro governo de Vargas, o Departamento de Imprensa e Propaganda teve a sua substituição pelo Departamento Nacional de

Informações, esse departamento tinha como sua responsabilidade tratar sobre a divulgação e o atendimento aos jornalistas de forma isenta. Em 1944, surge a Agência Nacional para disseminar informações de interesse governamental. Havia tranquilidade nesse setor, até em 1964 ocorre o início do Regime Militar. Enquanto estavam no poder os militares realizaram investimentos para o setor de comunicação, dessa maneira desenvolvendo propagandas, e trazendo a divulgação de informações referentes ao governo para que o povo tivesse uma melhor aceitação do governo militar. Com essa situação foi desenvolvida a Assessoria Especiais de Relações Públicas, conhecida pela sigla (AERP).

No tocante as empresas privadas, Pecin relata que o desenvolvimento da assessoria como uma prática organizacional foi algo que se deu de forma tardia, tendo sua ocorrência após 1950. O Marco desse acontecimento se deu pela Seleção de Imprensa que tinha ligação com o Departamento de Relações Públicas da Volkswagen no Brasil, esse departamento tinha como seu responsável os jornalistas, Alaor Gomes e Reginaldo Finotti, que estavam estruturando um setor específico para lidar com a imprensa. Posteriormente esses dois profissionais criaram para si uma assessoria que era independente, algo que foi considerado pioneiro naquela época, o nome da assessoria era Unipress.

Com o decorrer da década de 1980, a comunicação entre as empresas e o público alvo se tornou fundamental, que cumprido pela assessoria de imprensa, atua dentre outros, medindo e gerenciando informações (FENAJ, 1985).

Duarte (2003) ainda considera que graças ao crescimento do mercado de assessoria de imprensa, esse segmento se tornou algo muito atrativo aos novos jornalistas, visto que o ritmo de trabalho tido pelos mesmos era considerado bastante estressante, contendo também uma baixa remuneração e uma oferta de emprego também escassa.

Dessa maneira, Pecin (2010) aborda que a consolidação da assessoria de imprensa como um fazer jornalístico, ocorreu de fato graças a ação dos sindicatos, que fizeram o controle para que essa atividade fosse exclusividade da categoria. A Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) juntamente com o Conselho Nacional de Relações Públicas através do Decreto nº 83.284/1979 e o Decreto-Lei nº 972/69 foi decidido que a função de assessor de imprensa deverá ser exercida única e exclusivamente pelo jornalista profissional.

### 2.3 O papel da assessoria de imprensa

Conceitua-se assessoria de imprensa, a gestão de relacionamento e de informações entre a fonte e a imprensa, devendo criar imagem desejada seja para corporações públicas ou

privadas (DUARTE, 2011). A atividade de assessoria de imprensa possui espaço significativo nos processos jornalísticos e no ordenamento da mídia, estando além de um meio de defender interesses particulares a partir da divulgação de informação à sociedade (SILVA, 2017). A assessoria de comunicação trabalha as notícias que vem de uma empresa, ou seja, lida com as informações organizacionais que serão colocadas para os seus clientes e a sociedade num geral (CHINEM, 2006). Nas empresas a assessoria de imprensa tem importância significativa na adoção de novas tendências da comunicação, em que se tem a necessidade adequar a comunicação às mídias digitais, reestruturando as práticas da empresa (RIBEIRO, *et. al.*, 2015).

A comunicação social organizacional, segundo Azeredo (2010) tem o envolvimento de atos diretos, indiretos, unilaterais e públicos, dessa maneira é possível afirmar que todas as ações coletivas ou de massa que são produzidas através de jornais, revistas, rádio ou da televisão.

Chinem (2006) diz que uma das principais tarefas relacionado a assessoria de comunicação é a permanente interpretação crítica e seletiva do ambiente exterior. Para o autor esse trabalho traz a condição de ampliar mais ainda a sua capacidade em detectar alterações nas mais variadas áreas da sociedade e dessa maneira poder prever problemas que podem vir a surgir, por exemplo objeções, inconvenientes ou mal-entendidos.

Para Azeredo (2010) as assessorias de comunicação frequentemente são encaradas apenas como estruturas de apoio, tendo como utilidade servir de consulta ou para assessorar, porém sem nenhum tipo de autoridade dentro das organizações.

Todavia o autor considera que isso está passando por uma fase de mudança, a comunicação tem começado a assumir uma posição mais voltada a gestão da empresa, passando a também poder tomar decisões e participar de situações importantes dentro da organização, tal situação faz com que os assessores de imprensa necessitem ter habilidades em gestão e administração.

A função do assessor de comunicação é o de zelar pela boa imagem da instituição e realizar uma comunicação de maneira integrada, ele deverá se comunicar com diversos públicos, dentre esses públicos estão os externos, setorial e externo no tocante a comunicação institucional.

O assessor de imprensa tem como a sua principal função o abastecimento de veículos de comunicação social, esses veículos recebem notícias sobre o seu assessorado, sugestões de pautas de artigo, entrevistas dentre outros serviços que são oferecidos (AZEREDO, 2010).

Para Carvalho e Reis (2009) é preciso que o assessor de imprensa seja além de um bom redator, uma pessoa que tenha a total noção entre a diferença de uma informação e de uma notícia, ele também deverá tratar os jornalistas que com ele se relacionarem de maneira respeitosa, sabendo que esses jornalistas têm horários para fechar suas pautas e que precisam ter um atendimento em critério de urgência para poder desempenharem bem a sua função.

De acordo com Santana (2012) a assessoria de comunicação é formada por um tripé, nesse tripé estão: jornalistas, publicitários e relações públicas, embora os três profissionais tenham sua especialidade voltada para a ciência da comunicação, cada um deles tem uma especialidade voltada para uma determinada atuação.

Um desses profissionais que fazem parte desse tripé é o jornalista, que é um profissional conhecido como Assessor de Imprensa. O jornalista é aquele responsável por fazer o contato com a mídia e divulgar quais serão as ações da empresa, desenvolvendo dessa maneira o papel de facilitador entre a mídia e a empresa. Através do seu trabalho esse profissional deverá atrair a imprensa com fatos positivos acerca daquela organização para a qual ele trabalha, e assim ajudar a manter sempre a melhor percepção possível acerca da empresa (SANTANA, 2012)

De acordo com Santana (2012) outras atividades que também são de responsabilidade do jornalista são o envio de releases ou de notas, assim como o agendamento de entrevistas, eles são responsáveis por conseguir a mídia espontânea, sendo assim, as informações acerca da empresa ou daquele assessorado que irão ser divulgadas nos veículos de comunicação, como o rádio, a televisão, a internet dentre outros meios possíveis, de maneira gratuita.

O Relações Públicas tem a responsabilidade de realizar o mapeamento dos públicos para que dessa maneira eles possam vir a ser bem atendidos, a identificação de públicos dentro de uma organização é um trabalho tanto interno quanto externo para aquele profissional que lida com essa área, precisando assim conseguir lidar de uma forma eficaz com esse público para que assim possa alcançar uma comunicação tanto interna quanto externo com excelência (SANTANA, 2012).

Santana (2012) deixa então claro que apensar de que cada um tenha uma função específica no tripé, essas três áreas são complementares entre si e não podem ser ignoradas, o mercado atual tem buscado por um profissional que possa ser multidisciplinar. Deve ser levado também em consideração que a existência de uma Assessoria de Comunicação é algo fundamental para qualquer que seja a organização, pois será através desses profissionais que a imagem positiva da empresa chegará aos seus *stakeholders*, a opinião pública deverá ser valorizada pela alta gestão das empresas e dessa maneira não se deve ignorar a forma com a

qual o público pode criar um julgamento que poderá colocar uma empresa em uma situação ruim perante seus clientes, por tanto saber se comunicar e ter profissionais competentes para fazer tal função é de extrema importância para a empresa, não se pode menosprezar o poder da comunicação no mundo corporativo.

#### 2.4 O papel da assessoria de imprensa corporativa

Para que o trabalho da Assessoria de Imprensa tenha sucesso é preciso as estratégias de marketing estejam perfeitamente alinhadas com o objetivo de aumentar o valor da marca, dessa forma se faz possível a construção de uma identidade sólida e positiva, tendo assim o poder de obter destaque e conseguir ganhar um espaço de preferência na mentalidade do consumidor, algo que não é conseguido com facilidade como mencionado anteriormente. Para que ocorra essa consolidação da marca é preciso que exista um relacionamento duradouro que será construído entre a empresa e o público por meio de valores reais gerados por ela (MARTINS; MARIANO, 2013).

Martins e Mariano (2013) afirmam que a assessoria é algo fundamental para a construção de imagem de uma empresa e de suas marcas, pois apesar do sucesso realizado com a comunicação em massa, existem objetivos que não podem ser atingidos por ela, dentre esses objetivos que não conseguem ser atingidos por ela estão a consolidação das competências e da reputação da empresa.

É necessário que exista uma diferenciação de uma marca perante aos seus concorrentes, por tanto é preciso não sejam oferecidos apenas produtos padrão para que se torne de fato um parceiro do cliente, a padronização é um sinal de qualidade, mas não passa a compreensão de fornecer um serviço mais qualificado a um determinado parceiro. Para que isso aconteça é preciso trazer sempre informações acerca dos seus produtos, para isso a assessoria de imprensa pode ser tida como uma boa maneira na execução dessa tarefa, ela tem a capacidade de trazer informações ao mercado e dessa forma é passada uma imagem de uma empresa que é destaque na sua área. (MARTINS; MARIANO, 2013)

Uma boa assessoria de imprensa deve conseguir entender o mercado e ter a capacidade de elaborar planos para qualquer que seja o segmento que ela esteja envolvida. Tal plano deve estar inserido de maneira mais geral com relação a comunicação e também ao plano de marketing, tendo apoio de eventos, comunicação direta e de propaganda para que a empresa possa tirar uma imagem de ser uma empresa chata que tem apenas o intuito da venda e

coloca-la no âmbito de um parceiro de negócios, agregando dessa maneira mais valor à sua marca e colocando em evidencia no mercado (MARTINS; MAIANO, 2013).

## 2.5 Assessoria de imprensa como gestora de crises

De acordo com Lopes (2000) através da assessoria de imprensa se torna possível para uma empresa a possibilidade de trazer à tona a identificação antecipada de crises que possam vir a rondar a organização, essas crises podem causar mudanças de diversas maneiras na sociedade.

A opinião pública para Rabaça e Barbosa (2001) é um agregado de opiniões que predominam em uma determinada localidade. Ela é manifestada de maneira coletiva, os valores que interferem para o desenvolvimento desse tipo de opinião são psicológico, sociológico e histórico.

Martins e Mariano (2013) consideram que ter o apoio da opinião pública é algo que é desejado de maneira completa por qualquer que seja aquele que tem algo a oferecer a sociedade. Empresas que pretendem obter uma posição de destaque precisam estar preocupadas com a maneira que a sua imagem é passada ao público, pois caso o contrário se faz praticamente impossível que essa empresa consiga passar uma imagem institucional positiva e que consiga gerar valor e credibilidade para o mercado.

Ignorar a opinião pública é uma forma ingênua de lidar com a necessidade de profundas mudanças que ocorreram no mundo ao longo do século atual. Essa mudança ocorre graças ao crescimento gigantesco de informações, a democratização do acesso à informação e a percepção da sociedade enquanto aos seus direitos e deveres como consumidores (MARTINS; MARIANO, 2013).

Sabendo da rapidez que as informações podem tomar quando se propagam pelos veículos de comunicação, é necessário ter a perfeita compreensão do impacto que isso pode causar na imagem de uma organização, uma crise tem o poder de abalar ou até mesmo em casos mais extremos de gerar a destruição da imagem de uma organização perante o mercado, uma má comunicação durante um período de crise poderá significar o fim para uma organização (AZEREDO, 2010). Para Azeredo (2010) na chegada de uma situação de crise deve-se imediatamente realizar a montagem de todo um aparato para poder lidar com tal momento, isso irá exigir a participação de diretores, advogados, e também do departamento de comunicação da organização. No momento de tal situação a honestidade é o melhor caminho para ser seguido, a mentira poderá atrapalhar ainda mais o momento que é

enfrentado pela empresa. O assessor durante tal situação não deve deliberadamente expor toda a situação, porém quando der alguma declaração, essa deverá ser em sua totalidade verídica.

No combate a uma crise Azeredo também traz à tona a necessidade de se criar um discurso único, dessa forma deve ser evitado que muitas pessoas expressem opiniões ao mesmo tempo. Assim, o momento de crise é um momento para que sejam evitadas as mentiras e que a empresa se prepara para com a devida responsabilidade expor sua situação perante o público, as explicações devem ser dadas de maneira responsável, pois uma má gestão de crise tem o potencial de ocasionar estragos irreparáveis para uma organização nesse momento, portanto, ter cautela e saber como proceder podem evitar situações que ponham a credibilidade de uma organização em risco e salvar sua reputação perante o público em um momento de descrédito.

## 2.6 Assessoria de imprensa e ética

As organizações também possuem um compromisso com a informação, dessa maneira elas devem levar a sério o trabalho das assessorias em se manterem sempre verídicas e preocupadas em sempre manter uma boa imagem perante a opinião pública. O assessor terá a responsabilidade de buscar trazer a união perante os departamentos da empresa e dessa forma desenvolver um relacionamento positivo dentro da organização. (MARTINS; MARIANO, 2013)

De acordo com Bueno (2003) a transparência é uma das principais ferramentas que podem ser utilizadas pelas organizações, pois ela tem o potencial de trazer uma relação de confiança entre os seus públicos. Perante a sociedade uma informação não deve ser posta sobre a verdade, pois a transparência é sempre cobrada e uma divulgação falsa de fatos pode colocar a empresa em uma situação passiva de penalização perante a imprensa.

Segundo Pecin (2010) em certo sentido atenta-se para a questão de que a assessoria de imprensa vai de contramão os princípios do jornalismo visto que nesse tipo de situação ele vai contra a imparcialidade. Já que nesse tipo de situação para aquele assessor de imprensa o bem-estar da organização na qual ele faz parte é o mais importante naquele momento.

Martins e Mariano (2013) alegam que consolidar a imagem de uma marca é algo que faz parte de um planejamento estratégico e que os seus efeitos somente poderão ser sentidos a longo prazo, pois para que isso ocorra são envolvidos diversas atividades da assessoria de imprensa, ela necessita elaborar publicações tanto internas quanto externas; precisa enviar releases a imprensa; elaborar conteúdo para sites e mídias sociais, dentre várias outras funções

que terão a capacidade de levar a empresa a consolidação de sua marca. Dentre as ferramentas de comunicação utilizadas pelo assessor de comunicação tem-se a edição de jornais, revistas, sites de notícia e material jornalístico para vídeos (FENAJ, 2007). Além da mídia externa, pode o assessor de imprensa atuar na comunicação interna da empresa, na produção de conteúdo voltados para os clientes internos (HRENECHEN; SOARES, 2016). Dessa maneira Lopes (2000) alerta que as empresas precisam estar constantemente prontas para fornecer uma resposta de forma rápida e objetiva, de uma maneira que não traga comprometimento a imagem da mesma, e para que isso seja possível um profissional da comunicação deverá estar incluído nesse planejamento.

Assim Chinem (2006) afirma que uma relação baseada na confiança entre o seu assessor e o seu assessorado traz facilidade para a tomada de decisões durante um momento de crise. O Assessor deverá ter comprometimento com a proposta trazida pela empresa e a sua política, sempre que a mesma necessitar de alterações, e por causa de tal situação muitos colegas de veículos de imprensa veem o assessor com uma certa desconfiança. Porém ser fiel a seu cliente não deve ter o significado de ser infiel a sua profissão de jornalista, deve exatamente significar que transmitir essas informações ajudam na criação da cidadania.

### **Considerações finais**

A partir dessa pesquisa foi possível entender e compartilhar a função de assessor de imprensa, uma atividade complexa que pautada na ética garante a veracidade dos fatos. Embora a assessoria de imprensa seja uma atividade ligada a instituições, passou a ser mais buscada por pessoas públicas. No entanto, foi visto que tanto empresas públicas como privadas precisam do assessor de imprensa para informar a sociedade sobre suas ações, visando promover sua boa imagem.

### **Referências**

ALVEZ, A. E. A. NOBREGA, Z. S. N. A relação do jornalismo e assessoria de imprensa em João Pessoa: a rotina produtiva das agências Integrativa e News Comunicação. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**. Fortaleza-CE. 29 jun. a 01 jul. 2017. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-0820-1.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2021.

AZEREDO, B. R. **O Papel e a Importância das Assessorias de Imprensa nas Organizações**. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro. 2010.

BUENO, W. **Comunicação empresarial: teoria e pesquisa.** São Paulo: Manole, 2003.

CARVALHO, C; REIS, L. M. A. **Manual Prático de Assessoria de Imprensa.** Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2009.

CHINEM, R. **Comunicação Empresarial: teoria e o dia a dia das assessorias de comunicação.** São Paulo: Horizonte, 2006.

DUARTE, J. **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

DUARTE, J. (Org.). **Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia: Teoria e Técnica.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

FENAJ - Federação Nacional dos Jornalistas. **Manual Assessoria de Comunicação.** Brasília, 1985.

FENAJ - Federação Nacional dos Jornalistas. **Manual Assessoria de Comunicação/Imprensa.** Brasília, 2007. Disponível em <http://fenaj.org.br/publicacoes/>. Acesso em: 25 abr. 2021.

FOLHA, Online. **Um jornalismo cada vez mais crítico e mais criticado.** 1997. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca/projetos-1997-4.shtml>. Acesso em: 25 abr. 2021.

GUIMARÃES, R. N.; REIS, L. C. M. dos R. A Ética profissional na assessoria de imprensa. **Revista eletrônica Cosmopolitana em ação.** Cosmos. v. 4, n. 1, p. 01-12, 2017.

HRENECHEN, V. C. DE A. T. SOARES, A. S. S. Análise da assessoria de imprensa como atividade jornalística. **EIICS**, 2016.

KOTLER, P; ARMSTRONG, G. **Princípios de Marketing.** 7. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

LOPES, M. **Quem tem medo de ser Notícia?** da informação à notícia - a mídia formando ou "deformando" uma imagem. São Paulo: Makron Books, 2000.

MARTINS, S; MAINO, JOELMA. A assessoria de imprensa como ferramenta de marketing e construção de imagem da marca. **X Congresso Online – Administração.** 7 a 9 nov. 2013.

PECIN, G. D. G. Um Estudo sobre a Assessoria de Imprensa como Atividade Jornalística. **XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste.** Goiânia. 27 a 29 mai. 2010.

RABAÇA, A. C.; BARBOSA, G. G. **Dicionário de Comunicação.** 2. ed. Rio de Janeiro: Campus. 2001.

RIBEIRO, V.; CAMPELO, F.; RODRIGUES, I.; MARMELO, M. ROCHA, M. A assessoria de imprensa e as redes sociais: Estudo de caso sobre as mudanças no relacionamento fonte-

jornalista e o processo de produção do press release, **Comunicação Pública**, n. 10, v. 19, 2015.

RÜDIGER, F. **Tendências do jornalismo**. 3. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2003.

SANTANA, L. F. V. **O papel da assessoria de comunicação no relacionamento entre as organizações e seus vários públicos**. Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 2012.

SILVA, R. C. de O. **Doar por amor**: elaboração de revista para o hospital de câncer de Barretos. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo à Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG – Campus de Frutal, sob a orientação do Professor Fernando Ringel. Frutal (MG) 2017.

SODRÉ, N. W. **A história da imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

# LIVRO-REPORTAGEM: O JORNALISTA COMO AUTOR

## BOOK REPORT: THE JOURNALIST AS AUTHOR

Aline Ferreira<sup>25</sup>

### 1 Introdução

Os introdutores do New Journalism, Tom Wolf, Gay Talese, Norman Mailer e Truman Capote, realizaram grandes transformações que causaram o estreitamento entre jornalismo e literatura, da apuração até a edição da notícia o processo é diferenciado, com uma abordagem mais humana e próxima ao leitor, utilizando técnicas da literatura de ficção (SILVA PEREIRA, 2017).

O livro-reportagem consiste em uma maneira de proporcionar ao leitor a oportunidade de se aprofundar sobre um determinado assunto. A oportunidade é oferecida em formato de livro, numa relação entre jornalismo e literatura que esboça o talento jornalístico e contribui, assim, para uma visão crítica da sociedade. Tem-se como objetivo geral abordar a atuação do jornalista como autor em livro reportagem. Como objetivos específicos: trazer aspectos relacionados ao *new journalism*; identificar a finalidade do livro-reportagem. Como metodologia foi utilizada pesquisa bibliográfica.

### 2 Fundamentação teórica

#### 2.1 *New journalism*

A história da reportagem e da grande-reportagem, não seria a mesma sem a existência e repercussão do movimento conhecido como *new journalism* ou novo jornalismo, nos EUA. O *new journalism* foi a disposição que reviveu o conhecimento do jornalismo praticado com aperfeiçoamentos literários, reconstruindo a reportagem norte-americana das décadas de 1960 e 1970. Contudo, não se pode entendê-lo, sem situá-lo no contexto cultural que marcou sua época (SILVA PEREIRA, 2017).

O Novo Jornalismo foi inventado para que pudesse realizar o sonho de muitos jornalistas, ou seja, escrever um romance. Naquela época, o país passava por um momento de intensa ebulição cultural, social e comportamental, influenciada especialmente pelo

---

<sup>25</sup> Jornalista – MTB n. 0091284/SP. Mestranda em Comunicação. E-mail: a.ferreira@gmail.com

movimento *hippie*. O novo jornalismo buscava uma submersão de corpo e mente para experimentar a realidade tanto no aspecto objetivo quanto no subjetivo, de imaterial. Suas características se destacam, sobretudo, no que tange às duas etapas da produção jornalística: captação e redação. O *new journalism* não pode ser considerado unanimemente no meio jornalístico e na comunidade acadêmica, tendo sido interrogado por quem nele descobre uma deturpação do fazer jornalístico pela ficção literária (RITTER, 2018).

## 2.2 Uma visão do livro- reportagem

Nos dias de hoje, existe uma tendência das pessoas se especializarem em determinados assuntos de seu interesse e, de certa forma, ignoram o que não lhes convêm. O jornalista, então, por meio de uma linguagem adequada indica caminhos de modo que permita julgamentos a quem estiver interessado. O repórter, por sua vez, deve ser um profundo conhecedor das mais diversas generalidades.

As pessoas necessitam cada vez mais de agilidade na informação e buscam a notícia instantânea, quase *on line*. Ocorre que essa celeridade torna impossível o aprofundamento dos temas nas mídias tradicionais. O imediatismo da TV, do rádio, da internet e, por vezes, também do jornal impresso, faz com que a profundidade dos fatos seja colocada em segundo plano. Sob o argumento de que as pessoas não têm mais tempo para extensas reportagens, os meios tratam as pautas de maneira superficial.

O livro-reportagem preenche essa lacuna e trata da maneira mais abrangente possível todas as vertentes de um determinado tema. A profundidade aqui é elemento indispensável. Por ser não-periódico, o livro-reportagem permite que seu autor mergulhe cada vez mais no tema, proporcionando ao leitor informações mais completas sobre determinado assunto.

O livro-reportagem é uma forma híbrida que utiliza de expedientes jornalísticos (pauta, temática, redação e edição) e literários (elementos narrativos, etc.). Isso possibilita um envolvimento maior do leitor. O livro-reportagem atinge, desse modo, um território que mergulha no fato e conta uma história. Daí, diz-se que a obra é jornalística e literária (TRINDADE; INÁCIO, 2017).

Logo, infere-se que o jornalismo utiliza da literatura para abordar de forma mais completa e aprofundada temas relevantes e que, por questões diversas, não têm o espaço adequado nas mídias convencionais. Assim, o livro-reportagem avança nas lacunas deixadas pela televisão, pelo rádio, pelo jornal e pela internet e retira o caráter superficial da notícia. A reportagem é, então, um aprofundamento da notícia e a grande reportagem a contextualização

da mesma, resta ao livro-reportagem abordar extensivamente o fato reportado (RITTER, 2018).

No livro-reportagem a polêmica, uma das operações jornalísticas, é fundamental. Ela propicia ao leitor um debate sobre as idéias apresentadas no livro. Logo, a polêmica é estruturante e deve ser organizada de forma a convencer o leitor. A ausência da polêmica, pois, impossibilita a classificação de um livro como livro-reportagem.

Livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Por grau de amplitude superior, se entende maior ênfase ao tratamento do tema em foco nos aspectos extensivo e intensivo. (LIMA, 2004).

O livro-reportagem pode resultar da simples compilação de reportagens já publicadas (coletânea) ou do trabalho feito para livro, mas concebido e realizado em termos jornalísticos. Ele se distingue dos demais tipos de livro por três condições essenciais: conteúdo, tratamento e função.

Finalmente, o livro-reportagem serve para distintas finalidades que se desdobram dos objetivos básicos de informar, guiar e explicar, enveredando pelos diversos gêneros jornalísticos existentes: jornalismo informativo arredondado (aprofundamento apenas extensivo); jornalismo interpretativo (aprofundamentos extensivo e intensivo); jornalismo opinativo (postura unilateral para defender um conjunto de princípios); jornalismo investigativo (tom de denúncia); e jornalismo diversional (voltado para o lazer) (MEDINA, 2001).

A função particular do livro-reportagem é informar e guiar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios fatuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias e figuras humanas, de modo que ofereça ao leitor um quadro da contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo. (LIMA, 2004). Suas características e especificidades se formam a partir de uma relação de complementaridade aos veículos de comunicação periódicos, cuja natureza cria demandas para que se produzam livros-reportagens.

Gozando de autonomia de extensão e conteúdo, o livro-reportagem não precisa de espaço publicitário nem possui concorrentes diretos que interfiram na escolha de suas temáticas. Também contribuem para que a reportagem migre da imprensa convencional para o livro, o investimento inicial que ela demanda e os resultados que pode gerar. Os procedimentos jornalísticos que darão vazão ao livro-reportagem nada mais são do que o conjunto de etapas conformadoras de qualquer produção em jornalismo: pauta, captação,

redação e edição. Entretanto, cada uma delas apresenta feições próprias, que unidas desembocarão em um produto singular, o livro-reportagem.

A pauta se vê livre das amarras típicas da imprensa convencional, como periodicidade, atualidade e linha editorial, além de se desenvolver livremente no que diz respeito a angulação, abordagem, tema tratado, fontes ouvidas, eixo temporal e propósito. A captação não abre mão de instrumentos consagrados no cotidiano jornalístico, como pesquisa, documentação e entrevista, lançando mão de ferramentas caras às ciências humanas, como história de vida, história oral e observação participante.

Na redação, o livro-reportagem absorve o estilo do autor, ficando impregnado com sua forma de narrar e encadear descrições e cenas, ao sabor dos recursos literários que o escritor julgar conveniente para tornar a narrativa fluente e viva para o leitor. Ao lado da fluência, o livro-reportagem, como produto acabado, deve mostrar eficiência nas tarefas de informar e guiar com profundidade, objetivos que a edição não deve perder de vista (TRINDADE; INÁCIO, 2017).

Neste aspecto, entende-se que na elaboração do livro-reportagem, o jornalista fica à vontade para experimentar diferentes procedimentos de captação da realidade, os quais podem ser a observação participante, a história oral ou qualquer outro que exija mais tempo do que a imprensa periódica esteja interessada em dispensar para cobrir um assunto.

### 2.3 Reportagem

A reportagem pode ser o complemento de uma notícia ou partir de situações que não sejam notícias, mas que sejam de interesse da sociedade. De qualquer forma se trata de um gênero jornalístico diferenciado da notícia, embora, o gênero não seja explícito, a reportagem pode ser caracterizada como uma notícia ampliada ou como um gênero autônomo. A reportagem deve trazer todas as possibilidades de um acontecimento (MEDINA, 2001).

Conforme com Coimbra (1993), o texto da reportagem tem como estrutura a dissertação, a narração e a descrição. Na dissertação, a estrutura do texto se apóia em um raciocínio explicativo pelo qual as informações são generalizadas, acompanhadas de fundamentação. Na narrativa conterá fatos organizados dentro de uma relação de anterioridade ou posterioridade, podendo mostrar transformações progressivas de estado nas pessoas e nas coisas, através do tempo. A reportagem descritiva expõe as pessoas e coisas fixadas apenas no momento. Lage (2017) divide a reportagem em: investigativa, na qual a reportagem é parte de um fato, que revela outros; interpretativa, que observa os fatos sob a

perspectiva metodológica de uma determinada ciência, sendo frequentes as sociológicas e econômicas; e o tipo que busca apreender a essência do fenômeno, com técnicas literárias na construção de situações e episódios narrados. Para que uma reportagem seja produzida é necessário que se leve em consideração o interesse que esta gerará, ou seja, a oportunidade jornalística. Em qualquer tipo de reportagem, as pautas da reportagem devem incluir assunto, fato que gere interesse, se houver, natureza da matéria e o contexto, linha editorial, definição mais precisa do que se espera em termos de aproveitamento, recursos e suporte técnico disponíveis.

### **Considerações finais**

Pensar a relação entre jornalismo e literatura, nos mostra que é possível buscar uma fronteira permeável entre as duas modalidades de escrita, a fim de investir na construção de um texto mais atrativo e uma literatura mais real.

Após concluir o trabalho pode-se dizer que livro-reportagem é um gênero literário e jornalístico em que o autor narra uma detalhada e extensa reportagem que não seria suportada pelas mídias convencionais do jornalismo, como jornais e revistas.

No Brasil, ainda existe um longo caminho a ser percorrido para que a história do livro-reportagem ganhe contornos mais fortes, mas aos poucos, os livros-reportagem estão ganhando espaço e destaque nas livrarias. Ressalta-se que o jornalismo é fundamental para depurar habilidades literárias, a atividade jornalística desperta o senso de exatidão do qual a narrativa descritiva tanto se utiliza.

### **Referências**

MEDINA, J. L. B. Gêneros jornalísticos: repensando a questão. **Revista Symposium**, ano 5, n. 1, jan./jun., p. 45-55, 2001.

LAGE, N. **Teoria e técnica de reportagem**: entrevista e pesquisa jornalística. 2017. Disponível em: <http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/Teterep-1.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2021.

LIMA, E. P. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

TRINDADE, A.; INÁCIO, R. Jornalismo literário, direitos humanos e integração: um caso português. **Cuadernos. info**, Santiago, Chile, v. 40, p.235-249, 2017.

RITTER, E. Novos jornalistas literários: métodos, técnicas e experimentações. **Comun. e Inf.**, Goiânia, GO, v. 21, n. 1, p. 20-36, jan./mai. 2018.

SILVA PEREIRA, A. **Jornalismo Literário: Poética e ruptura com o jornalismo tradicional** / Andreza Silva Pereira. 2017 94 f.; 30 cm. Orientador: Yuji Gushiken. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Cuiabá, 2017.

# ESTRATÉGIAS DE LEITURA E ESCRITA

## READING AND WRITING STRATEGIES

Nilton Carlos do Nascimento Azevedo<sup>26</sup>

### Resumo

O presente trabalho apresenta como objetivos: conhecer diversas estratégias de ensino referentes à teoria e prática de leitura e escrita em sala de aula, bem como pesquisar em livros, diversos assuntos que abordem a temática da leitura e escrita, estudar assuntos voltados pra a prática da leitura em sala de aula e ainda pesquisar em trabalhos científicos assuntos referentes às diversas estratégias existentes para desenvolver a escrita. Para a realização do presente trabalho, foi necessário utilizar como suporte metodológico a pesquisa bibliográfica e qualitativa, sendo que a pesquisa bibliográfica foi explorada através de fontes bibliográficas diversas como: livros, artigos científicos e monografias. Tal pesquisa gerou um aprendizado inquestionável e sólido, pois houve um diálogo com diversos autores que estudam e abordam a temática da estratégia de leitura e escrita, sendo que, através deste diálogo, o aprendizado veio a fluir de forma direta. Através do estudo e pesquisa bibliográfica pode-se constatar e conhecer diversas formas de explorar a escrita e a leitura em sala de aula, para que assim o aluno possa desenvolver sua prática leitora ou aperfeiçoa-la. Também pôde-se conhecer que o professor deve estimular seu aluno à prática da leitura e da escrita através de técnicas e estratégias aplicadas dentro e fora da sala de aula.

**Palavras-chave:** Estratégias. Leitura. Escrita.

### Abstract

The present work has as objectives: to know several teaching strategies referring to the theory and practice of reading and writing in the classroom, as well as researching books, several subjects that address the theme of reading and writing, studying subjects focused on the practice of reading in the classroom and researching scientific papers on subjects related to the various existing strategies to develop writing. To carry out the present work, it was necessary to use bibliographic and qualitative research as methodological support, and the bibliographic research was explored through diverse bibliographic sources such as: books, scientific articles and monographs. Such research generated unquestionable and solid learning, as there was a dialogue with several authors who study and approach the theme of reading and writing strategy, and through this dialogue, learning came to flow in a direct way. Through the study and bibliographic research it is possible to verify and know several ways to explore writing and reading in the classroom, so that the student can develop his reading practice or improve it. It was also possible to know that the teacher should encourage his student to practice reading and writing through techniques and strategies applied inside and outside the classroom.

**Keywords:** Strategies. Reading. Writing.

## 1 Introdução

O presente artigo aborda a temática leitura e escrita e apresenta como foco as estratégias de ensino voltadas para o desenvolvimento da leitura e da escrita, pois estes dois

---

<sup>26</sup> Integralize corporation

elementos de modo geral, ainda apresentam grandes problemas por parte dos alunos, desde o ensino fundamental até o médio.

A abordagem da temática em estudo e pesquisa se faz relevante pelo fato de tanto a escrita quanto leitura necessitarem de um olhar diferenciado na contemporaneidade, pois, os professores demonstrando esforços para que o problema da dificuldade de leitura escrita reduza, ainda há muitos casos de alunos que precisam de uma atenção especial.

É importante que se pense em estratégias voltadas para os âmbitos da leitura e da escrita, independente do nível de ensino, pois ainda se vê alunos em séries bem avançadas, porém com grandes dificuldades de escrita e leitura.

Trabalhar a leitura e a escrita pautadas na necessidade do aluno pode ser uma técnica viável para a obtenção de bons resultados com relação esta questão da dificuldade de aquisição e desenvolvimento da prática leitora.

Utilizar estratégias de leitura nas salas de aula do ensino fundamental ou médio, tem como meta conseguir amenizar os problemas advindos da falta de prática de momentos que tenham como foco o aperfeiçoamento da leitura, bem como, o desenvolvimento da leitura em sala de aula.

Mesmo os professores trabalhando metodologias diversificadas, muitos alunos não conseguem desenvolver um nível de leitura e escrita satisfatória, daí a necessidade de se pensar em estratégias que venham a favorecer o processo de aquisição dos alunos referentes à leitura e escrita, para isto, Antunes (2003, p. 82) sugere a prática da

Leitura diversificada. Tal como acontece na vida fora da escola, as oportunidades de leitura devem variar, no sentido de que os textos propostos sejam de gêneros diferentes como: contos, fábulas, poemas editoriais, comentários cartas, propagandas etc.

Para o autor, a leitura diversificada, ou seja, de contos, fábulas e outros gêneros textuais, podem favorecer no desenvolvimento da leitura e escrita dos alunos. Por esta razão, o referido artigo aborda como objetivo principal, conhecer diversas estratégias de ensino referentes à teoria e prática de leitura e escrita em sala de aula, bem como pesquisar em livros, diversos assuntos que abordem a temática da leitura e escrita, estudar assuntos voltados pra a prática da leitura em sala de aula e ainda pesquisar em trabalhos científicos assuntos referentes às diversas estratégias existentes para desenvolver a escrita. O presente trabalho teve como suporte a pesquisa bibliográfica e qualitativa. Para que se realizasse o referido trabalho, foi necessária a pesquisa em diversas fontes bibliográficas como: livros, artigos científicos e monografias. Tal pesquisa gerou um aprendizado inquestionável e sólido, pois

houve um diálogo com diversos autores que estudam e abordam a temática da estratégia de leitura e escrita, sendo que através deste diálogo, o aprendizado veio a fluir de forma direta.

O presente trabalho apresenta como ponto inicial com relação ao referencial teórico o capítulo 1 que segue assim descrito: A RELAÇÃO ENTRE LEITURA, COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO o qual aborda a discursão sobre a relação entre estes três eixos que estão totalmente veiculados a vida estudantil do aluno. E capítulo 2: ESTRATÉGIAS DE LEITURA E ESCRITA EM SALA DE AULA, -este apresenta dicas de estratégias de leitura e escrita que podem ser usadas em qualquer série ou nível do ensino regular.

## **2 Fundamentação teórica**

### **2.1 A relação entre leitura, compreensão e interpretação**

Há diversas formas de conceituar a leitura e suas metodologias pode-se mencionar a leitura dinâmica e produtiva na qual se estabelece compreender e interagir com o autor do texto para que assim se obtenha a aquisição e a interpretação do que o texto lhe proporcionou durante sua leitura. A leitura é o ato de decodificar letras e vocábulos, isso implica dizer que, a prática de ler pode desenvolver no indivíduo a habilidade de decodificação de signos. Para Antunes (2003, p. 70) “A leitura é uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso a especificidade da escrita”. Para a autora, a leitura possibilita ao aluno ir ao encontro do conhecimento, visto que este deve a todo instante estar buscando novos conhecimentos.

Além disso, a leitura pode influenciar de forma direta no processo da escrita, pois o que se lê pode ser migrado direta ou indiretamente para a escrita, sendo assim, a leitura tem uma relação direta com a escrita. Ainda vale ressaltar que a leitura é uma atividade interativa, pois Koch e Elias (2009, p.11) afirmam que,

a leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

A leitura é uma atividade geradora de interação no que se refere a produção de sentidos, pois em todo processo de leitura deve haver um escritor e um leitor, ou seja, um emissor e um receptor

A leitura é um processo de emissão e verificação de previsões que levam à construção da compreensão do texto. A compreensão de um texto envolve a capacidade de elaborar um resumo, que reproduz seu significado global de forma sucinta (SOLÉ, 1998, p.27).

Para a autora, a leitura possibilita a compreensão da dinâmica daquilo que se apresenta escrito, pois todo texto traz consigo uma ideia global, ou seja, uma ideia central, sendo esta ideia central a geradora do sentido do texto. A ideia central do texto é aquela que leva o leitor a compreender as particularidades que o texto apresenta, mas que não aparece visivelmente, e sim, nas entrelinhas.

## 2.2 Situando a leitura, a interpretação e a compreensão

Ler é decifrar letras, sílabas e palavras. Porém uma leitura sem compreensão não gera criticidade por parte do leitor. A leitura não deve ser uma simples decodificação de palavras, pois o essencial da leitura é a compreensão do que se leu.

Nada adianta o leitor se preocupar em conhecer palavras e conseqüentemente seus conceitos e decodificações se o principal que é gerar um significado para os códigos não ocorre devidamente.

A compreensão de um texto envolve a capacidade de elaborar um resumo que reproduz seu significado global de forma sucinta. Para isso, deve-se diferenciar o que constitui o essencial do texto e o que pode ser considerado em um determinado momento para alguns objetivos concretos, como secundários (SOLÉ, 1998, p. 116).

Para a autora, a compreensão apresenta como característica a descoberta do significado global do texto lido. Isso implica dizer que, um determinado texto apresenta ideias secundárias e primárias, onde geralmente o que está no jogo da compreensão é a ideia primária.

Porém isso quer dizer que ideia secundária não contribua para o processo de compreensão do texto lido, pois em uma atividade de compreensão textual deve-se explorar o texto no seu âmbito geral. É neste momento em que as ideias secundárias se tornam úteis para se compreender o que leu.

Quando se trata em elaborar resumos partindo da ideia central de um texto, se faz necessário salientar que todo e qualquer texto pode levar o leitor a detecção de uma ideia primária e global. Onde o leitor deve explorar de forma sucinta as particularidades que possibilitam a compreensão do texto lido.

A atividade da leitura completa a atividade da produção escrita. É, por isso, uma atividade de interação entre sujeitos e supõe muito mais que a simples decodificação dos sinais gráficos. O leitor, como um dos sujeitos da interação, atua participativamente, buscando recuperar, buscando interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidas pelo autor. (ANTUNES, 2003, p. 67)

A leitura deve ser um complemento para a escrita, visto que uma boa leitura gera boas práticas de escrita. Quando se trata da relação entre leitura e escrita, vale salientar que, a

compreensão de um texto depende em grande parte da interação entre o leitor e as pretensões do autor do texto.

O leitor deve buscar descobrir quais as pretensões que o autor quis revelar com escrita do texto, pois todo texto deve ser compreendido tendo como base a ideia do autor, onde o leitor deve ser ativo ao ponto de dialogar com as ideias do autor do texto.

[...] os elementos (as palavras, os sinais, as anotações) funcionam como “verdadeiras” instruções do autor, que não podem ser desprezadas para que o leitor descubra significações, elabore suas hipóteses, tire suas conclusões. Palavrinhas que poderiam parecer menos importante, como *até, ainda, já, apenas*, e tantas outras, são pistas significativas em que devemos nos apoiar para fazer nossos cálculos interpretativos. (ANTUNES, 2003, p. 67)

Para a autora, todo esforço em compreender e entender pequenas instruções que muitas vezes passam despercebidas pelo nosso olhar ou até mesmo diante da folha de papel, deixa claro que as instruções representam uma interação e compreensão no sentido de uma ação comunicativa e dando suporte ao que o texto que repassar para assim ter clareza e entender o objetivo do texto.

Evidentemente que os sinais e outras letrinhas estão na superfície do texto e são fragmentos que o leitor deve conhecer e ter o saber prévio para distinguir suas cognições e pôr em pratica na reconstrução de tornar as informações mais ampla e complexas. Mesmo sabendo que muitas vezes não se ler para compreender e sim para aprender palavras que estão explicita no texto. É o que diz Antunes:

Uma atividade de leitura cuja interpretação se limita a recuperar os elementos literais e explícitos presentes na superfície do texto. Deixando de lado os elementos de fato relevantes para sua compreensão global (como seriam todos aqueles relativos a ideia central, ao argumento principal defendido, ao conhecimento conflito que provocou o enredo da narrativa, entre outros. (ANTUNES, 2003, P. 28).

A leitura deve resultar na compreensão daquilo que se leu, visto que, em toda prática de leitura, o leitor automaticamente é direcionado a decifrar o que se leu. Sem o exercício da compreensão diante de qualquer texto lido, não haverá tanta importância para o desenvolvimento cognitivo do leitor.

Vale ressaltar que, os elementos considerados relevantes são decisivos para o processo compreensivo da leitura de um texto, haja visto que, o texto é produzido baseados em ideias secundárias e primárias, sendo a ideia primária é o principal elemento que geral a compreensão global do texto lido. Portanto, o argumento principal é considerado como a principal ferramenta para a compreensão, onde a partir dele o leitor poderá chegar a uma compreensão do todo do texto. Sabe-se que tal compreensão depende de alguns fatores que auxiliam na sua execução, como o conhecimento prévio e o conhecimento de mundo.

O conhecimento prévio é um elemento determinante para a compreensão da leitura do texto, pois, quando o aluno consegue desenvolver esta habilidade, o mesmo conseguirá se posturar de forma mais firme e sólida no que deve ser compreendido no texto.

O aluno deve buscar desenvolver seu conhecimento de mundo no ato da leitura, pois esta habilidade deve estar presente no processo de leitura do aluno. Nesta perspectiva, Kleiman (1984, p.13) afirma que

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento lingüístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto.

Neste sentido a leitura de um texto poderá resultar compreensões diversas de acordo com a percepção e conhecimento prévio de cada leitor. Isto deixa claro que dependendo do grau de conhecimento do leitor ele pode compreender um texto diferente de outros leitores.

Evidentemente que algumas das instruções que esta ali presente no texto não repassa tudo que queremos para obter informações necessárias para entender o que foi lido durante todo aquele momento do texto e assim tornar se explicito durante a leitura e sua aquisição.

## 2.1 Procedimentos e estratégias de escrita em sala de aula

A escrita no seu processo de aquisição tem como objetivo mostrar as diferentes maneiras de representação gráfica quanto a construção de uma escrita mais centrada. Quanto a forma de escrever ainda é muito cobrada pois deixar de colocar uma virgula ou um acento é um erro grave principalmente por parte de alguns professores que estão ensinados seus alunos a forma correta de escrever.

A prática da escrita no âmbito escolar ainda requer muito dos professores em estar olhando como é que os alunos estão escrevendo um texto ou formando frases dentro do texto. “Leitura, escrita e fala não são tarefas escolares que se esgotam em si mesmas; que terminam com a nota bimestral. Leitura, escrita e fala – repetindo – são atividades sociais, entre sujeitos históricos, realizadas sob condições concretas” (KUENZER 2002, p. 101).

São atividades que precisam de interação entre um todo, entre professor, leitor e o social para que assim haja uma comunicação direta, um encontro entre sujeitos. Situando a escrita pode ser caracterizada como um processo sistemático que vem evoluindo no decorrer do tempo, este processo vem sofrendo alterações desde muito tempo na história. Hoje a escrita é um dos critérios do processo de ensino- aprendizagem. visto que, ao escrever o aluno

passa a desenvolver habilidades mais profundas de interpretação e compreensão, pois ele é quem deve gerar no seu texto uma unidade de sentido.

A escrita gera uma dinâmica de interação entre o sujeito que escreve e o sujeito que ler, quando se escreve algo, deve-se pensar para quem escrever, desta forma, gera-se uma possibilidade de interação. Nesta perspectiva, Antunes (2003, p. 45) diz que

Uma atividade é interativa quando é realizada, conjuntamente por duas ou mais pessoas cujas ações se interdependam na busca dos mesmos fins. Assim, numa *interação* (“ação entre”), o que cada um faz depende daquilo que o outro faz também: a iniciativa de é regulada pelas condições do outro, e toda decisão leva em conta essas condições. Nesse sentido, a escrita é tão interativa, tão dialógica, dinâmica e negociável quanto a fala. (grifos do autor)

Como diz Antunes, a escrita se dá de forma interativa, pelo fato de ser uma atividade que requerer diálogo entre o escritor e o leitor, isso se deve ao fato de a escrita ser uma ação totalmente dialógica entre um emissor e um receptor, desta forma a escrita apresenta uma visão interacionista.

“Uma visão interacionista da escrita supõe, desse modo, encontro, parceria, envolvimento entre sujeitos, para que aconteça a comunhão das ideias, das informações e das intenções pretendidas.” (ANTUNES, 2003, p. 45). Desta forma, a autora só confirma a ideia de a escrita assumir um papel interacionista, pelo fato de ser uma atividade com a finalidade de envolver.

A atividade da escrita é, então, uma atividade interativa de expressão, (ex-, “para fora”), de manifestação verbal das ideias, informações, intenções, crenças ou dos sentimentos que queremos partilhar com alguém, para, de algum modo, interagir com ele. *Ter o que dizer* é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever. Não há conhecimento linguístico (lexical ou gramatical) que supra a deficiência do “ não ter o que dizer”. (ANTUNES, 2003, p.45) ( grifos do autor)

Neste sentido a atividade da escrita deve estar pautada na ideologia do ter o que dizer, ou seja, quando se pensa em escrever algo, deve-se ter em mente uma estrutura ideológica intencionalmente organizada para expor através da escrita, isso deixa claro que a escrita é uma atividade planejada e supostamente organizada. Quando se trata da escrita ser uma manifestação verbal, isso implica dizer que a escrita é uma atividade que possibilita expor aquilo que se pensa, ou seja, verbalizar um sentimento, ou um pensamento.

Por isso é que a escrita não deixa sua essência, que é a intenção de interagir. A escrita é uma forma de externalizar o que se pensa, o que se idealiza e acima de tudo o que se quer expressar, desta forma, a escrita pode ser considerada uma interação, onde esta interação ocorre entre a pessoa que escreve e a pessoa que ler, ou seja, escritor e leitor.

Desta forma, toda escrita responde a um propósito funcional qualquer, isto é, possibilita a realização de alguma atividade sociocomunicativa entre as pessoas e está inevitavelmente em relação com os diversos contextos sociais em quem essas

peças atuam. Pela a escrita alguém informa, avisa, adverte, anuncia, descreve, explica, comenta, opina, argumenta, instrui, resume, documenta, faz literatura, organiza, registra e divulga o conhecimento produzido pelo grupo. (ANTUNES, 2003, p. 48)

Para a autora, é através da escrita que conseguimos informa, avisar, explicar algum assunto, advertir, descrever um fato ou um elemento, comentar um fato e argumentar um assunto, isso se deve ao poder que a escrita tem de gerar a comunicação.

Existem diversas formas de se trabalhar a escrita dentro da sala de aula, desde a escrita verbal até a não verbal. A escrita em sala de aula deve ser trabalhada de forma diversificada, para que o aluno consiga desenvolver o seu processo de escrever a seu tempo e a seu jeito. Para que a escrita esteja vinculada a aprendizagem do aluno, deve-se seguir alguns preceitos ou características, segundo Antunes.

*Uma escrita também de autoria dos alunos-* A produção de textos escritos na escola deve incluir também os alunos como seus autores. Que eles possam sentir –se sujeitos de um certo dizer que circula na escola e superar, assim, a única condição de leitores desse dizer. (ANTUNES, 2003, p. 61)

O aluno deve ser estimulado a escrever suas próprias produções, pois estes alunos também devem ser valorizados na sua produção. Uma das estratégias que podem ser utilizadas em sala de aula é a produção dos textos dos próprios alunos, que inclusive podem ser editadas e revisadas e serem lidas nos momentos de leitura idealizados pela escola, desta forma haverá um certo estímulo por parte do aluno que produziu.

Os alunos podem sim, assumir o papel de produtores textuais da escola, onde seus textos produzidos possam ser valorizados, de maneira a fazer um arquivo de textos (coletânea) com o intuito de ser lida pelos alunos da própria escola.

*Uma escrita de textos-* A escrita escolar deve realizar também com o fim de, por ela se estabelecerem vínculos comunicativos. Nessa dimensão, não pode deixar de ser, sempre escrita de textos; de textos relacionados com o que se passa com o que se passa no ambiente social em que vivem os alunos. A escrita de frases soltas só faz inibir a competência que é necessária para a produção de textos coesos e coerentes. (ANTUNES, 2003, p. 62).

Para a autora, a escrita de texto favorece ao aluno no que diz respeito ao desenvolvimento de habilidades voltadas para a coerência e coesão de ideias e frases entre si, já a escrita de frases pode causar a falta de todos estes elementos que são essenciais na construção de um texto. Antunes (2003, p. 64) ainda chama a atenção para “*Uma escrita metodologicamente ajustada-* Todas as providências devem ser tomadas para que os alunos tenham as necessárias condições de tempo e de planejamento para construir seus textos”. Para que a escrita surta efeito na sala de aula, o professor deve se atentar para um tempo adequado,

bem como um planejamento bem sucedido com relação aquilo que vai ser escrito, para que assim o aluno consiga fluir em suas produções.

### **Considerações finais**

O trabalho realizado trouxe grandes contribuições, pois partindo da ideologia de que a leitura e a escrita são assuntos bastante discutidos por professores e estudiosos, o processo de aquisição da leitura e da escrita, bem como seus desenvolvimentos não são nada fáceis.

O professor deve ser um mediador de todo o processo que envolve a leitura e escrita, pois é ele o responsável pelo processo e aquisição da leitura e da escrita e ainda o responsável pelo idealizador de estratégias que venham a repercutir na vida estudantil do aluno.

Sabe-se que O docente deve criar momentos dedicados à leitura como forma de estimular a aluno a ler e desenvolver suas habilidades leitoras. O professor não pode esquecer que o aluno precisa de apoio para chegar a desenvolver o seu processo leitor, é neste momento em que este aluno irá necessitar de um guia. Este guia deve ser o professor, pois é ele que convive de forma frequente como o aluno, desta forma, pensando no desenvolvimento do aluno, o professor deve desenvolver metodologias de ensino envolvendo as diversas formas de desenvolvimentos da leitura.

O professor como mediador tem que estimular o aluno a buscar interesse pela leitura aplicado metodologias diferentes para que o aluno se sinta motivado à pratica da leitura, isto é, o professor deve desenvolver competências que leve o aluno a compreensão do texto.

A leitura e a escrita sempre serão objetos de estudo e pesquisa, pois são assuntos que sempre estão em evidências nas escolas, pelo fato de não haver uma fórmula pronta e acabada e ainda pelo fato de cada escola apresentar uma realidade diferente quanto ao seu alunado.

O referido trabalho proporcionou um grande aprendizado, pois através da realização da pesquisa bibliográfica foi possível compreender como se dar o processo de leitura e escrita em sala, bem como aplicar estratégias de leitura e escrita em prol do desenvolvimento leitor e da escrita do aluno, pois ele é o foco de todo este estudo realizado.

### **Referências**

ANTUNES, I. **Aula de Português, encontro e interação.** Parábola editorial. 7 ed., 2003.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental.** Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

COLOMER, T.; CAMPS, A. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

KLEYMAM, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**, 12. ed, Campinas, SP: Pontes 2008.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 1984.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

KUENZER, A. (Org.). **Ensino Médio: Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. 3. ed. Cortez, 2002.

ROJO, R. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. In: AZEREDO, C.S.L. Língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2009.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Tradução Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 1998.

# **DIFICULDADES DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO TUAL EM TURMAS DE 1º ANO DA E. E. F. M. DE AMONTADA.**

DIFFICULTIES OF READING AND ACTUAL INTERPRETATION IN CLASSES OF 1st  
YEAR OF E. E. F. M. DE AMONTADA.

Nilton Carlos do Nascimento Azevedo<sup>27</sup>

## **Resumo**

As dificuldades de leitura e interpretação textual são um dos problemas que as escolas de modo geral têm enfrentado cotidianamente, esta problemática tem desafiado muitas destas escolas a idealizarem e executarem estratégias diversas com o propósito de solucionar ou amenizar este problema que tem desafiado docentes e gestores escolares. Nesta perspectiva, o referido artigo buscou analisar o perfil dos alunos de 1º ano da Escola de Ensino Fundamental e Médio de Amontada, localizada na cidade de Amontada, região norte do estado do Ceará. Para isso se observou suas rotinas de aula durante 2 semanas, desde a aplicação das atividades até a correção das mesmas. Assim, considera-se que a pesquisa em evidência é qualitativa e bibliográfica. Após este período foram aplicadas diversas atividades de leitura envolvendo a compreensão de textos diversos, mediante estas coletas chegou-se a conclusão de que àqueles alunos apresentavam uma série de dificuldades no que tange a leitura e compreensão. Por esta razão, aconselha-se que sejam idealizadas e executadas estratégias diversificadas e inovadoras por meio de projetos, abordando e trabalhando de forma mais intensa tais dificuldades.

**Palavras-chave:** Problemática. Interpretação. Leitura.

## **Abstract**

Difficulties in reading and textual interpretation are one of the problems that schools in general have faced on a daily basis. This problem has challenged many of these schools to devise and implement different strategies in order to solve or alleviate this problem that has challenged teachers and school managers. . In this perspective, the referred article sought to analyze the profile of the 1st year students of the Elementary and High School of Amontada, located in the city of Amontada, in the northern region of the state of Ceará. For that, their class routines were observed for 2 weeks, from the application of the activities to the correction of the same. Thus, it is considered that the research in evidence is qualitative and bibliographic. After this period, several reading activities were applied involving the comprehension of different texts, through these collections it was concluded that those students presented a series of difficulties in terms of reading and comprehension. For this reason, it is recommended that diversified and innovative strategies be devised and implemented through projects, addressing and working more intensively on such difficulties.

**Keywords:** Problem. Interpretation. Reading.

## **1 Introdução**

Este trabalho aborda as dificuldades as quais muitas escolas enfrentam para melhorar ou manter o nível do processo leitor dos alunos, os quais compõem tais escolas. O referido

---

<sup>27</sup> Integralize Corporation

projeto abordado e trabalhado na E.E.F.M. de Amontada, o referido artigo buscou analisar o perfil dos alunos de 1º ano da Escola de Ensino Fundamental e Médio de Amontada, localizada na cidade de Amontada, bem como intervir de maneira positiva no progresso leitor dos alunos. Este artigo elenca em sua estrutura bibliográfica noções de leitura e interpretação textual, onde se coloca em discussão, algumas formas de conhecer a verdadeira leitura, leitura esta que deve acontecer de forma espontânea e livre, onde o leitor escolhe sua leitura, ou seja, ler o que quer, o que gosta de livre e espontânea vontade, sem que seja necessário cobranças ou alguém para o pressionar.

Em seguida, conheceremos os tipos de leitura e formas de interpretação textual, pois ler não é simplesmente ler por ler, é também interpretar, é compreender, com base nisto, foram abordados vários tipos de leitura com o objetivo de guiar e conduzir aos interessados pela leitura, onde é apresentado diferentes formas de leitura, para assim, motivar e influenciar alunos e professores que pretendem adotar o processo leitor como meio de inserção na cultura e de certa forma no conhecimento.

O referido trabalho também traz dicas e formas de como ler e compreender de forma competente, onde se trata da leitura como compreensão, pois na maioria das vezes a leitura é compreendida de maneira decodificadora, onde se decodifica letras, palavras, mas não se compreende o que ler ou o que se finge ler, por esse motivo é válido lembrar que ler é mais que isso, ler é compreender e não simplesmente diferenciar códigos. Na verdade a leitura tem que ser compreendida como uma forma de comunicação, onde há a necessidade de interação entre o autor do texto lido, o leitor e o mundo.

É apresentado como objeto de estudo, o conceito da leitura, onde se aborda o conceito real da leitura, ou os vários conceitos da leitura, onde alguns destes conceitos não são ou não devem ser considerados como forma a ser trabalhadas em sala de aula, pois em alguns casos referentes a estes conceitos de leitura são trabalhados de forma desmotivadora. Muitas vezes o professor com sua arbitrariedade, simplesmente ordena o que o aluno deve ler, por tanto desta maneira a leitura deixa de ser um conceito real de leitura espontânea, útil e produtiva.

Levando em conta todo este processo de leitura trabalhado neste projeto, com o objetivo principal que é tornar os alunos da referida escola, alunos leitores, capazes de ler e compreender o que leram, através da aplicação de métodos de leitura, onde se teve um resultado não tão proveitoso, mas que valeu à pena, pois foi mais um passo para que estes alunos pudessem se tornar alunos leitores ou pelo menos motivados a esta prática que de certa forma trará bom desempenho e desenvolvimento dos mesmos. Vale ressaltar que foi um trabalho resultante de muitos conhecimentos e aprendizados, através de experiências

adquiridas no decorrer do processo de realização deste projeto. Por tanto foi um grande aprendizado adquirido por meio do envolvimento com o projeto.

## **2 Fundamental teórica**

### 2.1 Dificuldades de leitura e interpretação textual em turmas de 1º ano do ensino médio.

O que se percebe hoje é uma grande dificuldade no que diz respeito ao desenvolvimento competente na leitura e interpretação textual por parte de alguns alunos, não só no ensino fundamental, mas também dos alunos que estão inseridos no ensino médio, precisamente nas turmas de 1º ano. Esta problemática na maioria das vezes, se explica pelo fato de o aluno não ter prática e tão pouco interesse à essas habilidades, que de certa forma são a essência da compreensão. Logo, é através da leitura que se chega ao conhecimento impresso, onde esse conhecimento requer algo mais além da leitura, para que se possa absorvê-lo.

Outra causa que dificulta no processo de interpretação, é o próprio livro didático, que em vez de levar o aluno ao ato de interpretação, acaba distorcendo o mesmo desta habilidade, como diz a autora:

Por isso, informamos que se trata de uma de uma tarefa de mapeamento entre informação gráfica da pergunta e sua forma repetida no texto. Essa atividade passa por leitura, quando a verificação da compreensão, também chamada no livro didático de interpretação, exige apenas que o aluno responda sobre informações que está expressa no texto. (KELIMAN, 2008. p. 20).

O livro didático em alguns casos trabalha a interpretação textual de forma muito vaga, onde o aluno é instruído a localizar e reescrever informações contidas no texto, em vez de interpretar o que está implícito, tornando assim a leitura algo sem utilidade e tão pouco sem valor. Por tanto não se tem tanto êxito na leitura, justamente pelo fato de não ler como se deve, onde o ato de ler não passa de uma simples decodificação: diferenciar letras e palavras contidas no texto, desta forma não há possibilidade de desenvolver uma boa leitura, pois não há compreensão do contexto e assim, não há conhecimento, como afirma Kleiman (2000, p. 20) “uma outra prática de leitura está baseada numa concepção da atividade de decodificação. Essa concepção dá lugar à leituras dispensáveis, uma vez que nada modifica a visão de mundo do aluno”.

Esta prática leitora não é válida para a aquisição e o desenvolvimento de uma boa leitura, pois não resolverá o problema no que diz respeito à desenvoltura do aluno em termo

de leitura e interpretação textual. Sendo assim, esse aluno continuará com dificuldade em conhecer e desenvolve o ato de ler e ler bem, ler de forma competente.

### *2.1.1 Noções de leitura e interpretação textual.*

A leitura é uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético, e ainda, uma atividade de acesso as especificidades da escrita. Esta atividade favorece em primeiro plano, a ampliação dos repertórios de informações do leitor. O leitor pode incorporar novos conceitos, novas ideias e diferentes informações acerca das coisas, das pessoas, dos conhecimentos do mundo em geral (ANTUNES, 2003. p. 70).

Ou seja, a leitura é uma habilidade, a qual tem a capacidade de abranger várias dimensões como: conhecer, decifrar e interpretar. Por tanto, maior parte de nossos conhecimentos advém da leitura. Logo a intimidade com esta, permite também certa intimidade com o mundo, resultando no conhecimento de culturas diversas, na ampliação de vocábulos diferentes, e até no aperfeiçoamento da escrita. É através da prática diária da leitura, que se pode ficar a par dos conhecimentos arcaicos, recentes e até atuais. Sendo, por tanto, uma forma de comunicação entre o ser leitor e o mundo em que vive.

Antunes (2003, p. 71) afirma que “a leitura possibilita a experiência do prazer estético, do ler pelo simples gosto de ler, para admirar, para deleitar-se com as ideias, com as imagens criadas, com o jeito bonito de dizer as coisas literariamente”.

Ou seja, a leitura tem que ser espontânea, tem que acontecer de forma democrática, onde o leitor ler por prazer, ler o que gosta o que quer e como quer, sem regras e nem tantas cobranças, resultando assim, em uma leitura mais proveitosa e útil, onde o leitor consegue imergir de corpo e alma no mundo da leitura. Por tanto, é preciso que se busque ler de forma prazerosa, tendo êxito do que se está lendo, captando assim todas as informações que o texto oferece, seja explícitas ou implícitas.

Quanto à compreensão, é uma habilidade que vai além da leitura, mas que também depende da leitura, é descobrir informações implícitas em um texto qualquer, é captar através da percepção o conteúdo impresso ou escrito em certas mensagens, sendo assim uma competência especificamente do leitor. Pois é lendo que se chega a uma compreensão, cuja habilidade se dá por meio da leitura e análise de textos diversos, portanto, interpretar, não é nada mais do que localizar informações que se encontram ocultas ou nas entrelinhas dos textos ou de uma frase qualquer. Na verdade, essa compreensão não acontece de forma simples, pois nem sempre se compreende um texto ou uma mensagem qualquer logo na primeira leitura, mas são necessárias tantas outras vezes para que desta forma se compreenda o texto em todas as dimensões, começando pela ideia central.

### 2.1.2 *Os tipos de leitura e interpretação textual.*

Como diz Antunes (2003, p.79) “leitura de textos autênticos. Nada poderá justificar uma leitura que não seja a leitura de textos autênticos, de textos em que há claramente uma função comunicativa, um objeto comunicativo qualquer”.

Ou seja, a leitura é mais útil quando se ler textos que se tragam realmente informações verdadeiras, informações que gerem o intelectualismo, que tragam o conhecimento, havendo assim uma interação com os conhecimentos ocorridos no meio social.

“Uma leitura motivadora. Tudo o que fazemos está preso a interesse qualquer. Não pode ser diferente quando se trata da leitura, sobretudo quando se trata da leitura feita na sala de aula” (ANTUNES, 2003. p. 81). A leitura na sala de aula tem que acontecer de forma incentivadora, motivada, assim os alunos irão se sentir convidados a essa prática, e aos poucos estes alunos irão criando a curiosidade de experimentá-la.

“Leitura interativa. Qualquer texto deve ser lido como sendo o lugar de encontro entre quem escreve e quem lê. Nesta perspectiva, a compreensão, o sentido é que serão os pontos privilegiados, para que aconteça de fato o pretendido encontro” (ANTUNES, 2003, p. 80).

Então a leitura interativa, é uma forma de o leitor se comunicar com o próprio escritor. Esta comunicação acontece na medida em que o leitor compreende a ideia na qual está sendo exposta pelo autor. Desta forma quem está lendo o determinado texto, estará interagindo com quem escreveu, havendo assim o esperado encontro entre eles e, conseqüentemente o entendimento e compreensão sobre nas informações contidas no texto. Por tanto, ler é uma forma de interação, de comunicação, de encontro com quem escreveu o texto, através da compreensão e absorção dos assuntos impressos.

Leitura diversificada. Tal como acontece na vida fora da escola, as oportunidades de leitura devem variar, no sentido de que os textos propostos sejam de gêneros diferentes como: contos, fábulas, poemas editoriais, comentários cartas, propagandas etc (ANTUNES, 2003, p. 82)

De acordo com a concepção de Antunes, a leitura em ser trabalhada de forma diversificada de modo a explorar a diversidade de gêneros textuais, para que assim, se torne um momento mais agradável e facilite até mesmo o conhecimento e o contato com todos os gêneros textuais ou pelo menos de alguns. Por tanto, além de praticar o ato da leitura, também se permite o conhecimento destes gêneros textuais, suas características e estruturas.

A leitura nunca desvinculada do sentido que na realização da leitura em voz alta (quando for o caso) orientações como: ler pausadamente, ler com boa pronúncia, ler absorvendo os sinais de pontuações, e outros similares, seja dado não como valores em si mesmos, mas como recursos para que se facilite a compreensão do texto. (ANTUNES, 2003, 83).

Este tipo de prática leitora é uma maneira de compreender o que está lendo, através de alguns cuidados no momento da leitura, cuidados esses que irão guiar o leitor a uma leitura compreensiva. Aonde o leitor irá através desta prática, identificar e compreender o que está implícito na composição do texto. Então se recomenda praticar esse ato de leitura voltado para o sentido do que se está lendo, seguindo os critérios abordados por Antunes.

### *2.1.3 Como ler e compreender de forma competente.*

Para que se possa ler e compreender o que leu, é necessária uma atenção muito voltada e centrada na leitura feita, além do conhecimento prévio o qual o leitor deve ter ou construir na leitura de outros livros ou no meio em que vive em que se relaciona. Por tanto vale a pena frisar a ideia de Antunes (2003, p. 78) “o sentido de um texto não está apenas no texto ou apenas no leitor, pois está em todo o material linguístico e em todo o conhecimento anterior que o leitor já tem do objeto de que trata o texto”.

Para melhor falar, o sentido do texto é constituído em toda a estrutura do texto, e no conhecimento que o leitor tem a respeito do assunto, da ideia central do texto, pois é a partir desses objetos que o leitor irá compreender o que leu de forma competente. Mesmo sabendo que na maioria das vezes, não se ler para compreender e sim para aprender palavras e pela obrigação ou cobrança, onde o objetivo a ser alçado não passa do conhecimento estrutural do texto, explorando assim somente os elementos explícitos desse texto. É o que diz Antunes:

Uma atividade de leitura cuja interpretação se limita a recuperar os elementos literais e explícitos presentes na superfície do texto. Deixando de lado os elementos de fato relevantes para sua compreensão global (como seriam todos aqueles relativos a ideia central, ao argumento principal defendido, ao conhecimento conflito que provocou o enredo da narrativa, entre outros. (ANTUNES, 2003, P. 28)

Então a compreensão de um texto seja ele qualquer, depende da forma a ser absorvida no que diz respeito aos elementos que dão o sentido real do texto, onde um deles é a ideia central deste texto. Sem esquecer-se do título, que este por sua vez, sugere certa reflexão do que se trata o texto. Outra dimensão que abrange a interpretação ou compreensão de um texto é o conhecimento de mundo adquirido pelo leitor. Portanto, todos esses elementos são essenciais para uma interpretação fiel de qualquer que seja o texto.

#### 2.1.4 *Conceituando a leitura.*

A leitura pode ser compreendida de diversas formas, porém muitas destas formas não são recomendáveis à prática escolar, pois não resultam em um crescimento por parte dos alunos, por tanto são consideráveis inúteis ao processo de compreensão, onde esta compreensão é o sentido da leitura, tornando-se o objeto em jogo para o leitor, na verdade, a leitura é compreensão, por tanto se não houver esta compreensão no que se está lendo, então este processo não poderá ser considerado como leitura verdadeira. Por isso, toda leitura tem que ter compreensão. “Vem trazer várias concepções de leitura para se refletir. “A leitura como decodificação, uma prática muito empobrecedora, está baseada numa concepção de atividade como equivalente a atividade de decodificação.” (KLEIMAN, 2008, P. 20).

Ou seja, a leitura não será útil, não haverá um resultado eficaz quando se usa esse método decodificativo, pois não leva o aluno a compreender o que realmente relata ou está fundamentado.

Levando em consideração de ideia de Kleiman (2008, P. 23) “a leitura que é cobrada mediante resumos, relatórios e preenchimentos de fichas, é uma redução a atividade a uma avaliação desmotivadora”.

Na verdade quando se cobra uma leitura desta forma, com esses seguimentos, não pode se esperar um rendimento na evolução leitora do aluno, pois o mesmo, se seguir esta regra, não será por prazer, pelo gosto de ler e conseqüentemente compreender o que leu. Este aluno, com certeza, irá se sentir obrigado a ler, e não motivado, porém há a diferença entre motivar e obrigar.

A leitura que é medida mediante o número de páginas, como quando o professor solicita ler da página 3 a 7, é também uma forma de avaliação que justifica o passar dos olhos pelo número de páginas exigidas, sem engajamento cognitivo ou afetivo. O aluno lê sem objetivo, lê apenas porque o professor mandou e será cobrado, desvirtuando efetivamente o caráter da leitura. (KLEIMAN, 2008, P. 23).

Esta é uma forma de leitura improdutiva, pois o aluno não terá proveito algum, lendo por números de páginas, onde o mesmo não conseguirá se envolver no processo de compreensão que se torna imprescindível no que diz respeito a leitura, é uma maneira de o aluno decodificar palavras, e não compreender os elementos essenciais do texto, porém não há como o aluno se concentrar acerca do assunto que centraliza ou dá sentido ao texto. Vale apenas também frisar neste contexto, algumas concepções de leitura abordadas por Antunes (2003, p. 23):

Uma atividade de leitura centrada nas habilidades mecânicas de decodificação escrita, sem, dirigir, contudo, a aquisição de tais habilidades para a dimensão da interação verbal- quase sempre nessas circunstâncias, não há leitura, pois não há encontro com alguém do outro lado do texto.

De acordo com quem escreveu o texto lido. Ou seja, não há compreensão, não se entende o que o autor está querendo transmitir, a leitura decodificadora não permite ao aluno ou qualquer que seja o leitor, comunicar-se ou dizer o que quer com aquela produção escrita. Segundo Antunes (2003, p. 28) “uma leitura puramente escolar, sem gosto, sem prazer, convertida em momento de treino, de avaliação ou em oportunidades para futuras cobranças”.

Muitas vezes o propósito sem fundamento do professor desvirtua o aluno da aprendizagem da leitura, quando o professor tenta motivar seu aluno através de meios avaliativos da leitura o aluno se sente fechado para a compreensão daquilo que está lendo, pois este aluno não irá ler por motivo de prazer nem tão pouco pelo conhecimento ou aprendizado.

#### 2.1.5 Ler para compreender

Como afirma Solé (1998, p. 22) “a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer (obter uma informação pertinente para) os objetivos que guiam sua leitura”.

Ler para compreender é ler atentamente voltado para o objetivo da compreensão, ou seja, de forma a interagir, de comunicar-se com a mensagem transmitida pelo suposto autor do texto ou da mensagem. Por tanto é necessário que haja essa comunicação direta entre o leitor e o texto o qual estar sendo lido, de forma a ser compreendido o que se diz àquele texto.

O controle da compreensão é um requisito essencial para ler eficazmente, pois se não entrássemos em estado de alerta quando não entendemos a mensagem de um texto, simplesmente não poderíamos fazer nada para compensar esta falta de e assim a leitura seria realmente improdutiva. (SOLÉ, 1998; P. 43).

Ou seja, não teria nenhum resultado na leitura, se caso não houvesse uma compreensão daquilo que se lê, seria perder tempo com bobagem, pois ler é sinônimo de compreender. Logo, se não houver esta compreensão, não se concretizou a leitura, por tanto não se pode constatar nenhum indicio de produtividade neste tipo de leitura, então para que possa haver rendimento, produtividade e utilidades na leitura, é preciso que haja esse cuidado no controle compreensivo de um texto ou mensagem, sendo assim, a partir desse controle compreensivo o

leitor irá conhecer seus limites, até onde foi capaz de chegar e até aonde poderá chegar a termo de compreensão.

A compreensão de um texto envolve a capacidade de elaborar um resumo que reproduz seu significado global de forma sucinta. Para isso, deve-se diferenciar o que constitui o essencial do texto e o que pode ser considerado em um determinado momento para alguns objetivos concretos, como secundários (SOLÉ, 1998, p. 116).

Ou seja, Sole passa a ideia de que, quando um indivíduo compreende um texto qualquer, este terá a capacidade de resumir de forma concepcional o que diz o texto baseado na sua ideia principal, pois o primeiro passo para a compreensão de um texto é ter por base a ideia principal ou central deste texto, descartando assim as informações desnecessárias para sua compreensão global. Caso o leitor ainda não tenha esta capacidade habilidosa, é porque ainda não adquiriu a prática leitora eficaz de um texto, onde se leva em conta os detalhes que muitas vezes se encontram ocultos no texto, sendo estes detalhes que precisam ser percebidos, notados ou identificados no texto, para que se chegue ao ponto desejado, que é a compreensão. Portanto, ler se faz necessário, no entanto que se chegue a uma interpretação desta leitura.

O ato de ler ultrapassa o procedimento de decodificar símbolo. Compreender o que se lê depende de características do leitor, além das particularidades do próprio texto e do autor. O leitor e sua totalidade interferem na compreensão da leitura, assim as formas de linguagem que ele domina os conhecimentos de mundo, seus esquemas e propósitos conceituais facilitam ou dificultam a compreensão (NASPOLINI: 2009. p. 18).

Sendo assim, a leitura só terá fácil compreensão, se o leitor já tiver um certo conhecimento de mundo, um conhecimento prévio sobre o assunto do texto, por isso, é que a compreensão depende tanto do leitor, sendo este um leitor ativo e conhecedor dos acontecimentos sociais. Porém muitas vezes também depende da linguagem que envolve o texto, dependendo literariamente deste texto para que ocorra a compreensão.

Segundo Sozângela (2009, p. 87) há um elemento fundamental para a compreensão “o pressuposto é por tanto a circunstância ou fato considerado como antecedente ao outro (pré-antes). É um conhecimento que o produtor do texto espera que seu interlocutor tenha e que o capacite para a compreensão do que está posto”.

Ou seja, o autor produz seu texto na expectativa de que o leitor uma vez tendo contato com esse texto suponha algo que faça referência ao texto, pois é esta suposição que irá ajudá-lo na sua compreensão.

## **Considerações finais**

Após a realização de um projeto, envolvendo as dificuldades de leitura e interpretação textual na E. E. F. M de Amontada, em turmas de 1º ano do ensino médio, apesar de este ser um dos problemas que está incorporado em quase todas as escolas públicas, se não em todas, apesar de ser um dos assuntos mais delicados do processo de ensino-aprendizagem, percebe-se que os alunos não têm dificuldade de alto nível, mas precisam ser mais cobrados e trabalhados em vários aspectos. Quanto ao projeto abordado e executado nesta escola, teve-se um resultado satisfatório, mas não o desejado, pois ainda resta muito que trabalhar em termo de deficiência na leitura dos alunos daquela escola, pois se percebe que a maioria se encontra com dificuldade neste processo, porém, se caso buscar trabalhar de forma mais frequente as dificuldades detectadas nestes alunos, em breve terá se um resultado bem melhor.

E estes por sua vez, conseguirão superar esta problemática, em termo da leitura e interpretação textual, ou da prática deste processo, pois o que se percebe é que os alunos não têm esta prática, na qual são responsáveis pelo desenvolvimento e percepção leitora dos tais. Este projeto foi muito útil, de formam a contribuir no desenvolvimento estudantil moral e pessoal de cada aluno e até dos professores daquela escola, pois foi realizado por meio de pesquisa, exercício aplicado na sala de aula, tendo por tanto uma realização de bom proveito, apesar de não ter sido alcançado cem por cento dos objetivos ou metas, mas foi uma tentativa proveitosa em termo de conhecimento, levando em consideração todos os detalhes de aprendizados.

Foi um momento de estudo e pesquisa que resultaram na produção de um projeto, projeto esse que teve como finalidade primordial, analisar e trabalhar de acordo cm esta análise, as dificuldades de leitura e interpretação textual dos alunos de turmas de 1º ano do ensino médio, na E. E. F. M. de Amontada. Onde se aplicou de acordo com as dificuldades dos alunos da referida escola, um projeto de leitura, com a abordagem de diversos gêneros textuais, para assim incentivar e ao mesmo tempo influenciar nas suas práticas leitoras. Por tanto, vale ressaltar que foi um processo de muito estudo e pesquisa, resultando em conhecimento e aprendizados que serão úteis para a realização de projetos posteriores, haja vista que, todo processo de trabalho, resulta em bons aprendizados e boas experiências, que não irão ser válidas somente para uma área específica, mas para qualquer outra área de conhecimento, contudo, é um aprendizado erudito, onde resulta nesta experiência positiva e contínua. Então só resta afirmar que este projeto foi de certa forma mais um passo para um longo caminho que está disposto a ser trilhado. Com a certeza de que foi um trabalho de

muito proveito e aprendizado mútuo, acredita-se que foi somente o início de um projeto, pois ainda resta muito que se trabalhar com aqueles alunos que ainda se encontram com um pouco de dificuldade no que diz respeito à leitura e interpretação textual.

### **Referências**

ANTUNES, I. **Aula de Português**, encontro e interação. Parábola editorial. 7. ed. 2003.

KLEYMAM, A. **Oficina de leitura**: teoria e prática, 12. ed., Campinas, SP: Pontes, 2008.

MATTA, S. S. da. **Português Linguagem e interação**. Bolsa Nacional do Livro Ltda. Curitiba, 2009.

NASPOLINE, A. T. **Tijolo por tijolo**: prática de ensino da língua portuguesa, 1. ed. São Paulo: FTD, 2009.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto alegre: Artmed, 1998.

**A UTILIDADE DAS NOVAS TICs NO PROCESSO EDUCACIONAL E A  
PRÁTICA DOS DOCENTES DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA  
JOÃO RODRIGUES DE MELO NA CIDADE DE AMONTADA-CE**

THE UTILITY OF THE NEW ICTS IN THE EDUCATIONAL PROCESS AND THE  
PRACTICE OF THE TEACHERS OF THE JOÃO RODRIGUES DE MELO BASIC  
EDUCATION SCHOOL IN THE CITY OF AMONTADA-CE

Nilton Carlos do Nascimento Azevedo<sup>28</sup>

**Resumo**

O presente artigo científico aborda a utilidade das novas tecnologias no processo educacional e a prática dos docentes da Escola de Educação Básica João Rodrigues de Melo da cidade de Amontada-CE, sendo assim, o objetivo primordial é investigar a utilidade das novas TICs associadas à prática dos docentes em sala de aula. Para isto, foram utilizados os seguintes instrumentos: observações e registros da prática de professores durante uma semana, com o intuito de identificar o uso ou as formas de uso de recursos tecnológicos em suas salas de aula. Após este primeiro método, foi aplicada uma entrevista com perguntas abertas envolvendo Gestores, professores e alunos da escola supracitada. Com isso, pode-se perceber que apesar de a escola dispor de um laboratório de informática composto por 05 computadores, 04 deles com bom funcionamento e ainda de 01 data show, 01 caixa de som, internet a cabo e outros recursos tecnológicos, uma grande parcela dos professores ainda não se debruçaram no uso de tais meios. Desta forma, faz-se necessário um olhar diferente no que se refere à importância das tecnologias para o aprendizado por parte de muitos docentes da escola, haja visto que segundo os alunos, a multimídia atrai-lhes a atenção com mais facilidade.

**Palavras-chave:** Tecnologias. Docente. Utilidade.

**Abstract**

This scientific article addresses the usefulness of new technologies in the educational process and the practice of teachers at the João Rodrigues de Melo School of Basic Education in the city of Amontada-CE, so the primary objective is to investigate the utility of new ICTs associated with the practice of teachers in the classroom. For this, the following instruments were used: observations and records of teachers' practice during a week, in order to identify the use or ways of using technological resources in their classrooms. After this first method, an interview with open questions was applied involving managers, teachers and students of the school mentioned above. With that, it can be seen that although the school has a computer lab composed of 05 computers, 04 of them with good functioning and still 01 show date, 01 speaker, cable internet and other technological resources, a large portion of teachers have not yet focused on the use of such means. Thus, it is necessary to take a different look at the importance of technologies for learning by many teachers at the school, given that according to students, multimedia attracts attention more easily.

**Keywords:** Technologies. Teacher. Utility.

---

<sup>28</sup> INTEGRALIZE CORPORATION

## **1 Introdução**

Sabe-se que, com a globalização do mundo em todos os aspectos, a tecnologia tem evoluído constantemente e conseguido atrair a atenção de criança, jovens, adultos e até mesmo idosos enquadrados na terceira idade, isso não se pode negar.

Por outro lado, algumas organizações que têm como clientela todas estas faixas etárias, ainda não se adaptaram a tal evolução tecnológica e isso tem causado certo retrocesso ao que se vivencia na contemporaneidade, sendo a educação escolar uma destas organizações que ainda enfrenta árduas dificuldades de adequação ao uso das tecnologias para fins pedagógicos.

Não se pode negar que a educação ainda precisa refletir sobre suas práticas de ensino com relação ao uso das novas tecnologias, pois o que se percebe é que muitos dos docentes não se sentem preparados para lidar com esta nova dinâmica pedagógica, enquanto que os alunos já têm um domínio significativo e até além do normal com relação ao conhecimento dos recursos que compõem a tecnologia.

Isso mostra que os professores precisam buscar cada vez mais o contato e o conhecimento destes recursos para que assim possa usá-los como meio pedagógico, dinamizando suas aulas e ainda interagindo melhor com o aluno, caso contrário, o professor será simplesmente educado pelo aluno, onde defende-se que professor e aluno devem interagir de forma que o professor oriente o aluno ao conhecimento, porém quando se trata de tecnologia, não é isto que está acontecendo em muitas escolas brasileiras, em especial, na escola pesquisada.

Baseado nesta discursão, desenvolveu-se uma pesquisa na Escola de Educação Básica João Rodrigues de Melo na cidade de Amontada estado do Ceará, pautada na temática da utilidade das novas tecnologias no processo educacional e a prática dos docentes da Escola de Educação Básica João Rodrigues de Melo da cidade de Amontada, com o intuito de investigar a utilidade das novas tecnologias nas salas de aula da referida escola e ainda analisar a prática pedagógica dos professores atuantes na mesma.

Para a realização da pesquisa supracitada, foram utilizados procedimentos como: observação em sala de aula e no laboratório de informática durante uma semana e ainda o registros destas observações com relação à prática dos docentes da escola no que se refere ao uso e as formas de uso dos recursos tecnológicos em que a escola dispõe. Também foram entrevistados por meio de perguntas abertas os 02 gestores, 10 dos 20 professores e ainda

alguns alunos da referida escola, com o intuito de descobrir a utilidade dos recursos tecnológicos existentes na escola para a prática pedagógica dos professores da mesma.

## **2 Fundamentação teórica**

### **2.1 As novas tics e sua contribuição para o processo de ensino-aprendizagem**

A educação a cada dia clama pela adesão dos recursos tecnológicos, porém estes elementos até então não foram tão aceitos por muitos profissionais da educação, nesta perspectiva, não se pode afirmar que o ensino poderá evoluir sem uma aceitação em massa das tecnologias emergentes.

Pois os próprios alunos sentem esta necessidade e muitos professores já apresentam depoimentos de evolução do aprendizado quando utilizado tais recursos tecnológicos na sala de aula.

Por estas razões, a tecnologia deveria ser mais estudada, conhecida e aplicada na sala de aula. A tecnologia deve servir para enriquecer o ambiente educacional, propiciando a construção de conhecimentos por meio de uma atuação ativa, crítica e criativa por parte de alunos e professores (MORAN, 1995).

O ambiente da sala de aula será bem mais reprodutivo e se tornará bem mais rico quando a tecnologia adentrar nele e se fazer método pedagógico, sendo assim, os professores seriam os principais responsáveis por esta ação e conseqüentemente por este grande feito que só iria favorecer a educação e a evolução do aprendizado.

Mas a simples presença de novas tecnologias na escola não é, por si só, garantia de maior qualidade na educação, pois a aparente modernidade pode mascarar um ensino tradicional baseado na recepção e na memorização de informações (GATTI, 1993).

Desta forma, compreende-se que levar a tecnologia para dentro da escola não quer dizer que estará levando metodologias envolvendo a tecnologia, pois muitas escolas têm inúmeros recursos tecnológicos e não são utilizados pelos professores e nem conhecido por muitos deles, deste modo, não vale a pena falar em tecnologia na educação se não falar na aplicação desta em prol do aprendizado e da inovação.

O que se vê na atualidade é que muitos profissionais não reconhecem as utilidades que têm a tecnologia ou até reconhecem mas preferem ficar intactos e monótonos a buscarem se adequar a estas novas tendências pedagógico- tecnológicas advindas por meio da tecnologia, enquanto outros se debruçam fortemente na busca de conhecimento e uso destas tendências no

processo de ensino-aprendizagem em busca de melhores resultados no que se refere ao conhecimento. Baseado nesta ideologia Litwin, (1997) afirma que

Frente à tecnologia existem diferentes propostas: os que elogiam sem considerar seus riscos e limitações; os que criticam sem resgatar aspectos positivos. Examinar estas posturas da atualidade implica repensar qual é o lugar que lhe conferimos vislumbrar horizontes para seus possíveis usos no sistema educacional e adotar, conscientemente uma posição determinada (LITWIN, 1997, p. 94).

Quando se trata das propostas citadas acima, é perceptível que existem os dois lados da moeda, ou seja, existem profissionais da educação que ainda estão na mesmice, ensinando através de um giz e uma lousa, em contrapartida, existe uma outra parcela destes profissionais que seguem todas as evoluções tecnológicas e levam- as à sala de aula como método e recurso pedagógico.

Por isso, faz-se necessário uma reflexão urgente sobre como trazer a tecnologia para a sala de aula com o intuito de beneficiar o ensino- aprendizagem, outrossim, faz-se necessário a adesão de recursos digitais que possibilite um aprendizado significativo e eficaz, para tanto, só será possível se os agentes educativos se despojarem de sua insegurança, bem como de seu comodismo imperante e abrirem- se para as inovações tecnológicas emergentes.

Em meio estas situações, é possível detectar casos de professores que passam por uma série de formações e capacições de como usar a tecnologia a favor do ensino, mas não aderem às técnicas deste uso em prol do aprendizado dos alunos, por isso, Soares (2006) alega que

Os professores, ainda que capacitados pelos programas de estímulos ao uso de informática na escola, se vêem aprisionados a rotina pedagógica conteúdos, Parâmetros Curriculares Nacionais aos compromissos com o sistemas de avaliação, e deixam para segundo plano as inovações e autonomia que a informática poderia trazer ao seu trabalho. Os alunos, por sua vez, ficam na dependência dos professores e da direção para acessarem o laboratório de informática (SOARES, 2006, p. 113).

Desta forma, de nada terá utilidade uma teoria sem prática, haja visto que, segundo Soares, o uso da informática na sala de aula possibilitaria autonomia e bons resultados na prática do professor, assim como para a evolução do conhecimento por parte do aluno.

Toda via, ainda que capacitados para manusear os recursos tecnológicos, muitos docente preferem se manter em sua posição de neutralidade diante de tanta possibilidade a sua frente. Com isso, a educação não evolui em sua integridade, entretanto, há uma esperança de que todos estes professores que passam por um processo capacitacional possam fazer jus a sua prática pedagógica, levando em consideração a necessidade de inserir novas estratégias de ensino pautadas na utilidade das mídias digitais.

O processo de ensino e aprendizagem apresenta alto teor de dinamicidade. Pode-se afirmar que não é tão simples atuar e conseguir êxito com toda esta dinamicidade que envolve

o cenário educativo. É visível que muitas escolas têm se empenhado para conseguir bons resultados.

Nesta perspectiva, Wesz (2016) afirma que é papel das instituições escolares promoverem o conhecimento dos educandos que a pertence de maneira responsável e obrigatória. Diante desta situação, pode-se perceber que várias tentativas são idealizadas e executadas em busca de uma educação que forme cidadãos aptos a serem encaminhados ao mercado de trabalho, bem como à sociedade, de forma que tais sujeitos se sintam autônomos e capazes de resolver situações-problemas de variados níveis.

Uma destas tentativas é realizada por meio das tecnologias digitais, visto que estas apresentam uma série de possibilidades e recursos que podem contribuir de maneira significativa para que a aprendizagem possa fluir dentro dos ambientes escolares através do contato direto, tanto por parte dos professores quanto dos alunos.

É através desse contato, dessa interação que surgem as metodologias ativas, como um dos caminhos na busca por essa apropriação do conhecimento, pois podem e devem ser direcionadas com a combinação das Tecnologias no processo educativo uma vez que se vive em um mundo totalmente conectado. (WESZ, 2016, p.43)

As tecnologias digitais, na contemporaneidade, apresentam uma grande importância para o processo de ensino e aprendizagem, uma vez que esta apresenta uma gama de ferramentas que pode ser explorada com o intuito de facilitar a prática pedagógica do professor e consequentemente gerar um aprendizado significativo nos discentes, além disso, a humanidade, de modo geral, vive conectada por um bom tempo durante o dia. Por esta razão, as tecnologias digitais apresentam uma relação intrínseca como o ensino e ainda com a aprendizagem.

É importante ressaltar que muitos docentes da atualidade estão recorrendo às tecnologias digitais com o intuito de aperfeiçoar suas aulas e conseguir resultados exitosos de seus alunos.

## 2.2 Recursos tecnológicos e prática docente

A tecnologia é recheada de recursos que pode auxiliar de forma bastante produtiva e consistente na prática metodológica do professor como o computador, o Datashow, o DVD e outros, sem falar na internet que é a principal fonte de conhecimento. Mas o que se vê, é que nem sempre estes recursos são explorados como deveriam ou nem são exploradas por alguns professores para a melhoria do ensino. No que se refere ao ensino e o uso de recursos pedagógicos pelos professores, Haidt ( 2003) diz que

A relação de ensino é uma relação de comunicação por excelência, que visa formar e informar, os instrumentos que possam se encaixar nesta dinâmica têm sempre a possibilidade de servir ao ensino: livro, vídeo, fotografia, computadores e outros são formas de comunicar conhecimentos e, como tais, interessam à educação (HAIDT, 2003, p. 277).

O ensino, por meio dos recursos pedagógicos tem a possibilidade de aprimorar o conhecimento. E quando se trata de recursos tecnológicos, o computador entra em cena como um dos meios bastante utilizados para a disseminação da informação e do conhecimento. Sendo assim, o uso do computador como recurso pedagógico é uma ferramenta que pode influenciar fortemente na melhoria da prática docente e na progressão da aprendizagem.

Almeida (2001); Mercado (2002); Moraes (2000) reconhecem as potencialidades da área de Informática, concordando que os computadores podem favorecer sobremaneira ao processo de educação escolar.

Então, é óbvio que o computador é recurso de grande importância para o ensino e para a aprendizagem dos alunos como bem colocaram os autores acima, mas existem uma contradição quando se trata das formas de uso e dos objetivos de uso desta máquina, principalmente quando se trata do uso desse aparelho sem um mínimo planejamento ou objetivo na hora de leva-lo à sala de aula, desta forma o computador não será útil para a progressão do ensino.

(...) a presença isolada e desarticulada dos computadores na escola não é, jamais, sinal de qualidade de ensino; mal comparando, a existência de alguns aparelhos ultramodernos de tomografia e ressonância magnética em determinado hospital ou rede de saúde não expressa, por si só, a qualidade geral do serviço prestado à população. É necessário estarmos muito alertas para o risco da transformação dos computadores no bezerro de ouro a ser adorado em Educação. (CORTELLA, 1995, p. 34).

O computador tem uma grande importância para a prática pedagógica do professor, porém nem sempre tal importância é dada a esta ferramenta tecnológica e pedagógica, pois em alguns casos usa-se o computador sem a mínima preparação e planejamento, tornando assim seu uso isolado dos objetivos educacionais e isto não é recomendável e tão pouco útil para o progresso da aprendizagem.

Quando se trata de usar qualquer recurso pedagógico em sala de aula, deve haver todo um processo de planejamento e organização, para que assim possa-se chegar a uma meta aspirada. A educação escolar, na atualidade, necessita de mais idealizadores do uso de recursos tecnológicos na sala de aula. Com base na educação escolar e a tecnologia, Alonso (2008) diz:

Nas experimentações propostas para as escolas, destacam-se, [...] as relativas ao uso mais intenso de computadores/TIC. Junto com a compra de equipamentos, *softwares*, entre outros artefatos, são constituídos programas e/ou projetos de formação de professores, com o objetivo de transformar o cotidiano escolar. Pretende-se que a incorporação das TIC pelas escolas seja elemento catalisador de mudanças significativas na aprendizagem dos alunos. (ALONSO. 2008, p. 749).

Para Alonso, o computador e seus respectivos programas são uma das propostas que se destacam tanto em venda como em uso, com o intuito de transformar o cotidiano da sala de aula que muitas vezes se torna monótono e sem motivação, e isso acarreta regresso ao sistema de ensino. Por isso é importante que estas ferramentas tecnológicas se tornem mais intensas na prática docente.

### **Considerações finais**

As novas TICs são muito importantes para o processo de ensino- aprendizagem, pois seu uso em prol da aprendizagem possibilita uma grande transformação da prática pedagógica do professor, e sem dúvida estas tecnologias da informação e comunicação são consideradas ferramentas facilitadoras para a interação entre professor e aluno, tornando assim as aulas mais dinâmicas e criativas.

Desta forma o professor ensina e o aluno aprende, pois é uma ferramenta que atrai e descontrai o aluno e acima de tudo é uma ferramenta que dinamiza e aprimora a prática pedagógica do professor, tornando as aulas mais atrativas e aconchegantes.

Partindo da ideia de que os recursos tecnológicos devem ser utilizados de forma mais intensa e adequada na sala de aula, faz-se necessário que os professores da atualidade reflitam sobre suas práticas pedagógicas no que se refere a utilização de recursos tecnológicos em suas aulas.

Com base nas colocações acima, percebe-se que a Escola de Educação Básica João Rodrigues de Melo ainda precisa aderir a prática do uso de recursos tecnológicos em sala de aula, pois alguns professores ainda estão em processo de adaptação, outros não tem o mínimo de intimidade com tais recursos.

Isso prova que a tecnologia ainda não é uma ferramenta de uso geral nas escolas com o intuito de melhorar o ensino, pois assim como esta escola, é possível encontrar outras na mesma situação.

Por tanto é importante que os professores reconheçam a importância do uso de tais recursos tecnológicos para a melhoria de suas práticas e a partir de então passem a se

adaptarem ao uso destas ferramentas em suas salas de aulas, pois é uma forma de atrair o aluno, já que este domina de forma ativa a tecnologia.

## Referências

ALMEIDA, M. E. B. de. **Informática e formação de professores**. Brasília: Ministério da Educação/Proinfo, 2001.

ALONSO, K. M. Tecnologias da informação e comunicação e formação de professores: sobre rede e escolas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 29, n. 104, oct. 200. p. 748-768

CORTELLA, M. S. **Informatofobia e Informatolatria**: Equívocos na Educação. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/pesquisa/bbe-online/det.asp?cod=51889&etype=P> Acesso em 22 mai 2016.

GATTI, B. **Os agentes escolares e o computador no ensino**. São Paulo: FDE/ SEE. Ano 4, dez. 1993.

Haidt, R. C. C. **Curso de didática geral**. São Paulo: Ática, 2003.

LITWIN, E. **Tecnologia Educacional**: políticas, histórias e propostas, Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MERCADO, L. P. L. (Org.). **Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática**. Maceió. Edufal, 2002.

MORAES, R. de A. **Informática na educação**. Rio de Janeiro: DPA, 2000.

MORAN, J. M. **Novas tecnologias e o reencantamento do mundo**. Revista Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro, v. 23, n. 2.126, set. out. 1995

SOARES, S. G. **Educação e comunicação**: o ideal de inclusão pelas tecnologias de informação otimismo exacerbado e lucidez pedagógica, São Paulo: Cortez, 2006.

WESZ, L. M. **Os professores iniciantes e o uso das mídias digitais nas práticas educativas**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rondonópolis, 2016.

# O AQUÍFERO GUARANI EM SANTA CATARINA

## THE GUARANI AQUIFER IN SANTA CATARINA

Elixandre Antonio Api<sup>29</sup>

### **Resumo**

Este é um estudo sobre o Aquífero Guarani no estado de Santa Catarina. As águas subterrâneas consistem num manancial muito importante tanto por seu valor econômico como social. A água potável é um recurso natural essencial para a manutenção da vida no planeta, mas que está se tornando escassa por fatores como as chuvas irregulares, condições climáticas, aliadas ao crescimento populacional e ao uso irracional. Assim, realiza-se uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de aprofundar os conhecimentos a cerca do Sistema Aquífero Guarani, sua localização e seu uso nesse Estado. Aborda-se neste estudo: a água como sendo um líquido precioso; as Águas subterrâneas e a formação dos aquíferos e mais especificamente o Aquífero Guarani suas características, usos e vulnerabilidade e sua conexão com o Sistema Aquífero Serra Geral em Santa Catarina. Aponta-se também a importância do envolvimento dos os países que fazem parte do Aquífero Guarani (Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai) na busca de formas mais eficazes e controladas para o uso dessas águas transfronteiriças.

**Palavras-chave:** Águas subterrâneas. Aquífero Guarani. Recurso Natural. Conscientização.

### **Abstract**

This is a study about the Guarani Aquifer in the state of Santa Catarina. Groundwater is a very important source both for its economic and social value. It is known that drinking water is an essential natural resource for the maintenance of life on the planet, but that it is becoming scarce due to factors such as irregular rains, climatic conditions, combined with population growth and irrational use. Thus, a bibliographic research is carried out in order to deepen the knowledge about the Guarani Aquifer System, its location and its use in that State. This study addresses: water as a precious liquid; groundwater and aquifer formation and more specifically the Guarani Aquifer its characteristics, uses and vulnerability and its connection with the Serra Geral Aquifer System in Santa Catarina. It also points out the importance of the involvement of the countries that are part of the Guarani Aquifer (Brazil, Paraguay, Argentina and Uruguay) in the search for more effective and controlled ways to use these transboundary waters.

**Keywords:** Groundwater. Guarani Aquifer. Natural resource. Awareness.

## **1 Introdução**

Muito tem-se ouvido falar sobre a constante escassez de água e as sérias consequências para a produção e o consumo causadas por fatores como períodos de estiagens, crescimento populacional, aliados à poluição e contaminação que comprometem o abastecimento de água e a sua potabilidade. A opção por esse tema deve-se às constantes

---

<sup>29</sup> Integralize Corporation

preocupações sobre a necessidade de economizar água e de repensar o uso desse líquido tão importante para a vida no planeta. Este estudo, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, pautada em autores que se dedicaram a estudar mais profundamente o tema. Tem como principal objetivo aprofundar os conhecimentos a cerca do Sistema Aquífero Guarani, sua localização e seu uso no estado de Santa Catarina.

Assim, este estudo encontra-se dividido em tópicos. O primeiro, “Água – um líquido precioso” faz uma reflexão sobre a importância da água para a vida no planeta e sua distribuição. Em seguida, “Águas subterrâneas e os Aquíferos” aponta a formação dos aquíferos, podendo ser poroso, fissural ou cárstico. Já em “O Aquífero Guarani” realiza-se uma contextualização referente à formação, e localização nos países (Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai). Sendo que a maior parte está situada em território brasileiro. E por último apresenta-se um estudo sobre a presença do “Aquífero Guarani em Santa Catarina” e sua conexão com o Sistema Aquífero Serra Geral que funciona como uma espécie de proteção ao Sistema Aquífero Guarani. Aponta-se também a preocupação com o constante crescimento da utilização das águas desse aquífero como alternativa para a escassez/falta de água, bem como, a necessidade de um gerenciamento eficiente para a preservação do mesmo.

## **2 Fundamentação teórica**

### **2.1 Água – um líquido precioso**

Na atualidade, as questões relacionadas à água estão em pauta nas mais variadas esferas, desde as salas de aula em todos os níveis de ensino, até nas conferências e noticiários. Isso porque, cada vez mais, se percebe a importância desse líquido tão precioso e essencial a toda forma de vida na Terra. Muitos são os fatores que levam a essas preocupações, pois sabe-se que a água é um recurso natural que ao longo do tempo, teve seu uso ampliado e sempre com grande influência na vida das pessoas. Desde o início das civilizações, a água teve fundamental importância, uma vez que, os primeiros seres humanos habitavam locais próximos aos rios para facilitar o acesso à água. Mais tarde, ela passou a ser usada na irrigação das plantações e até mesmo como via de deslocamento de um lugar para outro, transportando pessoas e mercadorias. É notório que há muita água no planeta, tanto que é popularmente chamado de “Planeta azul”, chegando a cobrir dois terços da superfície, mas a sua escassez está sendo apontada como um grande e preocupante problema. Czapski (2011)

aponta o desperdício e a falta de planejamento com relação ao uso racional da água como sendo fatores que contribuem para essa preocupação.

Por muito tempo, a água foi considerada um recurso natural infinito, do qual o homem fazia uso sem a menor preocupação com a sua exploração. Porém, o crescimento populacional e o desmatamento, aliados ao mau uso dos recursos hídricos superficiais tem gerado muitas angústias diante da frequente escassez desse líquido tão precioso.

O desperdício acontece desde a captação, passando pela distribuição e principalmente no uso diário da população. Outra questão importante é o crescimento populacional e dos centros urbanos, aliados a industrialização e a produção de substâncias responsáveis pela poluição e contaminação das águas.

Até porque, a água potável, ou mesmo água doce disponível na natureza, é bastante restrita, pois 97,61% do total é água dos oceanos; calotas polares e geleiras representam 2,08%, água subterrânea 0,29%, água doce de lagos 0,009%, água salgada de lagos 0,008%, água misturada no solo 0,005%, rios 0,00009% e vapor d'água na atmosfera 0,0009%. Destaca-se ainda que desses percentuais, apenas 2,4% da água é doce, porém, somente 0,02% encontra-se disponível em lagos e rios que são responsáveis pelo abastecimento das cidades e pode ser consumida. (FREITAS, 2016).

Sabidamente Scariotti (2011), afirma que cada continente, cada nação e cada povo precisa assumir sua responsabilidade pelo uso racional da água. Pensar na sua proteção deve ser uma preocupação de todos, assim como evitar que seja desperdiçada, poluída ou envenenada. A Sua utilização deve ser feita com consciência e discernimento para evitar a escassez, o esgotamento ou perda da qualidade.

Segundo, a Agência Nacional de Águas, (ANA, 2009) no Brasil encontra-se a maior reserva de água doce do planeta, em torno de 12% do total mundial. Mas, como o país é extenso, a distribuição e a qualidade não são uniformes em todo o território. Na região Norte do país, onde está a Amazônia, encontra-se a maior bacia fluvial do mundo, mas em contrapartida é a região menos habitada, já as grandes capitais e os centros urbanos de outras regiões do país é muito populoso, gerando assim uma desigualdade na distribuição de recursos hídricos e no uso dos mesmos.

### 2.3 Águas subterrâneas e os Aquíferos

A exploração das águas subterrâneas tem se tornado uma alternativa para a escassez em algumas regiões e a tendência é aumentar ainda mais, devido à escassez e a contaminação

das águas superficiais, passou-se a explorar os recursos hídricos subterrâneos para o consumo e para o uso em diversos setores da economia.

A água subterrânea é a água que ocorre abaixo da superfície da Terra e fica armazenada através das falhas e fissuras das rochas compactas, desempenhando um importante papel de manutenção da umidade do solo, do fluxo dos rios, lagos e brejos. As águas subterrâneas dependem das condições climatológicas, uma vez que fazem parte do ciclo hidrológico. (MARIM, 2006, p. 27).

A utilização das águas subterrâneas tem um constante crescimento não só no Brasil, mas no mundo inteiro, pois apresenta uma série de vantagens em relação à água superficial, dentre as quais Feitosa *et. al.* (2008) aponta que não precisa ocupar espaço para o armazenamento, pois a área de captação e proteção é bem menor e assim não implica em desapropriação de áreas de terras como é o caso das barragens; dispensa tratamento e tem melhor qualidade; não estão sujeitas à evaporação como as águas superficiais e não dependem das condições climáticas para a recarga; os poços são construídos de acordo com a necessidade, com maior rapidez e o sistema de distribuição pode ser implantado gradativamente de acordo com a necessidade ou aumento da demanda; a manutenção é mais segura, uma vez que a substituição de peças ou equipamentos pode ser efetuada sem o prejuízo no abastecimento; outro ponto muito importante é a longa vida útil quando os poços são perfurados seguindo os padrões e as normas técnicas.

Assim, é notório que as águas subterrâneas possuem muitas vantagens em relação ao uso das águas superficiais, destacando-se principalmente, na qualidade, uma vez que os aquíferos estão menos vulneráveis e sujeitos a contaminação. Neste contexto, cada vez mais, tem-se ouvido nos últimos tempos, questões referentes à extrema importância dos aquíferos. O termo aquífero refere-se a

[...] uma formação geológica subterrânea capaz de armazenar água e que possua permeabilidade suficiente para permitir que esta se movimente entre os poros dos sedimentos que a acumulam. São verdadeiros reservatórios subterrâneos de água formados por rochas com características porosas e permeáveis que retêm a água das chuvas, que se infiltra pelo solo, e a transmitem, sob a ação de um diferencial de pressão hidrostática, para que, aos poucos, abasteça rios e poços artesianos (BATISTA, 2017, p. 18).

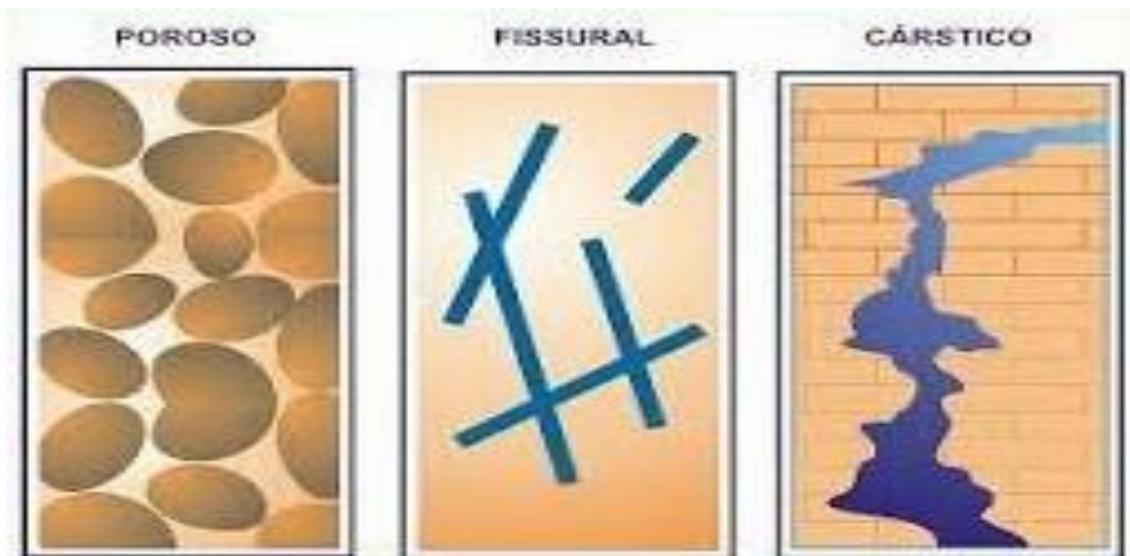
Assim, os aquíferos são importantíssimos e considerados verdadeiros reservatórios subterrâneos de água potável, mas que estão sendo cada vez mais explorados. De acordo com a Resolução n. 15/2001, do Conselho Nacional de Recursos Hídricos (CNRH) “Aquífero é o corpo hidrogeológico com capacidade de acumular e transmitir água através dos seus poros, fissuras ou espaços resultantes da dissolução e carreamento de materiais rochosos”. (BRASIL, 2001, p. 19). Assim, a qualidade, a quantidade e a velocidade da água de um aquífero estão relacionadas a sua constituição geológica. De acordo com Borguetti *et.*

*al.* (2004), a litologia decorre da sua origem geológica, que pode ser fluvial, lacustre, eólica, glacial e aluvial (rochas sedimentares), vulcânica (rochas fraturadas) e metamórfica (rochas calcáreas), determinando assim, os diferentes tipos de aquíferos.

Quanto à porosidade Borghetti *et. al.* (2004), destaca três tipos de aquíferos. Sendo o poroso, o fissural e o cárstico. O aquífero fraturado ou fissural é formado por rochas ígneas, metamórficas ou cristalinas, duras e maciças, e a circulação da água ocorre nas fraturas, fendas e falhas, que se abriam devido ao movimento tectônico. A capacidade de armazenamento de água depende do número de fraturas que permitem a infiltração.

O Aquífero do tipo poroso ou sedimentar é formado por rochas sedimentares, sedimentos inconsolidados ou solos arenosos que facilita a circulação da água nos poros formados entre os grãos de areia, silte e argila. Esses aquíferos conseguem armazenar um grande volume de água que se estendem por grandes áreas. Destaca-se que nesse tipo de aquífero, a porosidade é praticamente homogênea, o que permite que a água flua para qualquer direção, com diferença apenas na pressão hidrostática, ou seja, a isotropia. (BORGHETTI *et. al.*, 2004).

Por sua vez, aquífero do tipo cárstico é constituído por rochas calcáreas ou carbonáticas e a circulação da água ocorre nas fraturas (diáclases) resultantes da dissolução do carbonato pela água. Essas aberturas algumas vezes podem alcançar grandes dimensões, chegando até mesmo, a formar rios subterrâneos. (BORGHETTI *et. al.*, 2004). A figura 1 apresenta os três tipos de aquíferos acima citados.



Fonte: Borghetti *et. al.* (2004).

Os aquíferos também são classificados de acordo com a pressão das águas em suas superfícies limítrofes e em função da sua capacidade de transmissão de água. Feitosa *et. al.* (2008) destaca que o aquífero confinado ou sob pressão é aquele em que a pressão da água no topo é maior que a pressão atmosférica.

Já o aquífero livre, também chamado de freático ou não confinado, é aquele cujo limite superior é uma superfície freática e os poros se encontram apenas sob pressão atmosférica (FEITOSA *et. al.* 2008).

O Aquífero suspenso é um caso especial de aquífero livre que pode existir temporariamente por se formar sobre uma camada impermeável ou semipermeável, possui uma extensão limitada e encontra-se entre uma zona freática regional e o nível do terreno. (FEITOSA *et. al.*, 2008).

## 2.4 O Aquífero Guarani

Embora há tempos já se vinha falando, estudando e até mesmo utilizando suas águas, a partir do ano de 1990 começou-se a estudar mais intensamente o Sistema Aquífero Guarani (SAG) que passou a representar uma grande expectativa, por ser uma reserva com muita capacidade e potencialidade de água potável.

Recebeu esse nome em homenagem aos povos indígenas que habitaram a região onde o aquífero se localiza e foi o geólogo uruguaio Danilo Anton, em 1996, que denominou de Sistema Aquífero Guarani ou SAG. Segundo Rebouças e Amore (2002) esse aquífero é formado pelos arenitos eólicos de idade Jurássica das Formações Botucatu no Brasil, Taquarembó na Argentina e Uruguai, Misiones no Paraguai. E também dos depósitos flúvio-lacustres de idade Triássica das formações Pirambóia/Rosário do Sul no Brasil, Buena Vista na Argentina e Uruguai, e Misiones no Paraguai.

O Sistema Aquífero Guarani, segundo Foster *et. al.*, (2009) é considerado um aquífero poroso e confinado. Suas águas são muito antigas, chegando a ter aproximadamente 35.000 anos em suas porções mais confinadas e as mesmas possuem baixa velocidade de circulação.

Conicelli (2008) salienta que o Aquífero Guarani possui extrema relevância para o Brasil, pois o Sistema Aquífero Guarani (SAG) é o segundo maior aquífero do Brasil e está entre os maiores do mundo com uma sua área total de aproximadamente 1.195.000 Km<sup>2</sup>. Desse total, no Brasil estão localizados (840.000 Km<sup>2</sup>), no Paraguai (71.700 km<sup>2</sup>), na Argentina (225.500 km<sup>2</sup>) e no Uruguai (58.500 km<sup>2</sup>). O mapa a seguir apresenta a

localização do Aquífero Guarani na América do Sul e os oito estados brasileiros que tem o privilégio de ter em seu subsolo essa grande riqueza.



Fonte: [http://www.megatimes.com.br/2008/04/aquifero-gurani\\_11.html](http://www.megatimes.com.br/2008/04/aquifero-gurani_11.html)

Assim, percebe-se que as águas do Sistema Aquífero Guarani são transfronteiriças, ou seja, não pertencem a um único país. Porém como a maior parte de suas águas encontra-se no território brasileiro, é fundamental também que haja uma maior preocupação com a sua preservação.

O referido mapa apresenta também os oito estados brasileiros por onde esse aquífero se estende: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Chang (2001) destaca que esses estados brasileiros que fazem parte do aquífero possuem terras férteis, e a produção concentrada na agropecuária.

Nesse sentido, Borghetti *et. al.* (2004) aponta em seus estudos que o Brasil é o país que mais extrai água do Aquífero Guarani, para diversos fins, dentre os quais o abastecimento público, a irrigação, o turismo termal, e outros. Já nos outros países ela é utilizada para atividades recreativas e hidroterapias. Segundo estudos de Arantes, (2008) a recarga natural do aquífero acontece de forma direta e indireta. É considerada direta quando

ocorre por meio da infiltração das águas de chuva nas áreas de afloramento das rochas do Guarani e de forma indireta, quando há filtração vertical ou drenança nas descontinuidades das rochas, favorecendo assim, os fluxos descendentes.

## 2.5 O Aquífero Guarani em Santa Catarina

Em Santa Catarina, o Sistema Aquífero Integrado Guarani/Serra Geral (SAIG/SG) recobre aproximadamente 185 municípios. Nessas regiões, Scheibe e Hirata (2008) apontam que essa é a principal reserva hídrica utilizada tanto no abastecimento da população, como para animais, indústria e agricultura.

Outro fator importante a ser destacado é que o divisor de águas no estado de Santa Catarina é a Serra Geral. Esta funciona como uma espécie de capa protetora do Aquífero Guarani.

No estado de Santa Catarina sua rede hidrográfica pode ser subdividida em dois grandes Sistemas independentes de drenagem no território estadual:

2.5.1 Sistema da Vertente do Interior - drena suas águas para a Bacia da Prata, com abrangência na parte meridional do continente sul-americano.

2.5.2 Sistema da Vertente do Atlântico - drena suas águas para o Oceano Atlântico. O Aquífero Serra Geral é o principal responsável pela separação dos Sistemas, conhecido como divisor das águas do Estado. (CORREA, 2014, p. 19).

Na Serra catarinense é visível a olho nu a presença do Aquífero Guarani. Segundo a reportagem do G1(2013), na região da Serra do Corvo Branco encontram-se pedras que dão as condições necessárias para ajudar na formação tanto do Aquífero Guarani como também o Aquífero Serra Geral. Inclusive há um lugar conhecido como a Garganta, situado numa rodovia entre os municípios de Urubici e Grão Pará, onde há paredões dos dois lados da rodovia. De um dos lados do paredão é úmido por causa da inclinação Leste-Oeste do arenito de Botucatu que forma o Aquífero Guarani e do outro lado, ao contrário, é seco, como pode ser observado na figura da Garganta que corta a serra ao meio.



Fonte: <https://prefiroviajar.com.br/brasil/serro-do-rio-do-rastro-urubici-santa-catarina>, adaptado pelo autor.

O Aquífero Serra Geral é classificado como um aquífero do tipo fraturado e livre (REBOUÇAS, 1976). Sedo que suas águas, segundo Scheibe e Hirata (2008), representam a principal fonte de águas subterrâneas no oeste do estado de Santa Catarina. Como essas águas são mais superficiais foverece sua exploração através de poços mais rasos que os do Aquífero Guarani. Se por um lado esse é um fator facilitador, por outro também o torna mais vulnerável às diferentes formas de contaminação.

Freitas *et. al.* (2001) complementa ao salientando que os poços que retiram água do Aquífero Serra Geral têm a profundidade média de 117 metros e as máximas de 310 metros. E encontram-se localizados em diferentes espaços, mas principalmente, há uma grande concentração de poços tubulares nas áreas urbanas, principalmente edifícios residenciais. Outra forma de uso das águas subterrâneas do Aquífero Serra Geral no oeste catarinense é nos balneários de águas termais, que são águas consideradas impróprias para o consumo humano devi a alta concentração de minerais, mas excelentes para serem usadas em balneários, como o de Águas de Prata em São Carlos, o de Ilha Redonda em Palmitos, Águas de Chapecó e Quilombo, as águas nesses locais podem atingir 38 °C (FREITAS *et. al.*, 2001).

A temperatura das águas tende a aumentar, gradativamente, das áreas de recarga em direção à calha da bacia, em função do grau geotérmico natural, aproximadamente de 1°C/35m. Medidas de temperatura em áreas aflorantes

indicam valores em torno de 22°C, aumentando em direção ao oeste catarinense, onde pode ultrapassar os 48°C, em áreas confinadas (ZANATTA; COITINHO, 2002, p. 7).

Já os poços tubulares que captam água do Aquífero Guarani Oeste Leste são muito mais profundos 360 m 1267 m e temperatura que possibilitam tal uso. Os balneários mais conhecidos, e de maior importância, são: o Balneário de Piratuba e da Estância das Águas Quentes, e termas de São João onde a água é extraída do Aquífero Guarani e atinge temperaturas de até de 42° C. (FREITAS *et. al.*, 2001).

As águas termais encontradas na região do Alto Rio Uruguai fazem parte da interconexão hidráulica entre o aquífero fraturado da Formação Serra Geral e o Sistema Aquífero Guarani. Freitas *et. al.* (2001) que existem dois tipos de captação, um por fontes naturais e outro por poços tubulares jorrantes e a análise da água sugere que os dois aquíferos estão conectados hidraulicamente.

Assim, é importante destacar a necessidade de conscientização da população para o uso racional da água, pois segundo os estudos de Viegas (2005) há a possibilidade de contaminação dos aquíferos a partir da infiltração do solo cusados por lixos descartados de forma irregular, vazamentos sanitários, rejeitos das indústrias, entre outros.

Machado (2013), complementa afirmando que as águas subterrâneas também correm risco de contaminação devido a fatores como poços abandonados, o uso de agrotóxicos, esgotos e resíduos tanto das indústrias como da criação pecuária que podem acabar sendo infiltrados nas áreas de carregamento do aquífero.

O Sistema Aquífero Guarani em sua porção confinada está protegido de contaminações superficiais pelas altas pressões de confinamento e pelas litologias dos derrames vulcânicos. Nas áreas aflorantes, os níveis de água profundos diminuem sua vulnerabilidade, entretanto, a presença de litologias arenosas muito porosas, permeáveis e a alta precipitação pluviométrica indicam que esta área deve ser protegida. (MACHADO, 2013, p.80).

Assim, salienta-se também a importância de um programa de gerenciamento para a exploração das águas do Aquífero Guarani, pois é necessário que haja comprometimento com a preservação dos aquíferos. Mesmo existindo uma iniciativa com tratados e convenções internacionais voltadas especificamente para aquíferos transfronteiriços. Com base nos documentos internacionais, foi elaborado e assinado um acordo sobre o Aquífero Guarani.

O Acordo sobre o Aquífero Guarani foi assinado pela Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, no dia 2 de agosto de 2010, mas apenas entrou em vigor em 2018, com o Paraguai ratificando-o. Ele foi elaborado após um estudo que durou de 2004 até 2009, com a participação de pesquisadores, técnicos e representantes das quatro

nacionalidades. O estudo, chamado de Proteção Ambiental e Desenvolvimento Sustentável do Sistema Aquífero Guarani [...]. (SCHAPPO, 2018, p.16).

Dentre os principais objetivos desse acordo estão a preservação do Sistema Aquífero Guarani e garantia da soberania de cada país sobre a área de abrangência do aquífero. (SCHAPPO, 2018).

Assim, é necessário que os esses países compreendam e assumam a sua responsabilidade com a preservação dessas águas, evitando danos que podem vir a correr devido à falta de medidas de proteção, uma vez que “O desenvolvimento atual e futuro da região do MERCOSUL depende, em boa parte, desta imensa reserva de água doce, o que torna necessária e fundamental a garantia de sua exploração sustentável”. (AMORIM, 2013, p. 615).

Nesse, contexto, considera-se fundamental que sejam pensadas e efetivadas medidas voltadas ao uso racional das águas do Sistema Aquífero guarani, com poços bem planejados, seguindo as normas técnicas e monitorados periodicamente para manter e preservar a qualidade das águas.

Outra questão essencial são as campanhas educativas voltadas à conscientização da população em geral, expondo a necessidade de repensar seus hábitos de consumo, tornando-se mais conscientes e responsáveis por esse líquido tão precioso e indispensável à vida no planeta.

### **Considerações finais**

A água é indispensável à vida de todos os seres vivos e há muita água no planeta Terra. Porém é preciso ter clareza que apenas uma pequena porção de toda a água existente é considerada apropriada para o consumo humano.

A escassez desse recurso tão importante tem levado a conhecer e explorar, cada vez mais, as águas subterrâneas armazenadas em aquíferos. O Aquífero Guarani, apresenta-se como um enorme manancial de água transfronteiriça e subterrânea, que se localiza em quatro países da América do Sul (Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai). Sendo que a maior parte encontra-se em território brasileiro, uma vez que oito estados do Brasil contam com essa reserva de água tão preciosa em seu subsolo.

Em Santa Catarina, o Aquífero Guarani encontra-se vinculado ao Sistema Aquífero Serra Geral, que funciona como uma espécie de proteção do mesmo. Assim, a constante falta

de água tem levado à perfuração de poços, que na sua maioria retiram água do Sistema Aquífero Serra Geral.

Essas águas são muito usadas na região oeste do estado, principalmente para o consumo humano. No caso das águas termais, suas propriedades e temperatura são impróprias para o consumo, mas apresentam grandes propriedades terapêuticas, que tornam os balneários muito procurados em todas as estações do ano e demonstram a conexão entre os dois aquíferos.

Considera-se fundamental uma gestão eficiente das águas do Aquífero Guarani, pensando sua preservação e na conscientização da população para com o uso responsável desse recurso para não comprometer a qualidade do mesmo e garantir o acesso das futuras gerações à água potável.

## Referências

AMORIM, J. A. A. **A insustentabilidade urbana da estação das águas: O caso do Aquífero Guarani.** 2013. Disponível em: <http://docplayer.com.br/83914788-Joao-alberto-alves-amorim-1.html> Acesso em: 10 dez. 2020.

ARANTES, M. V. H. **Balanço hídrico na bacia do Rio Urubici, em Santa Catarina, e a sua relação com a zona de recarga do Aquífero Guarani.** UFSC, Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental. Trabalho de Conclusão de Curso. Florianópolis (SC) 2008.

BATISTA, M. de O. **O abastecimento de água na cidade de Vieirópolis: a importância dos aquíferos fissurais.** Cajazeiras – PB, 2017. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/7373/1/MARIANA%20DE%20LIVEIRA%20BATISTA.%20TCC%20LICENCIATURA%20EM%20GEOGRAFIA.%20202017.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2020.

BORGHETTI, N. R. B. BORGHETTI, J. R.; FILHO, E. F. da R. **Aquífero Guarani: a verdadeira integração dos países do Mercosul.** Curitiba, 2004.

BRASIL. Ministério do Meio ambiente. Secretaria de Recursos Hídricos. **Plano nacional de recursos hídricos: documento de introdução: iniciando um processo de debate nacional.** Brasília, 2001.

CHANG, H.K. **Proteção Ambiental e Gerenciamento Sustentável Integrado do Aquífero Guarani** – Tema 03. 2001. Disponível em: [http://www.ana.gov.br/guarani/gestão/gest\\_cbasico.htm](http://www.ana.gov.br/guarani/gestão/gest_cbasico.htm) Acesso em 04 dez. 2020.

CONICELI, B. P. **Gestão das águas subterrâneas na Bacia Hidrográfica do Alto Tietê (SP).** (Tese Doutorado) – São Paulo, 2014.

CORRÊA, V. D. Levantamento de poços tubulares profundos perfurados no município de Concórdia – SC, entre os anos de 1981 a 2006. **Medianeira**, 2014. Disponível em:

[https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/22743/2/MD\\_GAMUNI\\_2014\\_2\\_73.pdf](https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/22743/2/MD_GAMUNI_2014_2_73.pdf). Acesso em: 28 nov. 2020.

CZAPSKI, S. **Água**. Ministério da Educação Meio Ambiente SAIC. Brasília, 2011. Disponível em: <http://www.educacao.go.gov.br/documentos/nucleomeioambiente/cadernoagua.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

FEITOSA, F. A. C.; MANOEL FILHO, J.; FEITOSA, E. C.; DEMÉTRIO, J. G. (Org.) **Hidrogeologia: conceitos e aplicações**. 3.ed. Rio de Janeiro: CPRM, LABHID-UFPE, 2008. 812 p.

FREITAS, E. D.. **Água potável**. Brasil Escola, 2016. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/agua-potavel.htm> Acesso em: 28 nov. 2020.

FREITAS, M. A. De; ROISENBERG, A. CUNHA, G. Da. Caracterização hidrogeoquímica preliminar das fontes termais da região do Alto Rio Uruguai-RS e SC. XIII **Congresso Brasileiro de Geoquímica**. III Simpósio de Geoquímica dos países do Mercosul. Out. 2011. Gramado, RS. Disponível em: [http://rigeo.cprm.gov.br/jspui/bitstream/doc/1012/1/Evento\\_CGQ03T25.pdf](http://rigeo.cprm.gov.br/jspui/bitstream/doc/1012/1/Evento_CGQ03T25.pdf). Acesso em: 20 nov. 2020.

G1. Presença de Aquífero Guarani pode ser percebida na Serra catarinense. Globo.com. **Rbstv**. Santa Catarina. 10 nov. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/nossa-terra/2013/noticia/2013/11/presenca-de-aquifero-guarani-pode-ser-percebida-na-serra-catarinense.html> Acesso em: 02 dez. 2020.

MACHADO, J. L. F. **Mapa hidrogeológico do estado de Santa Catarina**. Porto Alegre: CPRM, 2013. Disponível em: [http://www.cprm.gov.br/publique/media/hidrologia/mapas\\_publicacoes/rel\\_mapa\\_hid\\_sc.pdf](http://www.cprm.gov.br/publique/media/hidrologia/mapas_publicacoes/rel_mapa_hid_sc.pdf) Acesso em: 12 nov. 2020.

MARIM A. L. C. L. M. **Gestão transfronteiriça de águas: estudo de caso sobre o Aquífero Guarani**. Brasília – DF, 2006.

REBOUÇAS, A. da C.; BRAGA, B; TUDINISI, J. G. **Águas doces no Brasil: Capital ecológico, uso e conservação**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

REBOUÇAS, A. C.; AMORE, L. O Sistema Aquífero Guarani. **Revista Brasileira de Águas Subterrâneas**. v. 16, mai. 2002, p. 135 – 143.

SCARIOTTI, O. **Água: um bem da humanidade**. 2011. Disponível em: <https://www.clicrbs.com.br/dsm/rs/imprensa/4,41,3247734,16738>. Acesso em 04 nov. 2020.

SCHEIBE, L. F.; HIRATA, R. C. A. Contexto tectônico dos Sistemas Aquíferos Guarani e Serra Geral em Santa Catarina: uma revisão. *In: Congresso Brasileiro de Águas Subterrâneas*, 15., 2008, Natal. Anais. São Paulo: ABAS, 2008. p. 1 - 14. Disponível em: <https://aguassubterraneas.abas.org/asubterraneas/article/view/23794>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SCHAPPO F. F. **Águas subterrâneas transfronteiriças**: o caso do Aquífero Guarani frente às relações internacionais. UNISUL, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://www.riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/6544/TCC%202018.2%20Fernanda%20Fink%20Schappo.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 19 nov. 2020.

VIEGAS, E. C. **Gestão dos Recursos hídricos**: uma análise a partir dos princípios ambientais. Dissertação de Mestrado em Direito, Caxias do Sul, RS, 2005.

ZANATTA, L. C.; COUTINHO, J. B. L. Utilização de Poços Profundos no Aquífero Guarani para Abastecimento Público em Santa Catarina. *In: XII Congresso Brasileiro de Águas Subterrâneas*, 12., 2002, Florianópolis ABAS, 2002. 16 p.